

Irvin D. Yalom



Quando Nietzsche chorou

Cem anos após sua morte, Nietzsche é o principal personagem deste romance magnífico sobre o nascimento da psicanálise

QUANDO NIETZSCHE CHOROU

ROMANCE DA OBSESSÃO

Irvin D. Yalom

Tradução de Ivo Korytowski

Do original: When Nietzsche wapt

Copyright (c) 1992 by Irvin D. Yalom

Published by Basic Books, a division of HarperCoIlins Publishers, Inc. [Edição original:

ISBN 0-06-097550-41

(c)1995, Ediouro S.A.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 5.988 de 14/12/73.

É proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios,

sem autorização prévia, por escrito, da editora.

Capa Carol Sá

Editoração Eletrônica DTPhoenix Editorial

Projeto Gráfico Ediouro S.A.

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Y17p

Yalom, Irvin D., 1931-

Quando Nietzsche chorou: romance da obsessão / Irvin D. Yalom; tradução de Ivo

Korytowski. - Rio de Janeiro: Ediouro, 1995.

Tradução de: When Nietzsche wept ISBN 85-00-92881-6

1. Ficção norte-americana, l. Título.

95-1009

CDD-813 CDU - 820(73)-3

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

NÃO DANIFIQUE ESTA ETIQUETA

95 96 97 98 99

87654321

30 166 261

Irvin D

Quando Hietzsche chorou : romã nce da obsessão

813.5/Y19/SHE

130166261/95)

EDIOURO S.A.

(SUCESSORA DA EDITORA TECNOPRINT S.A.) SEDE: DEP.TO DE VENDAS E

EXPEDIÇÃO

RUA NOVA JERUSALÉM. 345 - RJ

CORRESPONDÊNCIA: CAIXA POSTAL 1880

CEP 20001-970 - Rio DE JANEIRO - RJ

TEL: (021) 260-6122 - FAX: (021) 280-2438

Ao círculo de antigos que me ajudaram no correr dos anos:

Mortjay, Herb, Davíd,

Helen,John, Mary, Saul, Catby, Larry,

Carol, Rollo, Harvey, Rulhellen, Stina,

Herant, Bea, Maríanne, Bob, Pat.

À minha irmã,jEAN e à minha melhor amiga, MARlLfN.

Alguns não conseguem afrouxar suas próprias cadeias e, não obstante, conseguem

libertar seus

amigos.

Você tem que estar preparado para se queimar em sua própria chama: como se renovar

sem

primeiro se tornar cinzas?

- Assim falou Zaratustra

CAPITULO 1

O CARRILHÃO DE SAN SALVATORE invadiu o devaneio de Josef Breuer. Puxou o

pesado

relógio de ouro do bolso do colete. Nove horas. Novamente, leu o pequeno cartão de

borda

prateada recebido no dia anterior.

21 de outubro de 1882

Doutor Breuer,

Preciso vê-lo para um assunto da maior urgência. O futuro da filosofia alemã está em

jogo. Encontre-me amanhã cedo às nove

horas no Café Sorrento.

Lou Salomé

Um bilhete impertinente! Havia anos ninguém o abordava com tanta sem-cerimônia. Ele

não

conhecia nenhuma Lou Salomé. Nenhum remetente no envelope. Nenhuma forma de

informar a

essa pessoa que nove horas era inconveniente, que a Sra. Breuer não gostaria de tomar o

café

da manhã sozinha, que o Dr. Breuer estava de férias e que não estava interessado em

"assuntos

urgentes" - aliás, o Dr. Breuer viera a Veneza precisamente para se livrar de assuntos

urgentes.

Não obstante, lá estava ele no Café Sorrento às nove horas em ponto,

esquadrinhando os

rostos ao seu redor e se perguntando qual deles poderia ser a impertinente Lou Salomé.

- Outro café, senhor?

10 Breuer anuiu com a cabeça para o garçom, um rapaz de treze ou quatorze anos e de

cabelos

pretos, lisos e úmidos, penteados para trás. Quanto tempo durara seu devaneio?

Consultou

novamente o relógio. Outros dez minutos de vida desperdiçados. E desperdiçados em

quê? Como

de hábito, devaneara sobre Bertha, a bela Bertha, sua paciente nos últimos dois anos.

Estava

recordando sua voz provocante: "Doutor Breuer, por que tem tanto medo de mim?"

Lembrou suas

palavras quando lhe dissera que deixaria de ser seu médico: "Aguardarei. Você sempre

será o

único homem em minha vida."

Ele se censurou: "Pelo amor de Deus, pare! Pare de pensar! Abra os olhos! Veja! Deixe o mundo

entrar!"

Breuer ergueu sua xícara, inalando o aroma do saboroso café junto com profundas

inspirações do

frio ar veneziano do mês de outubro. Volveu a cabeça e olhou ao redor. As outras mesas

do Café

Sorrento estavam repletas de homens e mulheres que faziam o desjejum - na maioria,

turistas, e

quase todos de meia-idade. Muitos seguravam o jornal com uma das mãos e a xícara de

café com

a outra. Para além das mesas, viam-se nuvens de pombos azul-cinza que esvoaçavam e

mergulhavam. As águas paradas do Grand Canal, brilhando com os reflexos dos grandes

palácios

alinhados nas suas margens, eram perturbadas somente pela esteira ondulante de uma

gôndola

costeira. As outras embarcações ainda dormiam, amarradas em estacas tortas espalhadas

aqui e ali

ao longo do canal, qual lanças espetadas ao acaso por alguma mão gigante.

- E isso mesmo: olhe ao redor, seu tolo! - Breuer proferiu de si para consigo. - As

pessoas vêm

do mundo inteiro para admirar Veneza; pessoas que se recusam a morrer sem serem

abençoadas

por esta beleza.

Quanto da vida eu perdi - pensou-simplesmente por deixar de olhar? Ou por olhar e não

ver?

No dia anterior, fizera uma caminhada solitária pela ilha de Murano e, depois de uma

hora, não

vira nada, não registrará nada. Nenhuma imagem se transferira de sua retina para o

córtex. Toda a

sua atenção se consumira em pensamentos sobre Bertha: o sorriso encantador, os olhos

adoráveis,

a sensação de seu corpo quente e confiante e sua respiração acelerada quando ele a

examinava

ou massageava. Tais cenas tinham poder-uma vida própria; sempre que baixava a

guarda, elas

lhe invadiam a mente e usurpavam

sua imaginação. Será esta a minha sina para sempre? - se perguntou. Estarei destinado a

ser um

simples palco no qual as memórias de Bertha representam eternamente seu drama?

Alguém se levantou na mesa ao lado. O ruído agudo da cadeira metálica contra o tijolo

o

despertou e, mais uma vez, ele procurou Lou Salomé.

Ali estava ela! A mulher descendo a Riva dei Carbon e adentrando o café. Somente ela

poderia ter

escrito aquela nota - aquela bela mulher, alta e esguia, envolta num casaco de peles,

marchando

altivamente em direção a ele, agora, através do emaranhado de mesas lotadas. Ao se

aproximar,

Breuer notou que ela era jovem, talvez até mais jovem do que Bertha, possivelmente

uma

colegial. Mas aquela presença impositiva - extraordinária! Poderia levá-la longe!

Lou Salomé prosseguiu até ele sem demonstrar qualquer hesitação. Como poderia estar

tão certa

de sua pessoa? A mão esquerda de Breuer rapidamente golpeou as cerdas ruivas de sua

barba

para limpála das migalhas de pãozinho. Sua mão direita puxou a parte lateral da jaqueta

preta que

vestia para que não ficasse erguida em torno do pescoço. Ao chegar a poucos metros de

distância, a jovem deteve-se por um instante e fitou-o ousadamente nos olhos.

De súbito, a mente de Breuer cessou de tagarelar. Agora, olhar não exigia concentração.

Agora,

retina e córtex cooperavam perfeitamente, permitindo que a imagem de Lou Salomé

penetrasse

livre em sua mente. Era uma mulher de extraordinária beleza: testa altiva, queixo forte e

bem

esculpido, olhos azuis brilhantes, lábios cheios e sensuais, e seus cabelos louro-

prateados,

negligentemente penteados, se reuniam em um coque alto, expondo-lhe as orelhas e o

pescoço

longo e gracioso. Ele notou com especial prazer as mechas de cabelo que escapavam do

coque e

descaíam arrojadamente em todas as direções.

Mais três passos, e ela atingiu sua mesa.

- Doutor Breuer, sou Lou Salomé. Posso? - perguntou, apontando a cadeira vazia.

Sentou-se

tão prontamente que Breuer não teve tempo de cumprimentá-la como devia: levantar-se,

curvar-

se, beijarlhe as mãos e puxar a cadeira para ela.

- Garçom, garçom! - Breuer estalou os dedos animadamente. - Um café para a dama.

Café

laiteí - Olhou em direção à senhorita

12

Safamé. Ela anuiu com a cabeça e, a despeito do frio matinal, tirou o casaco de peles.

- Sim, um café iMte.

Breuer e sua companheira de café ficaram sentados em silêncio por um momento.

Depois, Lou

Salomé fitou-o diretamente nos olhos

e começou:

Tenho um amigo em desespero. Temo que venha a se matar

num futuro muito próximo. Seria uma grande perda para mim e uma grande tragédia

pessoal,

pois eu carregaria certa responsabilidade. Apesar disso, eu poderia suportar e superar

esse fato.

Mas - ela se inclinou em sua direção, falando mais suavemente - uma tal perda poderia

se

estender bem além de mim: a morte desse homem teria conseqüências imensas para o

senhor,

para a cultura européia, para todos nos. Acredite em mim.

Breuer tencionou dizer "A senhorita está decerto exagerando", mas não conseguiu

proferir as

palavras. O que em qualquer outra mulher jovem se afiguraria hipérbole adolescente,

parecia

diferente aqui, algo a ser levado a sério. A sinceridade dela, seu fluxo de convicção

eram

irresistíveis.

- Quem é esse homem, seu amigo? Eu o conheço?

- Ainda não! Mas dentro de algum tempo, todos o conheceremos. Chama-se Friedrich

Nietzsche. Talvez esta carta de Richard Wagner para o professor Nietzsche sirva para

apresentá-lo. - Ela retirou uma carta da bolsa, desdobrou-a e a ofereceu a Breuer. - Devo

primeiro dizer que Nietzsche não sabe que estou aqui nem que possuo esta carta.

A última frase da senhorita Salomé provocou uma pausa em Breuer. "Devo ler uma tal

carta?"

- pensou. "Esse professor Nietzsche não sabe que ela a está mostrando para mim - ou

mesmo que está de posse dela! Como a obteve? Pegou-a emprestada? Surrupiou-a?"

Breuer se orgulhava de muitos de seus atributos. Ele era leal e generoso. A

engenhosidade de

seus diagnósticos virará lenda: em Viena, era o médico pessoal de grandes cientistas,

artistas e

filósofos como Brahms, Briicke e Brentano. Aos quarenta, era conhecido em toda a

Europa e

cidadãos distintos de todo o Ocidente viajavam grandes distâncias para se consultarem

com ele.

Contudo, acima de qualquer coi-

13

sa, orgulhava-se da integridade - jamais em sua vida cometera um ato desonroso. A não

ser,

talvez, que fosse considerado responsável por seus pensamentos carnais de Bertha,

pensamentos que de direito deveriam ser dirigidos à sua esposa Mathilde.

Assim, hesitou em apanhar a carta da mão estendida de Lou Salomé. Mas por um- breve

lapso.

Outro olhar para dentro daqueles cristalinos olhos azuis e a abriu. Estava datada de 10

de

janeiro de 1882 e começava assim: "Meu amigo Friedrich"; vários parágrafos tinham

sido

circundados.

Vós acabastes de dar ao mundo uma obra ímpar. Vosso livro é caracterizado por uma

convicção tão consumada, que pressagia

a mais profunda originalidade. De que outra forma poderíamos, minha esposa e eu, ter

realizado o desejo mais ardente de

nossas vidas, ou seja, que algum dia algo vindo de fora possuísse plenamente nossos

corações e nossas almas! Cada um de nós

leu vosso livro duas vezes - primeiro sozinho, de dia, e depois em voz alta, de noite.

Disputamos com razão o único exemplar

e lamentamos que o prometido segundo exemplar ainda não tenha chegado.

Vós estais doente! Vós também estais desanimado? Em caso positivo, gostaria tanto de

fazer algo para afastar vosso

desalento! Como devo começar? Nada mais posso fazer que não esbanjar meus elogios

irrestritos a vós.

Aceitai-os ao menos com um espírito amigável, ainda que vos deixe insatisfeito.

Saudações sinceras de vosso, Richard Wagner

Richard Wagner! Não obstante toda sua urbanidade vienense, toda sua familiaridade e

facilidade com os grandes homens da época, Breuer ficou aturdido. Uma carta tal como

aquela

escrita pelo próprio punho do mestre! Mas rapidamente recuperou sua serenidade.

-Muito interessante, minha cara Frãulein, mas agora, por favor, diga-me precisamente o

que

posso fazer pela senhorita.

Inclinando-se outra vez para a frente, Lou Salomé repousou de leve sua mão enluvada

sobre a

mão de Breuer:

- Nietzsche está doente, muito doente. Ele precisa da sua ajuda.

- Mas qual é a natureza da doença dele? Quais são os seus sinto- • mas? - Breuer, perturbado pelo toque da mão da jovem, ficou satisfeito por navegar em águas

familiares.

14 - Dores de cabeça. Em primeiro lugar, dores de cabeça lancinantes. E surtos constantes

de

náusea. E uma ameaça de cegueira. Sua visão vem gradualmente se deteriorando. E

problemas

estomacais: às vezes, não consegue comer durante dias. E insónia: nenhum remédio

consegue

fazê-lo dormir, de modo que toma doses perigosas de morfina. E tontura: às vezes, fica

mareado

em terra firme vários dias de

uma vez.

Longas listas de sintomas não eram novidade nem estímulo para Breuer, que

normalmente

examinava de 25 a 30 pacientes por dia e viera a Veneza precisamente para descansar

dessa lida.

Contudo, tamanha era a veemência de Lou Salomé, que se sentiu compelido a prestar

plena

atenção.

- A resposta à sua pergunta, minha cara dama, é sim, é claro que examinarei seu amigo.

Quanto a

isso, não há dúvida. Afinal, sou um médico. Mas, por favor, permita- me formular uma

pergunta:

por que a senhorita e seu amigo não vêm a mim por um caminho mais direto? Por que

não

escrevem simplesmente para meu consultório em Viena e solicitam uma consulta? -

Com isso,

Breuer olhou ao redor à procura do garçom para trazer a conta e pensou quão satisfeita

Mathilde

ficaria com seu retorno tão rápido ao hotel.

Mas não era fácil se livrar dessa mulher ousada:

- Doutor Breuer, mais uns minutinhos, por favor. Não estou exagerando a gravidade do

estado

de Nietzsche, a profundidade de seu desespero.

- Não duvido disso. Mas volto a perguntar, Fráulein Salomé, por que o senhor Nietzsche

não se

consulta comigo em meu consultório em Viena? Ou não visita um médico na Itália?

Onde ele

mora? Gostaria que eu indicasse um médico na própria cidade dele? E por que euí Aliás, como a

senhorita soube que eu estava em Veneza? Ou que sou um aficionado da ópera e que

admiro

Wagner?

Lou Salomé não se abalou e sorriu quando Breuer começou a crivá-la de perguntas, seu

sorriso

tornando-se malicioso à medida que a fuzilaria prosseguia.

- Frãulein, está sorrindo como se tivesse um segredo. Acho que é uma jovem dama que

adora

mistérios!

- Tantas perguntas, doutor Breuer. É notável; conversamos por apenas poucos minutos

e, não

obstante, há tantas perguntas intrigan-

tes. Certamente, isso é um bom presságio de conversas futuras. Deixe que lhe conte

mais sobre

nosso paciente.

Nosso paciente! Enquanto Breuer se espantava novamente com sua audácia, Lou

Salomé

continuou:

- Nietzsche exauriu os recursos médicos da Alemanha, Suíça e Itália. Nenhum médico

conseguiu

compreender sua doença ou aliviar seus sintomas. Nos últimos 24 meses, segundo me

contou,

consultouse com 24 dos melhores médicos da Europa. Ele abriu mão de seu lar,

abandonou seus

amigos, renunciou à sua cátedra na universidade. Ele se tornou um andarilho em busca

de um

clima tolerável, à procura de um ou dois dias de alívio de sua dor.

A jovem mulher parou, erguendo a xícara para bebericar enquanto mantinha o olhar fixo

em

Breuer.

- Frãulein, em minha prática como clínico, vejo com freqüência pacientes em estados

incomuns

ou intrigantes. Porém, permita que fale honestamente: não disponho de milagres. Numa

situação

como essa, de cegueira, cefaléias, vertigem, gastrite, fraqueza, insónia, em que vários

excelentes

médicos foram consultados e deixaram a desejar, é pouco provável que eu consiga fazer

mais do

que me tornar seu vigésimo quinto excelente médico em tantos meses.

Breuer se reclinou na cadeira, apanhou um charuto e o acendeu. Soprou uma fumaça

fina e

azulada, esperou até se dissipar e, depois, continuou:

- Novamente, porém, ofereço-me para examinar o professor Nietzsche em meu

consultório.

Entretanto, é bem provável que a causa e a cura de uma doença tão refratária como a

dele

ultrapassem o alcance da ciência médica de 1882. Seu amigo pode ter nascido uma

geração cedo

demais.

- Nascido cedo demais! - Ela riu. - Uma observação presciente, doutor Breuer. Quantas

vezes ouvi Nietzsche proferir exatamente estas palavras! Agora, tenho certeza de que o

senhor é o

médico certo para ele.

Apesar de sua presteza em partir e da visão recorrente de Mathilde já vestida e andando

ansiosa

pelo quarto do hotel, Breuer imediatamente expressou interesse:

- Como assim?

16 - Ele muitas vezes se denomina um "filósofo póstumo": um filósofo para quem o mundo ainda não está preparado. De fato, o novo livro que está planejando começa com este

tema: um

profeta, Zaratustra, repleto de sabedoria, decide iluminar as pessoas. Mas ninguém

compreende

suas palavras. Eles não estão preparados para o profeta que, percebendo ter vindo cedo

demais, retorna à sua solidão.

- Frãulein, suas palavras me intrigam: sou apaixonado por filosofia. Porém, meu tempo

hoje é

limitado e estou esperando uma resposta direta à minha pergunta: por que seu amigo

não me

consulta em Viena.

- Doutor Breuer - Lou Salomé fitou-o diretamente nos olhos -, desculpe minha

imprecisão.

Talvez esteja sendo demasiado indireta. Sempre gostei de me deter na presença de

grandes

mentes: talvez porque precise de modelos para meu próprio desenvolvimento, talvez

porque só

goste de colecioná-las. Mas sei que é um privilégio conversar com um homem da

profundidade

e do horizonte do senhor.

Breuer sentiu que enrubescia. Não mais suportava o olhar dela e desviou a visão para

longe,

enquanto ela continuava:

- O que quero dizer é que talvez seja culpada de ser indireta simplesmente para

prolongar

nosso tempo juntos.

- Mais café, senhorita? - Breuer fez sinal para o garçom. - E mais desses pãezinhos

engraçados. Já refletiu sobre a diferença entre a panificação alemã e italiana? Permita-

me

descrever minha teoria sobre a concordância entre o pão e a personalidade nacional.

Assim, Breuer não voltou às pressas para Mathilde. Enquanto tomava um desjejum

descansado

com Lou Salomé, refletiu sobre a ironia de sua situação. Que estranho ter vindo a

Veneza para

desfazer o dano causado por uma mulher bonita e, agora, estar sentado tête-ã-têteoom

outra

ainda mais bonita! Ele também observou que, pela primeira vez em meses, sua mente

estava

livre da obsessão por Bertha.

Talvez - ponderou - exista afinal uma esperança para mim. Quem sabe possa me valer

desta

mulher para expulsar Bertha do palco de minha mente. Terei descoberto um equivalente

psicológico da terapia da substituição farmacológica? Uma droga benigna como a

valeriam pode substituir uma mais perigosa, como a morfina. Similarmente, talvez Lou

Salomé

possa substituir Bertha - um grande progresso! Afinal, esta mulher é mais sofisticada,

mais

realizada. Bertha é - como dizer? - pré-sexual, uma mulher irrealizada, uma criança se

debatendo desajeitadamente no corpo de uma mulher.

Contudo, Breuer sabia que era precisamente a inocência pré-sexual de Bertha que o

atraía para

ela. Ambas as mulheres o excitavam: pensar nelas provocou uma vibração quente nas

partes

pudendas. Por outro lado, ambas as mulheres o amedrontavam: ambas perigosas, mas de

formas diferentes. Essa Lou Salomé o assustava devido a seu poder - pelo que ela

poderia

fazer a ele. Bertha o assustava devido à sua submissão - pelo que ele poderia fazer a ela.

Tremeu ao pensar nos riscos que correra com Bertha - quão próximo chegara de

violar a

regra mais fundamental da ética médica, de arruinar a si próprio, a família, sua vida

inteira.

Entretanto, estava tão profundamente envolvido na conversa e tão inteiramente encantado com

sua jovem companheira de desjejum, que enfim ela - e não ele - retornou à doença do

amigo, especificamente ao comentário de Breuer sobre milagres médicos.

- Tenho 21 anos, doutor Breuer, e abandonei toda crença em milagres. Percebo que o

fracasso de 24 excelentes médicos só pode significar que atingimos os limites do

conhecimento

médico contemporâneo. Porém, não me interprete mal! Não tenho ilusão de que o

senhor vá

curar a doença de Nietzsche. Não foi por isso que procurei sua ajuda.

Breuer pôs a xícara de café de volta na mesa e limpou o bigode e a barba com o

guardanapo:

- Perdoe-me, Fráulein, agora fiquei realmente confuso. A senhorita não começou

dizendo que

desejava minha ajuda porque seu amigo está muito doente?

- Não, doutor Breuer, eu disse que tinha um amigo que está desesperado, que corre

grande

perigo de se suicidar. E o desespero do professor Nietzsche, e não seu organismo, que

peço

para curar.

- Mas senhorita, se seu amigo está desesperado com a saúde e não disponho de uma

terapia

para ele, o que fazer? Não posso ajudar uma mente doente.

18 Breuer interpretou a anuência de Lou Salomé com a cabeça como um reconhecimento

das

palavras do médico de Macbeth* e prosseguiu:

- Fràulein Salomé, não existe remédio para o desespero, médico para a alma. Não há

muito que

possa fazer, a não ser recomendar um dos excelentes balneários terapêuticos na Áustria

ou Itália.

Ou talvez uma conversa com um sacerdote ou algum outro conselheiro religioso, um

membro da

família... quem sabe, um bom amigo?

- Doutor Breuer, sei que é capaz de fazer mais do que isso. Tenho um espião.

Meu

irmão Jenia é

um estudante de medicina que freqüentou sua clínica em Viena no início deste ano.

Jenia Salomé! Breuer tentou recordar o nome. Havia tantos estudantes.

- Através dele, soube de seu amor por Wagner, que tiraria férias esta semana no Hotel Amalfi em

Veneza e, também, como reconhecê-lo. Porém, mais importante de tudo, através dele

soube que o

senhor é realmente um médico para o desespero. No último verão, ele assistiu a uma

conferência

informal em que o senhor descreveu seu tratamento de uma jovem mulher chamada

Arma O.; uma

mulher que estava desesperada e que tratou com uma nova técnica chamada "terapia

através da

conversa", uma cura baseada na razão, no deciframento de associações mentais

emaranhadas.

Jenia contou que o senhor é o único médico da Europa capaz de oferecer um tratamento

realmente psicológico.

Arma O.! Breuer sobressaltou-se com o nome e derramou o café ao trazer a xícara até

os lábios.

Secou a mão com o guardanapo, esperando que Frãulein Salomé não tivesse observado

o

acidente. Arma O., Arma O.! Incrível! Para onde quer que se volvesse, deparava com

Arma O. -

seu codinome para Bertha Pappenheim. Extremamente discreto, Breuer jamais citava os

nomes

reais dos pacientes ao discutir

* Na tragédia Macbeth, de William Shakespeare, Lady Macbeth, oprimida pelos crimes

que ajudou o marido a cometer, sofre

de terríveis visões. O médico chamado para tratá-la confessa sua impotência: "Essa

doença está além de meus

conhecimentos." (5e Ato, Cena I) (N. do T.)

seus casos com os alunos. Em seu lugar, criava um pseudónimo retrocedendo as iniciais

em uma

letra do alfabeto: dessarte, B.P. de Bertha Pappenheim tornou-se A.O., ou Arma O.

- Jenia ficou tremendamente impressionado com o senhor, doutor Breuer. Ao descrever

sua

conferência e sua cura de Arma O., declarou-se bem-aventurado por estar à luz de um

génio.

Vamos e venhamos, Jenia não é um rapaz impressionável. Jamais o ouvi falar assim

antes. Resolvi,

então, que deveria um dia encontrá-lo, conhecê-lo, talvez estudar com o senhor. Mas

meu "um

dia" se tornou mais imediato com a piora do estado de Nietzsche nos últimos dois

meses.

Breuer olhou ao redor. Muitos dos outros fregueses haviam terminado e saído, mas ei-lo ali

sentado, totalmente distante de Bertha, falando com uma mulher impressionante

que ela

trouxera

para sua vida. Um calafrio o percorreu. Jamais encontraria um refúgio de Bertha?

- Frãulein - Breuer pigarreou para limpar a garganta e se forçou a prosseguir -, o caso

descrito por seu irmão foi, simplesmente, um caso individual em que apliquei uma

técnica

altamente experimental. Não há razão para acreditar que essa técnica específica vá

ajudar seu

amigo. De fato, existem várias razoes para acreditar que não ajudará.

- Como assim, doutor Breuer?

- Temo que o tempo não permita uma resposta prolongada. Por ora, observarei

simplesmente

que Arma O. e seu amigo sofrem de doenças assaz diferentes. Ela foi acometida de

histeria e

sofreu de certos sintomas de invalidez, conforme seu irmão deve ter-lhe contado. Minha

abordagem consistiu em remover sistematicamente cada sintoma, ajudando minha

paciente a

rememorar, com ajuda do mesmerismo, o trauma psíquico esquecido no qual se

originou. Uma vez

j descoberta a fonte específica, o sintoma desaparecia.

- Suponha, doutor Breuer, que consideremos o desespero como um sintoma. O senhor

não

poderia tratá-lo da mesma forma?

- O desespero não é um sintoma médico, senhorita; é vago, impreciso. Cada um dos

sintomas de

Arma O. envolvia uma parte delimitada do corpo; cada um era causado pela descarga da

excitação intracerebral através de alguma passagem neural. Pelo que a senhorita

20 me descreveu, o desespero de seu amigo é inteiramente irracional. Não existe um

tratamento

para tal estado.

Pela primeira vez, Lou Salomé hesitou:

-Mas, doutor Breuer - novamente pôs sua mão sobre a dele -, antes de tratar de Arina

O., não

havia tratamento psicológico para a histeria. Pelo que eu entendo, os médicos recorriam

apenas a

banhos ou ao terrível tratamento com choques elétricos. Estou convencida de que o senhor, talvez

apenas o senhor, poderá descobrir um tal tratamento novo para Nietzsche.

Subitamente, Breuer observou a hora. Ele tinha que retornar para junto de Mathilde.

- Frãulein, farei todo o possível para ajudar seu amigo. Por favor, aceite meu cartão.

Verei seu

amigo em Viena.

Ela mirou o cartão apenas brevemente, antes de guardá-lo na bolsa.

- Doutor Breuer, as coisas não são tão simples assim. Nietzsche não é, por assim dizer,

um

paciente cooperador. Na verdade, ele nem sabe que estou conversando com o senhor.

Trata-se

de uma pessoa extremamente reservada e de um homem orgulhoso. Ele jamais

conseguirá

reconhecer a necessidade de ajuda.

- Mas a senhorita disse que ele fala abertamente de suicídio. -Em toda conversa, em

toda carta.

Mas ele não pede ajuda. Caso

viesse a saber de nossa conversa, jamais me perdoaria, e estou certa de que se

recusaria

a

consultar o senhor. Ainda que, de alguma forma, eu o persuadisse, ele limitaria a

consulta aos

problemas corporais. Nem em mil anos ele viria a lhe pedir para aliviar seu desespero.

Ele

sustenta opiniões rígidas sobre fraqueza e poder.

Breuer começou a se sentir frustrado e impaciente:

- Então, Frãulein^ o drama se torna mais complexo. A senhorita quer que eu me

encontre com

certo professor Nietzsche, que considera um dos grandes filósofos de nossa época, a fim

de

persuadi-lo de que a vida - ou ao menos a vida dele-vale a pena ser vivida. Além do

mais,

devo consegui-lo sem que nosso filósofo saiba disso.

Lou Salomé assentiu com a cabeça, exalou profundamente e se sentou novamente na

cadeira.

- Como é possível? - continuou. - Realizar simplesmente a primeira meta, curar o

desespero,

ultrapassa o alcance da ciência médica. Mas esta segunda condição, de que o paciente

seja

tratado sub-

21

repticiamente, transfere nosso empreendimento para o reino do fantástico. Existem

outros

obstáculos ainda não revelados? Quem sabe o professor Nietzsche fale apenas sânscrito

ou se

recuse a deixar seu eremitério no Tibete? - Breuer se sentiu atordoado mas, observando

o ar de

espanto de Lou Salomé, rapidamente se controlou. - Seriamente, Frãulein Salomé, como

poderei

fazê-lo?

- Agora está vendo, doutor Breuer! Agora está vendo por que procurei o senhor em vez

de um

homem de menor envergadura!

Os sinos de San Salvatore soaram a hora. Dez horas. Mathilde devia estar

ansiosa. Ah!

Ficar se

preocupando com ela... Breuer acenou novamente para o garçom. Enquanto esperavam

a conta,

Lou Salomé fez um convite incomum:

-Doutor Breuer, aceitaria meu convite para o desjejum amanhã? Conforme já

mencionei, tenho

certa responsabilidade pessoal pelo desespero do professor Nietzsche. Há muito mais

que

gostaria de lhe contar.

- Amanha, infelizmente, será impossível. Não é todo dia que uma mulher adorável me

convida

para o desjejum, Frãulein, mas não posso aceitar. A natureza de minha viagem para cá

com minha

mulher desaconselha que a deixe novamente.

- Permita então sugerir outro plano. Prometi ao meu irmão visitá-lo este mês. Aliás, até

há pouco

tempo, eu planejara viajar a Viena com o professor Nietzsche. Permita que, quando eu

estiver lá,

forneça-lhe mais informações. Enquanto isso, tentarei persuadir o professor Nietzsche a

consultar

o senhor sobre a deterioração de sua saúde física.

Caminharam juntos para fora do café. Poucos fregueses restavam, enquanto os garçons

tiravam as

mesas. Breuer ia partir quando Lou Salomé lhe tomou o braço e pôs-se a andar junto

dele.

- Doutor Breuer, essa hora foi curta demais. Estou ávida por mais um pouco de seu

tempo. Posso

caminhar com o senhor de volta ao hotel?

O convite impressionou Breuer pela ousadia, masculinidade; entretanto, dos lábios dela,

soava

como normal, não afetado - a forma natural como as pessoas deveriam conversar e

viver. Se uma

mulher aprecia a companhia de um homem, por que não lhe dar o braço e pedir para

andar com

ele? Contudo, que outra mulher sua conhecida

22 palavras? Estava diante de uma espécie diferente lher era livre!

lastimei tanto declinar um convite - disse Breuer, puxando o ^raço dda para mais perto

dele -,

mas é hora de voltar, e voltar soj^j^ ^^iha adorável mas preocupada esposa estará

esperando na

jaryja e ^ meu dever mostrar-me sensível aos sentimentos dela. - Vlaro mas - ela puxou

o braço

para ficar face a face com ele, vigorosa como um homem - para mim a palavra "dee

opressiva.

Reduzi meus deveres a apenas um: perpetuar minha -uberdade. O casamento e seu

séquito de

possessão e ciúme escraviza^ o espírito. Eles jamais me dominarão. Espero, doutor

Breuer, cv^

chegue o tempo em que nem o homem, nem a mulher sejam tiranizados pelas fraquezas

mútuas. -

Virando de costas com toda a segurança de sua chegada: - AufWiederseben. Até nosso

próximo

encontro - em Viena.

CAPITULO 2

QUATRO SEMANAS DEPOIS, Breuer estava sentado à sua escrivaninha no

consultório em

Báckerstrasse 7. Eram quatro da tarde e ele aguardava impacientemente a chegada de

Fràulein

Lou Salomé.

Era incomum um hiato durante sua jornada de trabalho; porém, na ânsia em vê-la, ele

despachara

rapidamente seus três pacientes anteriores. Todos sofriam de doenças de fácil

diagnóstico que

exigiram pouco esforço da sua parte.

Os dois primeiros - homens na casa dos sessenta - sofriam de doenças praticamente

idênticas:

uma respiração tremendamente forçada e uma tosse brônquica seca e áspera. Durante anos,

Breuer vinha tratando de seu enfisema crônico a que, no clima frio e úmido, se

sobrepunha uma

bronquite aguda, resultando em um grave comprometimento pulmonar. Para

ambos os

pacientes,

prescreveu morfina contra a tosse (pó de Dover, cinco grãos três vezes ao dia), pequenas

doses

de um expectorante (ipecacuanha), inalações de vapor e emplastos de mostarda no

tórax. Embora

alguns médicos escarnecessem dos emplastos de mostarda, Breuer acreditava neles e os

prescrevia com freqüência - especialmente naquele ano, quando metade de Viena

parecia ter

sucumbido às doenças respiratórias. A cidade não via o sol por três semanas, apenas

uma gélida e

implacável garoa.

O terceiro paciente, um serviçal da residência do príncipe herdeiro Rodolfo, era um

jovem

homem febril e bexiguento, com a garganta inflamada, tão retraído que Breuer teve que

ser

imperioso ao ordenar que se despisse para o exame. O diagnóstico foi amigdalite foli-

24 cular. Embora adepto da rápida extração das amígdalas com tesouras e fórceps, Breuer

decidiu

que aquelas amígdalas não estavam suficientemente maduras para serem removidas. Em

vez

disso, prescreveu uma compressa fria no pescoço, gargarejos com clorato de potássio e

inalações

de borrifos de água carbonada. Por se tratar da terceira inflamação de garganta do

paciente

naquele inverno, Breuer também aconselhou enrijecer a pele e sua resistência com

banhos frios

diários.

Agora, enquanto esperava, apanhou a carta recebida três dias antes de Frãulein Salomé.

Com a

mesma ousadia da nota anterior, ela anunciava que iria ao seu consultório às quatro

horas daquele

dia para uma consulta. As narinas de Breuer se dilataram: "Ela diz para mim a que horas

chegará.

Ela dá as cartas. Ela me concede a honra de..."

Mas ele rapidamente se emendou: "Não se leve tão a sério, Josef. Que diferença faz?

Embora

Frãulein Salomé não tenha como sabê-lo, acontece que quarta-feira à tarde é uma

ocasião

excelente para vê-la. Na longa meada das coisas, que diferença faz?"

"Ela diz para mim...n, Breuer refletiu sobre seu tom de voz: era precisamente essa auto-

importância enfatuada que ele detestava nos seus colegas médicos como Billroth e

Schnitzler, o

pai, e em muitos de seus ilustres pacientes como Brahms e Wittgenstein. A qualidade

que mais

apreciava nos conhecidos mais próximos, dos quais a maioria também era seu paciente,

era a

despretensão. Era o que o aproximava de Anton Bruckner. Talvez Anton jamais

atingisse o

patamar de Brahms, mas ao menos não adorava o solo sob seus pés.

Acima de tudo, Breuer gostava dos jovens e irreverentes filhos de alguns de seus

conhecidos -

os jovens Hugo Wolf, Gustav Mahler, Teddie Herzl e o mais improvável estudante de

medicina,

Arthur Schnitzler. Identificava-se com eles e, na ausência de outras pessoas de sua idade

para

ouvir, divertia-os com ataques cáusticos à classe reinante. Por exemplo, na semana

anterior, no

baile da Policlínica, divertira um grupo de jovens homens aglomerados ao seu redor ao

pronunciar:

- Sim, sim, é verdade que os vienenses são um povo religioso: seu deus se chama

"Decoro".

Breuer, o eterno cientista, recordou a facilidade com que, em apenas poucos minutos,

mudara de

um estado mental para outro: da arrogância à despretensão. Que fenómeno interessante!

Conseguiria replicá-lo?

25

De vez em quando, conduzia uma experiência imaginária. Primeiro, tentava assumir a

persona

vienense com toda a pompa que viera a odiar. Ao se enfunar e murmurar

silenciosamente "Como

ela o"sa?", envesgando os olhos e cerrando o cenho, reexperimentou o ressentimento e a indignação que envolvem os que se levam a sério demais. Depois, exalando e relaxando,

abandonou tudo aquilo e retornou à própria pele - a um estado mental capaz de rir de si

próprio,

das próprias posturas ridículas.

Observou que cada um desses estados mentais tinha seu próprio colorido emocional: o

enfatuado

tinha arestas agudas - uma maldade e irritabilidade -, bem como uma altivez e solidão.

O outro

estado, ao contrário, se afigurava regular, suave e aceitador.

Essas eram emoções definidas, identificáveis - pensou Breuer-, mas também emoções modestas. E quanto às emoções mais poderosase aos estados mentais que as

alimentavam?

Haveria uma forma de controlar essas emoções mais fortes? Isso não levaria a uma

terapia

psicológica eficaz?

Considerou sua própria experiência. Seus estados mentais mais lábeis envolviam

mulheres. Havia

ocasiões - hoje, abrigado na fortaleza de seu consultório, era um deles - em que se sentia

forte

e seguro. Nessas ocasiões, via as mulheres como realmente eram: criaturas batalhadoras

e

ansiosas, lidando com os incessantes e prementes problemas do dia-a-dia; e via a

realidade de

suas mamas: aglomerados de células mamarias flutuando em poças de lipóides.

Conhecia seus

escorrimentos, seus problemas dismenorréicos, sua ciática e suas diferentes protrusões

irregulares

- bexigas e úteros com prolapso e hemorróidas e varicosidades azuis salientes.

Mas havia outras ocasiões - ocasiões de encantamento, de captura por mulheres maiores

do que

a vida, seus seios intumescendo em globos mágicos e poderosos -, quando era dominado

por

uma ânsia irresistível de se fundir com esses corpos, de sugar-lhes os mamilos, de sentir

seu calor e

umidade. Esse estado de espírito podia ser incontrolável, podia transtornar uma vida

inteira-e,

em seu trabalho com Bertha, quase lhe custara tudo que tanto prezava.

Era tudo uma questão de perspectiva, de mudar a disposição de espírito. Se lograsse

ensinar os

pacientes a fazê-lo conforme desejas-

26 sem, poderia de fato se tornar o que Frãulein Salomé procurava: um médico para o

desespero.

Sua divagação foi interrompida pelo som da porta se abrindo e fechando na ante-sala.

Breuer

esperou um momento ou dois para não parecer ansioso demais e, depois, passou à sala

de espera

para saudar Lou Salomé. Ela estava molhada, a garoa vienense tendo se transmutado

num

aguaceiro - mas, antes que pudesse ajudá-la a despir a capa molhada, ela já o tinha feito,

entregando-a à enfermeira e recepcionista, Frau Becker.

Após conduzir Frãulein Salomé para dentro do consultório e fazer sinal para que se acomodasse

em uma pesada cadeira estofada com couro preto, Breuer sentou-se na cadeira ao lado.

Não pôde

conter a observação:

- Vejo que a senhorita prefere fazer as coisas por si. Isso não priva os homens do prazer

de servi-

la?

- Ambos sabemos que alguns dos serviços que os homens prestam não são

necessariamente

benéficos para a saúde das mulheres!

- Seu futuro marido precisará de um retreinamento intensivo. Os hábitos de toda uma

vida não

são facilmente extinguidos.

- Casamento? Não, não para mim! Eu lhe contei. Oh! Talvez um casamento de meio-

expediente;

isso poderia servir-me, mas nada que me prendesse demais.

Observando sua ousada e bela visitante, Breuer se deixou cativar pela idéia de um

casamento de

meio expediente. Era difícil manter em mente que a idade dela era apenas metade da

sua. Trajava

um vestido simples, longo e preto com botões subindo até o pescoço e uma pele com

uma

pequena cara e pés de raposa envolvia-lhe os ombros. Estranho - pensou Breuer - , na

fria

Veneza ela descarta o casaco, mas não o larga por um minuto em meu consultório

superaquecido.

Chegou o momento de tratarem do assunto que a trouxera ali.

- Frãulein - disse -, vamos tratar da doença de seu amigo.

- Desespero, não doença. Tenho diversas recomendações. Devo compartilhá-las com o

senhor?

Sua presunção não terá limite? - pensou indignado. Ela fala como se fosse minha

colega, a chefe

de uma clínica, uma médica com trinta anos de experiência, e não uma colegial

inexperiente.

27

Acalme-se, Josef! - admoestou a si mesmo. Ela é muito jovem e não adora o deus

vienense, o

Decoro. Ademais, ela conhece esse professor Nietzsche melhor do que eu. Ela é

extremamente

inteligente e pode ter algo importante para dizer. Deus sabe que não tenho a menor idéia de como

curar o desespero: sequer consigo curar o meu próprio. Respondeu calmamente:

- De fato, senhorita. Por favor, prossiga.

-Meu irmão Jenia, com quem me encontrei esta manhã, mencionou que o senhor usou o

mesmerismo para ajudar Arma O. a rememorar a fonte psicológica original de cada um

de seus

sintomas. Lembro que o senhor me disse em Veneza que essa descoberta da origem de

cada

sintoma de algum modo o dissolvia. O como desse "de algum modo" me intriga. Algum

dia,

quando dispusermos de mais tempo, espero que me esclareça sobre o mecanismo

preciso pelo

qual tomar conhecimento da fonte elimina o sintoma.

Breuer balançou a cabeça e acenou com as mãos, as palmas voltadas para Lou Salomé:

- Trata-se de uma observação empírica. Ainda que dispuséssemos de todo o tempo do

mundo

para conversar, receio que não conseguiria lhe fornecer toda a precisão que procura.

Mas suas

recomendações, senhorita?

- Minha primeira recomendação é: não tente esse método do mesmerismo com

Nietzsche. Com

ele, não funcionaria! Sua mente, seu intelecto é um milagre: uma das maravilhas do

mundo, como

verá por si mesmo. Mas ele é, apropriando-me de uma de suas expressões favoritas,

apenas

humano, demasiado humano, e possui seus próprios pontos cegos.

Lou Salomé agora removeu sua pele, levantou-se lentamente e cruzou o consultório

para pô-la

sobre o sofá de Breuer. Observou por um momento os diplomas emoldurados na parede,

ajustou

um que estava ligeiramente torto e, então, sentou-se novamente e cruzou as pernas antes

de

prosseguir.

- Nietzsche é extremamente sensível a questões de poder. Ele recusaria se engajar em

qualquer

processo que perceba como uma submissão de seu poder a outrem. Em sua filosofia, é

atraído

pelos gregos pré-socráticos, especialmente pelo conceito deles de agonis- a crença de

que

desenvolvemos os dons naturais somente através da

luta -, e desconfia profundamente da motivação de quem quer que renuncie à luta e

alegue ser

altruísta. Seu mentor nesses assuntos foi Schopenhauer. Ninguém deseja, acredita ele,

ajudar os

outros; pelo contrário, as pessoas desejam apenas dominar e aumentar seu próprio

poder. Nas

poucas vezes em que submeteu seu poder a outrem, acabou se sentindo devastado e

enraivecido. Aconteceu com Richard Wagner. Acredito que esteja acontecendo agora

comigo.

- Como assim com a senhorita? É verdade que, de alguma forma, é pessoalmente

responsável

pelo grande desespero do professor Nietzsche?

- Ele acredita que eu seja. Por isso, minha segunda recomendação é: não se alie comigo.

O

senhor parece espantado; para que compreenda, terei que contar tudo sobre meu

relacionamento com Nietzsche. Nada omitirei e responderei a todas as suas perguntas

com

sinceridade. Isso não será fácil. Ponho-me em suas mãos, mas minhas palavras devem

permanecer um segredo entre nós.

- É claro, pode contar com isso, Frãulein-respondeu, admirado com alguém tão direto,

com

quão prazeroso era conversar com alguém tão aberto.

- Bem, então... Conheci Nietzsche aproximadamente oito meses atrás, em abril.

Frau Becker bateu na porta e entrou com o café. Se ficou surpresa ao ver Breuer sentado

ao

lado de Lou Salomé, e não em seu lugar costumeiro atrás da escrivaninha, ela não o

exprimiu.

Sem nenhuma palavra, depositou uma bandeja contendo xícaras, colheres e um bule de

café de

prata brilhante e saiu rapidamente. Breuer serviu o café enquanto a jovem prosseguia.

-Deixei a Rússia no ano passado devido à minha saúde: um problema respiratório que

agora

melhorou bastante. Primeiro, vivi em Zurique e estudei teologia com Biederman, além

de

trabalhar com o poeta Gottfried Kinkel... Não sei se mencionei que sonho em me tornar

poeta.

Quando minha mãe e eu nos mudamos para Roma no início deste ano, Kinkel forneceu

uma

carta de apresentação a Malwida von Meysenburg. O senhor a conhece: ela escreveu

Memórias

de uma idealista.

Breuer assentiu com a cabeça. Estava familiarizado com a obra de Malwida von Meysenburg,

especialmente suas cruzadas em prol dos

direitos das mulheres, da reforma política radical e de várias transformações no

processo

educacional. Agradavam-lhe menos os recentes tratados antimaterialistas dela, que

julgava

baseados em alegações pseudocientíficas. Lou Salomé continuou:

- Assim, compareci ao salão literário de Malwida, onde conheci um encantador e

brilhante

filósofo, Paul Rée, de quem me tornei grande amiga. O senhor Rée assistira às aulas de

Nietzsche na Basiléia muitos anos antes e, a partir de então, ambos cultivaram uma

estreita

amizade. Eu observava que o senhor Rée admirava Nietzsche acima de todos os outros

homens. Logo, ele chegou à conclusão de que, se nós dois éramos amigos, então

Nietzsche e

eu também deveríamos nos tornar amigos. Paul... ou melhor, o senhor Rée... Doutor -

ela

enrubesceu por um breve instante, mas o tempo suficiente para que Breuer o notasse e

para que

ela percebesse isso -, permita que o chame de Paul, pois é assim que me dirijo a ele e

não

vamos perder tempo com convenções sociais. Sou muito íntima de Paul, embora jamais

venha

a me imolar no casamento com ele ou com qualquer outro! Mas - prosseguiu

impacientemente

-, já gastei bastante tempo explicando um breve e involuntário rubor em minha face.

Somos

os únicos animais que enrubescem, não é verdade?

A falta de palavras, Breuer conseguiu apenas assentir com a cabeça. Por algum tempo,

cercado

por sua parafernália médica, sentira-se mais poderoso do que na conversa anterior. Mas

agora,

exposto ao poder do encanto da jovem, sentiu suas forças abandonarem-no. O

comentário dela

sobre seu rubor fora notável: jamais em sua vida ouvira uma mulher, ou qualquer outra

pessoa,

falar sobre a relação social de forma tão direta. E ela tinha apenas 21 anos!

-Paul estava convencido de que Nietzsche e eu rapidamente nos tornaríamos amigos-

Lou

Salomé continuou -, de que combinávamos como a mão e a luva. Ele queria que eu me

tornasse aluna e protegida de Nietzsche. Queria que Nietzsche fosse meu mestre, meu

sacerdote

secular.

Foram interrompidos por um leve bater à porta. Breuer se levantou para abri-la e Frau Becker

sussurrou que chegara um novo paciente. Breuer sentou-se novamente, tranqüilizou Lou

Salomé de que dispunham de bastante tempo, pois pacientes inesperados estavam

acostumados

a longas esperas, e pediu que prosseguisse.

30 -Bem-continuou ela -, Paul marcou um encontro na basílica de São Pedro, o menos

recomendável local para o encontro de nossa profana Trindade... designação que mais

tarde

adotamos, embora Nietzsche muitas vezes se referisse a ela como um "relacionamento

pitagórico".

Breuer se flagrou fitando os seios da visitante, em vez da face. Por quanto tempo - se

perguntou

- terei estado fazendo isso? Será que ela observou? Será que outras mulheres me

observaram

fazendo isso? Em sua imaginação, apanhou uma vassoura e varreu para longe todos os

pensamentos sexuais. Concentrou-se mais nos olhos e nas palavras dela.

- Imediatamente, fui atraída por Nietzsche. Não é um homem fisicamente imponente:

altura

média, com uma voz gentil e olhos que não piscam e que olham para dentro e não para

fora, como

se estivesse protegendo algum tesouro interior. Eu ainda não sabia que ele perdera três

quartos da

visão. Não obstante, havia nele algo de extraordinariamente irresistível. As primeiras

palavras

que me disse foram: "De que estrelas caímos aqui_um para o outro?" Então, nós três

começamos a

conversar. E que conversa! Por algum tempo, pareceu que as esperanças de Paul de que

nos

tornássemos amigos ou de que Nietzsche se tornasse meu mentor se concretizariam.

Intelectualmente, formávamos o par perfeito. Nossas mentes se entrelaçaram: ele disse

que

tínhamos almas gémeas de irmão e irmã. Ah! Ele leu em voz alta as jóias de seu último

livro,

musicou meus poemas, revelou-me o que iria oferecer ao mundo durante os próximos

dez anos;

acreditava que sua saúde não lhe concederia mais de uma década.

- Logo, Paul, Nietzsche e eu decidimos que viveríamos os três juntos. Começamos a

planejar

passar este inverno em Viena ou, possivelmente, em Paris.

Um relacionamento a tnêsl Breuer pigarreou e se mexeu inquieto em sua cadeira. Viu-a sorrindo

por seu embaraço. Não haverá nada que ela não observe? Que diagnosticadora essa

mulher

poderia ser! Terá alguma vez considerado uma carreira médica? Seria possível,

"•*

como minha

aluna? Minha protegida? Minha colega, trabalhando ao 04 meu lado no consultório, no

laboratório? Essa fantasia tinha poder, ^ poder real - mas as palavras dela arrancaram

Breuer da

fantasia. £

31

Sim, sei que o mundo não sorri ante dois homens e uma mulher vivendo castamente

juntos. - Ela

acentuou "castamente" de forma magnífica, com ênfase bastante para deixar as coisas

claras, mas

com brandura suficiente para evitar uma repreensão. - Mas somos idealistas livre-

pensadores

que rejeitamos restrições socialmente impostas. Acreditamos em nossa capacidade de

criar nossa

própria estrutura moral.

Como Breuer não respondeu, sua visitante pareceu, pela primeira vez, insegura sobre

como

prosseguir.

- Devo continuar? Dispomos de tempo? Estou ofendendo o senhor?

- Continue, por favor, gnãdiges Frãulein. Em primeiro lugar, reservei o horário para a

senhorita.

- Estendeu o braço sobre a escrivaninha para alcançar a agenda na outra

extremidade e

indicou

as iniciais L.S. anotadas em letras grandes na quarta-feira, 22 de novembro de 1882. -

Veja bem,

não tenho mais nada programado esta tarde. Em segundo lugar, a senhorita não está me

ofendendo. Pelo contrário, admiro sua franqueza, sua objetividade. Que bom se todos os

amigos

falassem assim honestamente! A vida seria mais rica e mais genuína.

Aceitando o elogio sem comentário, Lou Salomé encheu sua xícara novamente de café e

continuou o relato.

- Primeiro, gostaria de deixar claro que meu relacionamento com Nietzsche, embora

intenso, foi

breve. Encontramo-nos somente quatro vezes e quase sempre acompanhados por minha

mãe, pela

mãe de Paul ou pela irmã de Nietzsche. De fato, Nietzsche e eu raramente ficamos a sós

nos

passeios ou nas conversas.

- A lua-de-mel intelectual de nossa profana Trindade foi igualmente breve. Fissuras apareceram.

Depois, sentimentos românticos e libidinosos. Talvez tenham estado presentes desde o

princípio.

Talvez eu seja responsável por não tê-los reconhecido. - Ela estremeceu como que para

se

livrar dessa responsabilidade e prosseguiu contando uma seqüência crucial de eventos.

- No final de nosso primeiro encontro, Nietzsche se mostrou preocupado com meu plano

de um

casto relacionamento a três, pensando que o mundo não estava preparado para isso, e

me pediu

que mantivesse nosso plano em segredo. Estava especialmente preocupa-

32 do com sua família: sob nenhuma circunstância, sua mãe ou sua irmã deveriam saber de

nós.

Que convencionalismo! Fiquei surpresa e desapontada e me perguntei se havia sido

enganada

por seu linguajar corajoso e por suas proclamações de livre-pensador. Pouco depois,

Nietzsche

chegou a uma posição ainda mais radical: de que tal sistema de vida seria socialmente

perigoso

para mim, talvez até ruinoso. Assim, para me proteger, decidiu se casar comigo e pediu

a Paul

que me transmitisse a proposta. Em que situação colocou Paul! Mas Paul, por lealdade

ao

amigo, zelosamente, embora um pouco fleumático, me falou sobre a oferta de

Nietzsche.

- Ela a surpreendeu? - perguntou Breuer.

- Bastante, especialmente por suceder nosso primeiro encontro. Além disso, também me

perturbou. Nietzsche é um grande homem e é dotado de uma gentileza, de um poder, de

uma

presença extraordinária; não negarei, doutor Breuer, que me vi fortemente atraída por

ele, mas

não romanticamente. Talvez tenha sentido minha atração por ele e não tenha acreditado

em

minha afirmação de que o casamento estava tão longe de minha mente como o romance.

Uma súbita rajada de vento fazendo bater as janelas distraiu Breuer por um momento.

Subitamente, sentiu uma rigidez no pescoço e nos ombros. Estivera tão atento escutando

que,

por vários minutos, não movera um só músculo. Por vezes, pacientes conversaram com

ele

sobre assuntos pessoais, mas jamais daquela forma. Jamais face a face, jamais de forma tão

imperturbável. Bertha revelara muitas coisas, mas sempre em um estado mental

"ausente". Lou

Salomé estava "presente" e, mesmo ao descrever eventos remotos, criava tais momentos de

intimidade, que Breuer se sentia como se fossem amantes conversando. Não teve

problema em

compreender por que Nietzsche propusera o casamento após um único encontro.

- E então, Fráuleiri!

- Então resolvi ser mais franca em nosso encontro seguinte. Mas isso acabou sendo

desnecessário. Nietzsche logo percebeu que a perspectiva de casamento o assustava no

mesmo

grau em que me repugnava. Em nosso encontro seguinte, duas semanas depois, em Orta,

suas

primeiras palavras para mim foram de que eu deveria esquecer sua proposta. Em vez

disso, ele

me exortou a me unir a ele na busca do relacionamento ideal: apaixonado, casto,

intelectual e

não-marital. Os

três nos reconciliamos. Nietzsche estava tão animado com nosso relacionamento a três,

que

insistiu, uma tarde em Lucerna, que posássemos para isto: a única fotografia de nossa

profana

Trindade.

Na fotografia que entregou a Breuer, dois homens estavam de pé diante de uma carroça;

ela

estava ajoelhada dentro do veículo, brandindo um pequeno chicote.

O homem à frente, com o bigode e olhando para o céu, é

Nietzsche - disse calorosamente. - Ò outro é Paul.

Breuer examinou as fotografias com atenção. Perturbou-o ver esses dois homens -

gigantes

patéticos e agrilhoados - domados por essa bela e jovem mulher com seu chicotinho.

- O que acha de meu estábulo, doutor Breuer?

Pela primeira vez, um de seus comentários chistosos não teve ressonância e Breuer se

lembrou

subitamente de que ela não passava de uma garota de 21 anos. Sentiu-se desconfortável:

não

gostava de ver máculas em sua polidez. Seu coração se solidarizou com os dois homens em

servidão - seus irmãos. Sem dúvida, poderia ter sido um deles.

Sua visitante deve ter sentido a impropriedade -pensou Breuer, observando como se

apressou em continuar a narrativa.

- Encontramo-nos duas outras vezes: em Tautenberg, cerca de três meses atrás, com a

irmã de

Nietzsche, e depois em Leipzig, com a mãe de Paul. Mas Nietzsche me escrevia

constantemente. Eis uma carta em resposta à minha narração de quão comovida fiquei

com seu

livro Aurora.

Breuer leu rapidamente a carta curta que ela lhe entregou.

Minha querida Lou,

Também eu tenho auroras ao meu redor e não são pintadas! Algo que já não cria

possível, encontrar um amigo para minha

derradeira felicidade e sofrimento, agora se me afigura possível - a possibilidade

dourada no horizonte de toda a minha vida

futura. Fico tocado sempre que chego a pensar na alma ousada e rica de minha querida

Lou.

F.N.

Breuer se manteve silente. Agora, sentiu um elo de emparia ainda maior para com

Nietzsche.

Encontrar auroras e possibilidades doura-

34 das, amar uma alma rica e ousada: todos precisam disso - pensou - ao menos uma vez na

vida.

-Durante esse mesmo período - continuou Lou-Paul começou a escrever cartas

igualmente

ardentes. Apesar de meus melhores esforços de mediação, a tensão no seio de nossa

Trindade

aumentou alarmantemente. A amizade entre Paul e Nietzsche estava se desintegrando a

olhos

vistos. Finalmente, começaram a desmerecer um ao outro em suas cartas para mim.

- Certamente - interrompeu Breuer - isso não constituiu surpresa para a senhorita. Dois

homens ardentes em uma relação íntima com a mesma mulher!

- Talvez eu tenha sido ingénua. Acreditei que nós três pudéssemos partilhar uma vida

intelectual,

que pudéssemos realizar um trabalho filosófico sério conjuntamente.

Aparentemente perturbada pela observação de Breuer, ela se levantou, espreguiçou-se

ligeiramente e andou até a janela, parando no trajeto para examinar algumas peças sobre

a

escrivaninha: um almofariz com pilão de bronze do Renascimento, uma pequena

imagem funerária

egípcia, um intrincado modelo de madeira dos canais semicirculares do interior do

ouvido.

- Talvez eu seja obstinada - falou, olhando pela janela -, mas continuo não convencida

de

que nosso relacionamento a três fosse impossível! Poderia ter funcionado, não fosse a

interferência da detestável irmã de Nietzsche. Nietzsche me convidou para passar o

verão com

ele e Elisabeth em Tautenberg, uma aldeia na Turíngia. Ela e eu nos encontramos em

Bayreuth,

onde encontramos Wagner e assistimos a uma representação de Parsifal. Depois,

viajamos juntas

para Tautenberg.

- Por que a chama de detestável, Frãuleiríi

- Elisabeth é uma tola desagregadora, mesquinha, desonesta e anti-semita. Quando

cometi a

asneira de contar que Paul é judeu, não mediu esforços para levá-lo ao conhecimento de

todo o

círculo de Wagner, de modo a assegurar que Paul jamais fosse bem-vindo em Bayreuth.

Breuer pôs sua xícara de café de volta sobre a escrivaninha. quanto de início Salomé o

embalara

no agradável e seguro reino amor, da arte e da filosofia, agora suas palavras o traziam

de volta à

realidade, ao detestável mundo do anti-semitismo. Naquela mesma manhã, lera no

NeueFreiePresseumn matéria sobre fraternidades percorrendo a universidade, invadindo

as salas

de aula, bradando "Juden hinaus? (Fora com os Judeus!) e forçando todos os judeus para

fora das

salas de aula - empurrando fisicamente quem resistisse.

- Frãulein, também sou judeu e gostaria de saber se o professor Nietzsche compartilha

os pontos

de vista anti-semitas da irmã.

- Sei que o senhor é judeu. Jenia me contou. É importante que saiba que Nietzsche se

importa

somente com a verdade. Ele detesta a mentira do preconceito, de todos os preconceitos.

Ele

odeia o antisemitismo da irmã. Está consternado e desgostoso porque Bernard Fõrster,

um dos

mais contundentes e virulentos anti-semitas da Alemanha, a visita com freqüência. Sua

irmã

Elisabeth...

Agora suas palavras afluíram mais rapidamente, o tom de voz uma oitava mais alto.

Breuer

percebeu que ela sabia que estava se afastando do roteiro traçado, mas ela não

conseguia se

conter.

- A Elisabeth, doutor Breuer, é uma víbora. Ela me chamou de prostituta. Ela mentiu

para

Nietzsche, contando-lhe que eu mostrei aquela foto para todo mundo e me gabei de

como ele ama

o gosto de meu chicote. Ela vive mentindo! É uma mulher perigosa. Algum dia, anote

minhas

palavras, ela cometerá um grande dano a Nietzsche.

Ainda de pé, segurou firmemente o espaldar da cadeira ao proferir essas palavras.

Depois,

sentando-se, continuou, mais calma.

- Como o senhor pode imaginar, minhas três semanas em Tautenberg com Nietzsche e

Elisabeth

foram complexas. Meus momentos a sós com ele foram sublimes. Maravilhosas

caminhadas e

profundas conversas sobre tudo... às vezes, sua saúde lhe permitia conversar dez horas

ao dia!

Pergunto-me se alguma vez antes houve tamanha abertura filosófica entre duas pessoas.

Conversávamos sobre a relatividade do bem e do mal, sobre a necessidade de libertar-se

da

moralidade pública de modo a viver moralmente, sobre a religião de um livre-pensador.

As

palavras de Nietzsche pareciam verdadeiras: tínhamos cérebros irmãos, conseguíamos

dizer tanto

um para o outro através de meias palavras, de meias sentenças, de meros gestos.

Contudo, esse

paraíso foi estragado, porque o tempo todo estávamos sob o olhar de sua irmã

serpentina. Eu a

via escutando, sempre entendendo mal, tramando.

36 - Diga-me, por que Elisabeth iria caluniá-la?

- Porque está lutando pela sua vida. Trata-se de uma mulher mentalmente limitada e de espírito

embotado. Ela não pode se permitir perder o irmão para outra mulher. Nietzsche é, e

sempre será,

a única fonte de significado para sua vida.

Ela relanceou seu relógio e, depois, a porta fechada.

- Estou preocupada com a hora, de modo que contarei o resto rapidamente. Exatamente

no mês

passado, a despeito das objeções de Elisabeth, Paul, Nietzsche e eu passamos três

semanas em

Leipzig com a mãe de Paul, onde novamente tivemos sérias discussões filosóficas,

particularmente sobre o desenvolvimento da crença religiosa. Partimos apenas duas

semanas

atrás, com Nietzsche ainda acreditando que nós três passaríamos a primavera juntos em

Paris. Só

que, agora o sei, isso jamais ocorrerá. Sua irmã logrou envenenar-lhe a cabeça contra

mim e,

ultimamente, ele começou a remeter cartas cheias de desespero e de ódio para Paul e

para mim.

- E agora, hoje, Frãulein Salomé, em que pé estão as coisas?

- Deteriorou geral. Paul e Nietzsche se tornaram inimigos. Paul fica zangado sempre

que lê as

cartas de Nietzsche para mim, sempre que toma conhecimento de qualquer sentimento

de ternura

meu por Nietzsche.

- Paul lê sua correspondência?

- Sim, por que não? Nossa amizade se aprofundou. Suspeito que sempre estarei junto

dele. Não

temos segredos um para o outro: chegamos a ler o diário um do outro. Paul tem me

implorado para

romper com Nietzsche. Finalmente, aquiesci e escrevi a Nietzsche que, embora sempre

preze

nossa amizade, nosso relacionamento a três não é mais possível. Contei-lhe que havia

dor demais,

influência destrutiva demais: de sua irmã, de sua mãe, das brigas entre ele e Paul.

- E a resposta dele?

- Selvagem! Assustadora! Ele escreve cartas ensandecidas, às vezes insultando ou

ameaçando,

outras vezes profundamente desesperadoras. Olhe aqui estas passagens que recebi nesta

última

semana!

Ela apanhou duas cartas cuja própria aparência denotava agitação: a letra desigual, as várias

palavras abreviadas ou sublinhadas diversas vezes. Breuer olhou de relance os

parágrafos que

ela circundara;

porém, incapaz de decifrar mais do que umas poucas palavras, devolveu as cartas à

jovem.

- Esqueci - disse ela - quão difícil é ler sua letra. Deixe-me decifrar esta carta

endereçada a

Paul e a mim: "Não deixe que minhas erupções de megalomania ou que minha vaidade

ferida

incomodem você demasiadamente; e, se algum dia suceder que eu me prive de minha

própria

vida em um ataque de paixão, isso não deveria ser motivo de grande preocupação. Que

fantasias

tenho de você!... Cheguei a esta razoável visão de tudo depois de ingerir, por desespero,

uma

enorme dose de ópio..." - Ela interrompeu a leitura. - Isso é o suficiente para lhe dar

uma idéia

do seu desespero. Há várias semanas, tenho estado na propriedade da família de Paul na

Baviera,

de sorte que toda minha correspondência vai para lá. Paul tem destruído suas cartas

mais

cáusticas de modo a me poupar da dor, mas esta, endereçada apenas para mim, lhe

escapou: "Se

eu a banir de mim agora, será uma condenação assustadora de todo o seu ser... Você

causou dano,

você causou malefício, e não apenas a mim, mas a todas as pessoas que me amaram:

essa espada

pende sobre você."

Ela ergueu o olhar até Breuer.

- Agora, doutor, o senhor vê por que recomendo com tanta ênfase que não se alie

comigo de

forma alguma?

Breuer sorveu profundamente seu charuto. Embora intrigado por Lou Salomé e absorto

pelo

melodrama que ela desfiava, ele estava preocupado. Deveria ter concordado em tratar

desse

caso? Que emaranhado! Que relacionamentos primitivos e poderosos: a profana

Trindade, a

amizade encerrada de Nietzsche com Paul, a poderosa ligação de Nietzsche com a irmã,

o ódio

entre ela e Lou Salomé. Preciso tomar cuidado - disse de si para consigo - para não me deixar

envolver por esses turbulentos. Mais explosivo de tudo, é claro, é o amor desesperado

de

Nietzsche, agora transmutado em ódio, por Lou Salomé. Mas era tarde demais para virar

as

costas. Ele havia se comprometido e, em Veneza, declarara jubilosamente a ela: "Jamais

me

recusei a tratar dos doentes." Deu as costas a Lou Salomé.

Essas cartas me ajudam a compreender seu alarme, Frãulein Salomé. Compartilho sua

preocupação sobre seu amigo: a estabilidade dele parece precária e o suicídio, uma

possibilidade real. Porém,

38 dado que a set tem agora pouca influência sobre o professor

corr^ persuadi-lo a me visitar?

Sim, e um problema que venho considerando exaustiva. Até meianome £ agora um

veneno para

ele e terei que agir nos bastidores. Isso significa, é claro, que de jamais, jamais poderá

saber que

eu articulei o encOntro. Jamais conte para ele! Mas agora que sei que está

dispôsto a se encontrar

com ele...

Jila se desfez da xícara e mirou Breuer tão atentamente, que este teve que

responder

rapidamente:

- É claro, prãulein. Conforme lhe disse em Veneza: Jamais me recusei a tratar dos

doentes.

Após ouvir essas palavras, irrompeu em Lou Salomé um enorme sorriso. Ela estivera

sob mais

tensão do que ele imaginara.

- Com essa garantia, doutor Breuer, começarei nossa campanha para trazer Nietzsche ao

seu

consultório sem que ele saiba de minha participação. A conduta dele agora está tão

perturbada,

que estou certa de que todos os amigos dele estão alarmados e acolherão qualquer plano

sensato

para ajudá-lo. Em meu retorno a Berlim, amanhã, pararei na Basiléia a fim de propor

nosso plano

a Franz Overbeck, amigo de Nietzsche de longa data. Sua reputação, doutor, como diagnosticador nos ajudará. Acredito que o professor Overbeck consiga persuadir

Nietzsche a se

consultar com o senhor sobre o estado médico dele. Caso eu tenha sucesso, o senhor

será avisado

por carta.

Numa sucessão acelerada, pôs as cartas de Nietzsche de volta na bolsa,

levantou-se, agitou sua

longa saia franzida, apanhou a estola de pele de raposa no divã e estendeu a mão para

Breuer.

- E agora caro doutor Breuer...

Quando eu pus a outra mão sobre a dele, a pulsação de Breuer se acelerou. -

Não

velho bobão - pensou, entregando-se ao calor da mão cem que lhe contar o

prazer que

lhe

dava o seu toque. Talvez ela soul^6886' P°1S manteve a mão dele dentro da sua durante

o tempo

em quej^ou-

- Espero ^ *** mantenhamos sempre em contato sobre esse assunto. Não ai*5"38

devido aos

meus profundos sentimentos em relação a Nietzsch^ e *" meu temor de que seja,

involuntariamente, responsável por $*** de seu dissabor. Existe outra coisa. Espero

também que

nós c?ois nos torriemos amigos. Tenho vários defeitos, con-

forme viu: sou impulsiva, o choco, sou anticonvencional. Mas também tenho pontos

fortes. Tenho

um excelente olho para a nobreza de espírito num homem. Quando encontro tal homem,

prefiro

não perdê-lo. Que tal nos correspondermos?

- Ela largou sua mão, andou até a porta e parou bruscamente. Abriu a bolsa para apanhar

dois

pequenos volumes.

- Oh! Doutor Breuer, quase me esqueci. Acho que o senhor deveria ter os dois últimos

livros de

Nietzsche. Eles lhe darão uma visão de sua mente. Mas ele não pode saber que o senhor

os viu.

Isso despertaria sua suspeita, pois pouquíssimos destes livros foram vendidos. -

Novamente,

tocou o braço de Breuer. - E mais um ponto: embora tenha tão poucos leitores agora,

Nietzsche

está convicto de que a fama chegará. Ele me contou certa vez que o depois de amanha lhe

pertencerá. Assim, não diga a ninguém que o está ajudando. Não cite o nome dele para

ninguém.

Se o fizer e ele descobrir, considerará uma grande traição. Sua paciente Anna O., esse

não é seu

nome real, certo? O senhor usa um pseudônimo?

Breuer assentiu com a cabeça.

- Então, aconselho-o a fazer o mesmo com Nietzsche. Auf Wiederseben, doutor Breuer -

despediu-se, estendendo-lhe a mão.

- AufWiedersehen, Frãulein - respondeu Breuer, inclinandose e premindo-a contra seus

lábios.

Ao fechar a porta depois que ela saiu, deitou o olhar sobre os dois volumes finos e

brochados,

observando seus títulos estranhos: Die Frôblicbe Wissenschaft (A gaia ciência) e

Menschliches,

Allzumenschliches (Humano, demasiado humano), antes de guardá-los na gaveta.

Dirigiu-se à

janela para um último relance de Lou Salomé. Ela ergueu o guarda-chuva, desceu

rapidamente as

escadas da frente e, sem olhar para trás, adentrou um fiacre que a esperava.

CAPÍTULO V

VOLVENDO DA JANELA, Breuer agitou a cabeça para desalojar Lou Salomé da

mente.

Depois, puxou o cordão pendente sobre sua escrivaninha para avisar Frau Becker de que

mandasse entrar o paciente na sala de espera. O senhor Perlroth, um judeu ortodoxo

arqueado

e barbilongo, entrou hesitante pela porta.

Cinqüenta anos atrás - Breuer logo soube -, o senhor Perlroth sofrerá uma tonsilectomia

traumática; sua memória dessa operação era tão dolorosa que, até aquele dia, se recusara

a

consultar um médico. Mesmo agora, protelara ao máximo sua visita, mas um "estado

clínico

desesperador" - conforme suas palavras - não lhe deixara outra saída. Breuer

imediatamente

deixou de lado sua pose de médico, saiu de detrás da escrivaninha e sentou-se na cadeira

ao

lado, como fizera com Lou Salomé, para uma conversa informal com o novo paciente.

Falaram

sobre o tempo, a nova onda de imigrantes judeus da Galícia, o anti-semitismo virulento

da

Associação da Reforma Austríaca e suas origens comuns. O senhor Perlroth, como

quase todos

na comunidade judaica, conhecera e reverenciara Leopold, o pai de Breuer, e em poucos

minutos transferiu sua confiança no pai para o filho.

- Então, senhor Perlroth, em que lhe posso ser útil? - perguntou Breuer.

- Não consigo eliminar a urina, doutor. O dia inteiro, e de noite também, sinto vontade.

Corro

para o banheiro, mas nada. Insisto e, finalmente, saem algumas gotas. Vinte minutos

depois, a

mesma história. Tenho que ir novamente, mas...

42 Breuer teve certeza da causa dos

mais algumas perguntas, problemas do s^nho,- perlroth. A glândula prostatica do

paciente devia

estar ODStru\jnt}o a uretra. Rest£va uma única questão importante: o senhor Perlm^

tjnha um

alargamento benigno da próstata ou um câncer? No exa^g ^ reto Breuef nao sentiu

nenhum

nódulo canceroso endurecid^ encontrando em seu lugar um alargamento esponjoso e

benigno.

Depois de y)UVir que não havia indício de câncer, o senhor Perlroth irrompeu ^m um

S0rriso

jubiloso^ apanhou a mão de Breuer e a beijou. Mas sevj humor se empanou novamente

quando

Breuer descreveu, do moçjo o mais tranqüilizador possível, a natureza desagradável do

tratarriento exigido: a passagem urinaria teria que ser dilatada pela inserção no pênis de

uma série

graduada de longas hastes de metal ou "sondas". Como o próprio Breuer não ministrava esse

tratamento, recomendou o senhor Perlroth ao seu cunhado Max, um urologista.

Depois que o senhor Perlroth partiu, passava um pouco das seis, horário das visitas

domiciliares

de Breuer do final da tarde. Ele reabasteceu sua grande valise de médico de couro preto, vestiu

seu sobretudo forrado de peles e sua cartola e saiu à rua, onde seu cocheiro Fischmann o

esperava numa carruagem puxada por dois cavalos. (Durante o tempo em que Breuer

examinava

o senhor Perlroth, Frau Becker tinha chamado um mensageiro parado na esquina

próxima do

consultório - um jovem de olhos e nariz avermelhados que usava uma grande insígnia

de oficial,

um chapéu pontudo e um uniforme de exército cor cáíjui com dragonas grandes demais

para ele

- e lhe pagara dez KreuZWÇàx* ir correndo chamar Fischmann. Mais abastado do que a

maic*ria dos médicos vienenses, Breuer alugava um fiacre para o ano vnte^m->em vez

de chamar

um quando precisasse.)

Como de rebito, entregou a Fischmann a lista dos pacientes por visitar. Breuer

fazia

vísítas

domiciliares duas vezes ao dia: de manha cedo, após seu pequeno desjejum de café e

Kaisersemmel ondulado e com três ent^"68 e" novamente, após suas consultas

vespertinas no

• Espécie de pãozí1*0 "doado e com entalhes do trivial austríaco. (N do T)

consultório, como naquele dia. A semelhança da maioria dos médicos internistas de

Viena, Breuer

só enviava um paciente ao hospital como último recurso. Além de mais bem cuidadas

em casa, as

pessoas ficavam mais protegidas das doenças contagiosas que, com freqüência,

assolavam os

hospitais públicos.

Por conseguinte, o fiacre de dois cavalos de Breuer era freqüentemente usado: de fato,

era um

gabinete móvel bem guarnecido das mais recentes publicações médicas e obras de

referência.

Algumas semanas atrás, Breuer convidara um jovem amigo médico, Sigmund Freud,

para

acompanhá-lo durante um dia inteiro. Um erro, talvez! O jovem homem vinha tentando

optar por

uma especialidade médica, e aquele dia deve tê-lo afugentado da medicina de

doenças

internas.

Pois, segundo os cálculos de Freud, Breuer despendera seis horas em seu fiacre!

Agora, após visitar sete pacientes, três deles gravemente enfermos, Breuer encerrara seu

dia de

trabalho. Fischmann tomou a direção do Café Griensteidl, onde Breuer geralmente

tomava café

com um grupo de médicos e cientistas que, havia quinze anos, se reuniam todas as noites na

mesma Stammtisch, uma grande mesa reservada no melhor canto do recinto. Naquela

noite,

porém, Breuer mudou de idéia.

- Leve-me para casa, Fischmann. Estou molhado e cansado demais para o café.

Repousando a cabeça no assento de couro preto, fechou os olhos. Esse dia extenuante

começara

mal: não conseguira adormecer novamente após um pesadelo às quatro da madrugada.

Sua

programação matutina fora pesada: dez visitas domiciliares e, depois, nove pacientes no

consultório. De tarde, mais pacientes no consultório e, depois, a estimulante mas

enervante

entrevista com Lou Salomé.

Mesmo agora, sua mente não lhe pertencia. Fantasias insidiosas de Bertha a invadiam:

de braços

dados com ela, caminhando sob o sol quente, longe da gelada e cinzenta neve

semilíquida de

Viena. Logo, porém, imagens discordantes lhe assomaram: seu casamento despedaçado,

seus

filhos deixados para trás, ao singrar embora para sempre a fim de começar uma nova

vida com

Bertha na América. Os pensamentos o atormentavam. Ele os odiava: arrebatavam-no de

sua paz;

eram estranhos, nem possíveis, nem desejáveis. Não obstante, os aço-

44 Inia de bom grado: a única alternativa - banir Bertha de sua mente - se afigurava

inconcebível.

O fiacre trepidou ruidosamente ao atravessar uma ponte de madeira sobre o rio Wien.

Breuer

observou os pedestres voltando apressadamente para casa após o trabalho, a maioria,

homens,

todos carregando um guarda-chuva preto e trajados praticamente como ele: sobretudos

escuros

e revestidos de peles, luvas brancas e cartola preta. Alguém familiar lhe chamou a

atenção. O

homem baixo e sem chapéu, de barba aparada, ultrapassando os outros, ganhando a

corrida!

Aquele passo firme - ele o reconheceria em qualquer lugar! Muitas vezes, nos bosques

de

Viena, tentara acompanhar aquelas pernas agitadas que jamais paravam, exceto à

procura de

Herrenpilze - os grandes e picantes cogumelos que brotavam entre as raízes dos pinhei-

ros escuros.

Pedindo a Fischmann que encostasse o carro no meio-fio, Breuer abriu a janela e

chamou:

- Sig, para onde está indo?

Seu jovem amigo, trajando um casaco azul comum mas decente, fechou o

guarda-chuva

ao se

voltar para o fiacre; então, reconhecendo Breuer, sorriu e respondeu:

- Estou indo para Bàckerstrass 7. Uma mulher encantadora me convidou para o jantar

esta

noite.

- Ach\ Tenho notícias desalentadoras! - disse Breuer em tom jocoso. - O marido dela

está a

caminho de casa neste exato minuto! Entre, Sig, venha comigo. Terminei meu trabalho

e estou

cansado demais para ir ao Griensteidl. Teremos tempo para conversar antes do jantar.

Freud agitou o guarda-chuva para secá-lo, pisou no meio-fio e entrou no fiacre. Estava

escuro e

a vela acesa na carruagem gerava mais sombras do que luz. Após um momento de

silêncio,

virou-se para olhar de perto o rosto do amigo.

- Você parece cansado, Josef. Um longo dia?

- Um dia difícil. Começou e terminou com uma visita a Adolf Fiefer. Você o

conhece?

- Não, mas li alguns de seus trabalhos no Neue Frete Presse. Um bom escritor.

45

- Brincamos juntos na infância, íamos para a escola juntos. Tem sido meu paciente

desde meu

primeiro dia de clínica. Bem, cerca de três meses atrás, diagnostiquei-lhe câncer no

fígado.

Alastrou-se como fogo e, agora, ele sofre de icterícia obstrutiva avançada. Conhece o

próximo

estágio, Sig?

- Bem, se o dueto comum for obstruído, a bile continuará a invadir a corrente sangüínea

até

que morra intoxicado. Antes disso, entrará em coma hepática, certo?

- Exatamente; de uma hora para a outra. Contudo, não posso revelar a ele a verdade.

Mantenho meu sorriso esperançoso e falso, embora gostaria de me despedir

honestamente dele.

Jamais me habituarei com a morte de meus pacientes.

- Tomara que nenhum de nós se habitue - suspirou Freud. - A esperança é essencial e

quem, a não ser nós, consegue mante-la? Para mim, é a parte mais difícil da

atividade

médica.

Às vezes, tenho sérias dúvidas se estou à altura da tarefa. A morte é tão poderosa.

Nossos

tratamentos tão insignificantes, especialmente na neurologia. Graças a Deus, estou

quase

terminando esse período. A obsessão deles com a localização é obscena. Você deveria

ter

ouvido Westphal e Meyer discutindo hoje sobre a localização precisa no cérebro de um

câncer

bem na frente do paciente.

- Mas - e pausou - quem sou eu para dizê-lo? Apenas seis meses atrás, quando

trabalhava

no laboratório de neuropatologia, fiquei felicíssimo com a chegada do cérebro de um

bebé,

pois teria o trunfo de determinar o local preciso da patologia! Talvez eu esteja me

tornando

demasiado cético, porém cada vez mais me convenço de que nossas disputas

sobre a

localização da lesão escondem a verdade real: que nossos pacientes morrem e nós, os

médicos,

somos impotentes.

- Além disso, Sig, é uma pena que os aprendizes de médicos, como Westphal, jamais

aprendam como oferecer conforto aos que estão morrendo.

Os dois homens ficaram silentes enquanto o fiacre oscilava em meio ao forte vento.

Agora, a

chuva aumentava novamente e gotejava do teto da carruagem. Breuer quis dar ao seu

jovem

amigo alguns conselhos, mas hesitou, escolhendo as palavras, conhecedor da

sensibilidade de

Freud.

46 - Sig, preste atenção. Sei quão desapontador lhe é ingressar na clínica médica. Você

deve senti-

lo como uma derrota, como uma acomodação com um destino menor. Ontem, no café,

não pude

evitar escutá-lo criticando Brücke por se recusar a promovê-lo e por aconselhá-

lo a abrir

mão de

suas ambições de uma carreira universitária. Mas não o culpe! Sei que ele o tem no mais alto

conceito. Dos próprios lábios dele, ouvi que você é o melhor aluno que jamais teve.

- Então, por que não me promove?

- Promovê-lo a quê? Ao cargo de Exner ou de Fleischl, se é que venham a se aposentar?

Por

cem Gulden ao ano? Brücke tem razão quanto ao dinheiro! A pesquisa é uma ocupação

para

homens ricos. Você não pode sobreviver com esse salário. Como vai sustentar os pais?

Teria que

ficar solteiro pelos próximos dez anos. Talvez Brücke não tenha sido bastante delicado,

mas teve

razão ao dizer que sua única chance de continuar na pesquisa é conseguir um casamento

com um

bom dote. Ao propor casamento a Martha, seis meses atrás, sabendo que não lhe traria

nenhum

dote, foi você, e não Brücke, quem decidiu seu próprio futuro.

Freud fechou os olhos por um momento antes de responder.

- Suas palavras me ferem, Josef. Sempre senti sua desaprovação de Martha.

Breuer sabia quão difícil era para Freud falar francamente com ele: um homem

dezesseis anos

mais velho e não apenas seu amigo, mas seu professor, seu pai, seu irmão mais velho.

Esticou o

braço e tocou a mão de Freud

- Não é verdade, Sig! Absolutamente! Discordamos apenas quanto à época. Senti que

você teria

anos demais de duro treinamento pela frente para se sobrecarregar com uma noiva. Mas

concordamos quanto a Martha; vi-a apenas uma vez, numa festa, antes da partida de sua

família

para Hamburgo, e gostei dela imediatamente. Ela me lembra Mathilde naquela idade.

- Isso não me surpreende - a voz de Freud se suavizou. - Sua esposa foi meu modelo.

Desde

que conheci Mathilde, venho procurando uma esposa como ela. A verdade, Josef, diga-

me a

verdade: se Mathilde fosse pobre, mesmo assim você teria casado com ela?

47

- A verdade, Sig - e não me odeie por esta resposta, foi há quatorze anos, os tempos

mudaram

- é que eu teria feito seja lá o que meu pai exigisse de mim.

Freud permaneceu calado ao pegar um de seus charutos baratos e oferecê-lo a Breuer, que, como

sempre, o declinou. Enquanto Freud acendia o charuto, Breuer continuou:

- Sig, sei como se sente. Você sou eu. Você sou eu dez, onze anos atrás. Quando

Oppolzer, meu

chefe na medicina, faleceu subitamente de tifo, minha carreira universitária terminou de

maneira

tão abrupta, tão cruel como a sua. Também eu me considerava um rapaz altamente

promissor.

Esperava sucedê-lo. Eu deveria tê-lo sucedido. Todos sabiam disso. Mas um gentio foi

escolhido

em meu lugar. E eu, assim como você, fui forçado a me contentar com menos.

- Então, Josef, você sabe quão derrotado me sinto. É injusto! Veja a cátedra de

medicina:

Northnagel, aquele bruto! Veja a cátedra de psiquiatria: Meynert! Serei menos capaz?

Eu poderia

fazer grandes descobertas!

- E as fará, Sig. Onze anos atrás, transferi meu laboratório e meus pombos para a minha

casa e

continuei minha pesquisa. Isso pode ser feito. Você encontrará um caminho. Mas jamais

será o

caminho da universidade. Ambos sabemos que não se trata apenas de dinheiro. A cada

dia, os

anti-semitas ficam mais ousados. Você leu a matéria no Neue Frete Presse desta manhã

sobre as

fraternidades gentias invadindo as salas de aula e expulsando os judeus? Elas estão

ameaçando

agora acabar com todas as aulas ministradas por professores judeus. Viu o Presse de

ontem? A

notícia sobre o processo na Galícia de um judeu acusado de assassinato ritual de uma

criança

crista? Eles ousam alegar que ele precisou de sangue cristão para a massa da matzál* É

inacreditável! Estamos em 1882 e a coisa continua! São uns homens da caverna,

selvagens com

apenas um finíssimo verniz de cristianismo. Por isso você não tem futuro acadêmico!

Brücke se

dissocia pessoalmente de tal preconceito, é claro, mas quem sabe o

• Pão sem fermento comido pelos judeus na Páscoa. (N. do T.)

48 que realmente sente? Em particular, ele me contou que o antisemitismo acabaria

destruindo a

sua carreira universitária.

-Mas eu nasci para ser pesquisador, Josef. Não tenho a sua aptidão para a clínica médica.

Toda Viena conhece sua intuição diagnosticadora. Não tenho esse dom. Pelo resto de

minha

vida, serei um médico qualquer: Pégaso preso ao arado!

- Sig, não tenho nenhuma habilidade que não possa lhe ensinar. Freud se reclinou para

fora

do clarão da vela, grato pela escuridão.

Jamais se abrira tanto para Josef ou para qualquer outra pessoa, exceto Martha,

para

quem

escrevia diariamente uma carta sobre seus pensamentos e sentimentos mais íntimos.

- Mas, Sig, não descarregue na medicina. Você está sendo cínico. Veja bem os avanços

só

nos últimos vinte anos, mesmo em neurologia. Pense na paralisia do envenenamento por

chumbo, ou na psicose do brometo ou na triquinose cerebral. Eram mistérios vinte anos

atrás.

A ciência progride lentamente, mas a cada década conquistamos uma nova doença.

Houve um longo silêncio antes que Breuer prosseguisse.

- Mudemos de assunto. Gostaria de lhe fazer uma pergunta. Você está lecionando para

muitos

estudantes de medicina agora. Já topou com um estudante russo de nome Salomé, Jenia

Salomé?

- Jenia Salomé? Acho que não. Por quê?

- Sua irmã veio me ver hoje. Um estranho encontro. - O fiacre atravessou a pequena

entrada

da Bàckerstrasse 7 e parou subitamente, oscilando sobre suas pesadas molas por um

momento.

- Chegamos. Contarei o resto lá dentro.

Apearam no imponente pátio século XVI de pedras de cantaria cercado por muros altos

recobertos de heras. Em cada lado, sobre arcos livres no nível do solo apoiados por

imponentes pilastras, erguiam-se cinco níveis de grandes janelas arqueadas, cada uma

contendo

uma dúzia de vidraças com molduras de madeira. Quando os dois homens se

aproximaram do

portal do vestíbulo, um porteiro, sempre a postos, espiou pela pequena almofada de

vidro na

porta de seu apartamento e, depois, correu para destrancar a porta, saudando-os com

uma

mesura.

Subiram as escadas, passando pelo consultório de Breuer, no segundo pavimento, até o

espaçoso apartamento da família, no terceiro,

onde Mathilde esperava. Aos 36 anos, era uma mulher impressionante. Sua pele

acetinada e

corada realçava um nariz finamente esculpido, olhos cinza-azulado e bastos cabelos

castanhos,

que usava enrolados em uma longa trança no alto da cabeça. Trajando uma blusa branca

e um

longo vestido cinza, bem justo em volta da cintura, seu talhe era gracioso, embora

tivesse dado

à luz ao quinto filho apenas poucos meses antes.

Apanhando o chapéu de Josef, escovou os cabelos do marido para trás, com a mão,

ajudou-o a

retirar o sobretudo e o entregou à serviçal, Aloisia, que chamavam de "Louis" desde que começara a trabalhar para eles, quatorze anos antes. Depois, voltou-se para Freud.

- Sigi, você está encharcado e gelado. Para dentro da banheira! Já aquecemos a água e

separei

algumas roupas brancas de Josef para você na prateleira. Que prático ambos terem o

mesmo

tamanho! Jamais consigo oferecer a mesma hospitalidade a Max. - Max, marido

de sua

irmã

Raquel, era enorme, pesando mais de 110 quilos.

- Não se preocupe com Max - disse Breuer. - Compensarei esse problema

recomendando-

o aos meus pacientes. - Dirigindo-se para Freud, acrescentou: - Mandei a Max outra

próstata

hipertrofiada hoje. Foram quatro esta semana. Eis um campo para você!

- Não! - interveio Mathilde, pegando Freud pelo braço e levando-o para o banho. -

Urologia não é coisa para p Sigi! Limpar bexigas e "canos d'água" o dia inteiro! Ele enlouqueceria em uma semana! - Parou diante da porta. - Josef, as crianças estão

jantando.

Vá vê-las, mas apenas por um minuto. Quero que você tire uma soneca antes do jantar.

Ouvi

você se mexendo a noite toda. Você quase não dormiu.

Sem proferir palavra, Breuer se dirigiu para o seu quarto; depois, mudou de idéia e

resolveu

ajudar Freud a encher a banheira. Ao voltar, viu Mathilde se inclinar em direção a Freud

e

sussurrar:

-Está vendo o que eu quis dizer, Sigi, ele quase não fala comigo!

No banheiro, Breuer adaptou o bocal da bomba de petróleo aos tonéis de água quente

que

Louis e Freud estavam trazendo da cozinha. A maciça banheira branca,

miraculosamente

suportada por graciosas patas de gato de bronze, rapidamente se encheu. Ao deixar o

banheiro

e atravessar o corredor, ouviu Freud ronronar de prazer ao mergulhar na água tépida.

50 Deitado na cama, Breuer não conseguiu dormir, pensando nas confidências tão íntimas

de

Mathilde para Freud. Cada vez mais, Freud parecia alguém da família, agora até

jantando com

eles várias vezes na semana. De início, o vínculo fora basicamente entre Breuer e Freud:

talvez

Sig tivesse tomado o lugar de Adolf, seu irmão mais novo, falecido alguns anos antes.

Mas, no

último ano, Mathilde e Freud tinham se aproximado. A diferença de dez anos permitia a

Mathilde

o privilégio de uma afeição maternal; ela costumava dizer que Freud lembrava Josef

quando ela o

conhecera.

Assim - perguntou-se Breuer -, e se Mathilde se desabafa com Freud sobre minha

indiferença?

Que diferença realmente faz? Provavelmente, Freud já sabe: ele registra tudo que

acontece na

casa. Como médico diagnosticador, pode não ser tão astuto, mas raramente deixa de

perceber o

que diz respeito aos relacionamentos humanos. Ele também deve ter notado a avidez das

crianças

pelo amor de um pai: Robert, Bertha, Margarethe e Johannes acotovelando-se sobre ele

aos gritos

enlevados de "tio Sigi", e mesmo a pequena Dora sorrindo sempre que ele aparece. Sem dúvida, a

presença de Freud na casa era positiva; Breuer sabia que ele próprio era pessoalmente

alheado

demais para proporcionar a espécie de presença que sua família precisava. Sim, Freud

preenchia

sua lacuna e, em vez de vergonha, sentia, na maior parte do tempo, gratidão por seu

jovem amigo.

Breuer sabia que não poderia objetar às queixas de Mathilde sobre seu casamento. Ela

tinha

razões para se queixar! Quase todas as noites, ele trabalhava até meia-noite no

laboratório.

Passava as manhãs de domingo em seu consultório preparando as conferências

vespertinas para

estudantes de medicina. Várias noites por semana, permanecia no café até às oito ou

nove horas, e

agora passara a jogar Tarock* duas vezes por semana, em vez de uma. Mesmo a

refeição do

meiodia, que sempre fora um horário sagrado, dedicado à família, estava agora sendo

desrespeitada. Ao menos uma vez por semana, Josef exagerava nos compromissos e

trabalhava

pelo almoço adentro. Além disso, nas visitas de Max, trancavam-se no gabinete e

jogavam xadrez

durante horas.

* Tradicional jogo de cartas a três. (N. do T.)

51

• Desistindo da sesta, Breuer foi à cozinha perguntar pelo jantar. Sabia que Freud

adorava longos

banhos quentes, mas estava ansioso por fazer a refeição e ainda dispor de tempo para

trabalhar no

laboratório. Bateu na porta do banheiro.

- Sig, quando tiver terminado, venha ao gabinete. Mathilde concordou em nos servir ali

o jantar,

em mangas de camisa mesmo.

Freud secou-se rapidamente, vestiu a cueca de Josef, deixou suas roupas de baixo sujas

na cesta

para serem lavadas e correu a fim de ajudar Breuer e Mathilde a encher as bandejas para

a

refeição noturna. (Os Breuer, como a maioria dos vienenses, faziam sua refeição

principal ao

meio-dia e comiam um modesto jantar de restos frios.) A almofada de vidro da porta da

cozinha

estava embaçada. Ao abrir a porta, Freud foi assaltado pelo aroma quente e maravilhoso

da sopa

de cevada com cenoura e aipo.

Mathilde, com a concha de sopa na mão, saudou-o:

- Sigi, está tão frio lá fora que preparei uma sopa quente. É disso que ambos precisam.

Freud apanhou a bandeja das mãos dela.

- Apenas dois pratos de sopa? Você não vai comer?

- Quando Josef diz que pretende comer no gabinete, isso geralmente significa que deseja

falar a

sós com você.

- Mathilde - objetou Breuer -, eu não falei nada disso. Sig vai parar de vir aqui se não

tiver

sua companhia no jantar.

- Não, estou cansada e vocês dois não tiveram nenhum momento a sós esta semana.

Ao atravessarem o longo corredor, Freud entrou nos quartos das crianças para beijá-las

e dar-lhes

boa-noite; resistiu aos seus pedidos de uma história, prometendo contar duas na próxima

visita.

Juntou-se a Breuer no gabinete, um aposento com lambris escuros e grande janela

central toldada

por uma rica cortina de veludo grená. Na parte inferior da janela, entre a vidraça interna

e

externa, várias almofadas serviam de isolamento. Defronte à janela, numa robusta

escrivaninha de

nogueira escura, empilhavam-se livros abertos. O chão estava alcatifado por um espesso

tapete

Kashan* com flores azuis e cor de mar-

* Espécie de tapete persa. (N. do T.)

52 fim e três paredes estavam guarnecidas do chão ^o teto de estantes atulhadas de livros

com

pesadas encadernações de couro escuro. Num canto distante do quarto, numa mesa de

jogo de

^stilo Biedermeier* de pernas afiladas com espirais pretas e douradas Louis já colocara

um

frango assado frio, uma salada de repolho, sementes de cominho e creme de leite,

alguns

Seltstangerl (bengalas de p§o salgado com sementes de cominho) e Gtesshubler (água

mineral).

Agora, Mathilde apanhou os pratos de sopa da bandeja carregada por Freud, colocouos

na

mesa e preparou-se para sair.

Breuer, consciente da presença de Freud, segurou-a pelo braço:

- Fique mais um pouco. Sig e eu não temos segredos para você.

- Já comi algo com as crianças. Vocês dois podem se virar sem eu.

- Mathilde - Breuer tentou ser brando -^ você reclama que quase não me vê. Contudo,

eis-

me aqui e você me abandona.

Ela abanou a cabeça.

- Voltarei num momento com um pouco de Strudel.** - Breuer lançou um olhar

suplicante

para Freud como para dizer: "Que mais posso fazer?" Um momento depois, enquanto Mathilde

fechava a porta atrás de si, observou seu olhar expressivo em direção a Freud, como que

para

dizer: "Está vendo no que se transformou nossa vida em comum?" Pela primeira vez,

Breuer se

conscientizou do embaraçoso e delicado papel que seu jovem amigo tivera que assumir:

ser um

confidente de ambos os membros de um casal insatisfeito.

Enquanto os dois homens comiam em silêncio, Breuer notou os olhos de Freud

esquadrinhando as estantes de livros.

- Devo reservar uma estante para seus futuros livros, Sig?

- Quem me dera! Mas não nesta década, Jos^f. Não tenho tempo sequer para pensar. A

única

coisa que um assistente clínico no Hospital Geral de Viena consegue escrever são

caftões-

postais. Não, eu não estava pensando em escrever livros, mas em ferestes livros. Oh! A

incessante labuta do intelectual, despejando todo este conhecimento para dentro do

cérebro

pela abertura de três milímetros na íris.

Breuer sorriu.

* Estuo alemão de mobília da primeira metade do século ** Torta de maçã. (N. do T.)

(N. do T.)

53

- Uma imagem maravilhosa! Schopenhauer e Espinosa destilaram, condensaram e

filtraram

através da pupila, ao longo do nervo óptico e diretamente para dentro dos nossos

lóbulos

occipitais. Adoraria ser capaz de comer com meus olhos; quase sempre, estou cansado

demais

para leituras sérias.

- E sua soneca? - perguntou Freud. - O que aconteceu com ela? Pensei que você fosse se

deitar após o jantar.

- Não consigo mais tirar uma soneca. Creio que estou cansado demais para dormir. O

mesmo

pesadelo me acordou novamente no meio da noite: aquele da queda.

- Conte-me novamente, Josef, exatamente como foi.

- É sempre igual. - Breuer bebeu um copo inteiro de água mineral, largou a faca e reclinou-se para que o alimento se acomodasse. -E é muito vívido; devo ter tido esse sonho dez

vezes

no último ano. Primeiro, sinto a terra tremer. Fico assustado e saio em busca de...

Ponderou por um momento, tentando lembrar como descrevera o sonho antes. Nele,

estava

sempre em busca de Bertha, mas havia limites ao que estava disposto a revelar a Freud.

Além

de embaraçado com sua paixão por Bertha, também não via razão para complicar o

relacionamento de Freud com Mathilde através de confidências que ele se sentiria

constrangido

em não contar a ela.

- ...em busca de alguém. O chão sob os meus pés começa a se liquefazer, como areia

movediça. Afundo lentamente na terra e caio quarenta metros, exatamente isso. Depois,

sou

detido por uma grande laje. Existe uma inscrição na laje. Tento lê-la, mas não consigo.

- Que sonho interessante, Josef. De uma coisa estou certo: a chave para seu significado

é a

inscrição indecifrável na laje.

- Se é que o sonho tem algum significado.

- Tem que ter, Josef. O mesmo sonho dez vezes? Sem dúvida, você não deixaria

seu

sono ser

perturbado por algo trivial! A outra parte que me interessa são os quarenta metros.

Como você

soube que foi precisamente esse número?

- Eu sei... mas não sei como sei.

Freud, que como de hábito esvaziara rapidamente o prato, engoliu depressa sua última

garfada

e disse:

- Estou certo de que o número é exato. Afinal, você concebeu o sonho! Você sabe,

Josef,

continuo coletando sonhos e, cada vez mais,

54 acredito que números precisos nos sonhos sempre têm um significado real. Tenho um

novo

exemplo que creio ainda não lhe ter contado. Na última semana, oferecemos um jantar

para Isaac

Schònberg, um amigo de meu pai.

- Conheço-o. E o filho dele Ignaz, não é, que está interessado na irmã de sua noiva?

- Sim, é ele, e está mais do que "interessado" em Minna. Bem, Isaac estava fazendo

sessenta anos

e descreveu um sonho que tivera na noite anterior. Ele estava percorrendo uma longa e

escura

estrada e tinha sessenta moedas de ouro no bolso. Como você, estava totalmente certo

daquela

cifra exata. Tentava segurar as moedas, mas elas caíam por um buraco no bolso e estava

escuro

demais para achá-las. Bem, não acredito que tenha sido coincidência ele ter sonhado

com

sessenta moedas em seu sexagésimo aniversário. Tenho certeza - e como poderia ser de

outra

forma? - de que as sessenta moedas representam seus sessenta anos.

- E o buraco no bolso? - perguntou Breuer, apanhando uma segunda coxa de frango.

- O sonho deve ser um desejo de perder os anos e se tornar mais jovem - respondeu

Freud,

apanhando também outro pedaço de frango.

- Ou então, Sig, pode ser que o sonho tenha expressado um temor: o temor de que seus

anos

estejam acabando e de que logo não restará mais nenhum! Lembre-se de que ele estava

em uma

longa e escura estrada tentando recuperar algo que perdera.

- Sim, também acho. Talvez os sonhos possam exprimir quer desejos, quertemotes. Ou

talvez

ambos. Mas diga-me, Josef, quando teve esse sonho pela primeira vez?

- Vejamos. - Breuer recordou que a primeira vez foi logo depois que começara a duvidar

se

seu tratamento conseguiria ajudar Bertha e, em uma discussão com Frau Pappenheim,

aventara a

possibilidade de Bertha ser transferida para o Sanatório Bellevue, na Suíça. Isso se deu

mais ou

menos no início de 1882, quase um ano antes, conforme contou a Freud.

- Não foi em janeiro último que estive em seu jantar de quarenta anos junto com toda a

família

Altmann? - perguntou Freud. - As-

sim, se você tem tido esse sonho desde então, não se segue que os quarenta metros

significam

quarenta anosí

- Bem, em poucos meses, farei 41. Se você está certo, eu não deverei cair 41 metros no sonho, a

partir de janeiro próximo?

Freud gesticulou com os braços.

- Daqui para a frente, precisamos de um especialista. Cheguei aos limites de minha

teoria dos

sonhos. Será que um sonho, depois de sonhado, acomodará mudanças na vida do

sonhador? Uma

pergunta fascinante! De qualquer forma, por que os anos se disfarçam em metros? Por

que o

pequeno criador de sonhos residente em nossas mentes se dá a todo esse trabalho para

disfarçar a

verdade? Meu palpite é que o sonho não mudará para 41 metros. Creio que o criador de

sonhos

temeria que, ao mudá-lo em um metro a cada aniversário, torná-lo-ia transparente

demais,

revelaria o código do sonho.

- Sig-Breuer deu um risinho, ao limpar a boca e o bigode com seu guardanapo -, é aqui

que

nós sempre divergimos. Quando você começa a falar de outra mente separada, um elfo

sensível

dentro de nós inventando sonhos sofisticados e escondendo-os de nossa mente

consciente... isso

me parece ridículo.

- Concordo, realmente parece ridículo; porém, veja as provas disso, veja todos os

cientistas e

matemáticos que relataram terem solucionado importantes problemas nos sonhos! E,

Josef, não

existe outra explicação. Por mais ridículo que pareça, tem queexisúr uma inteligência

separada e

inconsciente. Tenho certeza...

Mathilde entrou com uma jarra de café e duas fatias de torta de maçã com passas

coberta por um

montículo de creme chantilly.

- De que você está tão certo, Sigj?

- Minha única certeza é que queremos que você se sente e fique um pouco aqui. Josef ia

descrever um paciente de quem tratou ontem.

- Sigi, não posso. Johannes está chorando e, se eu não for acalmá-lo, acordará os outros.

Assim que ela partiu, Freud se voltou para Breuer: -• Agora, Josef, e quanto ao estranho

encontro com aquela irmã do estudante de medicina?

Breuer hesitou, reunindo os pensamentos. Desejava discutir com Freud a proposta de Lou

Salomé, mas temia que provocasse uma discussão excessiva do seu tratamento de

Bertha.

56 - Bem, o irmão dela lhe contou sobre meu tratamento de Bertha Pappenheim. Agora, ela

quer

que eu aplique o mesmo tratamento a um amigo dela que está emocionalmente

perturbado.

- Como foi que esse estudante de medicina, esse tal de Jenia Salomé, veio a saber de

Bertha

Pappenheim? Você sempre relutou em conversar comigo sobre esse caso, Josef . Não

sei nada

sobre ele, afora o fato de que você recorreu ao mesmerismo.

Breuer teve a impressão de ter detectado um traço de ciúme na voz de Freud.

- Sim, não falei muito sobre Bertha, Sig. A família dela é conhecida demais na

comunidade.

Evitei especialmente falar com você depois que soube que Bertha é amicíssima da sua

noiva.

Porém, alguns meses atrás, dando-lhe o pseudónimo de Arma O., descrevi brevemente

seu

tratamento em uma conferência para alunos de medicina.

Freud se inclinou curioso em sua direção.

- Nem queira saber quão curioso estou sobre os detalhes de seu novo tratamento, Josef.

Você

não poderia ao menos me relatar o que disse aos alunos de medicina? Você sabe que sei

guardar segredos profissionais, mesmo de Martha.

Breuer hesitou. Até que ponto contar? Sem dúvida, muita coisa Freud já sabia.

Certamente,

durante meses, Mathilde não guardara segredo de seu aborrecimento com o tempo

excessivo

que o marido dedicava a Bertha. Além disso, Freud estivera presente na casa no dia em

que

Mathilde finalmente explodiu de raiva e proibiu Breuer de, dali em diante, mencionar o

nome

de sua jovem paciente na presença dela.

Felizmente, Freud não testemunhara a cena catastrófica final de seu tratamento de

Bertha!

Breuer jamais esqueceria daquele dia terrível em que foi à casa da paciente e a encontrara à

volta com as dores de um parto imaginário, proclamando alto e bom som: "Está

chegando o

bebé do doutor Breuer!" Quando Mathilde soube disso-esse tipo de notícia logo se

espalha

entre as donas-de-casa judias -, exigiu que Breuer transferisse imediatamente o caso de

Bertha

para outro médico.

Teria Mathilde contado tudo isso para Freud? Breuer não queria perguntar. Não agora.

Talvez

mais tarde, quando a poeira tivesse se assentado. Desse modo, escolheu suas palavras

com

cuidado:

- Bem, você sabe, é claro, Sig, que Bertha tinha todos os sintomas típicos da histeria:

distúrbios sensoriais e motores, contrações

musculares, surdez, alucinações, amnésia, afonia, fobias, bem como manifestações

incomuns.

Por exemplo, tinha alguns distúrbios linguísticos bizarros, sendo incapaz, às vezes

durante

semanas a fio, de falar alemão, especialmente de manhã. Nessas ocasiões,

conversávamos em

inglês. Ainda mais bizarra era sua dupla vida mental: uma parte dela vivia no presente; a

outra

parte dela respondia emocionalmente a eventos ocorridos exatamente um ano antes,

conforme

descobrimos ao examinar o diário da mãe do ano anterior. Ela também sofria de uma

grave

nevralgia facial, controlável apenas através da morfina. E, é claro, tornou-se viciada.

- Você a tratou com mesmerismo? - perguntou Freud.

- Essa era minha intenção original. Planejei seguir o método de Liebault de remover os

sintomas através da sugestão hipnótica. Mas, graças a Bertha - ela é uma mulher

extraordinariamente criativa -, descobri um princípio de tratamento inteiramente novo.

Nas

primeiras semanas, visitava-a diariamente e, invariavelmente, encontrava-a em um

estado tão

agitado, que não havia muito que fazer. Mas então, constatamos que ela conseguia

descarregar

sua agitação descrevendome em detalhe cada evento aborrecedor do dia.

Breuer parou e fechou os olhos para reunir os pensamentos. Ele sabia que esse caso era

importante e queria incluir todos os fatos significativos.

- O processo levou tempo. Com freqüência, Bertha precisava de uma hora todas as manhãs, o

que chamava de "limpeza da chaminé", apenas para limpar sua mente dos sonhos e das

fantasias desagradáveis e, depois, em meu retorno à tarde, novas irritações haviam se

acumulado e exigiam uma nova limpeza de chaminé. Somente depois de limparmos

esse

entulho diário da mente dela, conseguíamos passar para a tarefa de aliviar seus sintomas

mais

duradouros. Nesse ponto, Sig, topamos com uma descoberta surpreendente!

Ante o tom portentoso de Breuer, Freud, que acendera um charuto, gelou e, na ânsia de

escutar

as próximas palavras do amigo, deixou o fósforo queimar-lhe o dedo.

- Ach, mein GotA* - exclamou, livrando-se do fósforo e chupando o dedo. - Prossiga,

Josef, a descoberta surpreendente foi...?

* "Oh! Meu Deus!" Em alemão, no original. (N. do T.)

58 - Bem, descobrimos que, quando ela retrocedia até a fonte exata de um sintoma e a

descrevia

para mim, o sintoma desaparecia por si próprio - sem necessidade de qualquer sugestão

hipnótica.

- Fonte? - perguntou Freud, agora tão fascinado, enquanto punha o charuto no cinzeiro e

o

deixava ali, queimando e esquecido. - O que você quer dizer, Josef, com fonte do

sintoma?

- O irritante original, a experiência que deu origem a ele.

- Por favor! - Freud suplicou. - Um exemplo.

- Falarei sobre a hidrofobia dela. Bertha não conseguira ou não quisera beber água

durante

várias semanas. Sentia uma sede enorme, mas, ao apanhar um copo d'água, não

conseguia

beber e era forçada a matar a sede com melões e outras frutas. Um dia, em um transe -

ela se

auto-hipnotizava e entrava automaticamente em transe a cada sessão -, recordou como,

semanas antes, entrara no quarto da dama de companhia e testemunhara o cão bebendo

água do

copo dela. Assim que descreveu essa lembrança para mim, ao mesmo tempo em que

descarregava toda sua raiva e nojo, pediu um copo d'água e bebeu sem dificuldade. O

sintoma

nunca mais voltou.

- Notável, notável! - exclamou Freud. - E então?

- Logo estávamos atacando todos os outros sintomas dessa mesma forma sistemática.

Vários

sintomas - por exemplo, sua paralisia no braço e suas alucinações visuais de caveiras e

cobras

- tinham como base o choque pela morte do pai. Ao descrever todos os detalhes e as

emoções

daquela cena - para estimular sua recordação, cheguei a pedir que dispusesse a mobília

como

estivera por ocasião da morte dele -, todos esses sintomas se dissolveram

imediatamente.

-Maravilha! - Freud se levantara e estava andando de entusiasmo. - As implicações

teóricas são fantásticas. E inteiramente compatíveis com a teoria helmholtziana! Uma

vez

descarregada a carga elétrica cerebral excessiva responsável pelos sintomas através da

catarse

emocional, os sintomas se conduzem apropriadamente e de pronto desaparecem! Mas

você

parece tão calmo, Josef. Essa é uma notável descoberta. Você precisa publicar esse

caso.

Breuer suspirou profundamente.

- Quem sabe, um dia? Mas agora não é o momento. Existem complicações pessoais

demais.

Tenho que considerar os sentimentos de Mathilde. Talvez agora que descrevi o

procedimento

de meu tra-

tamento você reconheça quanto tempo tive que investir no tratamento de Bertha. Bem,

Mathilde

simplesmente não conseguiu ou não quis entender a importância científica do caso.

Como você

sabe, ela ficou ressentida com as horas que gastei com Bertha; aliás, continua tão

zangada, que

se recusa a falar comigo a respeito.

- Além disso - continuou Breuer -, não posso publicar um caso que terminou tão mal,

Sig.

Por insistência de Mathilde, afasteime do caso e transferi Bertha para o sanatório de

Binswanger, em Kreuzlingen, em julho último. Ela continua sob tratamento lá. Tem

sido difícil

afastá-la da morfina, e, ao que parece, alguns de seus sintomas, como a incapacidade de

falar

alemão, retornaram.

- Mesmo assim - Freud tomou cuidado para evitar o tópico da raiva de Mathilde -, o caso

abre novas fronteiras, Josef. Ele poderia revelar toda uma nova abordagem de

tratamento.

Você poderia descrevê-lo para mim quando tivermos mais tempo? Gostaria de conhecer

cada

detalhe.

- Será um prazer, Sig. No meu consultório, tenho uma cópia do sumário que mandei

para

Binswanger... cerca de trinta páginas. Você poderá começar por sua leitura.

Freud consultou seu relógio.

- Ih! Está tarde e você ainda não me contou a história da irmã desse estudante de

medicina. A

amiga dela, aquela que ela quer que você trate com sua nova terapia através da

conversa, é uma

histérica? Com sintomas como os de Bertha?

- Não, Sig, é aqui que a história se torna interessante. Não há histeria e o

paciente não é

"uma

amiga". E um homem que está, ou esteve, apaixonado por ela. Ele caiu em uma dor-de-

cotovelo suicida quando ela o trocou por outro homem, um ex-amigo dele! Obviamente,

ela se

sente culpada e não quer o sangue dele em sua consciência.

- Mas Josef- Freud pareceu chocado -, dor-de-cotovelo\ Isso não é um caso médico.

- Essa também foi minha reação inicial. Exatamente o que disse a ela. Mas espere até

ouvir o

resto. A história melhora. O amigo dela, aliás um exímio filósofo e amigo íntimo de

Richard

Wagner, não quer ajuda ou ao menos é orgulhoso demais para pedi-la. Ela quer que eu

seja um

mágico. Sob o disfarce de uma consulta comigo sobre o esta-

r: QUANDO NffiTZSCHE CHOROU

do clínico dele, quer que eu sorrateiramente o cure do sofrimento psicológico.

- Impossível! Certamente, Josef, voc^ não vai se meter nisso.

- Infelizmente, já me meti.

-Por quê? - Freud apanhou novamente o charuto e inclinou-se para a frente, franzindo as

sobrancelhas em sua preocupação com o amigo.

- Eu mesmo não sei exatamente, Sig. Depois que abandonei o caso de Pappenheim, tenho me

sentido inquieto e estagnado. Talvez eu precise de uma distração, um desafio como esse.

Mas

existe outra razão pela qual aceitei o caso! A verdadeira razão! Essa irmã do estudante

de

medicina é incrivelmente persuasiva. E impossível dizer não para ela. Que grande

missionária

seria! Creio que conseguiria converter um cavalo em uma galinha. Ela é extraordinária,

não sei

como descrever. Talvez um dia você a conheça. Aí você verá.

Freud se ergueu, espreguiçou-se, andou até a janela e abriu de par em par as cortinas de

veludo.

Incapaz de enxergar através do vapor no vidro, secou uma pequena parte com seu lenço.

- Ainda chove, Sig? - perguntou Breuer. - Devemos chamar Fischmann?

- Não, está quase parando. Caminharei. Mas tenho outras perguntas sobre esse

novo

paciente.

Quando você o verá?

- Ainda não tenho idéia. Eis outro problema. Frãulein Salomé e ele estão brigados

agora. Aliás,

ela me mostrou uma de suas cartas furiosas. Não obstante, ela me garante que "fará"

com que ele

venha me consultar por seus problemas médicos. E não tenho dúvida de que, nisso e em

todo o

resto, ela fará exatamente o que planejar.

- A natureza dos problemas médicos desse homem justifica uma consulta clínica?

- Sem dúvida. Ele está muito doente e já se consultou com mais de vinte médicos,

muitos com

excelente reputação. Ela me desfiou uma longa lista de seus sintomas: graves dores de

cabeça,

cegueira parcial, náusea, insónia, vômitos, grave indigestão, problemas de equilíbrio,

fraqueza.

Ao ver Freud sacudir a cabeça perplexo, Breuer acrescentou:

- Se você pretende se dedicar à clínica médica, tem que se acostumar com esses quadros

desconcertantes. pacientes polissintomáticos

e que pulam de médico em médico fazem parte do dia-a-dia de minha clínica. Aliás,

Sig, você

poderá aprender muito com esse caso. Eu o manterei informado. - Breuer refletiu por um

momento. - Que tal um rápido exercício de um minuto? Até agora, com base apenas

nesses

sintomas, qual é seu diagnóstico diferencial?

- Não sei, Josef, os sintomas não combinam entre si.

- Não seja tão cauteloso. Dê um palpite. Pense em voz alta. Freud enrubesceu. Por

maior que

fosse sua sede de conhecimento, detestava exibir ignorância.

- Talvez esclerose múltipla ou um tumor na parte occipital do cérebro. Envenenamento

por

chumbo? Simplesmente não sei.

Breuer acrescentou:

- Não esqueça a hemicrania. E quanto à hipocondria delirante?

- O problema - disse Freud - é que nenhum desses diagnósticos explica todos os

sintomas.

- Sig - disse Breuer, levantando-se e falando em um tom confiante -, vou lhe revelar um

segredo profissional. Um dia será seu ganha-pão como clínico. Aprendi-o com

Oppolzer, que uma

vez me revelou: "Os cães podem ter pulgas e piolhos também."

- Significando que o paciente pode...

- Isso! - interrompeu Breuer, pondo o braço sobre os ombros de Freud. Os dois homens

começaram a percorrer o longo corredor. - O paciente pode ter duas doenças. Na

verdade, os

pacientes que consultam um médico geralmente as têm.

-Voltemos ao problema psicológico, Josef. Sua Frãuleín diz que esse homem não

reconhece o

sofrimento psicológico dele. Se ele sequer admitir ser um suicida potencial, como você

fará?

- Isso não deve constituir um problema - respondeu Breuer confiante. - Quando preparo

uma

anamnese, sempre encontro oportunidades de me esgueirar no domínio psicológico. Ao

indagar

sobre insónia, por exemplo, muitas vezes pergunto que tipos de pensamentos mantêm o

paciente

desperto. Ou, após o paciente recitar a ladainha de seus sintomas, costumo me mostrar

solidário e

pergunto, como que casualmente, se se sente desencorajado pela doença, se sente

vontade de

desistir ou se não quer mais viver. Com isso, raramente deixo de persuadir o paciente a me contar

tudo.

62 Na porta de entrada, Breuer ajudou Freud a vestir o casaco.

- Não, Freud, esse não é o problema. Garanto-lhe que não terei dificuldade em ganhar a

confiança de nosso filósofo e em fazer com que confesse tudo. O problema é: que fazer

com o que

eu ouvir?

- Sim, quedara se ele for um suicida potencial?

- Se eu me convencer de que ele pretende se suicidar, farei com que seja imediatamente

internado: seja no asilo de lunáticos, em Brunnlfeld, ou talvez em um sanatório

particular como o

de Breslauer em Inzerdorf. Mas Sig, esse não será o problema. Pense bem: se ele

planejasse

realmente o suicídio, dar-se-ia ao trabalho de se consultar comigo?

- E claro! - Freud, aparentemente perturbado, deu um tapinha na parte do lado da cabeça

como

castigo pela lerdeza de raciocínio.

Breuer continuou:

- Não, o problema real será o que fazer com ele caso nãoseJA um suicida, caso esteja

apenas

sofrendo grandemente.

- Sim - disse Freud -, e aí?

- Nesse caso, terei que persuadi-lo a procurar um sacerdote. Ou talvez a uma longa

estadia no

balneário de Marienbad. Ou inventar um modo de tratá-lo pessoalmente!

- Inventar um modo de tratá-lo? O que você quer dizer, Josef? Que espécie de modo?

-Mais tarde, Sig. Conversaremos mais tarde. Agora, vá embora! Não fique nesta sala

aquecida

com este casaco pesado. Assim que Freud saiu pela porta, olhou para trás.

- Qual é mesmo o nome desse filósofo? Alguém de quem eu tenha ouvido falar?

Breuer hesitou. Lembrando-se da ordem de Lou Salomé de guardar segredo,

irrefletidamente

inventou para Friedrich Nietzsche um nome segundo o mesmo código pelo qual Anna O.

representava Bertha Pappenheim.

- Não, ele é desconhecido. O nome é Miiller, Eckart Muller.

CAPITULO 4

DUAS SEMANAS MAIS TARDE, Breuer estava sentado em seu consultório, vestindo

seu jaleco

branco e lendo uma carta de Lou Salomé:

23 de novembro de 1882

Caro Dr. Breuer,

Nosso plano está funcionando. O professor Overbeck concorda plenamente com nosso

parecer de que a situação é de fato

perlgosíssima. Ele nunca viu Nietzsche em pior situação. Ele exercerá toda influência

possível para persuadi-lo a se consultar

com o senhor. Nem eu nem Nietzsche jamais esqueceremos sua gentileza nesse período

de nossa necessidade.

Lou Salomé

"Nosso plano, nosso parecer, nossa necessidade. Nosso, nosso, nossa." Breuer largou a carta -

tendo-a lido talvez pela décima vez após a chegada uma semana antes - e apanhou o

espelho

sobre a escrivaninha para se observar dizendo "nosso". Viu um pedaço de lábio fino e róseo

circundando um pequeno buraco preto em meio a cerdas castanho-avermelhadas. Abriu

mais o

buraco e observou lábios elásticos se estenderem em torno de dentes amarelecidos que

despontavam de suas gengivas como lápides semi-enterradas. Cabelo e buraco, chifre e

dentes -

ouriço, lontra, macaco, Josef Breuer.

Detestava a visão de sua barba. Naquela época, homens barbeados eram vistos com uma

freqüência crescente nas ruas; quando ele teria coragem de barbear aquela desordem

peluda?

Detestava também

64 o insidioso afloramento de fios grisalhos em seu bigode, no lado esquerdo do queixo e

em suas

costeletas. Essas cerdas grisalhas eram - ele sabia-a vanguarda de uma invasão

implacável e

fria. Não haveria como deter a marcha das horas, dos dias, dos anos.

Breuer odiou todo o reflexo no espelho: não apenas a onda grisalha e os dentes e

cabelos

animalescos, mas o nariz adunco como que tentando alcançar o queixo, as orelhas

absurdamente grandes e a enorme fronte careca - a calvície começara ali e, sem piedade,

abrira caminho para trás, exibindo uma calva vergonhosa.

E os olhos! Breuer se acalmou e olhou para dentro de seus olhos; sempre lograva

encontrar

juventude ali. Piscou. Muitas vezes piscava e acenava para si mesmo - para seu

verdadeiro

eu, para o Josef de dezesseis anos habitando naqueles olhos. Naquele dia, porém,

nenhuma

saudação do jovem Josef! Pelo contrário, os olhos de seu pai o fitaram - olhos velhos e

cansados cercados de pálpebras enrugadas e avermelhadas. Breuer observou fascinado a

boca

de seu pai formar um buraco e dizer: "Nosso, nosso, nosso." Com uma freqüência

crescente,

Breuer pensava no pai. Leopold Breuer estava morto havia dez anos. Falecera aos 82

anos, 42

anos mais velho do que Josef agora.

Largou o espelho. Quarenta e dois anos restantes! Como suportaria mais 42 anos?

Quarenta e

dois anos esperando os anos passarem. Quarenta e dois anos fitando seus olhos

envelhecendo.

Haveria escapatória da prisão do tempo? Ah! Ser capaz de recomeçar! Mas como?

Onde? Com

quem? Não com Lou Salomé. Ela era livre e poderia adejar, quando bem entendesse,

para

dentro e para fora da prisão dele. Mas nada seria "nosso" com ela - nunca "nossa" vida,

"nossa" nova vida.

Tampouco - ele sabia - voltaria a ter com Bertha algo "nosso". Sempre que conseguia

escapar das velhas e circulares lembranças de Bertha - a fragrância de amêndoa da cútis,

a

intumescência dos seios sob o vestido, o calor do corpo ao se reclinar sobre ele quando

entrava em transe -, sempre que conseguia retroceder e adquirir uma autoperspectiva,

percebia que, o tempo todo, Bertha fora uma fantasia.

Pobre, amorfa, louca Bertha - que sonho tolo pensar que eu poderia completá-la, moldá-

la, de

sorte que ela, por sua vez, pudesse me dar... o quê? Eis a questão. O que eu estava

esperando

dela? De quê eu carecia? Não tinha uma vida boa? Com quem lamentar que minha vida

me

levou irrevogavelmente a uma senda cada vez mais estreita?

65

Quem há de compreender meu tormento, minhas noites insones, meu flerte com o

suicídio?

Afinal, não tenho tudo com que se pode sonhar: dinheiro, amigos, família, uma bela e

encantadora esposa, renome, respeitabilidade? Quem me confortará? Quem se absterá

de

formular a pergunta banal: "Que mais no mundo se lhe faz preciso?"

A voz de Frau Becker anunciando a chegada de Friedrich Nietzsche surpreendeu

Breuer, ainda

que o esperasse.

Robusta, baixa, cabelos grisalhos, vigorosa e usando óculos, Frau Becker cuidava do

consultório de Breuer com precisão espantosa. De fato, desempenhava seu papel tão

consumadamente, que não restavam indícios da Frau Becker privada. Nos seis meses

desde

que a contratara, não trocaram nenhuma palavra pessoal. Embora ele tentasse, não

conseguia se

lembrar do prenome dela ou imaginá-la em qualquer outra tarefa além das de

enfermeira. Frau

Becker em um piquenique? Lendo o Neue Freie Presse matutino? Na banheira? A

atarracada

Frau Becker desnuda? Montando um cavalo? Com a respiração ofegante devido à

paixão?

Inconcebível!

Contudo, embora a repudiasse como mulher, Frau Becker era uma observadora astuta e

Breuer

aprendera a valorizar suas impressões iniciais.

- Que impressão a senhora tem desse professor Nietzsche?

-Doutor, ele tem a conduta de cavalheiro, mas não se traja como tal. Parece acanhado.

Quase

humilde. E de modos gentis, bem diferente de muitos dos cavalheiros e das damas que

aqui

vêm; por exemplo, aquela dama russa de duas semanas atrás.

O próprio Breuer notara uma gentileza na carta do professor Nietzsche solicitando uma

consulta, conforme conviesse ao doutor Breuer, dentro das duas semanas

seguintes, se é

que

seria possível. Segundo explicou em sua carta, Nietzsche viajaria a Viena

expressamente para

fins de uma consulta. Até receber resposta, permaneceria na Basileia com seu amigo, o

professor Overbeck. Breuer sorriu ao contrastar a carta de Nietzsche com os despachos

de Lou

Salomé ordenando-lhe que estivesse disponível à conveniência dela.

Enquanto esperava Frau Becker conduzir Nietzsche para dentro, Breuer esquadrinhou

sua

escrivaninha e, de súbito, notou, alarmado, os dois livros que Lou Salomé lhe dera.

Durante

uma meia hora livre no dia anterior, os havia folheado e os deixara descuidadamente à

66 vista. Percebeu que, se Nietzsche os visse, o tratamento terminaria antes de começar,

pois seria

impossível explicá-los sem mencionar Lou Salomé. Que descuido incomum, pensou

Breuer.

Estarei tentando sabotar este empreendimento?

Rapidamente enfiando os livros em uma gaveta da escrivaninha, levantou-se para saudar

Nietzsche. O professor não era absolutamente o que esperara com base na descrição de

Lou. Seus

modos eram gentis e, embora com um físico sólido - cerca de 1,70 ou 1,80 metros e 70

ou 80

quilos -, seu corpo tinha algo de curiosamente insubstancial, como se fosse possível

passar a

mão através dele. Trajava um paletó preto e quase tão pesado como um uniforme

militar. Sob a

jaqueta, trazia um pesado suéter marrom de camponês que lhe cobria quase por

completo a

camisa e a gravata de cor malva.

Ao se darem as mãos, Breuer notou a pele fria e o frágil aperto de mão.

- Bom dia, professor. Mas não tão bom para viajantes, imagino.

- Não, doutor Breuer, nada bom para viajar. Não no estado que me traz aqui. Aprendi a

evitar tal

clima. Somente sua excelente reputação me atrai para tão ao norte no inverno.

Antes de se sentar na cadeira que Breuer lhe indicou, Nietzsche agitadamente pôs uma

pasta

bojuda e puída, primeiro, num lado da cadeira e, depois, no outro, aparentemente

procurando um

lugar adequado para repousá-la.

Breuer sentou-se em silêncio e continuou a inspecionar seu paciente, enquanto este se

acomodava. A despeito da aparência modesta, Nietzsche transmitia uma forte presença.

Era a

cabeça poderosa que chamava a atenção. Especialmente seus olhos castanho-claros, mas

extraordinariamente intensos e profundamente assentados sob uma crista orbital

proeminente. O

que Lou Salomé dissera sobre os olhos dele? Que pareciam olhar para dentro, como que

para um

tesouro oculto? Sim, Breuer pôde percebê-lo. Os cabelos castanhos e brilhantes de seu

paciente

estavam cuidadosamente penteados. Afora um longo bigode, que caía qual avalanche sobre seus

lábios e em cada canto da boca até o queixo, estava barbeado. O bigode evocou em

Breuer uma

sensação de afinidade: sentiu o impulso quixotesco de advertir o professor para não

comer uma

torta vienense em público, especial-

I 67 mente coberta de creme chantilly, para não ter que ficar limpando o bigode com o pente depois.

A voz suave de Nietzsche surpreendeu: a voz em seus dois livros fora vigorosa, ousada

e

impositiva, quase estridente. Repetidas vezes, Breuer iria encontrar essa mesma

discrepância

entre o Nietzsche de carne e osso e o Nietzsche do papel e da pena.

Com exceção da breve conversa com Freud, Breuer pouco pensara sobre essa consulta

incomum.

Agora, pela primeira vez, questionou seriamente a sensatez de estar envolvido naquele

caso. Lou

Salomé, a enfeitiçante, a grande conspiradora, estava longe e em seu lugar sentava-se

aquele

professor Nietzsche enganado e que de nada suspeitava. Dois homens manipulados para

um

encontro sob falsos pretextos por uma mulher que agora, sem dúvida, já estaria metida

em nova

intriga. Não, não se sentia entusiasmado por essa aventura.

Mesmo assim, é hora de esquecer tudo isso - pensou Breuer. Um homem que ameaçou

se

suicidar tornou-se meu paciente e devo conceder-lhe minha total atenção.

- Como foi sua viagem, professor Nietzsche? Pelo que entendi, acaba de chegar da

Basiléia?

- Essa foi minha última parada - Nietzsche respondeu, rijo, em sua cadeira. - Toda

minha vida

se tornou uma viagem e começo a sentir que meu único lar, o único lugar familiar para

onde

sempre retorno, é minha doença.

Não era um homem para conversas miúdas - refletiu Breuer.

- Então, professor Nietzsche, passemos imediatamente a investigar sua doença.

- Não seria mais eficiente examinar estes documentos? - Nietzsche tirou de sua pasta uma outra

pasta de papéis, pesada e atulhada. - Tenho estado doente talvez por toda a vida,

porém

mais

gravemente na última década. Eis os relatórios completos de minhas consultas

anteriores. Posso

abrir?

Breuer fez que sim com a cabeça e Nietzsche abriu a pasta de papéis, estendeu o braço

sobre a

escrivaninha de Breuer e pôs todo o conteúdo - cartas, diagramas de hospital e exames

de

laboratório - diante do médico.

68 Breuer correu os olhos pela primeira página, que continha uma lista de 24 médicos e a

data de

cada consulta. Reconheceu vários nomes suíços, alemães e italianos proeminentes.

- Alguns destes nomes são de meu conhecimento. Todos excelentes médicos! Vejo três -

Kessler, Turin e Koenig - que conheço bem. Eles estudaram em Viena. Conforme

insinua,

professor Nietzsche, seria insensato ignorar as observações e conclusões desses

excelentes

homens; porém, há uma grande desvantagem em começar por eles. Autoridade demais,

excesso de

opiniões e conclusões prestigiadas oprimem nossos poderes de síntese imaginativa. Por

uma

razão semelhante, prefiro ler uma peça antes de vê-la encenada e, certamente, antes de

ler as

críticas. Ao que lhe consta, esse não é o caso no seu próprio trabalho?

Nietzsche pareceu surpreso. Bom - pensou Breuer. O professor Nietzsche precisa ver

que sou

uma espécie diferente de médico. Ele não está acostumado com médicos que conversam

sobre

construtos psicológicos ou perguntam inteligentemente sobre o trabalho dele.

- Sim - respondeu Nietzsche -, é uma consideração importante no meu trabalho. Meu

campo

original é a filologia. Minha primeira nomeação, minha única nomeação, foi como

professor de

filologia na Basiléia. Tenho um interesse especial pelos filósofos présocráticos e com

eles sempre

achei crucial retornar ao texto original. Intérpretes de textos são sempre desonestos...

não

intencionalmente, é claro, mas não conseguem transcender seu próprio contexto

histórico. Aliás,

nem seu próprio contexto autobiográfico.

-Mas não estar propenso a homenagear os intérpretes não torna a pessoa impopular na

comunidade filosófica académica? - Breuer sentiu-se confiante. A consulta ia de vento

em popa.

Embarcara bem no processo de persuadir Nietzsche de que ele, seu novo médico, era

um espírito

afim com interesses afins. Não seria difícil seduzir esse professor Nietzsche; Breuer via

realmente

como sedução atrair seu paciente para um relacionamento que não procurara de modo a

obter

uma ajuda que não solicitara.

- Impopular? Sem dúvida! Tive que renunciar à minha cátedra, três anos atrás, devido à

minha

doença: a mesma doença, ainda sem diagnóstico, que me traz hoje aqui. Mas mesmo

que gozasse

de perfeita saúde, creio que minha desconfiança em relação aos intérpretes

acabaria me transformando num conviva importuno à mesa acadé-

mica.

Mas, professor Nietzsche, se todos os intérpretes são limitados

por seu contexto autobiográfico, como o senhor escapa da mesma limitação no seu

trabalho?

- Primeiro - respondeu Nietzsche - é preciso identificar a limitação. Depois, é preciso

aprender a se ver de longe, embora às vezes, infelizmente, a gravidade da minha doença

prejudique a perspectiva.

Não passou despercebido de Breuer que era Nietzsche, e não ele, quem mantinha a

discussão

centrada na doença dele, que era, afinal, a raison d'être daquele encontro. Haveria talvez

uma

reprovação sutil nas palavras de Nietzsche? "Não force a barra, Josef, lembrou a si

mesmo. "A

confiança de um paciente em um médico não deve ser explicitamente buscada; ela se

seguirá

naturalmente de uma consulta competente." Embora muitas vezes autocrítico em várias

áreas de

sua vida, Breuer tinha suprema confiança em si como médico. "Não seja bajulador,

superior,

maquinador ou estrategista", seus instintos lhe aconselharam. "Simplesmente, aja de

acordo com

sua forma profissional habitual."

- Retornemos ao nosso mister, professor Nietzsche. Eu quis dizer que prefiro fazer uma anamnese

e um exame antes de examinar seus registros. Então, em nosso próximo encontro,

tentarei lhe

fornecer uma síntese o mais abrangente possível.

Breuer pôs um bloco de papel em branco diante dele na escrivaninha.

- Sua carta me informou algumas coisas sobre seu estado: que tem tido cefaléias e

sintomas

visuais há pelo menos dez anos; que raramente se livra da doença; que, conforme suas

próprias

palavras, sua doença sempre o espreita. E hoje o senhor me informou que ao menos 24

médicos

não conseguiram ajudá-lo. Isso é tudo que sei a seu respeito. Assim, podemos começar?

Primeiro,

conte com suas próprias palavras tudo sobre sua doença.

CAPÍTULO 5

DURANTE NOVENTA MINUTOS, os dois homens conversaram. Breuer, sentado em

sua cadeira

de couro de espaldar alto, tomava rápidas notas. Nietzsche, que ocasionalmente parava a

fim de

permitir que a pena de Breuer o acompanhasse, estava sentado em uma cadeira revestida

do

mesmo couro, igualmente confortável mas menor do que a de Breuer. Como a maioria

dos

médicos daquela época, Breuer preferia que seus pacientes o olhassem de baixo para

cima.

A avaliação clínica de Breuer era completa e metódica. Após primeiro escutar com

cuidado o

paciente descrever livremente a doença, investigava sistematicamente cada sintoma: sua

primeira

aparição, sua transformação com o tempo, sua resposta aos esforços terapêuticos. Seu

terceiro

passo era verificar cada sistema orgânico do corpo. Começando no alto da cabeça,

Breuer ia

descendo até os pés. Primeiro o sistema cerebral e nervoso. Começava inquirindo sobre

o

funcionamento de cada um dos doze nervos craniais: o sentido do olfato, da visão, os

movimentos

do olho, a audição, o movimento e a sensação facial e da língua, a deglutição, o

equilíbrio, a fala.

Descendo pelo corpo, Breuer examinava, um a um, todos os outros sistemas funcionais:

respiratório, cardiovascular, gastrintestinal e gênito-urinário. Esse exame meticuloso dos órgãos

mexia com a memória do paciente e garantia que nada passava despercebido. Breuer

jamais

omitia qualquer etapa, mesmo sabendo de antemão o diagnóstico.

Em seguida, uma cuidadosa anamnese: a saúde do paciente na infância, a saúde dos pais

e irmãos

e uma investigação de todos os

72 73 outros aspectos de sua vida: opção profissional, vida social, serviço militar, mudanças geográficas, preferências alimentares e recreativas. O passo final de Breuer era dar

rédea solta à

sua intuição e formular todas as outras perguntas que os dados coletados sugeriam.

Destarte,

dias antes, em um caso curioso de dificuldade respiratória, diagnosticara corretamente

triquinose do diafragma perguntando em que grau seu paciente cozinhava o porco

defumado e

salgado.

Durante todo o procedimento, Nietzsche se manteve totalmente atento: de fato, anuía

reconhecidamente a cada pergunta de Breuer. Nenhuma surpresa, é claro, para Breuer.

Jamais

encontrara um paciente que não gostasse secretamente de um exame microscópico de

sua vida.

Quanto maior o poder de ampliação, mais o paciente gostava. A alegria de ser

observado era

tão arraigada que, na crença de Breuer, a verdadeira dor da velhice, do luto, de

sobreviver aos

amigos estava na ausência de escrutínio: o horror de viver uma vida inobservada.

Breuer ficou surpreso - isso sim - com a complexidade das doenças de Nietzsche e com

a

minúcia das próprias observações do paciente. As anotações de Breuer preencheram

uma

página após outra. Sua mão começou a se cansar enquanto Nietzsche descrevia um

terrível

conjunto de sintomas: dores de cabeça monstruosas, alucinantes; marcação em plena

terra

firme: vertigem, desequilíbrio, náusea, vómitos, anorexia, aversão a comida; febres e

intensos

suores noturnos que exigiam duas ou três mudanças do pijama e da roupa de cama;

acessos

violentos de fadiga que, às vezes, se aproximavam da paralisia muscular generalizada;

dores

gástricas; vomito de sangue; cólicas intestinais; grave constipação; hemorróidas; e problemas

visuais incapacitantes: fadiga ocular, perda inexorável da visão, freqüente lacrimação e

dor nos

olhos, confusão visual e grande sensibilidade à luz, especialmente de manhã.

As perguntas de Breuer acrescentaram alguns outros sintomas que Nietzsche

negligenciara ou

relutara em mencionar: cintilações e escotomas visuais, que costumavam preceder uma

cefaléia;

insónia incurável; graves cólicas musculares noturnas; tensão generalizada; e mudanças

de

humor rápidas e inexplicáveis.

Mudanças de humor! As palavras pelas quais Breuer esperara. Conforme descrevera a

Freud,

sempre sondava um ponto de entrada propício para a condição psicológica do paciente.

Essas

"mudanças de

humor" talvez fossem exatamente a chave ao desespero e às intenções suicidas de

Nietzsche!

Breuer prosseguiu cautelosamente, solicitando-lhe que aprofundasse as mudanças de

humor.

Notou alterações em seus sentimentos que parecem relacionadas com sua doença?

A conduta de Nietzsche não se alterou. Parecia despreocupado de que essa pergunta

pudesse

conduzir a uma área mais íntima.

- Houve vezes em que, no dia anterior a um ataque, tenho me sentido particularmente

bem;

chego a pensar que me sinto perigosamente bem.

- E após o ataque?

- Meu ataque típico dura de doze horas a dois dias. Após um desses ataques, sinto-me

geralmente fatigado e pesado como chumbo. Mesmo meus pensamentos ficam lerdos

por um

ou dois dias. Mas, às vezes, mormente após um longo ataque de vários dias, é diferente.

Sinto-

me renovado, purificado. Estouro de energia. Adoro essas ocasiões: minha mente

enxameia

com as mais raras ideias.

Breuer persistiu. Uma vez encontrada a trilha, não desistia facilmente da caçada.

- Sua fadiga e a sensação de peso quanto tempo duram?

- Não muito. Depois que o ataque diminui e o corpo volta a pertencer a si, assumo o controle.

Então, faço um esforço de vontade para superar a sensação de peso.

Talvez - refletiu Breuer - isso seria mais difícil do que pensara de início. Ele teria que

ser

mais direto. Nietzsche, estava claro, não forneceria voluntariamente quaisquer

informações

sobre o desespero.

- E a melancolia? Até que ponto acompanha ou sucede os ataques?

-Tenho períodos negros. Quem não tem? Mas eles não me possuem. Eles não são da

minha

doença, mas de meu ser. Poder-se-ia dizer que tenho a coragem de tê-los.

Breuer notou o ligeiro sorriso de Nietzsche e seu tom ousado. Agora, pela primeira vez,

Breuer

reconheceu a voz do homem que escrevera aqueles dois audaciosos e enigmáticos livros

escondidos na gaveta da escrivaninha. Pensou, mas apenas por um momento, em

desafiar

frontalmente a distinção ex cathedra de Nietzsche entre os

74 domínios da doença e do ser. Quanto à declaração de que tinha coragem de ter os

períodos

negros, o que queria dizercom isso? Mas, paciência! Melhor manter o controle da

consulta.

Outras aberturas haveria. Cuidadosamente, continuou.

- Alguma vez escreveu um diário detalhado de seus ataques: sua freqüência,

intensidade,

duração?

- Não neste ano. Tenho estado preocupado demais com eventos e mudanças vultosos em

minha vida. Mas, no ano passado, tive 117 dias de absoluta incapacidade e quase

duzentos dias

de incapacidade parcial, com dores de cabeça mais leves, dor nos olhos, dor no

estômago ou

náusea.

Estava diante de duas aberturas promissoras, mas qual delas seguir? Deveria

indagar

sobre a

natureza daqueles "eventos e mudanças vultosos" - decerto Nietzsche se referia a Lou Salomé

- ou fortalecer a relação médico-paciente mostrando-se empático? Sabendo que toda

relação

seria pouca, Breuer optou pelo segundo caminho.

- Vejamos, com isso restam apenas 48 dias sem doença. É muito pouco tempo com

saúde,

professor Nietzsche.

- Retrocedendo alguns anos, vejo que raramente tive períodos de bem-estar que

persistissem

por mais de duas semanas. Acho que consigo lembrar cada um deles.

Detectando um tom melancólico, desesperançado na voz de Nietzsche, Breuer resolveu

apostar. Eis uma abertura que poderia levar diretamente ao desespero do paciente.

Largou a

pena e, em sua voz mais séria e profissionalmente preocupada, observou:

- Tal situação, a maioria dos dias um tormento, parcos dias de saúde por ano, a vida

consumida pela dor, parece uma geradora natural do desespero, do pessimismo

sobre a

razão

de viver.

Nietzsche parou. Ao menos uma vez, não tinha uma resposta pronta. Sua cabeça oscilou

de um

lado para o outro, como se estivesse refletindo se se permitiria ser consolado. Mas suas

palavras nada mais revelaram.

- Sem dúvida, isso é verdade, doutor Breuer, para algumas pessoas, talvez para a

maioria -

aqui tenho que respeitar sua experiência -, mas não é verdade para mim. Desespero?

Não,

talvez outrora verdadeiro, mas não agora. Minha doença pertence ao domínio de meu

corpo,

mas ela não é eu. Eu sou minha doença e meu corpo,

mas eles não são eu. Ambos precisam ser superados, se não física ao menos

metafisicamente.

Quanto ao seu outro comentário, minha "razão de viver" é algo

inteiramente divorciado deste - aqui ele golpeou o abdómen - triste protoplasma. Eu

tenho

um porquê de viver e posso enfrentar qualquer como. Tenho uma razão de viver de dez

anos,

uma missão. Estou grávido aqui - deu uma pancadinha na têmpora - de livros, livros

quase

plenamente formados, livros que somente eu posso escrever. As vezes, penso em

minhas dores

de cabeça como dores de parto cerebrais.

Aparentemente, Nietzsche não tinha nenhuma intenção de discutir ou mesmo de

reconhecer o

desespero. Seria inútil - percebeu Breuer - tentar enganá-lo. Subitamente, recordou o

sentimento de ser estrategicamente superado sempre que jogava xadrez com o pai, o

melhor

jogador da comunidade judaica de Viena.

Entretanto, talvez não houvesse o que reconhecer! Talvez Fráulein Salomé estivesse

errada.

Nietzsche soava como se seu espírito tivesse superado sua monstruosa doença. Quanto

ao

suicídio, Breuer tinha um teste absolutamente infalível do risco de suicídio: o paciente

projeta a

si próprio no futuro? Nietzsche passara no teste! Ele não era um suicida potencial:

falava de

uma missão de dez anos, de livros que ainda teria que extrair da mente.

No entanto, Breuer vira com seus próprios olhos as cartas suicidas de Nietzsche. Estaria

dissimulando? Ou deixara de sentir desespero porquanto já decidira se suicidar*. Breuer

já

conhecera pacientes assim. Eles eram perigosos. Eles parecem melhorar-em certo

sentido,

melhoram; a melancolia se atenua; eles sorriem, comem, voltam a dormir. Mas a

melhora deles

significa que descobriram uma saída do desespero: a saída da morte. Seria esse o plano

de

Nietzsche? Teria decidido se matar? Não, Breuer recordou o que contara a Freud: se

Nietzsche

pretendia se suicidar, por que estava ali? Por que o trabalho de visitar mais outro

médico, de

viajar de Rapallo à Basiléia e dali a Viena?

Apesar da frustração por não obter a informação almejada, Breuer não podia reclamar

da

cooperação do paciente. Nietzsche respondeu integralmente cada pergunta médica -

aliás,

integralmente demais. Muitas vítimas de dor de cabeça relatam sensibilidade à dieta e

ao cli-

76 ma, de modo que Breuer não se surpreendeu ao saber que o mesmo se dava com

Nietzsche.

Entretanto, ficou espantado pela riqueza de detalhes do relato de seu paciente. Nietzsche

falou

por vinte minutos ininterruptos de sua resposta às condições atmosféricas. Seu corpo -

ele disse

- era como um barómetro aneróide reagindo violentamente a cada oscilação da pressão

atmosférica, temperatura ou altitude. Céus cinzentos o deprimiam, nuvens plúmbeas ou chuva o

enervavam, a seca o revigorava, o inverno representava uma forma de "trismo" mental, com o Sol,

restabelecia-se novamente. Durante anos, sua vida consistira em uma busca do clima

perfeito. Os

verões eram aturáveis. O planalto sem nuvens, sem ventos e ensolarado do vale de

Engadine lhe

convinha; assim, durante quatro meses no ano, residia em uma pequena hospedaria na

aldeia suíça

de Sils Marina. Mas os invernos eram uma maldição. Jamais encontrara um local

amistoso no

inverno; assim, durante os meses frios, vivia no Sul da Itália, peregrinando de cidade em

cidade à

procura de um clima salubre. O vento e a escuridão úmida o envenenavam -

dizia

Nietzsche. Seu

sistema nervoso clamava por sol e ar seco e parado.

Quando Breuer perguntou sobre a dieta, Nietzsche proferiu outro longo discurso sobre o

relacionamento entre dieta, problemas gástricos e ataques de cefaléia. Que precisão

notável!

Nunca antes Breuer encontrara um paciente que respondesse cada pergunta de forma tão

completa. O que isso significava?

Seria Nietzsche um hipocondríaco obsessivo? Breuer vira muitos hipocondríacos

maçantes e com

autopiedade que adoravam descrever suas entranhas. Mas esses pacientes tinham uma

"estenose

da Weltanscbauung\ um estreitamento da visão de mundo. Quão tedioso era estar em

presença

deles! Seus pensamentos se restringiam ao corpo; seus interesses ou valores, à saúde.

Não, Nietzsche não era um deles. Sua gama de interesses era extensa; sua pessoa,

cativante.

Certamente, Frãulein Salomé tivera essa impressão dele, ainda a tinha, conquanto

achasse Paul

Rée mais romanticamente compatível. Além do mais, Nietzsche não descrevera seus

sintomas para

despertar simpatia ou mesmo apoio - isso Breuer descobrira no início da entrevista.

Assim, por que essa riqueza de detalhes sobre suas funções corporais? Talvez

simplesmente

Nietzsche tivesse uma boa cabeça, com

uma memória perfeita, e encarasse a avaliação médica de uma forma fundamentalmente

racional,

fornecendo dados completos para um clínico experiente. Ou ele era incomumente

introspectivo.

Antes de terminar a avaliação, Breuer obteve uma outra resposta: o contato de Nietzsche com

outros seres humanos era tão escasso, que gastava um tempo extraordinário

conversando com seu

próprio sistema nervoso.

Completada a anamnese, Breuer passou para o exame físico. Acompanhou o paciente

até a sala

de exames, um pequeno aposento esterilizado contendo apenas um biombo para trocar

roupa,

uma cadeira, uma mesa de exame coberta com um lençol branco engomado, uma pia,

uma balança

e um armário de aço contendo os instrumentos de Breuer. Poucos minutos depois de

deixar

Nietzsche para que se despisse e trocasse, Breuer retornou para encontrá-lo, embora já

trajando o

peignoir aberto nas costas, ainda com suas compridas meias pretas e ligas e dobrando

cuidadosamente suas roupas. Nietzsche se desculpou pela demora explicando:

- Minha vida nómade faz com que eu só possa ter um terno. Assim, certifico-me de que

esteja

arrumado sempre que o tiro.

O exame físico de Breuer era tão metódico como sua anamnese. Começando na cabeça,

descia

lentamente pelo corpo, auscultando, dando pancadinhas, tocando, cheirando, apalpando,

olhando. A despeito da abundância de sintomas do paciente, Breuer não encontrou

anormalidades físicas além de uma grande cicatriz acima do esterno, resultante de um

acidente a

cavalo no serviço militar; uma minúscula cicatriz oblíqua de duelo no osso do nariz; e

alguns

sinais de anemia: lábios pálidos, conjuntiva e rugas da palma.

A causa da anemia? Provavelmente nutricional. Nietzsche contara que muitas vezes

evitava carne

por semanas a fio. Mas depois Breuer se lembrou de que Nietzsche revelara que,

ocasionalmente,

vomitava sangue, de modo que poderia estar perdendo sangue de uma hemorragia

gástrica.

Extraiu algum sangue para uma contagem de glóbulos vermelhos e, após um exame do

reto,

coletou uma amostra de fezes para examinar se continha sangue oculto.

E quanto aos problemas visuais de Nietzsche? Primeiro, Breuer notou uma conjuntivite

unilateral

facilmente tratável com uma pomada ocular. Apesar de considerável esforço, Breuer

não logrou

focalizar

NIETZSCHE CHOROU

ofj-01moscópio na retina de Nietzsche: algo obstruía-lhe a visão, Ptovavelmente uma

opacidade da córnea, talvez um edema da córnea.

Breuer se concentrou sobretudo no sistema nervoso do paciente, não apenas

devido à

natureza

das dores de cabeça, mas também porque, quando Nietzsche tinha quatro anos, o pai

morrera

de "amoleciniento do cérebro" - um termo genérico que poderia se referir a qualquer

uma de

uma série de anomalias, inclusive derrame, tumor ou alguma forma de degeneração

cerebral

herdada. Porém, após testar cada aspecto da função cerebral e nervosa - equilíbrio,

coordenação, sensação, força, propriocepçao, audição, olfato, deglutição - , Breuer não

encontrou nenhum indício de doença estrutural do siste-

ma nervoso.

Enquanto Nietzsche se vestia, Breuer retornou ao consultório para fazer um quadro dos

resultados do exame. Quando, alguns minutos depois, Frau Becker trouxe Nietzsche de

volta

ao consultório, Breuer percebeu que, embora o tempo deles estivesse se esgotando,

falhara

totalmente em obter qualquer menção à melancolia ou ao suicídio. Tentou outra

abordagem,

uma técnica de entrevista que raramente deixava de apresentar resultados.

- Professor Nietzsche, gostaria que descrevesse em detalhe um dia típico de sua vida.

- Agora o senhor me pegou, doutor Breuer! E a pergunta mais difícil que me formulou.

Me

desloco tanto, meus ambientes são tão inconstantes. Meus ataques condicionam minha

vida...

- Escolha um dia normal qualquer, um dia entre os ataques numa das últimas semanas.

- Bem, acordo cedo... se é que tenha realmente dormido. Breuer se sentiu encorajado. Já

estava diante de uma abertura.

- Permita que o interrompa, professor Nietzsche. O senhor diz se é que tenha dormido?

- Meu sono é terrível. Às vezes tenho eólicas musculares, às vezes dor de estômago, às

vezes

uma tensão que me invade cada parte do corpo, às vezes pensamentos noturnos

malignos. As

vezes, fico acordado a noite toda, outras vezes remédios me concedem duas ou três

horas de

sono.

- Que remédios? Em que dosagem? - perguntou Breuer rapidamente. Embora fosse

imperativo saber sobre a automedicação de

79

Nietzsche, percebeu imediatamente que não escolhera a melhor opção. Teria sido muito

melhor

perguntar sobre aqueles pensamentos noturnos sombrios.

- Hidrato de cloral quase todas as noites, ao menos um grama. As vezes, se meu corpo

estiver

desesperado por dormir, adiciono morfina ou Veronal, mas isso me deixa entorpecido

no dia

seguinte. Ocasionalmente, haxixe, mas também embota meu pensamento no dia

seguinte.

Prefiro cloral. Devo continuar com esse dia, que já começou mal?

- Por favor.

- Tomo o desjejum em meu quarto... o senhor quer todos esses detalhes?

- Sim, exatamente. Conte-me tudo.

-Bem, o desjejum é uma questão simples. O dono da hospedaria me traz um pouco de

água

quente. É tudo. Por vezes, caso me sinta particularmente bem, peço chá fraco e torradas.

Depois, tomo um banho frio, necessário se devo trabalhar com algum vigor, e passo o

resto do

dia trabalhando: escrevendo, pensando e, ocasionalmente, se meus olhos permitirem,

lendo um

pouco. Caso me sinta bem, caminharei às vezes por horas. Rabisco enquanto caminho e,

muitas

vezes, realizo meus melhores trabalhos, tenho meus pensamentos mais refinados,

enquanto

caminho...

- Eu também - acrescentou Breuer rapidamente. - Após seis ou sete quilômetros,

descubro

que clarifiquei os mais intrigantes problemas.

Nietzsche fez uma pausa, aparentemente conturbado pelo comentário pessoal de Breuer.

Começou a ratificá-lo, gaguejou e, no final, ignorou-o e continuou seu relato.

80 - Almoço sempre na mesma mesa em meu hotel. Já lhe descrevi minha dieta: sempre

alimentos não condimentados, preferivelmente cozidos, nada de álcool nem de café.

Muitas

vezes, durante semanas, tolero apenas legumes cozidos e sem sal. Nada de

tabaco, tampouco.

Digo umas poucas palavras para outros hóspedes em minha mesa, mas raramente me

envolvo

em conversas prolongadas. Quando a sorte me sorri, encontro um hóspede atencioso que

se

oferece para ler para mim ou escrever meus ditados. Meus fundos são modestos, de

modo que

não posso pagar por tais serviços. A tarde é idêntica à manhã: caminhar,

pensar, escrever. De noite, janto em meu quarto - novamente, água quente ou chá fraco

com biscoitos - e depois trabalho até o cloral dizer: "Chega, você pode descansar." Essa é

minha vida corpórea.

- O senhor só fala de hotéis. E sua casa?

- Minha casa é minha mala-armário. Sou uma tartaruga e carrego minha casa nas costas.

Coloco-

a no canto de meu quarto de hotel e, quando o clima se torna opressivo, iço-a e me

mudo para

céus mais altos e secos.

Breuer havia planejado retornar aos "pensamentos noturnos malignos" de Nietzsche,

mas agora

vislumbrou uma linha de pesquisa ainda mais promissora: uma que não poderia deixar

de levar

diretamente a Frãulein Salomé.

- Professor Nietzsche, percebo que a descrição de seu dia típico contém poucas menções

a

outras pessoas! Perdoe minha inquirição: sei que essas não são perguntas tipicamente

médicas,

mas sou adepto da crença na totalidade do organismo. Acredito que o bem-estar físico

não é

separável do bem-estar social e psicológico.

Nietzsche corou. Apanhou um pequeno pente de casco de tartaruga de pentear bigodes

e, por um

breve tempo, manteve-se em silêncio com o corpo pendido, nervosamente arrumando

seu

ponderoso bigode. Então, tendo aparentemente chegado a uma decisão, aprumou-se,

pigarreou

para limpar a garganta e falou firmemente:

- O senhor não é o primeiro médico a fazer essa observação. Suponho que esteja se

referindo ao

sexo. O doutor Lanzoni, um clínico italiano com quem me consultei muitos anos atrás,

aventou que

meu estado era agravado pelo isolamento e abstinência e recomendou que eu arranjasse

um

escoadouro sexual regular. Segui seu conselho e armei um esquema com uma jovem camponesa

em uma aldeia perto de Rapallo. Contudo, após três semanas, eu estava quase

moribundo com dor

de cabeça; um pouco mais do tal tratamento italiano, e o paciente teria expirado!

- Por que o conselho foi tão nocivo?

- Um lampejo de prazer bestial seguido de horas de auto-aversão, da limpeza do fedor

protoplasmático do cio, não é, a meu ver, o caminho para - como o senhor o colocou? -

a

"totalidade do orga-

nismo

Tampouco a meu ver - acrescentou Breuer rapidamente. -

Porém, como negar que todos nós estamos inseridos em um contexto social, um

contexto que

historicamente tem facilitado a sobrevivência e propiciado o prazer inerente à

sociabilidade

humana?

- Talvez tais prazeres de rebanho não sejam para todos - disse Nietzsche, sacudindo a

cabeça.

- Três vezes saí da toca e tentei construir uma ponte até os outros. E três vezes fui

traído.

Finalmente! Breuer mal pôde esconder o entusiasmo. Certamente, uma das três traições

fora de

Lou Salomé. Talvez Paul Rée tenha sido a outra. Qual fora a terceira? Enfim, Nietzsche

abrira a

porta. Sem dúvida, o caminho estava agora livre para uma discussão da traição e do

desespero

por ela induzido.

Breuer mostrou seu tom de voz mais enfático:

- Três tentativas, três terríveis traições e, desde então, um recolhimento ao mais penoso

isolamento. O senhor sofreu e, talvez, de alguma forma, esse sofrimento intensifique sua

doença. O

senhor me confiaria os detalhes dessas traições?

Novamente, Nietzsche sacudiu a cabeça. Ele pareceu se recolher em si mesmo.

- Doutor Breuer, confiei-lhe grande parte de mim. Hoje, compartilhei mais dos detalhes

íntimos

de minha vida do que com qualquer outro em muito tempo. Mas creia em mim quando digo que

minha doença precedeu de longa data esses desapontamentos pessoais. Lembre-se da

história de

minha família: meu pai faleceu de uma doença cerebral, talvez uma doença da família.

Lembre-se

de que dores de cabeça e a falta de saúde me perseguiram desde meus tempos de escola,

muito

antes dessas traições. Também é verdade que minha doença jamais foi atenuada pelas

breves

amizades íntimas de que desfrutei. Não, não se trata de que eu tenha confiado pouco

demais: meu

erro foi confiar demais. Não estou preparado para isso, não posso me darão luxo de

confiar

novamente.

Breuer se quedou estupefato. Como poderia ter errado no cálculo? Apenas um minuto

atrás,

Nietzsche parecia disposto a confiar nele, quase ansioso por isso. E agora ser assim

refutado! O

que acontecera? Tentou rememorar a seqüência de eventos. Nietzsche mencionara ter

tentado

construir uma ponte até os outros e, então, ter sido traído. Nessa altura, Breuer mostrara

simpatia

em relação a Nietzsche

e, depois - a ponte - o termo mexera com ele. Os livros de Nietzsche! Sim, quase

certamente,

havia uma passagem vívida envolvendo uma ponte. Talvez a chave para conquistar a

confiança

de Nietzsche residisse naqueles livros. Breuer também recordou vagamente outra

passagem que

defendia a importância do auto-escrutínio psicológico. Resolveu ler os dois livros mais

detidamente antes do encontro seguinte: talvez lograsse influenciar Nietzsche com os

próprios

argumentos do filósofo.

Todavia, o que realmente fazer com quaisquer argumentos encontrados nos livros de

Nietzsche?

Como inclusive explicar por que cargas-d'água conseguira obtê-los? Nenhuma das três

livrarias

vienenses onde procurara os livros sequer ouvira falar do autor. Breuer odiava a

duplicidade e,

por um momento, pensou em revelar toda a verdade: a visita de Lou Salomé, seu

conhecimento

do desespero de Nietzsche, sua promessa a Frãulein Salomé, o presente dos livros por

parte dela.

Não, aquilo só poderia levar ao fracasso: sem dúvida, Nietzsche se sentiria manipulado e traído.

Breuer tinha certeza de que Nietzsche estava desesperado devido ao seu envolvimento

em -

usando o termo refinado de Nietzsche - um relacionamento pitagórico com Lou e Paul

Rée.

Ademais, se Nietzsche soubesse da visita dela, sem dúvida veria Lou e Breuer como

dois lados de

outro triângulo. Não, Breuer estava convencido de que a honestidade e sinceridade, suas

soluções naturais para os dilemas da vida, naquele caso piorariam ainda mais as coisas.

De

alguma forma, teria que descobrir um meio de obter os livros legitimamente.

Era tarde. O dia úmido e cinzento estava se tornando escuridão. No silêncio, Nietzsche

se mexia

inquieto. Breuer estava cansado. Sua presa se lhe esquivara e sua cabeça estava sem

idéias.

Resolveu ganhar tempo.

- Creio, professor Nietzsche, que não podemos mais avançar hoje. Preciso de tempo

para

estudar seus históricos médicos do passado e para realizar os testes de laboratório

necessários.

Nietzsche suspirou levemente. Seu ar era de desapontamento? Gostaria que o encontro

durasse

mais tempo? Breuer achou que sim, porém, já não confiando em seu discernimento

quanto às

reações de Nietzsche, propôs uma outra consulta ainda na mesma semana.

- Sexta-feira à tarde? No mesmo horário?

- Sim, claro! Estou inteiramente à sua disposição, doutor Breuer. Não tenho nenhuma

outra razão

para estar em Viena.

Encerrada a consulta, Breuer se levantou. Mas Nietzsche hesitou e, depois, sentou-se

abruptamente de volta na cadeira.

-Doutor Breuer, já tomei bastante do seu tempo. Por favor, não cometa o erro de

subestimar meu

reconhecimento dos seus esforços, mas conceda-me um momento mais. Permita, em

meu próprio

benefício, que lhe formule três perguntas!

CAPITULO 6

FAÇA SUAS PERGUNTAS, por favor, professor Nietzsche - disse Breuer,

acomodando-se

novamente em sua cadeira. - Considerando-se o bombardeio de perguntas a que o

submeti, três

é um pedido modesto. Se suas perguntas estiverem ao alcance de meu conhecimento,

não deixarei

de respondê-las.

Estava cansado. Fora um longo dia e ainda tinha pela frente uma palestra às seis horas e

suas

visitas vespertinas. Não obstante, não se importou com o pedido de Nietzsche. Pelo

contrário,

sentiu uma intensa euforia. Talvez a abertura que procurava estivesse à mão.

- Quando ouvir minhas perguntas, talvez, como tantos de seus colegas, se arrependa da

promessa. Tenho uma tríade de perguntas, três perguntas, mas talvez somente uma. E

essa

pergunta, um pedido além de uma pergunta, é: o senhor me contará a verdade?

- E as três perguntas? - perguntou Breuer.

- A primeira é: ficarei cego? A segunda: sofrerei desses ataques para sempre? E a

terceira, a

pergunta mais difícil: tenho uma doença cerebral progressiva que me matará

precocemente como

meu pai, me tornará paralítico ou, pior, louco ou demente?

Breuer ficou mudo. Sentado em silêncio, folheou aleatoriamente as páginas do dossiê

médico de

Nietzsche. Nenhum paciente, em quinze anos de prática médica, jamais formulara

perguntas tão

brutalmente diretas.

Nietzsche, notando seu desconforto, continuou:

86 - Desculpe-me por confrontá-lo assim. É que tive anos de conversas tortuosas com

médicos,

sobretudo médicos alemães que se intitulam os guardiões da verdade mas escondem seu

conhecimento. Nenhum médico tem o direito de esconder do paciente o que

legitimamente lhe

pertence.

Breuer não pôde conter um sorriso ante a caracterização de Nietzsche dos médicos

alemães. Ou

de se encrespar com o pronunciamento sobre os direitos do paciente. O pequeno filósofo com o

imenso bigode estimulava sua mente.

- Não estou disposto a discutir essas questões da prática médica, professor Nietzsche. O

senhor

formula perguntas diretas. Tentarei respondê-las de forma igualmente direta.

Concordo

com sua

posição sobre os direitos do paciente. Mas o senhor omitiu um conceito igualmente

importante: as

obrigações do paciente. Prefiro um relacionamento completamente honesto com meus

pacientes.

Mas a honestidade deve ser recíproca: também o paciente deve estar empenhado na

honestidade

para comigo. A honestidade - perguntas honestas, respostas honestas - contribui para a

melhor

das medicinas. Sob essa condição, pois, dou-lhe minha palavra: compartilharei com o

senhor todo

meu conhecimento e minhas conclusões.

- Mas, professor Nietzsche - continuou Breuer -, eu não concordo que deva sempre ser

assim.

Para certos pacientes e em certas situações, o bom médico deve, para o bem do paciente,

esconder a verdade.

- Sim, doutor Breuer, ouvi muitos médicos dizerem isso. Mas quem tem o direito de

tomar essa

decisão por outrem? Essa postura apenas viola a autonomia do paciente.

- E meu dever - respondeu Breuer - oferecer conforto aos pacientes. Não se trata de um

dever fácil. Às vezes, é uma tarefa ingrata; às vezes, não posso compartilhar certas más

notícias

com o paciente; às vezes, devo me calar e suportar a dor tanto pelo paciente como pela

família.

- Mas, doutor Breuer, esse tipo de dever oblitera um dever mais fundamental: o dever de

cada

pessoa para consigo própria de descobrir a verdade.

Por um momento, no calor do diálogo, Breuer esquecera que Nietzsche era seu paciente.

Essas

perguntas eram imensamente inte-

ressantes e ele estava completamente absorvido. Levantou-se e pôs-se a andar por trás

da cadeira

enquanto falava.

- Será meu dever impor aos outros uma verdade que não desejam conhecer?

- Quem poderá determinar o que alguém não deseja conhecer? - replicou Nietzsche.

- Isso - Breuer falou com firmeza - é o que podemos chamar de arte da medicina. Essas

coisas

não se aprendem nos textos, mas à beira do leito. Permita que cite, à guisa de exemplo,

um

paciente que visitarei no hospital esta tarde. Conto-lhe isso em total confiança e, é claro,

não

revelarei a identidade dele. Esse homem sofre de uma doença fatal, um câncer de fígado

em

estado avançado. Ele está ictérico devido ao seu problema. A bile começa a penetrar na

circulação. Seu prognóstico é desesperador. Duvido que viva mais que duas ou três

semanas.

Quando o vi nesta manhã, escutou calmamente o que lhe expliquei sobre a amarelidão

da pele e,

depois, pôs sua mão sobre a minha como que para aliviar minha carga, como que para

me

silenciar. Em seguida, mudou de assunto. Perguntou sobre minha família - conheço-o há

trinta

anos - e conversou sobre o negócio que o aguarda quando voltar para casa.

- Mas - respirou Breuer profundamente -, sei que jamais retornará para casa. Devo

contar-

lho? Veja bem, professor Nietzsche, não é tão fácil assim. Normalmente, o que não é

perguntado é

a pergunta importante! Se ele quisesse saber, teria me indagado a causa do problema do

fígado ou

quando pretendo dar-lhe alta do hospital. Mas sobre esses assuntos ele mantém silêncio.

Devo ser

tão duro a ponto de lhe contar o que não quer ouvir?

- Às vezes - respondeu Nietzsche -, os mestres precisam ser duros. As pessoas precisam

receber uma mensagem dura porquanto a vida é dura e morrer é duro.

- Devo privar as pessoas da opção de como desejam encarar a morte? Com que direito,

por

ordem de quem, posso assumir esse papel? O senhor afirma que os mestres devem às

vezes ser

duros. Pode ser. Mas a tarefa do médico é reduzir a tensão e aumentar a capacidade de

cura do

organismo.

Uma chuva forte golpeou a janela, tamborilando na vidraça. Breuer andou até lá, olhou

para fora

e observou:

88

- Na verdade, ao pensar a respeito, não estou certo nem de concordar com o senhor sobre a

dureza de um mestre. Talvez apenas um tipo especial de mestre, talvez um profeta.

- Sim, sim - a voz de Nietzsche elevou-se em uma oitava em seu entusiasmo -, um

mestre

de verdades amargas, um profeta impopular. Creio que é isso que sou. - A cada palavra

de

sua sentença, apontou o peito com o dedo. - O senhor, doutor Breuer, se dedica a tornar

a

vida fácil. Eu, por minha vez, me dedico a tornar as coisas difíceis para meu corpo

invisível de

alunos.

- Mas qual é a virtude de uma verdade impopular, de tornar as coisas difíceis? Quando

deixei

meu paciente esta manha, ele me disse: "Ponho-me nas mãos de Deus". Quem ousaria

negar

que isso também seja uma forma de verdade?

- Quem? - Agora, também Nietzsche se levantara e caminhava de um lado da

escrivaninha,

enquanto Breuer caminhava do outro. - Quem ousa negá-lo? - Parou, apoiou-se no

espaldar

da cadeira e apontou para si próprio. - Eu ouso negá-lo!

Ele poderia - pensou Breuer - estar falando de um púlpito, exortando uma congregação.

É

claro, seu pai fora um pastor.

- Atinge-se a verdade - continuou Nietzsche - através da descrença e do ceticismo, e não

do desejo infantil de que algo seja de certa forma! O desejo de seu paciente de estar nas

mãos

de Deus não é a verdade. E simplesmente um desejo infantil, e nada mais! É um desejo

de não

morrer, um desejo do eterno mamilo intumescido que rotulamos de "Deus". A teoria da

evolução demonstra cientificamente a redundância de Deus, embora o próprio Darwin

não

tivesse a coragem de levar as evidências até sua verdadeira conclusão. Certamente, o

senhor

tem que entender que nós criamos Deus e que todos nós conjuntamente agora o

matamos.

Breuer abandonou essa linha de argumento como se fosse ferro em brasa. Não era capaz

de

defender o teísmo. Livre-pensador desde a adolescência, muitas vezes, em discussões

com o

pai e com professores religiosos, adotara uma posição idêntica à de Nietzsche. Sentou-

se e

adotou um tom de voz mais suave e conciliatório, enquanto também Nietzsche

retornava à sua

própria cadeira.

- Tal fervor pela verdade! Perdoe-me, professor Nietzsche, se soo desafiador, mas

concordamos em falar a verdade. O senhor fala

sobre a verdade em um tom sagrado, como se quisesse substituir uma religião pela

outra.

Permita-me bancar o advogado do diabo. Permita-me perguntar: por que tal paixão, tal

reverência pela verdade? Em que ela beneficiará meu paciente desta manha?

- Não é a verdade que é sagrada, mas a procura de nossa própria verdade! Haverá ato

mais

sagrado do que a auto-inquirição? Minha obra filosófica, dizem alguns, está erigida

sobre areia:

meus pontos de vista mudam constantemente. Mas uma de minhas sentenças de granito

é:

'!^Qrna-te^c[uem_tu_ésJ? E como descobrir quem e o que se é sem a verdade?

- A verdade é que meu paciente tem apenas pouco tempo de vida. Devo oferecer-lhe

esse

autoconhecimento?

- A verdadeira escolha^ a plena escolha - respondeu Nietzsche -, só pode florescer sob o

clarão da verdade. Como poderia ser de outra forma?

Percebendo que Nietzsche era capaz de discursar persuasiva e interminavelmente nessa

esfera

abstrata da verdade e da escolha, Breuer viu que teria de forçá-lo a falar mais

concretamente.

- E meu paciente desta manhã? Qual é a sua gama de escolhas? Talvez a confiança em

Deus

seja sua escolha!

- Essa não é uma escolha para um homem. Não é uma escolha humana, mas a busca de

uma

ilusão externa a nós. Tal escolha, a escolha de outrem, do sobrenatural é sempre

enfraquecedora. Ela sempre torna o homem menos do que é. Amo aquilo que nos torna

mais

do que somos!

- Não falemos do homem abstratamente - insistiu Breuer -, mas de um homem

individual

de carne e osso: esse meu paciente. Considere sua situação. Ele só tem dias ou semanas

de

vida. Que sentido faz falar de escolhas com ele?

Sem se deixar intimidar, Nietzsche respondeu instantaneamente:

- Se ele não sabe que está prestes a morrer, como pode seu paciente tomar uma decisão

sobre

como morrer?

- Como morrer, professor Nietzsche?

- Sim, ele tem que decidir como encarar a morte: conversar com os outros, dar

conselhos,

dizer as coisas que guardou para dizer antes da morte, despedir-se dos outros, ou ficar

sozinho,

chorar, desafiar a morte, amaldiçoá-la, ficar grato a ela.

90 - O senhor continua discutindo um ideal, uma abstração, mas cabe-me assistir o homem

singular,

o homem de carne e osso. Sei que morrerá, e morrerá com grande dor em pouco tempo.

Por que

torturá-lo com isso? Acima de tudo, a esperança deve ser preservada. Quem mais além

do médico

poderá sustentar a esperança?

- Esperança? A^s^emn^a^^derradeirojma^. - quase gritou

Nietzsche. - Em meu liwo Humano, demasiado humano, avento que, quando a caixa de

Pandora

foi aberta e os males nela encerrados por Zeus escaparam até o mundo do homem, ainda

permaneceu, sem que ninguém soubesse, um último mal: a esperança. Desde então, o

homem tem

equivocadamente encarado a caixa e seu conteúdo de esperança como uma arca de boa

sorte.

Mas esquecemos o desejo de Zeus de que o homem continue se permitindo ser

atormentado. A

esperança é o pior dos males, porquanto prolonga o tormento.

- Sua conclusão, então, é que se deve encurtar a morte caso se deseje.

- Essa é uma opção possível, mas somente à luz do pleno conhecimento.

Breuer se sentiu triunfante. Ele fora paciente. Permitira que as coisas seguissem seu

rumo. Agora,

veria a recompensa de sua estratégia! A discussão estava avançando exatamente na

direção

desejada.

- O senhor se refere ao suicídio, professor Nietzsche. Deveria o suicídio ser uma escolha?

Novamente, Nietzsche foi firme e claro:

- Cada pessoa é dona de sua própria morte. E cada uma deveria encará-la conforme lhe

aprouvesse. Talvez, apenas talvez, tenhamos algum direito de tirar a vida de um

homem. Mas não

temos nenhum direito de lhe tomar a morte. Isso não é conforto e, sim, crueldade.

Breuer persistiu:

- Alguma vez o suicídio seria sua escolha?

- Morrer é duro. Sempre senti que a recompensa final dos mortos é não morrer nunca

mais!

- A recompensa final dos mortos: não morrer nunca mais! - Breuer anuiu em

reconhecimento,

caminhou de volta até a escrivaninha e apanhou a pena. - Posso anotá-lo?

- Sim, é claro. Mas que eu não plagie a mim próprio. Eu não acabei de criar essa frase.

Ela

aparece em outro livro meu, A gaia ciência.

91

Breuer mal pôde acreditar em sua sorte. Nos poucos minutos anteriores, Nietzsche

mencionara

ambos os livros trazidos por Lou Salomé. Embora entusiasmado com a discussão e

relutante em

interromper seu impulso, Breuer não pôde deixar passar a oportunidade de resolver o

dilema dos

dois livros.

- Professor Nietzsche, o que diz sobre esses seus dois livros me interessa grandemente.

Como

posso comprá-los? Em alguma livraria de Viena, talvez?

Nietzsche mal conseguiu esconder o prazer diante do pedido.

- Meu editor Schmeitzner, em Chemnitz, está na profissão errada. Seu destino

apropriado teria

sido a diplomacia internacional ou talvez a espionagem. Ele é um génio da intriga e

meus livros

são seu maior segredo. Ele não mandou nenhum exemplar para ser resenhado, nem

colocou

nenhum livro nas livrarias. Assim, o senhor não encontrará meus livros em nenhuma

livraria

vienense. Nem mesmo em um lar vienense. Tão poucos foram vendidos, que sei o nome da

maioria dos compradores e não me recordo de nenhum vienense entre meus leitores. É

preciso,

portanto, contactar diretamente meu editor. Eis seu endereço. - Nietzsche abriu a pasta,

anotou

algumas linhas em um pedaço de papel e o entregou a Breuer. - Embora eu pudesse

escrever em

seu lugar, prefiro, caso não se importe, que ele receba uma carta diretamente do senhor.

Talvez

um pedido de um eminente cientista médico o incite a revelar aos outros a existência de

meus

livros.

Enfiando o papel no bolso do colete, Breuer respondeu:

- Nesta mesma tarde, mandarei um pedido de seus livros. Mas que pena não poder

adquirir, ou

mesmo tomar emprestado, exemplares com mais rapidez. Como me interesso por toda a

vida de

meus pacientes, inclusive por suas obras e crenças, seus livros poderiam orientar minhas

investigações do seu estado, para não falar do prazer de ler sua obra e discuti-la com o

senhor!

- Bem - respondeu Nietzsche -, a esse pedido posso atender. Meus exemplares pessoais

desses livros estão na minha bagagem. Permita que os empreste ao senhor. Eu os trarei

ao seu

consultório ainda hoje.

Grato com o sucesso de sua trama, Breuer quis dar algo em troca a Nietzsche.

92 - Devotar a vida a escrever, despejar a vida nos próprio livros e, depois, ter tão poucos

leitores... horrível! Para os muitos escritores que conheço em Viena, esse destino seria

pior do que

a morte. Como o senhor o suportou? Como o suporta agora?

Nietzsche não correspondeu à abertura de Breuer, nem por um sorriso, nem pelo tom de

voz.

Olhando reto para a frente, disse:

- Haverá algum vienense que se lembre de existir espaço e tempo fora da Ringstrasse?

Tenho

paciência. Talvez no ano 2000, as pessoas ousarão ler meus livros. - Ergueu-se

abruptamente. -

Sextafeira, então?

Breuer se sentiu repelido e rejeitado. Por que Nietzsche esfriara tão rapidamente? Fora a segunda

vez naquele dia em que isso acontecera, a primeira tendo sido o incidente da ponte.

Cada

rejeição - Breuer percebeu - se seguira a um gesto seu de simpatia. O que isso significa?

-

refletiu. Que o professor Nietzsche não tolera que os outros se aproximem ou ofereçam

ajuda?

Depois, lembrou-se da advertência de Lou Salomé de que não tentasse hipnotizar

Nietzsche, algo

ligado aos fortes sentimentos dele sobre o poder.

Breuer se permitiu imaginar, por um momento, a resposta dela à reação de Nietzsche.

Ela não a

deixaria passar em brancas nuvens, mas reagiria imediata e diretamente. Talvez ela

dissesse: "Por

que, Friedrich, cada vez que alguém lhe diz uma gentileza, você dá um coice?"

Que ironia - reíletiu Breuer - que, embora ressentisse a impertinência de Lou Salomé,

estivesse

evocando a imagem dela de modo que o instruísse. Contudo, logo deixou esses

pensamentos se

escoarem. Talvez ela conseguisse dizer essas coisas, mas não ele. Certamente não com o

gélido

professor Nietzsche dirigindo-se para a porta.

- Sim, sexta-feira às duas, professor Nietzsche.

Nietzsche inclinou ligeiramente a cabeça e deixou rapidamente o consultório. Breuer

observou-o

da janela descer as escadas, irritadamente recusar um fiacre, olhar para o céu

escurecido, enrolar

o xale em torno das orelhas e descer penosamente a rua.

CAPITULO 7

TRÊS DA MADRUGADA SEGUINTE, Breuer novamente sentiu o solo se liquefazer

abaixo

dele. Mais uma vez, enquanto tentava encontrar Bertha, caiu quarenta metros até a laje

de

mármore adornada com símbolos misteriosos. Despertou em pânico, o coração

acelerado, o

camisolão e o travesseiro ensopados de suor. Tomando cuidado para não acordar

Mathilde, saiu

da cama, caminhou na ponta dos pés até o banheiro para urinar, mudou de camisolão,

virou o

travesseiro do lado seco e tentou conciliar novamente o sono.

Só que, naquela noite, não dormiria mais. Embora deitado, ficou desperto escutando a

respiração

profunda de Mathilde. Todos dormiam: os cinco filhos, bem como a criada da casa, Louis, a

cozinheira Marta e a ama-seca das crianças Gretchen - todos dormiam, exceto ele.

Montava

guarda para a casa toda. A ele - que trabalhava mais duro e que mais precisava de

descanso -

coube ficar acordado e se preocupar com todos.

Começou a sofrer de terríveis ataques de ansiedade. Alguns conseguiu rechaçar, outros

continuaram surgindo. O Dr. Binswanger escrevera do sanatório Bellevue que Bertha

estava pior

do que nunca. Ainda mais perturbadora era sua notícia de que o Dr. Exner, um jovem

psiquiatra

da equipe, apaixonara-se por ela e a transferira para outro médico após propor a ela o

casamento!

Corresponderia ela ao seu amor? Decerto, deve ter-lhe dado algum sinal! Ao menos, o

Dr. Exner

era suficientemente sensato em ser solteiro e em renunciar espontaneamente a tratar

dela. O

pensamento de Bertha sorrindo para

94 o jovem Exner da mesma forma especial como outrora sorrira para ele envenenou os

pensamentos de Breuer.

Bertha pior do que nunca! Que tolo havia sido ao alardear à mãe seu novo método

hipnótico! O

que pensaria dele agora! O que toda a comunidade médica estaria murmurando

às suas

costas?

Se ao menos não tivesse apregoado seu tratamento naquela conferência- exatamente

aquela a

que o irmão de Lou Salomé comparecera! Por que ele não aprendia a manter o bico

calado?

Estremeceu de humilhação e remorso.

Teria alguém notado que ele estava apaixonado por Bertha? Certamente, todos deviam

ter

estranhado que um médico gastasse uma a duas horas diariamente com um paciente mês

após

mês! Ele soubera que Bertha era anormalmente ligada ao pai. Contudo, não teria ele,

seu

médico, explorado essa ligação em benefício próprio? Que outra razão teria ela para

amar um

homem com sua idade, com sua insipidez?

Breuer acachapou-se ao pensar na ereção que sempre surgia quando Bertha entrava em

transe.

Graças a Deus, ele jamais se abandonara aos sentimentos, jamais declarara seu amor, jamais

acariciara os seios dela. Depois, imaginou-se ministrando-lhe uma massagem médica.

De

súbito, apertava-lhe firmemente os pulsos, estendia os braços dela sobre a cabeça,

levantava-

lhe a camisola, separava-lhe as pernas com seus joelhos, colocava as mãos sob as

nádegas dela

e levantava-a contra si. Afrouxara o cinto e estava desabotoando as calças quando

inopinadamente uma horda de pessoas - enfermeiras, colegas, Frau Pappenheim -

irrompeu

na sala!

Afundou ainda mais na cama, destruído e derrotado. Por que se atormentava assim?

Repetidamente, capitulara e deixara as preocupações o dominar. Havia muito de

preocupação

judaica: o anti-semitismo crescente que bloqueara sua carreira universitária; a

emergência do

novo partido de Schõnerer, a Associação Nacional Alemã; os virulentos discursos anti-

semitas

nas reuniões da Associação da Reforma Austríaca, incitando as guildas de artesãos a

atacarem

os judeus: judeus das finanças, da imprensa, das ferrovias, do teatro. Somente naquela

semana,

Schõnerer exigira que voltassem a vigorar as antigas restrições legais às atividades dos

judeus

e incitou distúrbios por toda a cidade. A situação - sabia Breuer - só iria piorar. O anti-

semitismo já invadira a universidade. Associações de estudantes haviam recentemente

decretado que, como os judeus nasceram "sem honra", não poderiam obter satisfação de insultos sofridos através de duelos. Invectivas sobre médicos judeus ainda não se

fizeram

ouvir, mas era uma questão de tempo.

Escutou os roncos leves de Mathilde. Ali estava sua verdadeira preocupação! Ela

entrelaçara

sua vida com a dele. Era amável, era a mãe dos seus filhos. Seu dote da família Altmann

fizera

dele um homem abastado. Embora ela estivesse ressentida por causa de Bertha, que

culpa

tinha? O ressentimento dela era mais do que justo.

Breuer a observou novamente. Ao se casarem, ela era a mulher mais bonita que jamais

vira-e

continuava sendo. Era mais bonita do que a imperatriz, do que Bertha ou mesmo Lou

Salomé.

Todos os homens de Viena o invejavam. Por que, então, não conseguia tocá-la, beijá-la?

Por

que sua boca aberta o assustava? Por que essa idéia assustadora de que tinha de escapar ao

domínio dela? De que ela era a fonte de sua angústia?

Observou-a na penumbra. Seus lábios doces, o gracioso domo de suas maças do rosto, a

pele

acetinada. Imaginou seu rosto envelhecendo, enrugando, a pele endurecendo em placas

coriáceas, decompondo-se, expondo o crânio de marfim abaixo. Observou a elevação

dos seus

seios, repousando sobre as costelas torácicas. Recordou uma ocasião em que,

caminhando por

uma praia batida pelo vento, deparou com a carcaça de um peixe gigantesco - seu lado

parcialmente decomposto, as costelas esbranquiçadas e nuas sorrindo maliciosamente

para ele.

Breuer tentou expulsar a morte da mente. Sussurrou seu encantamento favorito, a frase

de

Lucrécio: "Onde a morte está, eu não estou. Onde estou, a morte não está. Por

que me

preocupar?" Mas não adiantou.

Abanou a cabeça para afugentar esses pensamentos mórbidos. De onde provieram? De

falar

com Nietzsche sobre a morte? Não, longe de inserir esses pensamentos em sua mente,

Nietzsche simplesmente os liberara. Eles sempre estiveram ali; ele já os pensara todos

antes.

Contudo, em que parte da mente se abrigavam quando não pensava neles? Freud estava

certo:

tinha que haver um reservatório de pensamentos complexos no cérebro, além da

consciência,

de sobreaviso,

96 prontos para a qualquer momento serem arregimentados e marcharem até o palco do

pensamento

consciente.

Esse reservatório inconsciente continha não apenas pensamentos, mas também

sentimentos!

Alguns dias antes, ao viajar em um fiacre, Breuer observara outro ao lado. Seus dois

cavalos

trotavam puxando a cabina na qual se sentavam dois passageiros, um casal de velhos de

aspecto

melancólico. Mas faltava o cocheiro. Um fiacre-fantasma! O medo o atravessou

provocando uma

sudação súbita: suas roupas se encharcaram em segundos. Foi aí que o cocheiro do

fiacre surgiu:

ele simplesmente se inclinara para ajustar a bota.

De início, Breuer rira dessa reação estúpida. Porém, quanto mais pensava nela, mais percebia

que, por mais racionalista e livre-pensador que fosse, sua mente, não obstante, abrigava

conglomerados de terror sobrenatural. Aliás, nem tão profundos: estavam "alerta" a

poucos

segundos da superfície. Se existisse um fórceps capaz de extrair tais conglomerados,

com raiz e

tudo...!

Ainda sem perspectivas de adormecer, Breuer se levantou para arrumar o camisolão

torcido e

afofar os travesseiros . Pensou novamente em Nietzsche. Que homem estranho! Que

conversas

empolgantes tiveram! Gostara dessas conversas, fizeram com que se sentisse à vontade,

no seu

elemento. Qual era a "sentença de granito" de Nietzsche? "Tornaste o que-és!"

Majjguem_soiijeu?

- perguntou-se Breuer. O que eu deveria ter me tornado? Seu pai fora um talmudista;

talvez a

disputa filosófica estivesse no seu sangue. Sentia-se satisfeito com os poucos cursos de

filosofia a

que assistira na universidade - mais do que a maioria dos médicos, pois, por insistência

do pai,

estudara um ano na faculdade de filosofia antes de começar os estudos médicos. E

satisfeito por

ter preservado seu relacionamento com Brentano e Jodl, seus professores de filosofia.

Deveria

visitá-los mais amiúde. O discurso na esfera das idéias puras tinha algo de saneador.

Ali, e talvez

apenas ali, ele se via livre de Bertha e da carnalidade. Como seria viver o tempo todo, à

semelhança de Nietzsche, nessa esfera?

E a forma como Nietzsche ousava dizer as coisas! Imagine! Dizer

s! Que Deus está mortotQue^a

l ^erdadeéum errojgm o qual não conseguimos viver! Quedos inimL gos da_verdade

nácLsãaaSujnentiras, mas as convicções! Que a recompen§ãünaLdQs.jHQrtos é não

mqrcerjnais!

Que os médicos não têm o

direito de privar um homem de sua própria morte! Pensamentos malignos! Debatera

com

Nietzsche cada um deles. Contudo, fora um pseudodebate: no fundo do coração, sabia

que

Nietzsch^estava^ertor) E a liberdade de Nietzsche? Como seria viver como ele?

Nenhum lar,

nenhuma obrigação, nenhum salário por pagar, nenhum filho por criar, nenhum horário,

nenhum

papel, nenhuma posição na sociedade. Havia algo de fascinante nessa liberdade. Por que

Friedrich Nietzsche tinha tanto dela e Josef Breuer tão pouco? Nietzsche havia

simplesmente

conquistado sua liberdade. Por que não posso fazer o mesmo?

- resmungou Breuer. Deitado na cama, foi ficando tonto com tais pensamentos, até que

o

despertador tocasse às seis.

- Bom dia, doutor Breuer - saudou-o Frau Becker quando ele chegou ao consultório às

dez e

meia após sua rodada matinal de visitas domiciliares. - Aquele professor Nietzsche

estava

aguardando no vestíbulo quando vim abrir o consultório. Trouxe estes livros para o

senhor e

pediu que lhe dissesse que são seus exemplares pessoais com anotações manuscritas nas

margens

de idéias para obras futuras. São bastante pessoais, segundo disse, de modo que o

senhor não

deve mostrá-los a ninguém. Aliás, seu aspecto era terrível esta manhã e agiu de forma

bastante

estranha.

- Como assim, Frau Becker?

- Não parava de piscar como se não conseguisse enxergar ou não quisesse ver o que

estava

vendo. Além disso, seu rosto estava pálido, como se fosse desmaiar. Perguntei-lhe se

precisava de

alguma ajuda, talvez um chá, ou se queria se deitar no consultório. Pensei que estivesse

sendo

gentil, mas ele pareceu contrariado, quase zangado. Depois, deu meia-volta sem proferir

uma

palavra e desceu tropeçando pelas escadas.

Breuer apanhou de Frau Becker o pacote deixado por Nietzsche: dois livros

caprichosamente

embrulhados em uma folha do NeueFreie Presse do dia anterior e amarrados com um

pequeno

cordão. Desembrulhou-os e pô-los sobre a escrivaninha perto dos exemplares dados por

Lou

Salomé. Nietzsche pode ter exagerado ao dizer que devia possuir os únicos exemplares

dos livros

em Viena, mas sem dúvida Breuer se tornara agora o único vienense a ter dois

exemplares deles.

- Doutor Breuer, estes não são os mesmos livros que aquela dama russa deixou?
- Frau

Becker

acabara de trazer a correspondência da manha e, ao remover o jornal e o cordão da

escrivaninha,

observou os títulos dos livros.

Mentiras geram mentiras - pensou Breuer - e que vida vigilante um mentiroso é forçado

a

viver. Frau Becker, conquanto formal e eficiente, também gostava de "tratar" dos

pacientes. Seria

ela capaz de mencionar para Nietzsche "a dama russa" e seu presente dos livros? Urgia adverti-la.

- Frau Becker, há uma coisa que preciso lhe dizer. Aquela mulher russa, Frãulein

Salomé, a que

tanto lhe agradou, é, ou era, amiga íntima do professor Nietzsche. Ela estava

preocupada com o

professor e foi responsável pelo seu encaminhamento para mim através de amigos.

Somente ele

não sabe disso, pois agora ele e Frãulein Salomé não se falam. Para que eu tenha uma

chance de

ajudá-lo, ele jamais poderá saber de meu encontro com ela.

Frau Becker anuiu com sua habitual discrição e olhou pela janela para ver dois pacientes

chegando.

- /ferrHauptmann e Frau Klein. Qual deles deseja atender primeiro?

Marcar com Nietzsche uma hora certa fora um procedimento incomum. Via de regra,

Breuer,

como os outros médicos vienenses, especificava meramente o dia e atendia os pacientes

na ordem

de chegada.

- Chame o senhor Hauptmann. Ele precisa retornar ao trabalho.

Após atender o último paciente da manhã, Breuer decidiu estudar os livros de Nietzsche

antes da

visita dele no dia seguinte, de modo que pediu a Frau Becker que avisasse à esposa que

ele só

subiria quando o almoço estivesse realmente servido. Depois, apanhou os dois volumes

com

encadernação barata, ambos com menos de trezentas páginas. Preferiria ler os

exemplares

trazidos por Lou Salomé, de modo a poder sublinhar trechos e apor anotações nas

margens

durante a leitura. Mas se sentiu compelido a ler os exemplares do próprio Nietzsche,

99

como que para minimizar sua duplicidade. As marcações pessoais de Nietzsche eram

confusas:

muitas passagens sublinhadas e, nas margens muitos pontos de exclamação e brados de

"SIM!

SIM!" e, ocasionalmente, de "NÃO!" ou "IDIOTA!". Também muitas notas rabiscadas, que Breuer

não conseguiu decifrar.

Eram livros estranhos, diferentes de qualquer outro que já vira. Cada livro continha

centenas de

seções numeradas, muitas delas sem qualquer relação entre si. As seções eram breves,

com no

máximo dois ou três parágrafos, muitas vezes apenas umas poucas sentenças e, às vezes,

simplesmente um aforismo: "Qs pensamentos são assombras de nossos sentimentos:

sempre

roais_escuros, vazios e_sin3pJbs." "Ninguém mais morredesòdaaJueEdades fatajsjioje-

emjdia;

existem^antídotos em demasia." "D_e que serve_um.JÍYiQ_ipe-nâo_n^_txans^!Qrta

além de todos

05 livros?"

Evidentemente, o professor Nietzsche se sentia qualificado para discursar sobre

qualquer tema:

música, arte, natureza, política, hermenêutica, história, psicologia. Lou Salomé o

descrevera como

um grande filósofo. Talvez. Breuer não se sentia apto para julgar o conteúdo de seus

livros. Mas

estava claro que Nietzsche era um escritor poético, um verdadeiro Dichter.

Algumas das declarações de Nietzsche pareciam ridículas: um pronunciamento tolo, por

exemplo,

de que pais e filhos sempre têm mais em comum do que mães e filhas. Mas muitos dos

aforismos

despertaram a auto-reflexão: "Qual é o sinal da libertação? Não mais se envergonhar

diante de si

próprio!" Impressionou-o uma passagem particularmente interessante:

Assim como ossos, carne, intestinos e vasos sanguíneos estão encerrados em uma pele

que torna a visão do homem

suportável, também as agitações e

paixões da alma estão envolvidas pela vaidade; ela é a pele da alma.

i, / -i

O que fazer desses escritos? Eles desafiavam qualquer caracterização, exceto que, em

conjunto,

pareciam deliberadamente provocadores; desafiavam todas as convenções,

questionavam, ou até

denegriam as virtudes convencionais e louvavam a anarquia.

Breuer olhou as horas. Uma e quinze. Não havia mais tempo para folhear calmamente

os livros.

Sabendo que seria chamado para o ai-

100 moço a qualquer momento, procurou passagens que pudessem oferecer uma ajuda

prática no

encontro do dia seguinte com Nietzsche.

A programação de Freud no hospital geralmente não permitia que viesse jantar às

quintas-feiras.

Mas naquele dia Breuer o convidara especialmente para conversarem sobre a consulta

de

Nietzsche. Após um jantar tipicamente vienense - uma apetitosa sopa de repolhos com

passas,

WienerSchnitzel* Spãtzle,** couve-de-bruxelas, tomates panados assados, o

Pumpernicket***

caseiro de Marta, maçã assada com canela e creme chantilly e água mineral -, Breuer e

Freud se

retiraram para o gabinete.

Ao descrever o histórico médico e os sintomas do paciente que estava chamando de

He/rEckart

Muller, Breuer percebeu as pálpebras de Freud lentamente cerrando-se. Já enfrentara a

letargia

pósprandial de Freud antes e sabia como lidar com ela.

- Então, Sig - disse abruptamente - vamos treinar para seus exames de matrícula médica.

Fingirei ser o professor Nothnagel. Não consegui dormir esta noite, estou com um

pouco de

dispepsia e Mathilde está me enchendo de novo porque me atrasei no almoço, de modo

que estou

rabugento o suficiente para imitar o brutamontes. - Breuer adotou um forte sotaque

norte-alemão

e a postura rígida e autoritária de um prussiano. - Muito bem, doutor Freud, forneci-lhe

o

histórico médico de //errEckart Müller. Agora o senhor está pronto para o exame físico.

Diga-me,

o que o senhor examinará?

Os olhos de Freud se abriram totalmente e, com o dedo, afrouxou o colarinho. Não

compartilhava

do gosto de Breuer por esses exames simulados. Embora concordasse que fossem bons

pedagogicamente, eles sempre o agitavam.

- Sem dúvida - começou - o paciente sofre de uma lesão no sistema nervoso central. Sua cefaléia, a deterioração da visão, o histórico neurológico do pai, seus distúrbios do

equilíbrio,

tudo aponta para isso. Suspeito de um tumor cerebral. Possivelmente, uma

* Costeleta de vitela à moda de Viena. (N. do T.)

** Talharim caseiro cozinhado em água fervente. (N. do T.)

*** PSo de centeio bem escuro. (N. do T.)

esclerose disseminada. Farei um exame neurológico completo, verificando os nervos

cranianos

com grande cuidado, especialmente o primeiro, segundo, quinto e décimo-primeiro. Eu

também

verificaria os campos visuais cuidadosamente; o tumor pode estar pressionando o nervo

óptico.

- E quanto aos outros fenómenos visuais, doutor Freud? As cintilações, a visão

embaçada de

manhã que melhora com o correr do dia? O senhor por acaso conhece um câncer capaz

de

provocá-los?

- Darei uma boa olhada na retina. Ele pode sofrer de alguma degeneração da mácula.

- Degeneração da mácula que melhora de tarde? Notável! Eis um caso que merece um

artigo! E

sua fadiga periódica, seus sintomas reumáticos e seus vómitos de sangue? Também são

causados

por um câncer?

- Professor Nothnagel, o paciente pode ter duas doenças. Pulgas e piolhos também,

conforme

Oppolzer costumava dizer. Ele pode estar anêmico.

- Como o senhor examinaria a anemia?

- Por um exame de fezes e da hemoglobina.

- Nein\ Neinl Neinl Mein GotA* O que lhe ensinam nas escolas médicas de Viena?

Examine com

seus cinco sentidos. Esqueça os exames de laboratório, sua medicina judaica! O

laboratório

apenas confirma o que seus exames físicos já revelaram. Suponhamos que esteja no

campo de

batalha, doutor; irá pedir um exame de fezes?

- Eu examinaria a cor do paciente, sobretudo as dobras das palmas e as membranas das mucosas: gengivas, língua, conjuntiva.

- Certo. Mas esqueceu o mais importante: as unhas da mão. Breuer pigarreou e

continuou a

bancar o professor Nothnagel.

- Agora, meu jovem aspirante a doutor, revelarei os resultados do exame físico.

Primeiro, o

exame neurológico está completa e absolutamente normal: não há nenhuma descoberta

negativa.

O mesmo quanto a um tumor cerebral ou a uma esclerose disseminada, os quais, doutor

Freud,

eram improváveis desde o início, a não ser que conheça

* Não! Não! Não! Meu Deus! Em alemão no original. (N. do T.)

102 xxx casos que persistem por anos e irrompem periodicamente com uma grave

sintomatologia durante

24 a 48 horas e, depois, se dissolvem inteiramente sem nenhum déficit neurológico.

Não, não, não!

Essa não é uma doença estrutural, mas um distúrbio fisiológico episódico.

- Breuer se deteve e, exagerando o sotaque prussiano, pronunciou:

- Só existe um diagnóstico possível, doutor Freud.

Freud corou intensamente.

-Não sei.-Pareceu tão desamparado, que Breuer parou a brincadeira, despediu

Nothnagel e

abrandou o tom.

- Sim, você sabe, Sig. Discutimos na última vez. Hemicrania ou enxaqueca. Não

fique

envergonhado por não ter pensado nisso: a enxaqueca é uma doença caseira. Os

aspirantes à

clínica médica raramente deparam com ela, porque as vítimas da enxaqueca raramente

vão parar

no hospital. Sem dúvida, o senhor Muller sofre de uma grave enxaqueca. Ele possui

todos os

sintomas clássicos. Recapitulemo-nos: ataques intermitentes de cefaléias unilaterais

latejantes -

aliás, muitas vezes de família -, acompanhadas de anorexia, náusea e vómitos e

aberrações

visuais: clarões luminosos prodrômicos ou mesmo hemianopsia.

Freud apanhara um pequeno caderno no bolso interno do paletó e estava tomando notas.

- Estou me lembrando de algumas de minhas leituras sobre hemicrania, Josef. Segundo

a teoria

de DuBois-Reymond, trata-se de uma doença vascular, cuja dor é causada por um

espasmo das

arteríolas cerebrais.

- Du Bois-Reymond está certo quanto à natureza vascular, mas nem todos os pacientes

sofrem

de espasmo das arteríolas. Vi muitos com o contrário: uma dilatação dos vasos.

Mollendorff pensa

que a dor é causada não por um espasmo, mas por um estiramento dos vasos sangüíneos

relaxados.

- E quanto à sua perda de visão?

- Aqui entram suas pulgas e piolhos! Resulta de outra coisa, não da enxaqueca. Não

consegui

focalizar meu oftalmoscópio na retina dele. Algo obstrui minha visão. Não está no

cristalino, não

se trata de uma catarata, e sim na córnea. Ignoro a causa dessa opacidade da córnea, mas

já a vi

antes. Talvez seja edema da córnea; isso explicaria o fato de sua visão ser pior de

manhã. O

edema da córnea é maior

depois que os olhos estiveram fechados a noite toda e melhora gradualmente quando o

líquido se

evapora nos olhos abertos de dia.

.- E sua fraqueza?

-Ele está ligeiramente anêmico. Possivelmente, hemorragia gástrica, mas provavelmente

anemia

dietética. Sua dispepsia é tamanha que não consegue tolerar carne por semanas a fio.

Freud continuou tomando notas.

- E quanto à prognose? A mesma doença matou seu pai?

- Ele me formulou a mesma pergunta, Sig. Na verdade, nunca tive um paciente que

insistisse

como ele em saber os fatos nus e crus. Ele me fez prometer que lhe diria a verdade e,

depois, fez-

me três perguntas: se sua doença será progressiva, se ficará cego e se morrerá dela.

Alguma vez,

você ouviu um paciente falar assim? Prometi que lhe responderia em nossa sessão de amanhã.

- O que você lhe dirá?

- Posso tranquilizá-lo bastante baseado em um excelente estudo do médico britânico

Liveling, a

melhor pesquisa médica que já vi proveniente da Inglaterra. Você deveria ler a

monografia. -

Breuer apanhou um grosso volume e o entregou a Freud, que lentamente folheou as

páginas.

- Ainda não foi traduzida - continuou Breuer -, mas seu inglês é suficientemente bom.

Liveling

relata uma grande amostragem de vítimas de enxaqueca e conclui que a condição se

torna menos

potente com a idade, e que não está associada a nenhuma outra doença cerebral. Assim,

embora a

enxaqueca seja hereditária, é altamente improvável que seu pai tenha morrido da mesma

doença.

E claro que o método de pesquisa de Liveling não tem tanto rigor. A monografia não

deixa claro

se seus resultados se baseiam em dados longitudinais ou de amostragem. Você sabe a

diferença,

Sig?

Freud respondeu imediatamente, aparentando estar mais familiarizado com métodos de

pesquisa

do que com a medicina clínica.

- O método longitudinal significa acompanhar pacientes individuais durante anos e

descobrir

que seus ataques diminuem à medida que envelhecem, não é?

- Precisamente - respondeu Breuer. - E o método da amostragem...

r 104 " QUANDO NIETZSCHE CHOROU

Freud o interrompeu como o escolar na primeira fila da classe ávido por mostrar seus

conhecimentos:

- O método da amostragem é uma observação única em um ponto do tempo; neste caso,

de

que os pacientes mais velhos na amostragem mostram menos ataques de enxaqueca do

que os

mais jovens.

Satisfeito com o prazer do amigo, Breuer deu-lhe outra oportunidade de brilhar:

- Você sabe que método é mais preciso?

- O método da amostragem não pode ser muito preciso: a amostragem poderá conter

muito

poucos pacientes mais velhos com enxaqueca grave não porque a doença se atenue com

a

idade, mas porque tais pacientes estão doentes demais ou desiludidos demais com os

médicos

para concordarem em ser estudados.

-Exatamente, e uma deficiência que não creio que Li veling tenha percebido. Uma

excelente

resposta, Sig. Que tal comemorarmos com um charuto? - Freud aceitou com prazer um

dos

finos charutos turcos de Breuer e os dois homens os acenderam e saborearam o aroma.

-Agora-comentouFreud-podemos conversar sobre o resto do caso? - Acrescentou então

em um alto cochicho: - Aparte interessante.

Breuer sorriu.

-Talvez eu não devesse dize-lo - continuou Freud -, mas, desde que Nothnagel saiu da

sala, confesso-lhe em particular que os aspectos picolójjcos do caso me intrigam

mais

do que o

quadro clínico.

Breuer notou que seu jovem amigo parecia de fato mais animado. Os olhos de Freud

faiscavam

de curiosidade ao perguntar:

- Até que ponto esse paciente é suicida? Você conseguiu advertilo a procurar

aconselhamento?

Agora foi a vez de Breuer se sentir embaraçado. Gorou ao recordar como, na última

conversa

deles, exsudara confiança em suas habilidades de entrevistador.

- Ele é um homem estranho, Sig. Nunca vi tamanha resistência. Foi como um muro de

tijolos.

Um muro de tijolos inteligente. Ele me deu várias boas aberturas. Falou que se sentiu

bem

somente cinqüenta dias no ano passado, cheio de maus humores, temendo ser traído, vi-

ver em total isolamento, ser um escritor sem leitores, sofrer de grave insónia com

pensamentos

noturnos malignos.

Mas, Josef, esses são exatamente os tipos de aberturas que você

disse estar procurando.

Exatamente. Mas cada vez que busco uma delas, acabo de mãos

abanando. Sim, ele reconhece estar freqüentemente doente, mas insiste que é seu corpo

que está

doente, não ele, não sua essência. Quanto aos maus humores, ele se declara orgulhoso

pela

coragem de ter maus humores - como pode? Que conversa maluca! Traição? Sim,

suspeito que

se refira ao ocorrido com Frãulein Salomé, mas ele alega ter superado esse fato e não

deseja

discuti-lo. Quanto ao suicídio, nega intenções suicidas, mas defende o direito do

paciente de

escolher a própria morte. Embora pudesse gostar da morte - ele diz que a recompensa

final dos

mortos é não morrer mais! -, ainda tem muito a realizar, livros e livros por escrever. De

fato, ele

diz que sua cabeça está "grávida" de livros e crê que sua cefaléia sejam as dores de parto

cerebrais.

Freud balançou a cabeça em simpatia à consternação de Breuer.

- Dores de parto cerebrais: que metáforaTCorno Minerva nascida da fronte de Zeus!

Estranhos pensamentos: dor de parto cerebral, escolher a própria morte, a coragem de

ter maus

humores. Até que ele é inteligente, Josef. Será, pergunto-me, uma inteligência maluca

ou uma

loucura sábia?

Breuer fez que sim com a cabeça. Freud reclinou-se, exalou uma longa emanação de

fumaça

azulada e observou-a ascender e dissiparse antes de retomar a palavra.

- Esse caso está se tornando cada dia mais fascinante. Que me diz do relato de Frãulein

do

desespero suicida? Estará ele mentindo para ela? Ou para você? Ou para si mesmo?

- Mentir para si mesmo, Sig? jComo yocè mente para si próprio? Quem é o mentiroso?

Para

quem se está mentindo?

- Talvez parte dele tenha intenções suicidas, mas a parte consciente não sabe.

Breuer se virou para olhar mais de perto seu jovem amigo. Esperava ver um sorriso em

sua

face, mas Freud estava absolutamente sério.

•- Sig, cada vez mais você fala desse pequeno homúnculo inconsciente vivendo uma

vida à

parte de seu hospedeiro. Por favor, Sig, siga meu conselho: fale dessa teoria apenas para

mim.

Não, não, sequer a chamarei de teoria, pois carece de provas empíricas; vamos

denominála um

vôo da imaginação. Não fale desse vôo da imaginação com Briicke, pois aliviará sua

culpa por

não ter a coragem de promover um judeu.

Freud respondeu de forma incomum e resoluta:

- Ficará entre nós até que tenha provas suficientes. Então, publicarei, sem dúvida, minha

descoberta.

Pela primeira vez, Breuer percebeu que não restava muito de puerilidade em seu jovem

amigo.

Pelo contrário, estava germinando uma audácia, uma vontade de lutar pelas convicções,

qualidades de que Breuer gostaria de ter sido dotado.

- Sig, você fala de provas èmpíricasicomo se isso pudesse ser objeto de investigação

científica.

Mas esse homúnculo carece de realidade concreta. Trata-se simplesmente de um

construto, como

um ideal platónico. Em que poderiam consistir as provas empíricas? Pode me dar ao

menos um

exemplo? E não fale dos sonhos, pois não os aceitarei como provas; eles também são

construtos

sem substância.

- Você próprio forneceu as provas empíricas, Josef . Você me diz que a vida emocional

de

Bertha Pappenheim é condicionada por eventos ocorridos exatamente doze meses antes,

eventos

passados dos quais ela não tem consciência. No entanto, eles são descritos com precisão

no

diário da mãe de um ano atrás. Ao meu ver, isso equivale a uma prova de laboratório.

- Mas isso pressupõe que Bertha seja uma testemunha confiável, que ela realmente não

se lembre

desses eventos passados.

Mas, mas, mas... novamente - pensou Breuer - aquele "mas demoníaco". Sentiu como se

socasse

a si mesmo. Toda sua vida, tomara posições "mas" vacilantes e, agora, repetira-o com Freud, bem

como com Nietzsche - quando, no fundo, suspeitava de que ambos estivessem certos.

Freud anotou algumas outras sentenças em seu caderno.

- Josef, será que vou poder ler o diário da senhora Pappenheim alguma vez?

- Devolvi-o a ela, mas acredito que possa apanhá-lo de novo.

QUANDO NIETZSCHE CHOROU * 107

Freud tirou o relógio da algibeira e consultou as horas. -Tenho que voltar ao hospital

logo para

as rondas de Nothnagel. Mas antes de ir, diga-me o que fará com seu paciente relutante.

- Você quer dizer o que eu gostaria de fazer? Três etapas. Gostaria de estabelecer uma

boa

relação médico-paciente com ele. Depois, gostaria de interná-lo em uma clínica por

algumas

semanas para observar sua hemicrania e regular sua medicação. Durante esse tempo,

gostaria de

me encontrar com ele freqüentemente para discussões profundas de seu desespero. -

Breuer

suspirou. - Mas, conhecendo-o como eu o conheço, há poucas chances de ele cooperar

em

qualquer um desses itens. Alguma idéia, Sig?

Freud, que continuava folheando a monografia de Liveling, parou em uma página para

que

Breuer a examinasse.

- Aqui, ouça isso. Sob "Etiologia", Liveling escreve: "Episódios de enxaqueca têm sido induzidos por dispepsia, por vista cansada e pelo estresse. Repouso prolongado no leito

pode ser

aconselhável. Vítimas jovens de enxaqueca talvez tenham que ser removidas do

ambiente

estressante do colégio e educadas na calma do lar. Alguns médicos recomendam mudar

a

ocupação para outra menos exigente."

Breuer parecia curioso.

- E então?

- Acredito que essa seja nossa respostaí^Estressel Por que não fazer do estresse a chave

de seu

plano de tratamento? Assuma a posição de que, para superar sua enxaqueca, //errMuller

precisa

reduzir seu estresse^ inclusive o estresse mental. Sugira-lhe que o estresse é emoção sufocada e^

que, como no tratamento de Bertha, pode ser reduzida proporcionando ao paciente um

escoadouro. Use o método da limpeza de chaminé. Você pode até mostrar-lhe essa

afirmação de

Liveling e invocar o poder da autoridade médica. - Freud notou que Breuer sorria de

suas

palavras e perguntou: - Você acha esse plano idiota?

- De jeito nenhum, Sig. Na verdade, penso que é um excelente conselho e o seguirei à

risca. O

que me fez sorrir foram suas últimas palavras: "invocar o poder da autoridade médica".

Você teria

que conhecer o paciente para entender por que a idéia de esperar que se dobre à

autoridade

médica ou a qualquer outro tipo de autoridade me faz rir.

Abrindo A gaia ciência de Nietzsche, Breuer leu em voz alta diversas passagens que

marcara:

- íferrMiiller contesta toda e qualquerautondade e convenções. Por exemplo, ele

desmascara

as virtudes e as rebatiza de vícios, como nesta visão da fidelidade: "Obstinadamente, ele se

apega a algo que compreendeu claramente; mas o chama de fidelidade." E da polidez:

"Ele é

tão polido. Sim, ele sempre traz um biscoito para Cérbero e é tão tímido que pensa que

todos

são Cérbero, mesmo você e eu. Essa é sua polidez." E ouça esta fascinante metáfora

tanto da

deficiência visual como do desespero: "Adwludo^jafundo^^iiiaillr^^

yjeniente. Faz com que forcemos^ vista o tempo todo e, nofinal^encontra^se mais do

gue se

poderia desejar." Freud escutava com interesse.

- Enxergar mais do que se deseja - murmurou. - Gostaria de saber o que ele enxergou.

Posso dar uma olhada no livro? - Mas Breuer tinha a resposta na ponta da língua.

- Sig, ele me fez jurar que não mostraria este livro a ninguém, pois contém anotações

pessoais. Meu relacionamento com ele é tão frágil, que por ora convém atender a seu

pedido.

Mais tarde, talvez.

- Uma das coisas estranhas em minha entrevista com Herr Miiller - prosseguiu, parando

no

último de seus marcadores - foi que, sempre que tentei expressar emparia por ele, sentiu-se

ofendido e rompeu a relação entre nós. Ah! A ponte! Achei a passagem que estava

procurando.

Enquanto Breuer lia, Freud fechava os olhos para se concentrar melhor.

"Houve uma época em nossas vidas em que estávamos tão próximos, que nada parecia

obstruir

nossa amizade e fraternidade e apenas uma pequena ponte nos separava. Quando você ia

subir

na ponte, eu lhe perguntei: eVoce£uer ^atrayessarja_poattaté mim?' ImecUatamente,

você

deixou de querê-lo e, quando repeti a pergunta,, você ficou silente. Desde então,

montanhas,

rios torrenciais e o que quer^que separe e aliene interpuseram-se entrejiós e, mesmo que

quiséssemos nos reurar^não conseguiríamos. Agora, ao pensar no pontijhãq, você perde

as

palavrãgêlsJãEça e_se,_marayilha." Breuer pôs o livro de volta na escrivaninha. - Que

conclusão você tira disso, Sig?

- Estou em dúvida. - Freud se levantou e andou diante da estante de livros enquanto

falava.

- E uma historieta curiosa. Vamos analisá-la. Uma pessoa está prestes a atravessar a

ponte, ou

seja, a se aproximar da outra, quando a segunda pessoa a convida a fazer exatamente o

que

planejara. Com isso, a primeira pessoa não consegue mais dar o passo, porque agora

pareceria

estar se submetendo à outra - o poder aparentemente prejudicando a proximidade.

- Isso mesmo, tem razão, Sig. Excelente! Agora entendo. Significa que Herr Müller

interpretará qualquer expressão de sentimento positivo como um lance^peloLpoder.

Uma idéia

estranha: torna quase impossível aproximar-se dele. Em outra seção deste livro, ele diz

que

sentimos ódio por quem devassa nossos segredos e nos flagra com sentimentos meigos.

O que

precisamos no momento não é simpatia, mas recuperar nosso poder sobre nossas

próprias

emoções.

- Josef- disse Freud, sentando-se novamente e batendo a cinza do charuto no cinzeiro -,

semana passada observei a nova e engenhosa técnica cirúrgica de Bilroth na extração de

um

estômago canceroso. Agora, ao ouvir você, parece-me que terá de realizar uma cirurgia

psicológica igualmente complexa e delicada. Você sabe de suas tendências suicidas pelo

relato

de Frãulein, mas não pode dizer-lhe que sabe. Você tem que persuadi-lo a revelar seu desespero; porém, se for bem-sucedido, ele o odiará por tê-lo envergonhado. Você tem

que

conquistar sua confiança; porém, se agjr com simpatia, o acusará de tentar adquirir

poder sobre

ele.

- Cirurgia psicológica! É interessante ouvir essa sua colocação - disse Breuer. - Talvez

estejamos desenvolvendo toda uma nova subespecialidade médica. Espere, há algo mais

que

gostaria de ler pois me parece relevante.-Virou as páginas de Humano, demasiado

humano

por alguns minutos. - Não consigo achar a passagem agora, mas sua idéia é que quem

busca a

verdade deve se submeter a uma análise psicológica pessoal; o termo é "dissecação

moral".

Aliás, ele chega a ponto de afirmar que os erros, mesmo dos maiores filósofos, foram

causados

pela ignorância das próprias motivações deles. Alega que, de modo a descobrir a

verdade,

deve-se primeiro conhecer totalmente a si mesmo. Para isso, deve-se remover a si

mesmo do

contexto costumeiro, até do próprio século ou país, para então examinar-se a distância.

- Analisar a própria psique! Uma tarefa nada fácil - observou Freud, levantando-se para

partir -, mas que seria obviamente facilitada pela presença de um guia objetivo e

informado.

- Exatamente meu pensamento! - exclamou Breuer, acompanhando Freud pelo corredor.

-

O difícil será persuadi-lo disso.

- Não creio que será difícil - disse Freud. - Você tem a seu favor não só os argumentos

dele sobre a dissecação psicológica, como também a teoria médica sobre o estresse e a

enxaqueca, sutilmente invocada, é claro. Não vejo como deixar de persuadir seu filósofo

relutante da conveniência de um processo de auto-exame sob sua orientação. Boa noite,

Josef.

- Obrigado, Sig - e Breuer o abraçou brevemente no ombro. - Foi uma conversa

proveitosa. O aluno ensinou ao mestre.

QUANDO NIETZSCHE CHOROU " 111

Carta de Elisabeth Nietzsche a Friedrich Nietzsche

26 de novembro de 1882

Caro Fritz,

Nem mamãe nem eu temos tido notícias tuas há semanas. Esse não é o momento de

desapareceres! Tua símia russa continua a

espalhar mentiras sobre ü. Ela mostra aquela foto desgraçada tua e do judeu Rée

submissos a ela e brinca com todos que

aprecias o sabor de seu chicote. Eu te avisei que apanhasses essa foto - ela nos

chantageará pelo resto de nossas vidas! Ela

zomba de ti por toda parte e seu amante Rée faz coro com ela. Ela diz que Nietzsche, o

filósofo espiritual, tem a idéia fixa na ...

dela - uma parte da anatomia, não tenho coragem de repetir suas palavras, sua

obscenidade. Deixo para tua imaginação. Ela

vive agora com teu amigo Rée libertinamente aos olhos da própria mãe - uma turma da

pesada, todos eles. Nada disso

surpreende, ao menos não a mim (continuo sofrendo pela forma como desprezaste

minhas advertências em Tautenberg), mas

agora está se tornando um jogo mais mortífero - ela está infiltrando a Basiléia com suas

lorotas. Soube que está escrevendo

cartas tanto para Kemp como pat^a^Wflhdrnit Fritz, escuta-me: ela não sossegará

enquanto não te custar tua pensão. Poderás

optar pelo silêncio, mas eu não: solicitarei uma investigação policial oficial da conduta

dela com Rée! Se eu tiver sucesso - e

preciso contar com teu apoio para isso -, ela será deportada por imoralidade em um mês!

Fritz, manda-me teu endereço.

Tua única irmã, Elisabeth

CAPÍTULOS

. MANHÃ NUNCA VARIAVA na residência dos Breuer. Às seis, o padeiro da esquina,

um

paciente de Breuer, entregava os Kaisersemmel quentinhos recém-tirados do forno.

Enquanto o

marido se vestia, Mathilde punha a mesa, preparava o café marrom-claro e dispunha os

pãezinhos ondulados e com três entalhes, com manteiga sem sal e compota de cereja

preta. A

despeito da tensão existente no casamento deles, Mathilde sempre preparava o desjejum

enquanto Louis e Gretchen cuidavam das crianças.

Breuer, preocupado naquela manhã com o encontro iminente com Nietzsche, estava tão

ocupado folheando Humano, demasiado humano, que mal levantou a vista enquanto

Mathilde

servia o café. Terminou o desjejum em silêncio e, então, murmurou que a entrevista do

meio-

dia com seu novo paciente poderia se estender pelo almoço. Mathilde não gostou nem

um

pouco.

- Ouço vocês falarem tanto desse filósofo, que começo a me preocupar. Você e Sigi gastam

horas conversando sobre ele! Você trabalhou na hora do almoço na quarta-feira, ontem

ficou

no consultório lendo o livro dele até que a comida estivesse na mesa e hoje, novamente,

o lê no

desjejum. E já fala de novo em perder o almoço! As crianças precisam ver o rosto do

pai. Por

favor, Josef, não dê uma atenção exagerada a ele, como fez com outros.

Breuer sabia que Mathilde estava se referindo a Bertha, mas não apenas a Bertha:

muitas vezes,

ela reclamara de sua incapacidade de fixar limites razoáveis ao tempo dedicado aos

pacientes.

Para ele, o

compromisso com o paciente era inviolável. Uma vez este fosse aceito, jamais se

esquivava em

lhe dedicar todo o tempo e a energia que julgasse necessários. Seus honorários eram

módicos e,

no caso de pacientes com problemas financeiros, nada cobrava. Às vezes, Mathilde

sentia que

tinha de proteger Breuer dele mesmo - isso se ela conseguisse do marido algum tempo

ou

atenção.

- Os outros, Mathilde?

- Você sabe muito bem, Josef. - Continuava sem pronunciar o nome de Bertha. -

Algumas

coisas, é claro, uma esposa pode entender. A mesa cativa no café - sei que precisa de um

lugar

para se reunir com os amigos - o Tarock, os pombos no seu laboratório, o xadrez. Mas

nas outras

vezes... por que dar tanto de si desnecessariamente?

- Quando? De que se trata? - Breuer sabia que estava sendo perverso, que estava

conduzindo

a situação para um confronto desagradável.

- Já esqueceu do tempo que dedicava a Frãulein Berger?

Com exceção de Bertha, de todos os exemplos que Mathilde poderia ter dado, aquele

seguramente o irritaria mais. Eva Berger, sua enfermeira anterior, trabalhara com ele

durante

cerca de dez anos, desde seu primeiro dia de consultório. Seu relacionamento

singularmente

estreito com ela consternara Mathilde quase tanto quanto acontecera com Bertha. Nos anos em

que trabalharam juntos, Breuer e sua enfermeira desenvolveram uma amizade que

transcendeu os

papéis profissionais. Com freqüência, confidenciavam entre si assuntos

altamente

pessoais e,

quando a sós, tratavam-se pelos prenomes - possivelmente o único médico e enfermeira

em toda

Viena a fazê-lo; mas Breuer era assim.

- Você sempre distorceu meu relacionamento com Frãulein Berger - respondeu Breuer

em tom

glacial. - Até hoje, arrependome de ter lhe dado ouvidos. Despedi-la continua sendo

uma das

grandes vergonhas de minha vida.

Seis meses antes, no fatídico dia em que a delirante Bertha anunciara sua gravidez de

Breuer,

Mathilde exigira não apenas que este abrisse mão do caso de Bertha, como também que

despedisse Eva Berger. Mathilde estava raivosa e mortificada, e queria remover de sua

vida cada mancha de Bertha e de Eva, pois sabendo que o marido discutia tudo com a

enfermeira,

encarava esta como uma cúmplice de todo o terrível caso de Bertha.

Durante aquela crise, Breuer ficou tão dominado pelo remorso, sentindo-se tão

humilhado e

culpado, que acedeu a todas as exigências de Mathilde. Embora soubesse que Eva seria

um bode

expiatório, não encontrou coragem para defendê-la. Logo no dia seguinte, não apenas

transferiu o

caso de Bertha para um colega, como também despediu a inocente Eva Berger.

- Sinto muito ter levantado essa lebre, Josef, mas que fazer ao vê-lo se afastar cada vez

mais de

mim e dos nossos filhos? Quando lhe peço algo, não é para apoquentá-lo, mas porque

eu, ou

melhor, nós queremos sua presença. Considere isso um elogio, um convite. - Mathilde

sorriu para

ele.

- Aprecio convites, mas detesto ordens! - Breuer imediatamente se arrependeu de suas

palavras, mas não soube como retratá-las. Terminou o desjejum em silêncio.

Nietzsche chegara quinze minutos antes do horário, marcado para o meio-dia.

Breuer o

encontrou

sentado em silêncio num canto da sala de espera, com seu chapéu de feltro verde e abas

largas na

cabeça, o paletó abotoado até o pescoço, os olhos cerrados. Enquanto se dirigiam ao consultório

e se acomodavam nas cadeiras, Breuer procurava deixá-lo à vontade.

- Obrigado por me confiar exemplares pessoais de seus livros. Se qualquer uma de suas

notas

nas margens contém assuntos confidenciais, não se preocupe; não consigo decifrar sua

letra. O

senhor tem uma letra de médico: quase tão ilegível quanto a minha! Alguma vez cogitou

em uma

carreira médica?

Quando Nietzsche meramente levantou a cabeça ante a piadinha de Breuer, este

continuou sem se

deixar intimidar.

-Mas permita que comente seus excelentes livros. Não tive tempo de terminá-los ontem,

mas

fiquei fascinado e tocado por muitas de suas passagens. O senhor escreve

extraordinariamente

bem. Seu editor, além de preguiçoso, também é um tolo: trata-se de livros que um editor

deveria

patrocinar de corpo e alma.

Novamente Nietzsche não respondeu, limitando-se a inclinar a cabeça ligeiramente para

agradecer o cumprimento. Cuidado - pensou Breuer -, talvez ele se ofenda também com

cumprimentos.

- Mas vamos ao que interessa, professor Nietzsche. Desculpe pela tagarelice.

Discutamos o seu

estado clínico. Baseado nos informes de seus médicos anteriores e no meu exame e

estudos de

laboratório, estou certo de que sua principal doença é a hemicrania, ou enxaqueca.

Presumo que

já tenha ouvido isso antes: dois de seus médicos anteriores a mencionam nas anotações

das

consultas.

- Sim, outros médicos me falaram que minhas dores de cabeça têm características de

enxaqueca:

dor intensa, com freqüência em um só lado da cabeça, precedida de uma aura de luzes

faiscantes e

acompanhada de vómitos. Isso eu certamente tenho. O seu emprego do termo vai além

disso,

doutor Breuer?

-Talvez. Houve uma série de progressos em nossa compreensão da enxaqueca; meu palpite é

que, na próxima geração, ela estará sob total controle. Algumas das pesquisas recentes

respondem

às três perguntas formuladas pelo senhor. Primeiro, quanto a saber se seu destino será

sofrer a vida

toda esses ataques terríveis, os dados indicam fortemente que a enxaqueca se torna

menos potente

com o aumento da idade do paciente. O senhor deve entender que se trata apenas de

estatísticas,

referindo-se simplesmente as probabilidades, sem dar certeza sobre qualquer

caso

individual.

- Vejamos a pergunta que considerou a mais dura: se sua constituição, à semelhança da

de seu

pai, o levará à morte, à loucura, à demência... creio que os citou nessa ordem.

Os olhos de Nietzsche se dilataram, aparentemente pela surpresa de ouvir respostas tão

diretas às

suas perguntas. Bom, bom - pensou Breuer -, mantenha-o desprevenido. Ele nunca deve

ter

tido um médico capaz de ser tão ousado como ele próprio.

- Não há qualquer evidência-continuou enfaticamente - em qualquer estudo publicado

ou em

minha própria larga experiência clínica de que a enxaqueca seja progressiva ou esteja

associada

a qualquer outra doença do cérebro. Ignoro de que doença seu pai sofreu: meu palpite é

câncer,

possivelmente uma hemorragia cerebral. Mas não há qualquer evidência de que a

enxaqueca

degenere nessas doen-

cãs ou em qualquer outra.-Fez uma pausa. - Assim, antes de prosseguirmos, respondi

honestamente às suas perguntas?

Duas das três, doutor Breuer. Houve uma outra: ficarei cego?

- Creio que essa é uma pergunta sem resposta, mas direi o que for possível. Primeiro,

não há

qualquer indício de que a deterioração de sua visão esteja associada à sua enxaqueca.

Sei que é

tentador considerar todos os sintomas como manifestações de um único estado

subjacente, mas

esse não é o nosso caso. Agora, a deficiência visual pode agravar, ou mesmo precipitar,

o ataque

de enxaqueca - essa é outra questão à qual voltaremos mais tarde -, mas seu problema

visual é

algo inteiramente diferente. Sei que sua córnea, a camada fina sobre a íris... deixe-me desenhar

uma figura...

Em seu receituário, Breuer esboçou a anatomia do olho, mostrando a Nietzsche

que sua

córnea

era mais opaca do que deveria, provavelmente devido ao edema, ao acúmulo de líquido.

-Ignoramos a causa desse problema, mas sabemos, isso sim, que a progressão é muito

gradual e

que, embora sua visão possa se tornar mais embaçada, é improvável que o senhor venha

algum

dia a ficar cego. Não posso ter certeza absoluta, pois a opacidade de sua córnea não

deixa que eu

veja e examine a retina com meu oftalmoscópio. Entende agora meu problema em

responder a sua

pergunta de forma mais completa?

Nietzsche, que alguns minutos antes tirara o paletó e o pusera no colo junto com o

chapéu,

levantou-se para pendurar os dois no gancho que havia na porta do consultório. Ao se

sentar de

novo, exalou ruidosamente o ar dos pulmões e pareceu mais relaxado.

- Obrigado, doutor Breuer. O senhor é realmente um homem de palavra. Não escondeu

nada de

mim?

Uma boa oportunidade - pensou Breuer - de encorajar Nietzsche a revelar mais sobre si

mesmo. Mas preciso ser sutil.

- Se ocultei? Muita coisa! Muitos de meus pensamentos, meus sentimentos, minhas

reações em

relação ao senhor! As vezes, pergunto-me como seriam as conversas sob uma

convenção social

diferente, sem nada escondido. Mas dou-lhe minha palavra de que nada ocultei sobre

seu estado

médico. E o senhor? Lembre-se de que nosso contrato de honestidade é recíproco. Diga-

me, o

que esconde de mim?

- Certamente nada sobre meu estado médico - respondeu Nietzsche. - Mas escondo o

máximo possível daqueles pensamentos que não devem ser compartilhados! O senhor

imagina

uma conversa às claras sem nada escondido; acredito que seja um verdadeiro inferno.

Expor-se

a um outro é o prelúdio da traição e a traição é angusti-

- Uma posição provocadora, professor Nietzsche. Mas já que o tema é a exposição aos outros, deixe-me revelar uma particularidade. Nossa discussão da quarta-feira foi

tremendamente estimulante para mim e eu adoraria voltar a conversar com o senhor no

futuro.

Sou apaixonado por filosofia, mas estudei-a pouco demais na universidade. Minha

prática

médica diária raramente oferece satisfação para minha paixão; ela arde lentamente e

anseia pela

combustão.

Nietzsche sorriu mas nada comentou. Breuer se sentiu confiante; preparara-se bem. O

relacionamento estava progredindo e a entrevista desenrolava-se a contento. Agora,

discutiria o

tratamento: primeiro os remédios e, depois, alguma forma de "tratamento através da

conversa".

- Vejamos o tratamento de sua enxaqueca. Existem muitos remédios novos que, ao que

se

relata, se mostraram eficazes para alguns pacientes. Refiro-me a remédios como os

brometos, a

cafeína, a valeriana, a beladona, o nitrato amílico, a nitroglicerina, a colchicina e a

ergotina, para

citar apenas alguns da lista. Vejo nas suas fichas que o senhor já tentou alguns deles.

Alguns se

provaram eficazes por razões que ninguém compreende, alguns por suas propriedades

gerais

analgésicas ou sedativas e alguns por atacarem o mecanismo básico da enxaqueca.

- Qual é? - Nietzsche perguntou.

- Vascular. Todo observador concorda que os vasos sanguíneos, especialmente as

artérias

temporais, estão envolvidos em um ataque de enxaqueca. Eles se contraem

vigorosamente e,

depois, parecem ingurgitar. A dor pode emanar das paredes dos próprios vasos

estirados

ou

contraídos ou dos órgãos que clamam por seu suprimento de sangue normal,

especialmente as

membranas que cobrem o cérebro: a dura-máter e a pia-máter.

- Qual a razão dessa desordem dos vasos sangüíneos?

Continua desconhecida - respondeu Breuer. - Mas creio que

teremos a solução brevemente. Por enquanto, só podemos especular. Muitos médicos,

entre os

quais me incluo, estão impressionados com a patologia da ritmicidade subjacente na

hemicrania. De fato, alguns chegam a ponto de dizer que a desordem de ritmo é mais fundamental que a dor de cabeça.

- Não compreendo, doutor Breuer.

- Quero dizer que a desordem do ritmo pode se expressar através de diferentes órgãos.

Assim, a própria dor de cabeça não precisa estar presente em um ataque de enxaqueca.

Pode

ocorrer algo como uma enxaqueca abdominal, caracterizada por ataques agudos de dor

abdominal, sem dor de cabeça. Outros pacientes relataram episódios súbitos em

que se

sentem

de repente desesperados ou eufóricos. Alguns pacientes têm uma sensação periódica de

que já

experimentaram suas experiências atuais. Os franceses o chamam de déjà vu; talvez isso

também seja uma variação da enxaqueca.

-E subjacente à desordem do ritmo? A causa das causas? Acabaremos chegando em

Deus, o

erro final na falsa busca de uma verdade derradeira?

- Não, podemos chegar no misticismo médico, mas não em Deus! Não nessa área.

- Que bom - Nietzsche observou com certo alívio. - De repente, ocorreu-me que, ao

falar

livremente, possa ter sido insensível aos seus sentimentos religiosos.

- Não há esse perigo, professor Nietzsche. Suspeito de que sou um livre-pensador judeu

tão

devoto como o senhor como luterano.

Nietzsche deu um sorriso maior do que todos os anteriores e acomodou-se ainda mais

confortavelmente na cadeira.

- Se ainda fumasse, doutor Breuer, agora seria o momento de lhe oferecer um charuto.

Breuer sentiu-se decididamente encorajado. A sugestão de Freud de enfatizar o estresse

como

uma causa subjacente dos ataques de enxaqueca é brilhante - pensou - e destinada ao

sucesso. O cenário está montado; chegou a hora da ação!

Inclinou-se para a frente na cadeira e falou com confiança e deliberação.

120 " QUANDO NIETZSCHE CHOROU

- Estou interessadíssimo em sua pergunta sobre a causa de um ritmo biológico

desordenado.

Acredito, como a maioria das autoridades em enxaqueca, que uma causa fundamental

dessa

condição reside no nível geral de estresse da pessoa. O estresse pode ser causado por uma série

de fatores psicológicos; por exemplo, contrariedades no trabalho, na família, nos

relacionamentos

pessoais ou na vida sexual. Embora há quem considere esse ponto de vista heterodoxo,

acredito

que seja a onda do futuro da medicina.

Silêncio. Breuer estava inseguro quanto à reação de Nietzsche. Por outro lado, acenava

com a

cabeça como que concordando, mas também fletíndo o pé, sempre um sinal de tensão.

- Que impressão teve de minha resposta, professor Nietzsche?

- Sua posição implica que o paciente opta pela doença? Seja cauteloso com essa

pergunta! -

pensou Breuer.

- Não, não foi isso absolutamente que quis dizer, professor Nietzsche, embora tenha

conhecido

pacientes que, de alguma forma estranha, tiraram proveito da doença.

- Por exemplo, rapazes que ferem a si próprios para escapar ao serviço militar?

Uma pergunta traiçoeira. Breuer aumentou a cautela. Nietzsche contara que servira na

artilharia

prussiana por um breve tempo e que fora dispensado devido a um ferimento bobo em

tempo de

paz.

- Não, algo mais sutil - uma rata, percebeu instantaneamente Breuer. Nietzsche se

ofenderia

com a observação. Não encontrando nenhuma forma de retificá-la, prosseguiu. - Refiro-

me a um

rapaz em idade de se alistar que escapa do serviço militar pelo advento de alguma

doença real.

Por exemplo... - Breuer procurou algo totalmente distante da experiência de Nietzsche -

tuberculose ou uma infecção debilitante da pele.

- O senhor viu essas coisas?

- Todo médico viu essas estranhas "coincidências". Mas voltando à sua pergunta, não

quero

dizer que tenha optado por sua doença, a não ser, é claro, que se beneficie de alguma

forma de

sua enxaqueca. Isso acontece?

Nietzsche ficou em silêncio, aparentemente imerso em profundas reflexões. Breuer

relaxou e

elogiou a si mesmo. Uma boa resposta!

Essa é a forma de lidar com ele. Seja direto e desafiador; ele gosta disso. E formule as

perguntas

de forma a mobilizar seu intelecto.

- Será que de alguma forma tiro proveito dessa miséria? - respondeu finalmente

Nietzsche. -

Refleti exatamente sobre essa pergunta por vários anos. Talvez eu me beneficie sim. De

duas

maneiras. O senhor acha que os ataques são causados pelo estresse, mas às vezes o

oposto é

verdadeiro: os ataques dissipam o estresse. Meu trabalho é estressante. Exige que eu

encare o

lado escuro da existência e o ataque de enxaqueca, por mais terrível que seja, pode ser

uma

convulsão purificadora que me permite continuar.

Uma resposta poderosa! Breuer não contara com ela e lutou para recuperar seu

equilíbrio.

- O senhor diz que se beneficia da doença de duas formas. Qual é a segunda?

- Acredito que me beneficio da visão deficiente. Há anos, não consigo ler os

pensamentos de

outros filósofos. Assim, apartado dos outros, penso meus próprios pensamentos.

Intelectualmente,

tenho tido que me sustentar de minha própria gordura! Talvez isso seja positivo. Talvez

por isso

eu me tornei um filósofo honesto. Escrevo apenas a partir de minha experiência.

Escrevo com

sangue e a melhor verdade é uma verdade sangrenta! ~

- O Penhor, portanto, viu-se desligado de todos os colegas em sua profissão?

Outro erro! Novamente, Breuer o captou de imediato. Sua pergunta era inconveniente e

refletia

apenas sua própria preocupação com o reconhecimento pelos colegas.

- Estou pouco ligando para isso, doutor Breuer, especialmente quando considero o

estado

vergonhoso da filosofia alemã atual. Há muito tempo, abandonei as salas da academia e

não

esqueci de bater a porta ao sair. Pensando bem, talvez essa seja outra vantagem de

minha

enxaqueca.

- Como assim, professor Nietzsche?

-Minha doença me emancipou. Por causa de minha doença, tive que renunciar à minha posição

na Basiléia. Se continuasse lá, estaria preocupado em me defender de meus colegas.

Mesmo meu

primeiro livro, O nascimento da tragédia, uma obra relativamente convencional,

despertou tantas

críticas e controvérsias entre os professores, que

a faculdade da Basiléia desencorajou os alunos de se inscreverem nos meus cursos. Nos

meus

últimos dois anos lá, eu, talvez o melhor conferencista da história da Basiléia, falei para

platéias

de apenas dois ou três. Ouvi dizer que Hegel lamentou no leito de morte que só tivera

um aluno

que o entendera, e mesmo aquele aluno o entendera maK Quanto a mim, não tenho

sequer um

aluno que me entenda mal.

A inclinação natural de Breuer seria oferecer apoio. Mas temendo ofender Nietzsche

novamente, limitou-se a um aceno de compreensão com a cabeça, tomando cuidado

para não

transmitir simpatia.

- Ocorre-me ainda outra vantagem de minha doença, doutor Breuer: graças ao meu

estado de

saúde, fui dispensado do serviço militar. Houve uma época em que eu era

suficientemente tolo

para procurar uma cicatriz em um duelo - aqui Nietzsche apontou a pequena cicatriz no

nariz

- ou para mostrar quanta cerveja conseguia engolir. Eu era tão tolo que cogitei numa

carreira

militar. Lembre-se de que naqueles dias remotos faltou-me a orientação de um pai. Mas

minha

doença poupou-me de tudo isso. Mesmo agora, enquanto falo, começo a pensar em

formas

ainda mais fundamentais pelas quais minha doença me ajudou...

Não obstante seu interesse nas palavras de Nietzsche, Breuer foi ficando impaciente.

Seu

objetivo era persuadi-lo a fazer um tratamento através da conversa, e o comentário

secundário

sobre lucrar com a doença fora apenas um prelúdio à sua proposta. Não contara com a

fertilidade da mente de Nietzsche. Qualquer pergunta submetida a ele, um infinitésimo

de uma

pergunta, despertava uma exuberância de pensamento.

As palavras de Nietzsche fluíam agora. Ele parecia preparado para discursar durante horas

sobre o assunto.

- Minha doença também me confrontou com a realidade da morte. Durante algum

tempo,

acreditei que sofresse de uma doença incurável que me mataria em uma idade

prematura" O

espectro da morte iminente tem sido uma grande bonança: tenho trabalhado sem

descanso com

medo de morrer antes de conseguir terminar o que tenho que escrever. Além disso, uma

obra

de arte não é maior com um final catastrófico? O gosto de minha morte na boca

deu-me

perspectiva e coragem. O importante é a coragem de ser eu mesmo. Serei um professor?

Um

filólogo? Um filósofo? Que importa?

O ritmo de Nietzsche se acelerou. Parecia satisfeito com seu fluxo de pensamentos.

- Obrigado, doutor Breuer. Conversar com o senhor me ajudou a consolidar essas ideias.

Sim, eu deveria abençoar minha doença. Para um psicólogo, o sofrimento pessoal é uma

bênção: o campo de treinamento para encarar o sofrimento da existência.

Nietzsche parecia absorto em alguma visão interior e Breuer já não sentia que

estivessem

engajados numa conversa. Esperava, a qualquer minuto, que seu paciente pegasse papel

e lápis

e começasse a compor.

Não obstante, Nietzsche olhou para cima e lhe falou mais diretamente:

- Lembra-se, na quarta-feira, de minha sentença de granito: "Torna-te quem tu és"?

Hoje, dir-

lhe-ei minha segunda sentença de granito: "'Tudo que não me mata,

mefortalece.^Assim, repito:

mi- nhã doença é uma bênção.

A sensação de comando e de convicção de Breuer desapareceu. A vertigem intelectual o

dominou, à medida que Nietzsche, mais uma vez, virou tudo de ponta-cabeça. Branco é

preto,

bom é mau. Sua miserável enxaqueca, uma bênção. Breuer sentiu que perdia o controle

da

consulta e lutou para recuperá-lo.

- Uma perspectiva fascinante, professor Nietzsche, que jamais ouvi expressada antes.

Mas o

senhor há de convir que já desfrutou os principais benefícios de sua doença. Agora,

hoje, na

metade da vida,

armado da sabedoria e da perspectiva trazidas pela doença^estqu cer-

to de que poderá trabalhar mais eficazmente sem essa interferência. Ela já cumpriu suas

funções, certo?

Enquanto falava e reunia os pensamentos, Breuer rearranjou os objetos em sua

escrivaninha: o

modelo de madeira do interior da orelha, o peso de papel de vidro azul e dourado

espiralado

de Veneza, o almofariz com pilão de bronze, o receituário, o grosso formulário

farmacêutico.

- Ademais, conforme o entendo, professor Nietzsche, o senhor descreve muito menos a

opção por uma doença do que conquistá-la e beneficiar-se dela. Estou certo?

- Eu falo sim de conquistar ou dominaruma. doença - respondeu Nietzsche -, mas

quanto a

optar... estou em dúvida, talvez a pés-

soa escolha sim uma doença. Depende de quem é a pessoa. A psique não funciona como

uma

entidade única. Partes de nossa mente podem funcionar independentemente das outras.

Talvez

"eu" e meu corpo formemos uma conspiração pelas costas de minha própria mente. A

mente,

fique sabendo, adora passagens secretas e alçapões.

Breuer ficou assombrado com a semelhança das afirmações de Nietzsche com a posição

de

Freud do dia anterior.

- O senhor sugere que existem reinos mentais independentes e murados dentro de nossa

mente? - perguntou.

- É impossível escapar dessa conclusão. Na verdade, grande parte de nossa vida pode

ser

vivida por nossos instintos. Talvez as representações mentais conscientes sejam

reflexões

posteriores: ideias pensadas após a ação para nos proporcionar a ilusão de poder e

controle.

Doutor Breuer, mais uma vez lhe agradeço; nossa conversa me deu a idéia de um

importante

projeto para este inverno. Por favor, desculpe-me por um momento.

Abrindo sua pasta, Nietzsche apanhou um toco de lápis e um caderno e escreveu algumas

linhas. Breuer espichou o pescoço tentando, em vão, lê-las de cabeça para baixo.

A complexa linha de pensamento de Nietzsche os afastara bastante do objetivo

específico que

Breuer tencionava alcançar. Apesar disso, embora se sentisse como um idiota, não teve

alternativa exceto continuar pressionando.

- Como seu médico, adotarei a posição de que, embora sua doença tenha trazido certos

benefícios, como o senhor alegou tão lucidamente, chegou a hora de declarar guerra a

ela, de

aprender seus segredos, de descobrir suas fraquezas e de erradicá-la. Posso esperar sua

indulgência e que adote esse ponto de vista?

Nietzsche alçou o olhar do caderno para Breuer e aquiesceu com um movimento da

cabeça.

- Creio ser possível - continuou Breuer - optar inadvertidamente pela doença

escolhendo-

se um meio de vida que produza estresse. Quando esse estresse se torna suficientemente

forte

ou crónico, afeta por sua vez algum sistema orgânico suscetível; no caso da enxaqueca,

o

sistema vascular. Trata-se, veja bem, de uma escolha indireta. A rigor, a pessoa não

escolhe ou

seleciona uma doença, mas escolhe o estresse eéo estresse que escolhe a doençai

O sinal de compreensão com a cabeça de Nietzsche encorajou Breuer a continuar.

- Desse modo, o estresse é nosso inimigo e cabe-me, como seu médico, ajudar a reduzir

o

estresse em sua vida.

Breuer se sentiu aliviado por recuperar o controle. Agora - pensou - preparei o terreno

para

o próximo e último pequeno passo: propor ajudar Nietzsche a aliviar as fontes

psicológicas de

estresse em sua vida.

Nietzsche pôs o lápis e o caderno de volta na pasta.

- Doutor Breuer, há vários anos venho atacando o problema do estresse em minha vida.

O

senhor fala em reduzir o estresse. Foi precisamente por essa razão que deixei a

Universidade da

Basileia em

1879- Vivo uma vida sem estresse. Parei de lecionar. Não administro nenhuma

propriedade.

Não tenho lar de que cuidar, empregados para supervisionar, esposa com quem

brigar^filhos^para discipUnari Vivo frugalmente de uma modesta pensão. Não tenho

obrigações para com ninguém. Reduzi o estresse em minha vida ao mínimo possível, a

um

nível irredutível. Como reduzi-lo ainda mais?

- Não concordo que seja irredutível, professor Nietzsche. E exatamente essa questão que

gostaria de explorar com o senhor. Veja bem...

-Não se esqueça-interrompeu Nietzsche-de que herdei um sistema nervoso

anormalmente

sensível. Sei-o pela minha profunda reação à música e à arte. Ao ouvir Carmem pela

primeira

vez, todas as células nervosas de meu cérebro se inflamaram ao mesmo tempo: meu

sistema

nervoso inteiro ficou excitado. Pela mesma razão, respondo violentamente à mínima

mudança

do tempo e da pressão barométrica.

- Mas - Breuer contra-atacou -, tal hipervigilância neuronial pode não ser constitucional.

Pode ser ela própria função do estresse de outras fontes.

- Não, não! - protestou Nietzsche, abanando a cabeça impacientemente, como se Breuer

tivesse entendido tudo errado. - Meu argumento é que a hipervigilância, usando sua

expressão, não é indesejável: ela é necessária ao meu trabalho. Eu quero estar alerta.

Não quero

ser excluído de qualquer parte de minha experiência interna! Se a tensão é o preço da

visão

interna, tudo bem! Sou suficientemente rico para pagar esse preço.

Breuer não respondeu. Não esperara tal resistência total e imediata. Sequer descrevera

sua

proposta de tratamento; contudo, os argumentos que preparara estavam sendo

antecipados e já

estavam comprometidos. Silenciosamente, procurou uma forma de arregimentar suas

tropas.

Nietzsche continuou:

- O senhor olhou os meus livros. Compreende que escrevo não porque seja inteligente

ou

erudito. Não, é porque tenho a ousadia, a propensão de me apartar do conforto do

rebanho e

de encarar inclinações fortes e maléficas. Inv^sriga^ág_ÉÉÍência romeçam pela

descrença. No

entanto, a descrença é inerentemente estressante! Só o forte consegue tolerá-la. Sabe qual é a

verdadeira questão para um pensador? - Não esperou por uma resposta. - A verdadeira

questão é: quanta verdade consigo suportar? Não é ocupação para aqueles de seus

pacientes

que desejam eliminar o estresse, viver uma vida

tranqüila.

Breuer não tinha como rebater. A estratégia de Freud estava em frangalhos. Baseie sua

abordagem na eliminação do estresse - aconselhara. Mas eis um paciente que insiste que

o

trabalho de sua vida, exatamente aquilo que o mantém vivo, requer estresse.

Reassumindo o controle, Breuer reverteu à autoridade médica.

- Entendo seu dilema precisamente, professor Nietzsche, mas ouça-me até o fim.

Descobrirá

que podem existir meios de sofrer menos enquanto continua a conduzir suas

investigações

filosóficas. Pensei muito em seu caso. Em meus muitos anos de experiência clínica com

a

enxaqueca, ajudei muitos pacientes. Creio poder ajudá-lo. Por favor, deixe-me

apresentar meu

plano de tratamento.

Nietzsche anuiu com a cabeça e reclinou-se na cadeira - sentindo-se seguro, Breuer

imaginou,

por detrás da barricada que erigira.

- Proponho que seja admitido na Clínica Lauzon de Viena para um mês de observação e

tratamento. Essa solução apresenta certas vantagens. Poderemos fazer tentativas

sistemáticas

com vários dos novos medicamentos antienxaqueca. Vejo em sua ficha que nunca

tentou a

ergotamina. E um novo e promissor tratamento para a enxaqueca, mas requer certas

precauções. Deve ser tomada bem no início de um ataque; além disso, se usada

incorretamente,

pode provocar graves efeitos colaterais. Por isso, prefiro regular a dosagem apropriada

com o

paciente no hospital e sob estreita vigilância. Tal observação

pode também nos fornecer informações valiosas sobre o desencadeador da enxaqueca.

Vejo

que é um arguto observador de seu próprio estado; mesmo assim, existe uma vantagem

real nas

observações por profissionais treinados.

-Tenho usado muito a Lauzon para os meus pacientes - apressou-se Breuer, não

permitindo

interrupções. - É confortável e administrado com competência. O novo diretor

introduziu

muitas novidades, inclusive servir à mesa águas de Baden-Baden. Além do mais, por

estar na

minha área de atuação, poderei visitá-lo diariamente, exceto aos domingos, e juntos

exploraremos as fontes do estresse em sua vida.

Nietzsche sacudia a cabeça ligeira mas resolutamente.

- Permita-me - continuou Breuer - antecipar sua objeção; a que o senhor acabou de

apresentar, de que o estresse é tão intrínseco ao seu trabalho e à sua missão que, mesmo

que

fosse possível extirpálo, não concordaria com tal procedimento. E isso mesmo?

Nietzsche assentiu com a cabeça. Breuer ficou contente ao ver um brilho de curiosidade

nos

seus olhos. Bom, bom! - pensou. O professor acreditou ter proferido a palavra final

sobre o

estresse. Está surpreso por eu não dar o braço a torcer.

- Minha experiência clínica ensinou-me que existem várias fontes de tensão, fontes que

podem estar fora do alcance do indivíduo estressado e que requerem um guia objetivo

para a

elucidação.

- As fontes da tensão, quais são elas, doutor Breuer?

- A certa altura de nossa discussão - foi quando lhe perguntei se mantém um diário dos

eventos em torno dos ataques de enxaqueca -, o senhor aludiu a eventos ponderosos que

o

perturbavam de escrever o diário. Suponho que esses eventos - o senhor terá ainda que

ser

explícito sobre eles - sejam fontes de estresse que poderia ser aliviado através da

discussão.

- Já resolvi essas perturbações, doutor Breuer - disse Nietzsche com objetividade.

Entretanto, Breuer persistiu.

- Certamente, existem outras tensões. Por exemplo, na quartafeira, o senhor aludiu a

uma

traição recente. Certamente, essa traição provocou estresse. Assim como nenhum ser

humano

está livre da ansiedade, nenhum escapa da dor de uma amizade desfeita. Ou da dor do

isolamento. Para ser honesto, professor Nietzsche, como seu médico, preocupa-me a

rotina

diária que descreveu. Quem pode tolerar

tal isolame^to> jjá pouco, apresentou sua falta de esposa, de filhos e de colegas çOmo

sinais de

que eliminou o estresse de sua vida. Minha visão é diferente: o isolamento

extremado

não

elimina o estresse, mas é, em si, espesse. A solidão é um solo fértil para a doença.

Nietzs^he

abanou a cabeça resolutamente.

- Perita que discorde, doutor Breuer. Os grandes pensadores sempre escolhem sua

própria

companhia, pensam seus próprio pensamentos, irriperturbados pelo rebanho. Considere

Thoreau, Espinosa ou os ascetas religiosos como São Jerônimo, São Francisco ou o

Buda.

- Nãcj conheço Thoreau mas, quanto aos demais, serão paradigmas da saúde mental?

Ademais - aqui Breuer deu um largo sorriso, esperando iluminar a discussão - , seu

argumento deve correr grave risco, já que recorre aos grandes religiosos para respaldá-

lo.

Nietzsche não gostou.

- Doutor Breuer, sou grato por seus esforços em meu favor e já tirei proveito desta

consulta:

as informações que me forneceu sobre a enxaqueca são preciosas para mim. Mas não é

recomendável para mim internar-me numa clínica. Minhas temporadas prolongadas em

estações

de águas - semanas em Saint-Moritz, em Hex, em Steinabad - nunca deram em nada.

Breuer não esmoreceu.

- O senhor tem que entender, professor Nietzsche, que nosso tratamento na Clínica

Lauzon

não terá nenhuma semelhança com uma estação em qualquer balneário europeu.

Arrependo-me

de ter mencionado as águas de Baden-Baden. Elas representam um infinitésimo do que

Lauzon,

sob minha supervisão, tem a oferecer.

- Doutor Breuer, se o senhor e sua clínica se localizassem alhures, pensaria seriamente

em seu

plano. A Tunísia, talvez, a Sicília ou mesmo Rapallo. Mas um inverno vienense seria

um

desastre para meu sistema nervoso. Não creio que viesse a sobreviver.

Embora Breuer soubesse de Lou Salomé que Nietzsche não expressara tais objeções diante da

proposta de que ela, Nietzsche e Paul Rée passassem o inverno juntos em Viena,

tratava-se,

sem dúvida, de uma informação a que não poderia recorrer. Não obstante, teve uma

resposta

muito melhor.

- Professor Nietzsche, vejo que entendeu exatamente onde quero chegai ! Se o

hospitalizássemos na Sardenha ou Tunísia e o senhor

ficasse livre da enxaqueca por um mês, nada teríamos obtido. A investigação médica

não difere

da investigação filosófica: riscos precisam ser corridos\ Sob nossa supervisão na

Lauzon, o

desenvolvimento de um ataque de enxaqueca não seria causa de alarme, e sim uma

bênção: um

tesouro de informações sobre a causa e o tratamento de seu problema. Asseguro-lhe que

estarei

imediatamente disponível e que abortarei rapidamente um ataque com ergotamina ou

nitroglicerina. Aqui Breuer fez uma pausa. Sabia que sua resposta fora poderosa e

procurou

não se mostrar radiante. Nietzsche engoliu antes de responder.

- Seu argumento procede, doutor Breuer. Contudo, é-me totalmente impossível aceitar

sua

recomendação. Minha objeção ao seu plano e tratamento tem raízes nos níveis mais

profundos

e fundamentais. Além disso, existe um obstáculo mundano mais importante: o dinheiro!

Mesmo

na melhor das circunstâncias, meus recursos seriam estourados por um mês de cuidados

médicos intensivos. Nesse momento, é impossível.

-Acb, professor Nietzsche, não é estranho que eu formule tantas perguntas sobre

aspectos

íntimos de seu corpo e de sua vida e, como a maioria dos médicos, evite me intrometer

na sua

privacidade financeira?

- O senhor foi desnecessariamente discreto, doutor Breuer. Não tenho relutância em

discutir

minhas finanças. O dinheiro pouco importa para mim, contanto que tenha o suficiente

para

continuar meu trabalho. Vivo uma vida simples e, afora alguns livros, gasto o

estritamente

necessário para minha mera subsistência. Quando renunciei ao meu cargo na Basiléia,

três anos

atrás, a universidade ofereceu-me uma pequena pensão. Esse é o meu dinheiro! Não tenho

quaisquer outros fundos ou fontes de renda: nenhum legado de meu pai, nenhum

estipendio de

meus patronos - inimigos poderosos garantiram isso - e, conforme lhe indiquei, minhas

obras jamais me renderam um centavo. Dois anos atrás, a Universidade da Basiléia

votou um

pequeno aumento de minha pensão. Creio que a primeira recompensa teve por fim que

eu fosse

embora e a segunda, que eu continuasse afastado. - Nietzsche apanhou uma carta de sua

jaqueta. - Sempre supus que a pensão seria vitalícia. Porém, nesta manhã, Over-

beck entregou uma carta de minha irmã que dá a entender que minha pensão está em

perigo.

- Por que, professor Nietzsche?

- Alguém de quem minha irmã não gosta está me difamando. No momento, não sei se as

acusações são verdadeiras ou se minha irmã está exagerando, como faz com freqüência.

Seja

como for, o ponto importante é que, no momento, não posso assumir uma obrigação

financeira

de vulto.

Breuer ficou feliz e aliviado com a objeção de Nietzsche. Era um obstáculo facilmente

transponível.

- Professor Nietzsche, creio que temos atitudes semelhantes em relação ao dinheiro.

Assim

como o senhor, jamais atribuí importância emocional a ele. Contudo, por mero acaso,

minhas

circunstâncias diferem das suas. Se seu pai tivesse vivido a ponto de lhe deixar um

legado, o

senhor teria dinheiro. Embora meu pai, um proeminente professor de hebraico, me

deixasse

somente um legado modesto, arranjou-me um casamento com a filha de uma das

famílias

judaicas mais abastadas de Viena. Ambas as famílias ficaram satisfeitas: um belo dote

em troca

de um cientista médico com grande potencial. Tudo isso, professor Nietzsche, é uma

forma de

dizer que seu obstáculo financeiro não é obstáculo para mim. A família de minha

esposa, os

Altmanns, dotaram a Lauzon de dois leitos gratuitos que posso usar ao meu critério.

Assim, a

clínica não cobraria nenhuma taxa nem eu, honorários por meus serviços. Saio mais rico

de

cada uma de nossas discussões! Portanto, nenhum problema! Está tudo acertado!

Notificarei a

clínica Lauzon. Que tal o senhor se internar ainda hoje?

CAPITULO 9

M NEM TUDO ESTAVA RESOLVIDO. Nietzsche ficou sentado de olhos fechados por

bastante

tempo. Depois, abrindo-os de súbito, disse decididamente:

- Doutor Breuer, já lhe tomei demais seu tempo valioso. Sua oferta é generosa. Eu a

lembrarei

por muito tempo, mas não posso... não irei aceitá-la. Existem razões além da razão -

palavras

proferidas com finalidade, como se não tencionasse explicações adicionais. Preparando-

se para

sair, cerrou o fecho de sua pasta.

Breuer ficou assombrado. A entrevista assemelhava-se mais a uma partida de xadrez do

que a

uma consulta profissional. Ele fizera um lance, propusera um plano, que Nietzsche

imediatamente contra-atacou. Respondera à objeção apenas para enfrentar ainda outra

das

objeções de Nietzsche. Elas jamais teriam fim? Mas Breuer, macaco velho em impasses

clínicos, recorreu agora a uma trama que raramente falhava.

- Professor Nietzsche, seja meu consultor por um momento! Imagine esta situação

interessante; talvez possa me ajudar a entendêla. Encontrei um paciente que esteve

doente

durante algum tempo. Sua saúde chega a ser tolerável em menos de um terço dos dias.

Ele

então realiza uma longa e árdua viagem para consultar um médico especialista. Este

realiza sua

tarefa com competência. Ele examina o paciente e chega a um diagnóstico apropriado.

O

paciente e o médico desenvolvem aparentemente um relacionamento de respeito

recíproco. O

médico propõe então um plano de tratamento abrangente no

qual tem total confiança. Porém, o paciente não mostra nenhum interesse, nem mesmo

curiosidade, no plano de tratamento. Pelo contrário, rejeita-o de imediato e levanta

obstáculo

após obstáculo. O senhor poderia me ajudar a compreender esse mistério?

Os olhos de Nietzsche se arregalaram. Embora parecesse intrigado pela estranha artimanha de

Breuer, não respondeu. O médico persistiu.

- Talvez devamos começar pelo início do enigma. Por que o paciente que não deseja

tratamento chega a marcar uma consulta?

- Vim devido a fortes pressões dos amigos.

Breuer ficou desapontado por seu paciente declinar a entrar no espírito de seu pequeno

artifício. Embora Nietzsche escrevesse com grande sagacidade e enaltecesse o riso na

palavra

escrita, estava claro que o professor não gostava de brincar.

- Seus amigos na Basiléia?

- Sim, tanto o professor Overbeck como sua esposa são íntimos meus. Também, um

bom

amigo em Génova. Não tenho muitos amigos, uma conseqüência de minha vida

nômade, e o

fato de que todos me exortaram a marcar uma consulta foi notável! Como foi o fato de

que o

nome de doutor Breuer parecia estar nos lábios de todos eles.

Breuer reconheceu a mão destra de Lou Salomé.

- Certamente - disse ele - a preocupação deles deve ter sido provocada pela gravidade de

seu estado médico.

- Ou talvez por mencioná-lo freqüentemente demais em minhas

cartas.

- Mas sua menção a ele deve refletir sua própria preocupação. Por que outra razão

escrever-

lhes tais cartas? Seria para evocar preocupação? Ou simpatia?

Um lance de mestre! Xeque! Breuer estava satisfeito consigo próprio. Nietzsche era

forçado a

retroceder.

-Tenho muito poucos amigos para me arriscar a perdê-los. Ocorreu-me que, como sinal

de

amizade, deveria fazer todo o possível para aliviar a preocupação deles. Daí minha

vinda ao

seu consultório.

Breuer decidiu explorar sua vantagem. Avançou mais ousadamente.

- O senhor não tem nenhuma preocupação por si próprio? Impossível! Mais de duzentos dias

ao ano de invalidez punitiva! Já atendi

QUANDO NIETZSCHE CHOROU " 133

pacientes demais em meio a um ataque de enxaqueca para aceitar qualquer minimização

de sua

dor.

Excelente! Outra coluna do tabuleiro de xadrez fechada. Para onde seu oponente se

moveria

agora? - Breuer se perguntou. Nietzsche, aparentemente percebendo que teria que

fortificar

algumas de suas outras peças, dirigiu sua atenção de volta ao centro do tabuleiro.

- Tenho sido chamado de muitas coisas: filósofo, psicólogo, pagão, agitador, anticristo.

Tenho sido chamado até de algumas coisas nada lisonjeiras. Mas prefiro me denominar

um

cientista, porque a pedra angular de meu método filosófico, bem como do método

científico, é

a descrença. Sempre sustento o ceticismo mais rigoroso possível e estou sendo cético

agora.

Não posso aceitar suas recomendações de exploração psíquica com base na autoridade

médica.

- Mas professor Nietzsche, estamos totalmente de acordo. A única autoridade a ser

seguida é

a razão e minha recomendação é respaldada pela razão. Sustento apenas duas coisas:

primeira,

que o estresse pode deixar a pessoa doente - e muitas observações científicas vão ao

encontro

dessa afirmação; segunda, estresse considerável existe em sua vida - e falo de um

estresse

diferente daquele inerente à sua investigação filosófica.

-Examinemos os dados conjuntamente - continuou Breuer. - Considere a carta que me

descreveu de sua irmã. Certamente, existe estresse em ser caluniado. Por sinal, o senhor

violou

nosso contrato de honestidade recíproca ao deixar de mencionar antes esse caluniador.

- Breuer avançou ainda mais ousadamente. Não havia outra saída; nada tinha a perder. -

Além disso, existe certamente estresse no pensamento de perder sua pensão, sua única

fonte de

sustento. Mas se isso for um mero exagero alarmista de sua irmã, então existe o estresse

de ter

uma irmã querendo alarmá-lo!

Teria ido longe demais? A mão de Nietzsche - observou Breuer

- deslizara para baixo pela lateral da cadeira e estava lentamente se aproximando da alça de

sua pasta. Mas não havia como retroceder agora. Breuer avançou para o xeque-mate.

- Tenho um apoio ainda mais poderoso para minha posição: um brilhante e recente livro

-

apanhou seu exemplar de Humano, demasiado humano-escrito por alguém que

brevemente

será, se exis-

te justiça neste mundo, um eminente filósofo. Escute! Abrindo o livro na passagem que

descrevera

a Freud, leu:

- A observação psicológica está entre os expedientes por meio dos quais pode-se

aliviar

a carga

de viver. Uma ou duas páginas à frente, o autor assevera que a observação psicológica é

essencial e que - eis suas palavras - A humanidade não pode mais ser poupada da cruel

visão

da mesa de dissecação moral. Algumas páginas depois, ele observa que os erros dos

maiores

filósofos procedem geralmente de uma falsa explicação das ações e sensações humanas

que, no

final, resulta na ereção de uma falsa ética e de monstros religiosos e mitológicos. Eu

poderia

prosseguir - e Breuer folheou as páginas -, mas o argumento deste excelente livro é que,

se as

crenças e o comportamento humanos devem ser entendidos, é preciso primeiro varrer a

convenção, a mitologia e a religião. Somente então, sem nenhuma pré-concepção,

qualquer que

seja, pode-se ter a pretensão de examinar o sujeito humano.

- Este livro me é bastante familiar - afirmou Nietzsche severamente.

- Mas o senhor não seguirá suas prescrições?

- Devoto minha vida às suas prescrições. Mas o senhor não leu o suficiente. Há anos,

solitário,

tenho realizado tal dissecação psicológica: tenho sido o objeto de meu próprio estudo.

Mas não

estou disposto a ser sua cobaia! O senhor estaria disposto a ser a cobaia de outro?

Permita que lhe

formule uma pergunta direta, doutor Breuer: qual é sua motivação nesse projeto de

tratamento?

- O senhor recorre a mim em busca de ajuda. Eu a ofereço. Sou um médico. É a minha

atividade.

- Simplista demais! Ambos sabemos que a motivação humana é bem mais complexa e, ao mesmo

tempo, mais primitiva. Repito a pergunta: qual é sua motivação?

- É uma questão simples, professor Nietzsche. A pessoa pratica sua profissão: um

costureiro

costura, um cozinheiro cozinha e um clínico clinica. Ganha-se a vida, pratica-se sua

profissão e

minha profissão é servir, aliviar a dor. - Breuer tentou transmitir confiança, mas

começou a se

sentir confrangido. Não gostou do último lance de Nietzsche.

Essas não são respostas satisfatórias às minhas perguntas, doutor Breuer. Quando o

senhor diz que

um clínico clinica, um cozinheiro cozinha ou que a pessoa pratica sua profissão, isso

não é

motivação: isso é hábito. O senhor omitiu de sua resposta a consciência, a escolha e o

auto-

interesse. Prefiro quando diz que se ganha a vida; isso ao menos, pode ser entendido.

Luta-se por

forrar o estômago de comida. Mas o senhor não está cobrando dinheiro de mim.

- Poderia lhe formular a mesma pergunta, professor Nietzsche. O senhor diz que nada

aufere de

seu trabalho. Para que, então, filosofa? - Breuer tentou se manter na ofensiva, mas

sentiu que

perdia o ela.

- Ah! Existe uma importante distinção entre nós. Eu não alego que filosofo para si,

enquanto o

senhor, doutor, continua fingindo que sua motivação é servir-me, aliviar minha dor. Tais

alegações nada têm a ver com a motivação humana. Elas fazem parte da mentalidade de

escravo

astutamente engendrada pela propaganda sacerdotal. Disseque suas motivações mais

profundamente! Achará que jamais alguém fez algo totalmente para os outros. Todas as

açóes são

autodirigidas, todo serviço é auto-serviço, todo amor é amor-próprio. - As palavras de

Nietzsche assomaram mais rapidamente, e ele prosseguiu célere. - Parece surpreso com

esse

comentário? Talvez esteja pensando naqueles que ama. Cave mais profundamente e

descobrirá

que não ama a eles: ama isso sim as sensações agradáveis que tal amor produz em você!

Ama o

desejo, não o desejado. Assim, permita que pergunte de novo por que deseja servir-me?

Novamente, perguntolhe, doutor Breuer - aqui a voz de Nietzsche se tornou severa -:

quais são

suas motivações!

Breuer se sentiu zonzo. Conteve seu primeiro impulso: comentar a feiúra e a bruteza da formulação de Nietzsche e, dessarte, inevitavelmente encerrar o caso irritante do

professor

Nietzsche. Imaginou, por um momento, a visão das costas de Nietzsche ao sair de seu

consultório.

Deus, que alívio! Livre afinal de todo esse negócio lastimável e frustrante. Todavia,

entristeceu-

ao pensar que não veria Nietzsche novamente. Era atraído por aquele homem. Mas por

quê?

Aliás, quais eram as motivações dele?

Breuer se viu pensando novamente nas partidas de xadrez com o pai. Cometera sempre

o mesmo

erro: concentrar-se demais no ata-

que, forçando-o para além de suas próprias linhas de suprimento, e ignorar sua defesa

até,

como um raio, a rainha do pai atacar por detrás das linhas e ameaçar xeque-mate.

Afastou a

fantasia da mente, sem deixar porém de observar seu significado: nunca, nunca mais

deveria

subestimar esse professor Nietzsche.

-Novamente pergunto-lhe, doutor Breuer: quais são suas motivações^

Breuer lutou para responder. Quais seriam? Ficou pasmado com a resistência de sua

mente à

pergunta de Nietzsche. Forçou-se a se concentrar. Seu desejo de ajudar Nietzsche,

quando

começara? Em Veneza, é claro, enfeitiçado pela beleza de Lou Salomé. Tão encantado

que

prontamente concordara em ajudar o amigo dela. Assumir o tratamento do professor

Nietzsche

proporcionara não apenas um vínculo permanente com ela, mas uma oportunidade de se

elevar

perante os olhos dela. Depois, havia a ligação com Wagner. Sem dúvida, era

conflituoso:

Breuer adorava a música de Wagner, mas detestava seu anti-semitismo.

Que mais? Com o passar das semanas, Lou Salomé se desvanecera de sua mente. Ela

não era

mais a razão de seu compromisso com Nietzsche. Não, sabia que estava intrigado pelo

desafio

intelectual à sua frente. Mesmo Frau Becker comentara outro dia que nenhum médico

em Viena

teria aceito tal paciente.

Depois, havia Freud. Tendo proposto Nietzsche a Freud como um caso didático, faria papel de

bobo se o professor recusasse sua ajuda. Ou estaria querendo estar próximo dos

grandes?

Talvez Lou Salomé tivesse razão ao dizer que Nietzsche representava o futuro da

filosofia

alemã: aqueles livros de Nietzsche tinham um quê de genialidade.

Nenhuma dessas motivações, sabia Breuer, tinha alguma relação com o homem

Nietzsche, a

pessoa de carne e osso diante dele. Assim, tinha que se manter em silêncio sobre seu

contato

com Lou Salomé, seu júbilo em avançar onde outros médicos tinham medo de trilhar,

sua ânsia

pelo toque de grandeza. Talvez - Breuer ressentidamente reconheceu - as desagradáveis

teorias de Nietzsche sobre a motivação tivessem mérito! Mesmo assim, não tencionava

apoiar o

ultrajante desafio de seu paciente à sua alegação de que o estaria servindo.

Mas como, então, responder à pergunta aborrecida e inconveniente de Nietzsche?

- Minhas motivações? Quem consegue responder a tal pergunta? Motivações existem

em

vários níveis. Quem decreta que apenas o primeiro nível, as motivações animalescas,

são as

que contam? Não, não, vejo que está prestes a repetir a pergunta; deixe-me tentar

responder ao

espírito de sua indagação. Gastei dez anos estudando para médico. Devo desperdiçar

esses

anos de formação por não precisar mais de dinheiro? Clinicar é minha forma de

justificar o

esforço daqueles primeiros anos, uma forma de dar coerência e valor à minha vida. E de

fornecer significado! Devo passar o dia sentado contando meu dinheiro? O senhor faria

isso?

Estou certo de que não. Depois, existe outra motivação: agrada-me o estímulo

intelectual

recebido de meus contatos com o senhor.

- Essas motivações têm ao menos o aroma da honestidade - admitiu Nietzsche.

- Acaba de me acudir outra. Gosto da sentença de granito: "Torna-te quem tu és." E se aquilo

que sou ou que fui destinado a ser é servir, ajudar os outros, contribuir para a ciência

médica e

o alívio do sofrimento?

Breuer se sentiu bem melhor. Estava recuperando a tranqüilidade. Talvez tenha sido

argumentador demais - pensou. E preciso um tom mais conciliatório.

- Eis outra motivação. Digamos - e acredito que assim seja - que seu destino seja se

tornar

um dos grandes filósofos. Assim, meu tratamento, além de poder ajudar seu ser físico, o

ajudará também no projeto de se tornar quem tu és.

- Se meu destino, conforme afirma, é me tornar um grande homem, então o senhor,

como meu

animador, meu salvador se tornará ainda maior! - Nietzsche exclamou como se soubesse

que

estava dando o tiro fatal.

- Não, não disse isso! - a paciência de Breuer, geralmente inesgotável em seu papel

profissional, estava começando a se esgotar. - Sou médico de muitas sumidades em seus

campos: os grandes cientistas, artistas e músicos de Viena. Isso me torna maior do que

eles? As

pessoas sequer sabem que trato deles.

- Mas contou para mim e, agora, usa a importância delas para aumentar sua autoridade

em

relação a mim!

- Professor Nietzsche, não dá para acreditar. O senhor acha realmente que, caso seu

destino

se cumpra, sairei por aí proclamando que fui eu, Josef Breuer, quem o criou?

- O senhor acredita realmente que essas coisas não acontecem? Breuer tentou se

acalmar.

Cuidado, Josef, não perca a cabeça.

Considere as coisas do ponto de vista dele. Tente entender a fonte da desconfiança dele.

- Professor Nietzsche, sei que foi traído no passado e que, portanto, tem toda razão de

esperar traição no futuro. Porém, dou-lhe minha palavra de que isso não ocorrerá aqui.

Prometo que seu nome jamais será mencionado por mim. Tampouco figurará nos

registros

clínicos. Inventemos um pseudônimo para o senhor.

- O problema não é o que o senhor contará para os outros, confio em sua palavra. O que

importa é o que contará a si mesmo e o que eu contarei para mim. Em tudo que me

contou

sobre suas motivações, não houve, a despeito de sua constante alegação de assistência e

alívio

do sofrimento, nada realmente sobre mim. E assim que deve ser. O senhor me usará em

seu

autoprojeto: isso também é de esperar - assim funciona a natureza. Mas não vê que serei

usado pelo senhor? Sua piedade por mim, sua caridade, sua emparia, suas técnicas para me

ajudar, para me tratar - os efeitos de tudo isso o tornam mais forte à custa de minha

força.

Não sou suficientemente rico para me permitir aceitar essa ajuda!

Esse homem é impossível - pensou Breuer. Ele desencava as piores, as mais vis

motivações

para tudo. Os poucos farrapos de objetividade clínica restantes se desvaneceram e

Breuer não

pôde mais conter seus sentimentos.

- Professor Nietzsche, permita que fale com franqueza. Vi muito mérito em vários de

seus

argumentos hoje, mas esta última asserção, esta fantasia sobre meu desejo de

enfraquecê-lo,

sobre minha força sendo alimentada pela sua, é um total disparate! - Breuer viu a mão

de

Nietzsche deslizando mais para baixo em direção à alça de sua pasta, mas não

pôde se

conter.

- O senhor não vê? Eis um exemplo perfeito de por que não consegue dissecar a própria

psique. Sua visão está toldada! - Viu Nietzsche apanhar a pasta e começar a se levan-

tar. Não obstante, continuou.-Devido a seus próprios malditos problemas com as

amizades,

comete equívocos bizarros! - Nietzsche estava abotoando o paletó, mas Breuer não

conteve a

língua. - O senhor supõe que suas próprias atitudes sejam universais e, então, tenta

compreender em toda a humanidade o que não consegue compreender sobre si próprio.

A mão de Nietzsche tocou a maçaneta da porta.

- Desculpe interrompê-lo, doutor Breuer, mas tenho que providenciar minha passagem

de

trem nesta tarde para a Basiléia. Posso voltar daqui a duas horas para pagar a conta e

pegar

meus livros? Deixarei um endereço para que remeta o relatório de sua consulta. - Fez

uma

mesura rígida e virou-se. Breuer estremeceu ante a visão de suas costas ao deixar o

consultório.

r CAPITULO 10

B

1 REUER NÃO SE MOVEU, quando a porta se fechou, e ainda estava sentado,

paralisado, à

sua escrivaninha quando Frau Becker entrou apressadamente.

- O que aconteceu, doutor Breuer? O professor Nietzsche disparou para fora de seu

consultório, murmurando que voltará logo para apanhar a conta e seus livros.

- De alguma forma, estraguei tudo esta tarde - disse Breuer, relatando resumidamente os

eventos de sua última hora com Nietzsche. - Quando, no final, apanhou sua pasta e

partiu, eu

estava quase gritando com ele.

- Ele deve tê-lo induzido a isso. Um doente vem se tratar, o senhor faz o que pode e ele

contesta tudo que diz. Meu último patrão, o doutor Ulrich, teria se livrado dele bem

antes, juro.

- O homem precisa desesperadamente de ajuda - Breuer levantou-se e, andando

até a

janela,

ponderou em voz baixa, quase para si. - Sim, ele é orgulhoso demais para aceitá-la. Mas

esse

seu orgulho faz parte da doença, como se fosse um órgão do corpo doente. Que tolice eu

ter

gritado com ele! Devia existir uma forma de me aproximar dele: de envolvê-lo e a seu

orgulho

em algum programa de tratamento.

- Se ele é orgulhoso demais para aceitar ajuda, como tratá-lo? A noite, enquanto estiver

dormindo?

Não houve resposta de Breuer, de pé, olhando para fora da janela, balançando

ligeiramente

para trás e para frente, cheio de autocrítica. Frau Becker tentou novamente.

- Lembra-se de quando, alguns meses atrás, estava tentando ajudar aquela senhora

idosa, Frau

Kohl, a que tinha medo de sair do quarto?

Breuer assentiu com a cabeça, ainda de costas para Frau Becker.

- Lembro-me.

- De repente, ela interrompeu o tratamento bem quando o senhor tinha chegado ao ponto

de

fazê-la andar até o outro quarto segurando a mão dela. Quando o senhor me contou isso,

observei

quão frustrado devia se sentir por chegar tão perto da cura e, então, vê-la abandonar o

tratamento.

Breuer anuiu impacientemente; não estava claro onde Frau Becker queria chegar, se é que tinha

algum objetivo.

- E aí?

- Então o senhor disse algo bem verdadeiro. Disse que a vida é longa e que os pacientes

muitas

vezes têm longas carreiras no tratamento. Disse que podem aprender algo com um

médico, metê-

lo em suas cabeças e, em algum ponto do futuro, estar preparados para ir além. E que,

nesse

ínterim, o senhor desempenhara o papel para o qual ela estivera preparada.

- E aí? - perguntou Breuer novamente.

- Aí, quem sabe isso se aplique ao professor Nietzsche? Talvez ele ouça suas palavras

quando

estiver preparado; talvez em algum ponto do futuro.

Breuer virou para olhar Frau Becker. Ficou tocado pelas palavras dela. Não tanto pelo

conteúdo

- pois duvidava de que qualquer coisa que tivesse transpirado no consultório pudesse

alguma

vez se mostrar útil para Nietzsche -, mas pelo que tentara fazer. Quando sofria, Breuer -

diferentemente de Nietzsche - aceitava ajuda.

- Espero que esteja certa, Frau Becker. E obrigado por tentar me animar; é um novo

papel para

a senhora. Com mais alguns pacientes como Nietzsche, será uma especialista nisso.

Quem virá

esta tarde? Poderiam ser casos mais simples: talvez um caso de tuberculose ou uma

deficiência

cardíaca congestiva.

Várias horas depois, Breuer presidia a ceia da família das noites de sexta-feira. Além

dos três

filhos mais velhos, Robert, Bertha e Margarethe (Louis já alimentara Johannes e Dora),

o grupo de

quinze

incluía três das irmãs de Mathilde - Hanna e Minna, ainda solteiras, e Rachel com o

marido Max

e seus três filhos -, os pais de Mathilde e uma tia idosa e viúva. Freud, que tinha sido

aguardado,

não estava presente: avisara que jantaria sozinho pão e água enquanto cuidava de seis

pacientes

recém-admitidos no hospital. Breuer ficou desapontado. Ainda agitado pela partida de Nietzsche,

aguardara ansiosamente uma discussão com seu jovem amigo.

Embora Breuer, Mathilde e todas suas irmãs fossem "judeus de três dias" parcialmente assimilados, observando apenas os três principais feriados religiosos, mantiveram-se em

respeitoso silêncio enquanto Aaron, o pai de Mathilde, e Max - os dois judeus

praticantes da

família - entoavam as orações do pão e do vinho. Os Breuer não seguiam nenhuma

restrição

dietética do judaísmo; mas, em respeito a Aaron, Mathilde não serviu porco naquela

noite.

Normalmente, Breuer gostava de porco, e seu prato favorito, porco assado com ameixas,

era

servido com freqüência à mesa. Além do mais, Breuer e também Freud eram grandes

apreciadores

da suculenta carne de porco tostada que os vienenses vendiam no Prater. Quando

passeavam ali,

nunca deixavam de parar para lanchar salsichas.

Aquela refeição, como todas as refeições de Mathilde, começou com uma sopa quente -

naquela

noite, uma sopa espessa de cevada e feijões-de-lima -, seguida de uma grande carpa

assada com

cenouras e cebolas e do prato principal, um saboroso ganso recheado com couve-de-

bruxelas.

Quando a torta de cereja com canela, quente e tostada ao forno, foi servida, Breuer e

Max

apanharam seus pratos e desceram o corredor até o gabinete de Breuer. Havia quinze

anos, após

os jantares das sextas-feiras, invariavelmente levavam a sobremesa ao gabinete, onde

jogavam

xadrez.

Josef conhecera Max bem antes de eles se casarem com as irmãs Altmann. Mas, se não

tivessem se

tornado cunhados, jamais permaneceriam como amigos. Embora Breuer admirasse a

inteligência,

as habilidades cirúrgicas e o virtuosismo enxadrístico de Max, desgostava-lhe a

mentalidade

limitada de gueto e o materialismo vulgar do cunhado. As vezes, Breuer não gostava

sequer de

olhar para Max: além de feio - calvo, com pele manchada e morbidamente obeso -,

parecia velho. Breuer tentava esquecer que ele e Max tinham a mesma idade.

Naquela noite, nada de xadrez. Breuer contou a Max que estava agitado demais e que gostaria de

conversar em vez de jogar. Ele e Max raramente conversavam a sós; porém, além de

Freud,

Breuer não tinha nenhum outro confidente homem - aliás, absolutamente nenhum

confidente

desde a partida de Eva Berger, a enfermeira anterior. Embora tivesse dúvidas sobre a

extensão da

sensibilidade de Max, foi em frente e, durante vinte minutos ininterruptos, falou sobre

Nietzsche,

referindo-se a ele, é claro, como íferrMüller, e desabafando-se de tudo, até do encontro

com Lou

Salomé em Veneza.

-Mas Josef- começou Max em um tom áspero e desdenhoso -, por que se culpar? Quem

conseguiria tratar desse homem? Ele é maluco e ponto final! Quando sua cabeça estiver

estourando, ele virá mendigar ajuda!

- Você não entende, Max. Parte de sua doença consiste em não aceitar ajuda. Ele é

quase

paranóico: suspeita o pior de todo mundo.

- Josef, Viena está cheia de pacientes. Você e eu poderíamos trabalhar 150 horas

semanais e,

mesmo assim, ter que encaminhar pacientes a outros médicos todo dia. Certo?

Breuer não respondeu.

- Certo? - perguntou Max novamente.

- Essa não é a questão, Max.

-É & questão, Josef. Pacientes batem à sua porta para entrar e eis você implorando a

alguém que

permita ajudá-lo. Não faz sentido! Por que mendigar? - Max apanhou uma garrafa e

dois cálices.

- Aceita uma dose de slivovitz>*

Breuer fez que sim com a cabeça e Max os serviu. Embora a fortuna dos Altmann se

baseasse nas

vendas de vinho, o pequeno cálice de slivovitzdurante o xadrez era a única bebida

alcoólica que

os dois consumiam.

- Max, escute, suponha que tenha um paciente com... Max, você não está ouvindo, está

virando a

cabeça.

- Estou ouvindo, estou ouvindo - insistiu Max.

' Aguardente de ameixas da Romênia (N. do T)

- Suponha que você tem um paciente com alargamento da próstata e a uretra totalmente

obstruída - continuou Breuer. - Seu paciente sofre de retenção urinária, sua pressão

renal

retrógrada está aumentando, ele está à beira de uma infecção urêmica e, mesmo assim,

recusa

qualquer ajuda. Por quê? Talvez sofra de demência senil. Talvez esteja mais

aterrorizado com

seus instrumentos, seus cateteres e sua bandeja de sondas de aço do que com a uremia.

Talvez

seja um psicótico e pense que você irá castrá-lo. E então? O que fará você?

- Em vinte anos de prática - respondeu Max -, isso nunca aconteceu.

- Mas poderia acontecer. Estou fazendo essa conjectura apenas para defender um

argumento.

Caso acontecesse, o que você faria?

- Cabe à família dele a decisão, não a mim.

- Max, vamos e venhamos, você está contornando a questão! Suponha que não exista

família.

- Como posso saber? Aquilo que fazem nos asilos: encarcerá-lo, anestesiá-lo, cateterizá-

lo,

tentar dilatar sua uretra com sondas.

- Todo dia? Cateterizá-lo encarcerado? Espere aí, Max, você o mataria em uma semana!

Não, o

que você faria seria mudar a atitude dele em relação a você e ao tratamento. É a mesma

coisa

quando você trata de crianças. Alguma vez uma criança deseja ser tratada?

Max ignorou o argumento de Breuer.

- Você diz que pretende hospitalizá-lo e conversar com ele todo dia... Josef, veja o

tempo

envolvido! Ele consegue pagar todas essas horas?

Quando Breuer mencionou a pobreza do paciente e seu plano de recorrer aos leitos

doados pela

família para tratá-lo gratuitamente, Max ficou ainda mais preocupado.

- Você me preocupa, Josef! Serei franco. Estou realmente preocupado com você. Porque

uma

beldade russa desconhecida conversou com você, quer tratar de um maluco que não

quer ser

tratado por uma doença que nega ter. E agora me diz que deseja fazê-lo grátis. Digame -

disse

Max, apontando o dedo para Breuer -, quem é mais maluco: você ou ele?

- Dir-lhe-ei o que é maluquice, Max! Maluquice é você sempre levantar a questão do

dinheiro.

Os juros do dote de Mathilde estão se

acumulando no banco. Mais tarde, quando ganharmos nossa parte da herança dos

Altmann, você

e eu estaremos nadando em dinheiro. Não posso começar a gastar todo o dinheiro que

entra agora

e sei que você tem muito mais do que eu. Assim, por que levantar o problema do

dinheiro? Qual o

sentido de me preocupar se este ou aquele paciente pode me pagar? As vezes, Max,

você não

enxerga além do dinheiro.

- Está bem, esqueça o dinheiro. Talvez você tenha razão. As vezes, não sei porque estou

trabalhando ou qual o sentido de cobrar de alguém. Mas, graças a Deus, ninguém nos

ouve:

pensariam que ambos estamos loucos varridos! Você não quer o resto de sua torta?

Breuer fez que não com a cabeça, e Max, erguendo seu prato, deslizou a torta até ele.

- Mas Breuer, isso não é medicina! Os pacientes de quem você trata... esse professor,

qual é sua

doença? O diagnostico? Um câncer no orgulho? Aquela moça Pappenheim que tinha

medo de

beber água, não foi ela que subitamente não conseguia mais falar alemão, só inglês? E

todo dia

desenvolvia uma nova paralisia? E aquele rapaz que pensava ser o filho do imperador e

a moça

que tinha medo de deixar o quarto? Maluquice! Você não teve a melhor formação de

Viena para

trabalhar com a maluquice!

Após devorar a torta de Breuer com uma gigantesca mordida e engoli-la acompanhada

de um

segundo cálice de slivovitz, Max recomeçou.

- Você é o melhor diagnosticador de Viena. Ninguém nesta cidade sabe mais do que

você sobre

doenças respiratórias ou sobre o equilíbrio. Todos conhecem suas pesquisas! Anote

minhas

palavras: um dia, terão que convidá-lo para a Academia Nacional. Se não fosse um

judeu, seria

agora um catedrático, ninguém pode negar. Mas se continuar tratando dessas doenças malucas, o

que será de sua reputação? Os anti-semitas dirão: "Estão vendo>" - Max espetou o ar com o

dedo-"É por isso! Por isso ele não é o catedrático de medicina. Ele não é apto,

não

regula da

cabeça!

- Max, vamos jogar xadrez - Breuer abriu a caixa de xadrez e iradamente entornou as

peças

sobre o tabuleiro. - Quis conversar com você esta noite por estar aborrecido, e eis como

me

ajuda! Estou maluco, meus pacientes estão malucos e eu deveria pô-los no olho da

rua. Estou arruinando minha reputação. Deveria extorquir florins de que não necessito...

- Não, não! Eu retirei a parte do dinheiro!

- Isso é maneira de ajudar? Você não escuta minha pergunta.

- Qual é? Diga novamente. Prestarei mais atenção - a grande face versátil de Max ficou

subitamente séria.

- Recebi hoje em meu consultório um homem que precisa de ajuda, um paciente em

sofrimento, e

não o tratei corretamente. Não posso remediar a situação desse paciente, Max, com ele

está tudo

acabado. Mas estou recebendo outros pacientes neuróticos e preciso entender como

trabalhar

com eles. E um campo totalmente novo. Não há livros de texto. Existem milhares de

pacientes por

aí que precisam de ajuda, mas ninguém sabe como ajudá-los!

- Nada entendo a respeito, Josef. Cada vez mais, você trabalha com o pensamento e o

cérebro.

Estou na extremidade oposta - Max soltou pequenas risadas. - Os orifícios com os quais

falo

não respondem. Mas posso dizer uma coisa: sinto que você estava competindo com esse

professor, como costumava fazer nas aulas de filosofia de Brentano. Lembra-se do dia

em que ele

o repreendeu? Vinte anos atrás e me lembro como se fosse ontem. Ele disse: "Senhor

Breuer, por

que não tenta aprender o que tenho a ensinar em vez de provar quanta coisa não sei?" -

Breuer

assentiu com a cabeça. Max continuou. - Bem, é essa a impressão que tenho de sua

consulta.

Mesmo de seu artifício de tentar encurralar esse Muller citando seu próprio livro. Isso

não foi

inteligente; como você poderia vencer? Se a armadilha falhasse, ele venceria; se funcionasse,

ficaria tão zangado que acabaria não cooperando da mesma forma.

Breuer manteve-se em silêncio, manuseando as peças de xadrez enquanto refletia sobre

as

palavras de Max.

-Talvez você tenha razão. Veja bem, senti, mesmo na hora, que provavelmente não

deveria ter

tentado citar seu livro. Não deveria ter dado ouvido a Sig. Tive uma premonição de que

citar suas

palavras para ele não era inteligente, mas ele ficou se esquivando de mim, me

arrastando para um

relacionamento competitivo. É engraçado, veja só: durante toda a consulta, imaginei que

estava

jogando xadrez. Eu armava uma armadilha contra ele, ele se safava e armava outra

contra mim.

Talvez eu fosse culpado; você diz que eu era assim na escola.

Mas não tenho sido assim com um paciente há anos, Max. Acho que é algo nele: ele o

extrai de

mim, talvez de todos e, depois, o chama de natureza humana. Ele acredita que seja! É aí

que

toda sua filosofia está furada.

- Veja bem, Josef, você continua tentando encontrar furos na filosofia dele. Você diz

que ele é

um génio. Se é tamanho génio, talvez você devesse aprender com ele, em vez de tentar

derrotá-

lo!

- Bom, Max, muito bom! Não me agrada, mas soa correto. E uma ajuda. - Breuer

inspirou

fundo e expirou ruidosamente. - Agora vamos jogar. Tenho pensado numa nova

resposta ao

gambito da rainha.

Max jogou um gambito da rainha e Breuer respondeu com um ousado contragambito

central,

apenas para se descobrir em terrível apuro oito jogadas mais tarde. Max cruelmente fez

um

ataque coordenado ao bispo e ao cavalo com um peão e, sem levantar o olhar do

tabuleiro,

disse:

- Josef, já que estamos nos abrindo esta noite, permita que diga uma coisa. Talvez não seja da

minha conta, mas não posso tapar os ouvidos. Mathilde contou para Rachel que vocês

não têm

relações há meses.

Breuer estudou o tabuleiro por alguns minutos e, depois de perceber que não teria

escapatória

do ataque coordenado, apanhou o peão de Max antes de responder.

- Sim, é grave. Gravíssimo. Mas, Max, como posso conversar com você a respeito?

Seria o

mesmo que falar diretamente no ouvido de Mathilde, pois sei que você conta para sua

esposa e

que ela conta para a irmã.

- Não, acredite, sei guardar segredos de Rachel. Vou lhe contar um segredo: se Rachel

soubesse o que está acontecendo entre mim e minha nova enfermeira, Frãulein Wittner,

eu

estaria perdido - ah! semana passada! E como você e Eva Berger: transar com

enfermeiras

deve ser mal de família.

Breuer estudou o tabuleiro. Preocupou-se com o comentário de Max. Era assim que a

comunidade via seu relacionamento com Eva! Embora a acusação fosse injusta, mesmo

assim

sentiu-se culpado por um momento de grande tentação sexual. Em uma importante

conversa

alguns meses antes, Eva contara que temia que o relacionamento

dele com Bertha estivesse na iminência de degringolar e oferecera "fazer qualquer

coisa" para

ajudá-lo a se libertar da obsessão com sua jovem paciente. Não teria Eva se oferecido

sexualmente? Breuer tivera certeza disso. Mas o demónio do "mas" interviera e também nisso,

como em tantas outras coisas, não conseguiu ir em frente. Contudo, pensava com

freqüência no

oferecimento de Eva e lastimava amargamente a oportunidade perdida!

Agora, Eva estava longe. Ele jamais conseguira acertar os ponteiros com ela. Depois de

despedi-la, ela jamais voltou a falar com ele e ignorou suas ofertas de dinheiro ou de

ajuda para

conseguir uma nova posição. Embora jamais conseguisse desfazer seu erro de não tê-la

defendido contra Mathilde, decidiu que ao menos poderia defendê-la das acusações de

Max.

- Não, Max, você está errado. Não sou nenhum anjo, mas juro que nunca toquei em Eva.

Ela

era apenas amiga, uma boa amiga.

- Desculpe, Josef, acho que apenas me coloquei no seu lugar e, depois, supus que você e Eva...

- Entendo que você tenha pensado isso. Nossa amizade era fora do comum. Ela era uma

confidente, conversávamos sobre tudo. Ela foi terrivelmente injustiçada após trabalhar

todos

aqueles anos para mim. Eu jamais deveria ter-me dobrado à ira de Mathilde. Deveria

tê-la

enfrentado.

- É por isso que você e Mathilde estão - você sabe - distanciados?

- Talvez eu culpe Mathilde por isso, mas esse não é o verdadeiro problema em nosso

casamento. É muito mais do que isso, Max. Mas não sei o que é. Mathilde é uma boa

esposa.

Oh! Detestei a forma como agiu em relação a Bertha e a Eva. Mas em um ponto ela

estava certa:

eu lhes dava mais atenção do que a ela. O que acontece agora, porém, é estranho.

Quando olho

para ela, continuo achando-a bonita.

- E...?

- Mas simplesmente não consigo tocá-la. Eu me afasto. Não quero que ela se aproxime.

- Talvez isso não seja tão incomum. Rachel não é nenhuma Mathilde, mas é uma mulher

de

boa aparência e, mesmo assim, tenho mais interesse em Frãulein Wittner, que, devo

admitir, se

assemelha um pouco a um sapo. Alguns dias, quando desço a Kirstenstrasse e

vejo vinte, trinta prostitutas enfileiradas, fico bastante tentado. Nenhuma delas é mais

bonita do

que Rachel, muitas têm gonorréia ou sífilis, mas mesmo assim fico tentado. Se eu

tivesse certeza de

que ninguém me reconheceria, quem sabe? Eu seria capaz! Todos ficam fartos da

mesma refeição.

Veja bem, Josef, para cada mulher bonita por aí, existe um pobre coitado que está

cansado de

fodê-la!

Breuer não gostava de encorajar os arroubos de vulgaridade de Max, mas não resistiu a

rir do

aforismo, verdadeiro em sua peculiar grosseria.

- Não, Max, não é enfado. Esse não é meu problema.

- Talvez você deva procurar um urologista. Muitos estão escrevendo sobre a função sexual.

Você leu a tese de Kirsch de que o diabetes provoca impotência? Agora que falar sobre

o assunto

deixou de ser tabu, tornou-se óbvio que a impotência é bem mais comum do que

pensávamos.

- Impotente eu não estou - replicou Breuer. - Embora tenha estado afastado do sexo,

ainda

sinto bastante tesão. A moça russa, por exemplo. Além disso, tive os mesmos

pensamentos que

você sobre as prostitutas de Kirstenstrasse. De fato, parte do problema é que tenho

tantos

pensamentos sexuais sobre outra mulher que me sinto culpado de tocar em Mathilde. -

Breuer

notou como as auto-revelações de Max facilitaram a sua confissão. Talvez Max, com

seu modo

rude, tivesse lidado com Nietzsche melhor do que ele.

- Mas isso também não é o principal - Breuer se descobriu continuando -, e sim uma

outra

coisa! Algo mais diabólico dentro de mim. Veja bem, penso em partir. Jamais o faria,

mas repetidas

vezes penso em simplesmente fazer a mala e deixar Mathilde, as crianças, Viena...

enfim, tudo.

Vivo assolado por esse pensamento maluco e sei que é uma maluquice - não precisa me

dizer,

Max - achar que todos os meus problemas estariam resolvidos se eu conseguisse

encontrar um

meio de fugir de Mathilde.

Max sacudiu a cabeça, suspirou, depois capturou o bispo de Breuer e começou a armar

um

invencível ataque lateral à rainha. Breuer reclinou-se pesadamente em sua cadeira.

Como aturaria

mais dez, vinte, trinta anos de derrotas para a defesa francesa de Max e seu infernal

gambito da

rainha?

CAPITULO 11

B DEITOU-SE NA CAMA naquela noite ainda pensando no gambito da rainha e nos

comentários

de Max sobre mulheres bonitas e homens cansados. Seus sentimentos atribulados sobre

Nietzsche

diminuíram. De algum modo, a conversa com Max ajudara. Talvez, durante todos

aqueles anos,

tivesse subestimado Max. Mathilde, de volta do quarto dos filhos, subiu na cama, aproximou-se

dele e sussurrou:

- Boa noite, Josef.

Fingiu estar adormecido. Pum! Pum! Pum! Batidas na porta da frente. Breuer consultou

o relógio.

Quatro e quarenta e cinco. Levantou-se rapidamente - seu sono era sempre leve - ,

apanhou o

roupão e pôs-se a descer o corredor. Louis surgiu de seu quarto, mas ele acenou para

que

voltasse. Enquanto estivesse acordado, responderia à porta.

O porteiro, desculpando-se por acordá-lo, informou que um homem lá fora precisava

dele para

uma emergência. Descidas as escadas, Breuer topou com um homem idoso de pé no

vestíbulo.

Não usava chapéu e, obviamente, andara um longo percurso: sua respiração era rápida,

seus

cabelos estavam cobertos de neve e o muco vertido pelo nariz congelara seu espesso

bigode, que

ficou parecendo uma vassoura de piaçaba.

- Doutor Breuer? - perguntou, a voz tremendo de agitação. Ante a anuência de Breuer,

apresentou-se como Herr Schlegel,

inclinando a cabeça e tocando os dedos da mão direita na testa, em

um remanescente atávico do que indubitavelmente fora, em épocas melhores, uma

saudação

elegante.

- Um paciente seu em minha hospedaria está doente, muito doente - disse. - Não está

conseguindo falar, mas encontrei este cartão em seu bolso.

Examinando o cartão de visita que Herr Schlegel lhe entregou, Breuer encontrou

seu

próprio

nome e endereço anotados no verso. Na frente, lia-se:

PROFESSOR FRIEDRICH NIETZSCHE

Professor de Filologia Universidade da Basiléia

Sua decisão foi instantânea. Deu instruções explícitas a Herr Schlegel para que buscasse

Fischmann e o fiacre.

- Quando tiver retornado, estarei vestido. Conte-me sobre meu paciente a caminho da hospedaria.

Vinte minutos depois, Herr Schlegel e Breuer estavam agasalhados em cobertores sendo

conduzidos pelas ruas frias e cobertas de neve. O hospedeiro explicou que o professor

Nietzsche

estava morando na hospedaria desde o início da semana.

- Um ótimo hóspede. Nunca cria problema.

- Fale-me sobre sua doença.

- Durante toda a semana, passou a maior parte dos dias no quarto. Não sei o que faz lá.

Sempre

que trago seu chá de manhã, encontro-o sentado à mesa, escrevendo. Isso me intrigou

porque,

veja bem, descobri que não enxerga o suficiente para ler. Dois ou três dias atrás, chegou

uma

carta para ele com carimbo da Basileia. Entreguei-a e, alguns minutos depois, ele desceu

com os

olhos semicerrados e piscando. Disse que estava com um problema na vista e pediu que

lhe lesse

a carta. Falou que era da irmã. Comecei, mas após as primeiras linhas - algo sobre um

escândalo

russo -, ele pareceu contrariado e pediu a carta de volta. Tentei captar alguma coisa do

resto

antes de entregá-la, mas tive tempo apenas de ver as palavras "deportação" e "polícia".

Ele faz as

refeições fora, embora minha esposa se oferecesse para cozinhar para ele. Não sei onde

come;

não me pediu nenhuma dica. Raramente falava, embora uma noite dissesse que iria a um

con-

certo grátis. Mas não era tímido, não era por isso que vivia quieto. Observei várias

coisas sobre

sua quietude...

O hospedeiro, que outrora servira dez anos no serviço secreto do exército, sentia

saudades de sua

antiga ocupação e se distraía encarando seus hóspedes como mistérios e tentando

construir um

perfil da personalidade a partir de pequenos detalhes domésticos. Em sua longa

caminhada até a

residência de Breuer, reunira todas as suas pistas sobre o professor Nietzsche e ensaiara

sua

apresentação ao doutor. Era uma rara oportunidade: normalmente, não dispunha de uma

audiência adequada, sua esposa e os outros proprietários da hospedaria eram estúpidos

demais

para apreciar uma verdadeira habilidade indutiva. Mas o doutor o interrompeu:

- A doença dele, Herr Schlegel?

- Sim, sim, doutor. - Engolindo seu desapontamento, o senhor Schlegel relatou como,

por volta

das nove da manhã da sexta-feira, Nietzsche pagara a conta e saíra, dizendo que viajaria

de tarde

e voltaria antes do meio-dia para apanhar a bagagem.-Devo ter me afastado de meu

balcão por

algum tempo, pois não o vi retornar. Ele anda muito suavemente, sabe? como se não

quisesse ser

seguido. Além disso, não usa guarda-chuva, de modo que não posso saber pelo

portaguarda-

chuva do térreo se ele está ou não. Acho que ele não quer que ninguém saiba onde está,

quando

está, quando saiu. Ele é ótimo - curiosamente ótimo - em entrar e sair sem chamar

atenção.

- E a doença dele?

- Sim, sim, doutor. Apenas pensei que alguns desses fatos poderiam ser importantes

para o

diagnóstico. Bem, de tarde, por volta das três, minha esposa, como sempre, foi limpar o

quarto

dele e o encontrou ali: ele simplesmente não pegara o trem! Estava estirado sobre a

cama,

gemendo com a mão na cabeça. Ela me chamou e pedi que ficasse em meu lugar no

balcão; nunca

o deixo desguarnecido. Por isso, veja bem, fiquei surpreso de que tivesse retornado ao

quarto sem

que eu percebesse.

- E então? - Breuer estava impaciente agora; Herr Schlegel havia, concluiu, lido

histórias

policiais demais. Entretanto, dispunha de tempo suficiente para satisfazer o desejo óbvio

de seu

companheiro de contar tudo que sabia. A hospedaria no terceiro distrito, o distrito de

Landstrasse,

ainda distava mais de um quilômetro e meio e, na neve

espessa, a visibilidade era tão precária, que Fischmann havia apeado e, agora, conduzia

seu

cavalo lentamente através das ruas geladas.

- Entrei no quarto dele e perguntei se estava doente. Respondeu que não se sentia bem,

uma

pequena dor de cabeça; pagaria outra diária e viajaria amanha. Contou-me que tais dores de

cabeça eram freqüentes e que convinha ficar calado e em repouso. Nada a fazer,

disseme, exceto

esperar a dor passar. Ele estava bastante frio; ele o é normalmente, veja bem, mas hoje

mostrou-se

ainda mais frio. Sem dúvida, desejava ficar sozinho.

- E aí? - Breuer tremeu. O frio estava penetrando em sua medula. Por mais irritante que

fosse

Herr Schlegel, Breuer gostou de ouvir que outros haviam achado Nietzsche difícil.

- Ofereci-me para chamar um médico, mas isso o deixou muito agitado! O senhor

deveria ter

visto. "Não! Não! Nada de médicos! Eles apenas pioram as coisas!" Ele não foi

exatamente rude,

ele nunca o é, mas apenas frio! Sempre bem-educado. Percebe-se que é de boa família.

Aposto

que estudou numa boa escola particular. Viaja em bons círculos. De início, não consegui

entender

por que não ficou num hotel mais caro. Mas verifiquei suas roupas - as roupas revelam

muita

coisa, fique sabendo -, boas etiquetas, bons tecidos, bons cortes, bons sapatos de couro

italianos. Mas tudo, mesmo as roupas íntimas, está bem gasto, gasto demais, muitas

vezes

remendado, e há dez anos não existem mais jaquetas daquele comprimento. Comentei

ontem com

minha esposa que se trata de um pobre aristocrata sem noção de como se virar no

mundo atual.

No início da semana, tomei a liberdade de lhe perguntar a origem do nome Nietzsche e

ele

murmurou algo sobre a antiga nobreza polonesa.

- O que aconteceu depois que recusou um médico?

- Continuou a insistir que ficaria bom se fosse deixado sozinho. Em seu estilo polido,

transmitiu a

mensagem de que eu deveria cuidar dos meus negócios. Ele é o tipo que sofre em

silêncio ou

então tem algo a esconder. Além disso, é teimoso! Se não tivesse sido tão teimoso, eu

poderia ter

chamado o senhor ontem, antes que começasse a nevar e sem precisar acordá-lo a esta

hora.

- O que mais observou?

Herr Schlegel ficou radiante com a pergunta.

- Bem, em primeiro lugar, ele se recusou a deixar seu endereço de destino e o endereço anterior

era suspeito: Posta-restante, Rapallo, Itália. Nunca ouvi falar de Rapallo e quando

perguntei onde

ficava, respondeu simplesmente: "No litoral." Naturalmente, a polícia deve ser

notificada: seu

sigilo, suas andanças furtivas sem guarda-chuva, nenhum endereço e aquela carta...

problema

russo, deportação, a polícia. E claro que procurei aquela carta ao limparmos o quarto,

mas não

consegui achar. Deve tê-la queimado ou escondido.

- O senhor não chamou a polícia? - Breuer perguntou ansiosamente.

-Ainda não. Convém esperar o dia clarear. Não é bom para meu negócio. Não quero a

polícia

perturbando meus outros clientes no meio da noite. E aí, depois de tudo aquilo, ele teve

essa

doença súbita! Quer saber minha opinião? Veneno!

- Bom Deus, não! - quase gritou Breuer. - Não, tenho certeza. Por favor, Herr Schlegel,

esqueça a polícia! Garanto que não há com que se preocupar. Conheço esse homem.

Responderei

por ele. Não é um espião. É exatamente o que diz o cartão: um professor universitário.

Além disso,

sofre rvalmentedessas dores de cabeça com freqüência; por isso, veio me consultar. Por

favor,

acalme-se quanto às suas suspeitas.

A luz tremeluzente da vela do fiacre, Breuer pôde perceber que Herr Schlegel não

estava se

acalmando e acrescentou:

- Todavia, posso entender como um observador arguto poderia chegar a tal conclusão.

Mas

confie em mim a esse respeito. A responsabilidade será minha. -Tentou fazer o

hospedeiro voltar

à doença de Nietzsche. - Diga-me, depois que o viu à tarde, que mais ocorreu?

- Retornei ao seu quarto duas vezes para saber se precisava de algo: veja bem, chá ou

algo para

comer. Em ambas as vezes, ele agradeceu e recusou, sem sequer virar a cabeça. Parecia

fraco e

seu rosto estava pálido. - Herr Schlegel parou por um minuto e, depois, incapaz de

conter um

comentário, acrescentou: - Nem um pingo de gratidão pelos cuidados meus ou de minha

mulher;

não é uma pessoa cordial, o senhor sabe. Na verdade, parecia aborrecido com nossa

gentileza.

Nós o ajudamos e ele se aborrece! Minha mulher não gostou nem um pouco. Ela

também se

aborreceu e não quer mais saber dele; quer que saia amanhã sem falta.

Ignorando sua queixa, Breuer perguntou:

-- O que aconteceu a seguir?

- A próxima vez em que o vi foi pelas três da madrugada. O senhor Spitz, o hospede do

quarto ao lado, foi acordado pelo barulho de pancadas nos móveis, segundo disse,

seguido de

gemidos e até gritos. Não obtendo resposta ao bater na porta e constatando que estava

trancada, Herr Spitz me acordou. E uma alma tímida e não parou de se desculpar por me

acordar. Mas fez a coisa certa; eu o disse para ele imediatamente. O professor havia

trancado a

porta. Tive que arrombar a fechadura e serei obrigado a cobrar dele uma nova. Ao

entrar, dei

com ele inconsciente, gemendo e deitado de cuecas sobre o próprio colchão. Todas as

suas

roupas e toda a roupa de cama haviam sido atiradas. Suponho que ele não saiu do leito,

mas

que se despiu e atirou tudo no chão; as roupas estavam a menos de um metro da cama.

Essa

conduta não é típica dele, não é mesmo, doutor. Normalmente, é um homem asseado.

Minha

esposa ficou chocada com a bagunça: vómito por toda parte, levará uma semana até que

o

quarto possa ser alugado, até que o mau cheiro desapareça. A rigor, ele deveria pagar

por toda

esta semana. Encontrei manchas de sangue no lençol também; examinei-lhe o corpo,

mas não

encontrei feridas: o sangue devia estar no vómito. - Herr Schlegel sacudiu a cabeça. -

Foi aí

que vasculhei os bolsos dele, encontrei seu endereço e fui chamar o senhor. Minha

esposa

achou melhor esperar até de manhã, mas temi que ele morresse antes. O senhor deve

saber o

que isso significa: o papa-defuntos, o inquérito formal, a polícia para lá e para cá. Já vi

isso

muitas vezes: os outros hóspedes somem em 24 horas. Na hospedaria de meu cunhado,

na

Floresta Negra, dois hóspedes morreram em uma semana. Sabia que, dez anos depois,

as

pessoas ainda se recusam a ficar nos mesmos quartos? Ele os reformou completamente:

pintou-

os, trocou as cortinas, o papel de parede. Mesmo assim, as pessoas os evitam. A

informação

simplesmente circula, os aldeões comentam, eles nunca esquecem.- Herr Schlegel meteu a

cabeça para fora da janela, olhou ao redor e gritou para Fischmann: - Virar à direita;

estamos

chegando, próximo quarteirão! - Voltou-se novamente para Breuer. - Chegamos!

Próximo

prédio, doutor!

Pedindo a Fischmann que esperasse, Breuer seguiu Herr Schlegel para dentro da

hospedaria,

onde subiram quatro estreitos lanços de

escada. O aspecto despojado da caixa de escada corroborava com a alegação de

Nietzsche de

que se preocupava somente com a mera subsistência: espartanamente limpa; um tapete

puído,

com um desenho desbotado e diferente em cada lanço; sem corrimão; nenhuma mobília

nos

patamares. Paredes recentemente caiadas não eram atenuadas por nenhum quadro ou

ornamento, nem mesmo um certificado oficial de inspeção.

Com a respiração ofegante devido à escalada, Breuer seguiu Herr Schlegel até o interior

do

quarto de Nietzsche. Parou um momento para se habituar ao exagerado cheiro agridoce

do

vómito, depois, esquadrinhando rapidamente a cena, viu que correspondia à descrição

de Herr

Schlegel, aliás precisamente: o hospedeiro, além de ser um ótimo observador, deixara

tudo

intocado para não atrapalhar alguma pista preciosa.

Sobre uma pequena cama num canto do quarto, jazia Nietzsche, apenas de cuecas,

profundamente adormecido, talvez em coma. Certamente ele não se mexeu em resposta

ao som

da entrada deles no quarto. Breuer autorizou o senhor Schlegel a recolher as roupas

espalhadas

de Nietzsche e a roupa de cama encharcada de vomito e manchada de sangue.

Uma vez recolhidas, o brutal despojamento do quarto se revelou. Ele não diferia de uma

cela

- pensou Breuer: ao longo de uma parede, uma frágil mesa de madeira sobre a qual

repousavam somente um lampião e um jarro d'água pela metade; uma cadeira de

madeira

aprumada diante da mesa e, debaixo desta, a mala e a pasta de Nietzsche, ambas

envolvidas por

uma leve corrente fechada com cadeado. Sobre a cama, abria-se uma pequena e

encardida

janela com cortinas ordinárias listradas de um amarelo desbotado, a única concessão à estética

do quarto.

Breuer pediu para ficar a sós com o paciente. Sua curiosidade sendo mais forte do que a

fadiga,

Herr Schlegel protestou, mas depois aquiesceu quando Breuer lhe lembrou suas

obrigações

para com os outros hóspedes. Para se desincumbir de suas tarefas como hospedeiro,

teria que

assegurar algum sono.

Uma vez sozinho, Breuer aumentou a luz de gás e vistoriou a cena mais detidamente. A

bacia

de ágate no chão, ao lado da cama, continha até a metade um vómito verde-claro

matizado de

sangue. O col-

chão e o rosto e peito de Nietzsche reluziam com vómito ressecando: sem dúvida,

passara

muito mal ou ficara estuporado demais para alcançar a bacia. Ao lado desta, estavam

um copo

d'água pela metade e uma pequena garrafa quase cheia de grandes pastilhas ovais.

Breuer

inspecionou e depois provou uma pastilha. Mais provavelmente, hidrato de cloral; isso

explicaria seu estupor, mas não tinha certeza, pois não sabia quando Nietzsche ingerira

as

pastilhas. Tivera tempo de absorvê-las na corrente sangüínea antes de vomitar o

conteúdo do

estômago? Calculando o número de pastilhas que faltavam na jarra, Breuer concluiu

rapidamente que, ainda que Nietzsche tivesse tomado todas elas naquela tarde e seu

estômago

absorvido todo o cloral, teria consumido uma dose perigosa mas não letal. Se tivesse

sido

maior, Breuer sabia que pouco poderia fazer: a lavagem gástrica seria inócua, pois

Nietzsche

estava agora de estômago vazio e estuporado, e, provavelmente, nauseado demais para

ingerir

qualquer estimulante que lhe fosse ministrado.

Nietzsche parecia um moribundo: o rosto sombrio, os olhos afundados, todo o corpo

frio,

pálido e com a pele arrepiada. Sua respiração estava ofegante, as pulsações dispararam

para

156 por minuto. Nietzsche estava tremendo, mas, quando Breuer tentou cobri-lo com

um dos

lençóis deixados pela senhora Schlegel, gemeu e o afastou com um pontapé.

Provavelmente

hiperestesia extrema - pensou Breuer: tudo lhe é doloroso, mesmo o mero toque de um

lençol.

- Professor Nietzsche, professor Nietzsche - chamou. Nenhuma resposta. Tampouco

Nietzsche se mexeu quando, em tom mais alto, chamou: - Friedrich, Friedrich. - Depois:

-

Fritz, Fritz. - Nietzsche se esquivou ante o som e esquivou-se novamente quando Breuer

tentou levantar-lhe as pálpebras. Hiperestesia mesmo ao som e à luz - observou Breuer,

levantando-se para diminuir a luz e aumentar a calefação a gás.

Uma inspeção mais próxima confirmou o diagnóstico de Breuer de enxaqueca

espasmódica

bilateral: o rosto de Nietzsche, especialmente a testa e as orelhas, estava frio e pálido, as

pupilas

dilatadas e ambas as artérias temporais estavam tão contraídas, parecendo duas cordas

finas e

enregeladas em suas têmporas.

A primeira preocupação de Breuer, porém, não foi a enxaqueca, mas a taquicardia capaz

de

matar. Não obstante a agitação de Nietzs-

che, pressionou firmemente o polegar sobre a artéria carótida direita do enfermo. Em

menos de

um minuto, a pulsação deste caiu para oitenta. Após observar estreitamente a condição

cardíaca

por cerca de quinze minutos, Breuer ficou satisfeito e voltou sua atenção para a

enxaqueca.

Depois de apanhar as pastilhas de nitroglicerina em sua valise, pediu a Nietzsche que

abrisse a

boca, mas sem obter resposta. Quando tentou abrir à força a boca de Nietzsche, este

cerrou os

dentes com tanta energia, que Breuer desistiu. Talvez nitrato amílico resolva o problema

-

pensou Breuer. Verteu quatro gotas em um lenço e o levou até o nariz de Nietzsche.

Este deu

uma respirada, recuou e virou para o outro lado. Resiste até o fim, mesmo inconsciente -

pensou Breuer.

Levou ambas as mãos às têmporas de Nietzsche e, de início suavemente e depois com

uma

pressão crescente, massageou-lhe toda a cabeça e pescoço. Concentrou-se

principalmente nas

áreas que pareciam, com base nas reações do paciente, mais sensíveis. Durante a

massagem,

Nietzsche gritava e sacudia freneticamente a cabeça. Mas Breuer persistiu e calmamente manteve sua posição, ao mesmo tempo em que sussurrava suavemente no ouvido do

doente:

- Agüente a dor, Fritz, agüente a dor... isso vai ajudar. - A agitação de Nietzsche

diminuiu,

mas ele continuou a gemer profundos, agonizantes e guturais "Não!".

Dez, quinze minutos se passaram. Breuer continuou a massagem. Após vinte minutos,

os

gemidos diminuíram e, depois, tornaram-se inaudíveis, mas os lábios de Nietzsche

estavam

ativos, murmurando algo ininteligível. Breuer aproximou o ouvido da boca do doente

mas,

mesmo assim, não conseguiu distinguir as palavras. Seriam "Deixeme, deixe-me, deixe-

me"?

Ou talvez "Permita-me, permita-me"? Não sabia ao certo.

Trinta, trinta e cinco minutos se passaram. Breuer continuou a massagem. O rosto de

Nietzsche

pareceu mais quente e sua cor estava retornando. Talvez o espasmo estivesse no fim.

Embora

ainda em estupor, Nietzsche pareceu mais descansado. O murmúrio continuou, um

pouco mais

alto, um pouco mais claro. Novamente, Breuer inclinou-se aproximando o ouvido dos

lábios

de Nietzsche. Agora, pôde

distinguir as palavras, embora de início duvidasse dos ouvidos. Nietzsche estava

dizendo:

- Ajude-me, ajude-me, ajude-me, ajude-me!

Uma onda de compaixão varreu Breuer. "Ajude-me!" Então - pensou -, durante todo

esse

tempo, foi isso que me pediu. Lou Salomé errou: seu amigo écapaz de pedir ajuda, mas

trata-se

de outro Nietzsche, um que estou conhecendo agora.

Breuer descansou as mãos e andou por alguns minutos pela pequena cela de Nietzsche.

Depois,

embebeu uma toalha com água fria do jarro, aplicou a compressa na testa do paciente

adormecido e sussurrou:

- Sim, eu o ajudarei, Fritz. Conte comigo.

Nietzsche estremeceu. Talvez o contato ainda seja doloroso - pensou Breuer -, mas

mantenha a compressa no lugar assim mesmo. Nietzsche abriu ligeiramente os olhos, entreviu

Breuer e levou a mão à fronte. Talvez pretendesse simplesmente remover a compressa,

mas sua

mão se aproximou da de Breuer e, por um momento, apenas por um momento, suas

mãos se

tocaram.

Outra hora passou. A luz do dia já estava irrompendo, já eram quase sete e meia. O

estado de

Nietzsche parecia estável. Não havia muito mais por fazer àquela altura - pensou

Breuer. Seria

melhor atender seus outros pacientes e retomar mais tarde, depois de passado o sono

provocado pelo cloral. Após cobrir seu paciente com um lençol leve, Breuer redigiu um

bilhete

de que voltaria antes do meio-dia, colocou uma cadeira ao lado da cama e deixou o

bilhete bem

visível sobre a cadeira. Descendo as escadas, instruiu //errSchlegel, que estava a postos

no

balcão de recepção, a dar uma espiada em Nietzsche a cada trinta minutos. Breuer

acordou

Fischmann, que estivera dormindo em um banquinho no vestíbulo, e saíram juntos

naquela

manha nevoenta, para a habitual rodada de visitas domiciliares.

Ao retornar quatro horas mais tarde, foi saudado por Herr Schlegel, sentado no seu

posto no

balcão de recepção. Não, não surgira nenhuma nova manifestação: Nietzsche dormira

sem

parar. Sim, parecia mais confortável e se comportara melhor: um gemido ocasional, mas

nada

de gritos, agitação ou vómito.

QUANDO NIETZSCHE CHOROU * 161

As pálpebras de Nietzsche tremularam quando Breuer adentrou o quarto, mas continuou

a

dormir profundamente mesmo quando Breuer se dirigiu a ele:

-Professor Nietzsche, consegue me ouvir? - Nenhuma resposta. -Fritz! - chamou Breuer.

Sabia que havia lógica em chamar seu paciente de maneira informal; muitas vezes,

pacientes

estuporados respondem a nomes de quando eram mais jovens. Não obstante, sentiu-se

culpado, sabendo que também o fazia por auto-satisfação: agradava-lhe chamar

Nietzsche pelo

familiar Tritz" - Fritz! Sou Breuer. Consegue me ouvir? Poderia abrir os olhos?

Quase imediatamente, os olhos de Nietzsche se abriram. Conteriam um olhar de

reprovação?

Breuer reverteu de imediato ao tratamento formal.

- Professor Nietzsche. De volta entre os vivos, apraz-me ver. Como se sente?

- Nada satisfeito - Nietzsche pronunciava as palavras suavemente e comendo sons - por

estar vivo. Nada satisfeito. Não temo a escuridão. Horrível, sinto-me horrível.

Breuer levou sua mão à testa de Nietzsche, em parte para sentir sua temperatura, mas

também

para oferecer conforto. Nietzsche recuou rapidamente a cabeça vários centímetros.

Talvez ainda

sentisse hiperestesia - pensou Breuer. Mais tarde, ao preparar uma compressa fria e

aplicá-la à

testa de Nietzsche, este, com uma voz fraca e cansada, disse:

- Posso fazer isso - e, tomando a compressa de Breuer, confortou a si mesmo.

O restante do exame de Breuer foi encorajador: as pulsações do paciente chegaram

agora a 76,

seu rosto ficou mais corado e o espasmo das artérias temporais desapareceu.

- Meu crânio parece despedaçado - reclamou Nietzsche. - A dor mudou: em vez de

aguda,

dá a impressão de uma profunda e dolorosa contusão no cérebro.

Embora sua náusea ainda fosse forte demais para engolir medicamentos, conseguiu

aceitar a

pastilha de nitroglicerina que Breuer lhe pôs debaixo da língua. Durante uma hora,

Breuer ficou

sentado conversando com o paciente, que pouco a pouco foi ficando mais receptivo.

- Fiquei preocupado. O senhor poderia ter morrido. Aquela quantidade de cloral é mais

veneno do que remédio. Precisa de um medicamento que ataque a dor de cabeça na

fonte ou

atenue sua dor. O cloral não faz nem uma coisa, nem outra: é um sedativo e, para deixá-

lo

inconsciente diante de tamanha dor, requer uma dose que poderia até ser fatal. Quase

foi, fique

sabendo. Sua pulsação estava perigosamente irregular.

Nietzsche abanou a cabeça.

- Não compartilho de sua preocupação.

- Sobre...?

- Sobre o desenlace - sussurrou Nietzsche.

- Sobre o fato de ser fatal, é isso que quer dizer?

- Não, sobre qualquer coisa... sobre qualquer coisa.

A voz de Nietzsche era quase suplicante. Breuer suavizou também sua voz.

- O senhor esperava morrer?

- Estou vivendo? Morrendo? Que importa? Nenhum nicho. Nenhum nicho.

- O que quer dizer? - perguntou Breuer. - Que não há nenhum nicho ou lugar para o

senhor? Que ninguém sentirá sua falta? Que ninguém se importará?

Um longo silêncio. Os dois homens permaneceram juntos em silêncio e logo Nietzsche

estava

respirando profundamente, ao cair de novo no sono. Breuer o observou por mais

alguns

minutos e, depois, deixou um bilhete na cadeira informando que voltaria no fim da tarde

ou

início da noite. Novamente, instruiu Herr Schlegel a verificar várias vezes o paciente,

mas sem

se preocupar em oferecer comida; talvez água quente, mas o professor não conseguiria

ingerir

nada sólido por mais um dia.

Ao retornar às sete horas, Breuer estremeceu quando penetrou no quarto de Nietzsche.

A luz

melancólica de uma única vela projetava sombras tremulantes nas paredes e revelava

seu

paciente deitado na escuridão, olhos fechados, mãos cruzadas sobre o peito, vestindo

seu terno

preto e calcando pesados sapatos da mesma cor. Seria isso - Breuer se perguntou - uma

antevisão de Nietzsche exposto em câmara ardente, sozinho, sem ninguém para pranteá-

lo?

Mas não estava nem morto, nem adormecido. Estimulou-se ao ouvir a voz de Breuer e,

com

certo esforço e sentindo obviamente dor, ergueu-se até uma posição sentada, com a

cabeça

entre as mãos e as pernas pendendo do lado da cama. Fez um sinal para que Breuer se

sentasse.

- Como se sente agora?

- Minha cabeça continua oprimida por um torno de aço. Meu estômago espera nunca

mais ver

comida. Meu pescoço e minhas costas, aqui - Nietzsche apontou a parte posterior do

pescoço

e as margens superiores de suas omoplatas -, estão terrivelmente sensíveis. Afora isso, porém,

sinto-me horrível.

Breuer demorou a sorrir. A ironia inesperada de Nietzsche o atingiu somente um minuto

depois, quando notou o sorriso malicioso de seu paciente.

- Ao menos navego em águas familiares. Tive esta dor muitas vezes antes.

- Foi um ataque típico, então? - perguntou Breuer.

- Típico? Típico? Deixe-me pensar. A julgar pela intensidade, diria que foi um ataque

forte.

Dos meus últimos cem ataques, talvez apenas quinze ou vinte foram mais intensos.

Apesar

disso, muitos ataques foram piores.

- Como assim? - quis saber Breuer.

- Duraram muito mais, a dor muitas vezes prosseguiu por dois dias. Um ataque breve

assim é

raro, eu sei, os outros médicos disseram.

- Como explicar a brevidade deste? - Breuer estava sondando, tentando descobrir de

quanto

das últimas dezesseis horas Nietzsche se lembrava.

- Ambos sabemos a resposta a esse pergunta, doutor Breuer. Sou-lhe imensamente

grato. Sei

que ainda estaria me contorcendo em dores nesta cama se não fosse o senhor. Gostaria

que

houvesse uma forma significativa de retribuí-lo. Na falta dela, temos que

recorrer à

moeda do

reino. Meus sentimentos sobre dívidas e pagamentos continuam inalterados, e espero

uma

conta proporcional ao tempo que dedicou a mim. Segundo os cômputos do senhor

Schlegel,

bastante precisos por sinal, a conta será considerável.

Embora desanimado por ouvir Nietzsche retornar à sua voz formal e distanciadora,

Breuer disse

que mandaria Frau Becker preparar a conta na segunda-feira. Mas Nietzsche abanou a

cabeça.

-Ih! Esqueci que seu consultório fica fechado aos domingos, mas amanha pretendo

pegar o trem

para a Basileia. Não podemos resolver minha conta agora?

- Para a Basileia? Amanha? De jeito nenhum, professor Nietzsche, não enquanto a crise perdurar. Apesar de nossas desavenças nesta última semana, permita que atue agora

corretamente

como seu médico. Poucas horas atrás, o senhor estava inconsciente e com uma grave

arritmia

cardíaca. E mais do que insensato viajar amanhã: é perigoso. Além disso, existe outro

fator: muitas

enxaquecas podem voltar imediatamente na falta de repouso suficiente. Certamente, o

senhor já

deve ter observado isso.

Nietzsche ficou em silêncio, por um momento, obviamente ponderando as palavras de

Breuer.

Depois, anuiu com a cabeça.

- Seu conselho será seguido. Concordo em permanecer mais um dia e em viajar na

segunda-

feira. Posso vê-lo na segunda de manhã?

Breuer indicou que sim com a cabeça.

- Para a conta, é isso?

- Para isso e ficaria grato também por seus apontamentos da consulta e uma descrição

das

medidas clínicas empregadas para abortar este ataque. Seus métodos poderão ser

úteis

aos seus

sucessores, basicamente médicos italianos, pois passarei os próximos meses no sul.

Certamente, a

força deste ataque proscreve outro inverno na Europa Central.

/ - E hora de repouso e tranqüilidade, professor Nietzsche, e não de novas discussões

entre nós.

Porém, permita-me duas ou três observações para que medite sobre elas até nosso

encontro da

segundafeira.

- Depois do que fez por mim hoje, minha obrigação é escutar cuidadosamente.

Breuer ponderou as palavras. Sabia que essa seria sua última chance. Se falhasse agora,

Nietzsche

embarcaria no trem para a Basiléia na segunda-feira à tarde. Rapidamente, lembrou a si

mesmo

que não repetisse nenhum dos erros anteriores em relação a Nietzsche. Fique calmo,

disse a si

próprio. Não tente se mostrar mais esperto;

respeite a esperteza dele. Não discuta: você perderá, ainda que vença. Além disso,

aquele outro

Nietzsche, o que deseja morrer mas pede ajuda, o que você prometeu ajudar... aquele

Nietzsche

não está aqui agora. Não tente falar com ele.

-Professor Nietzsche, deixe-me começar frisando a gravidade de seu estado ontem à

noite. Sua

pulsação estava gravemente irregular e poderia decair a qualquer momento. Não sei a

causa,

preciso de tempo para estudá-la. Mas não foi a enxaqueca, nem creio que tenha sido a

superdose

de cloral. Jamais vi o cloral produzir esse efeito antes. Este é o primeiro fato sobre o

qual gostaria

de chamar a atenção. O segundo é o cloral. A quantidade que ingeriu poderia ter sido

fatal. E

possível que o vómito da enxaqueca tenha salvado sua vida. Na qualidade de seu

médico, tenho

que estar preocupado com sua conduta autodestrutiva.

- Doutor Breuer, perdoe-me. - Nietzsche falou com a cabeça entre as mãos e os olhos

fechados. - Resolvi ouvi-lo até o fim sem interromper, mas infelizmente minha mente

está lerda

demais para reter pensamentos. Por isso, prefiro falar enquanto as ideias estão frescas.

Fui um

imprudente quanto ao cloral e deveria ter previsto as conseqüências com base em

experiências

semelhantes anteriores. Pretendia tomar uma só pastilha de cloral - ela realmente atenua

uma dor

cortante - e, depois, pôr o vidro de volta na mala. O que sem dúvida ocorreu na noite

passada

foi que tomei uma pílula e esqueci de guardar o vidro. Depois, quando o cloral fez

efeito, fiquei

confuso, esqueci que já tomara uma pastilha e tomei outra. Devo ter repetido essa

seqüência

várias vezes. Isso já acontecera antes. Foi um comportamento tolo, mas não suicida - se

é isso

que o senhor insinua.

Uma hipótese plausível - pensou Breuer. O mesmo acontecera com muitos de seus

pacientes

idosos e desmemoriados e ele sempre instruía seus filhos a ministrarem os

medicamentos.

Entretanto, não acreditou que isso explicasse suficientemente o comportamento de

Nietzsche.

Para início de conversa, porque, mesmo com sua dor, esquecera de pôr o cloral de volta

na mala?

Não se é responsável até pelo próprio esquecimento? Não - Breuer pensou -, a conduta deste

paciente é mais malignamente autodestrutiva do que alega. De fato, havia uma prova: a

voz suave

que disse: "Vivendo ou morrendo -

que importa?" Contudo, era uma prova a que não podia recorrer. Tinha que deixar o

comentário de Nietzsche permanecer incontestado. -Mesmo assim, professor Nietzsche,

ainda

que estufasse a explicação, ela não diminui o risco. O senhor precisa de uma avaliação

completa de sua medicação. Mas permita-me observar uma outra coisa, desta feita

relacionada

com o início de seu ataque. Atribuí-o ao clima. Sem dúvida, ele desempenhou certo

papel: o

senhor tem sido um observador minucioso da influência das condições atmosféricas

sobre sua

enxaqueca. Porém, vários fatores podem agir conjuntamente para desencadear um

ataque de

enxaqueca e, quanto à última ocorrência, creio ter uma responsabilidade: foi logo depois

que o

confrontei de forma rude e agressiva que sua dor de cabeça começou.

- Mais uma vez, doutor Breuer, tenho que intervir. Não disse nada que um bom médico

não

devesse dizer, que outros médicos não teriam dito mais cedo e com menos tato.

Não

merece a

culpa por esse ataque. Senti sua chegada bem antes de nossa última conversa. Na

verdade, tive

uma premonição ainda a caminho de Viena.

Breuer detestou ceder nesse ponto, mas aquela não era hora de debate.

- Não quero cansá-lo mais, professor Nietzsche. Permita-me apenas dizer, então, que,

baseado em seu estado médico geral, sinto ainda mais do que antes a necessidade de um

extenso período de observação minuciosa e de tratamento. Embora tenha sido chamado

horas

após seu início, consegui abreviar esse ataque específico. Se o tivesse sob observação

em uma

clínica, tenho confiança de que poderia ter desenvolvido um regime para abortar seus

ataques

ainda mais completamente. Insisto que aceite minha recomendação de se internar na

Clínica

Lauzon.

Breuer parou. Dissera tudo que era possível. Mostrara-se brando, lúcido, clínico.

Não

podia

fazer mais nada. Fez-se um longo silêncio. Esperou pelo seu fim, escutando os sons no

pequeno aposento: a respiração de Nietzsche, sua própria, o gemer do vento, uma passada e

uma tábua rangente no quarto acima.

Então, Nietzsche respondeu com uma voz gentil, quase convidativa:

- Nunca conheci um médico como o senhor, igualmente capaz, igualmente preocupado.

Nem

tão pessoal. Talvez tenha muito a me

ensinar. Quando se trata de aprender como conviver com as pessoas, creio que devo

começar

do zero. Sou grato ao senhor e, acredite, imensamente grato. - Nietzsche fez uma pausa.

-

Estou cansado e preciso me deitar. - Estirou-se de costas, as mãos cruzadas sobre o

peito, o

olhar fixo no teto. - Sendo tão grato, entristece-me contrariar sua recomendação. Mas as

razões dadas ontem - foi apenas ontem? Parece que conversamos há meses -, essas

razões

não foram frívolas, não foram simplesmente inventadas na hora para me opor ao senhor.

Se

optar por continuar lendo meus livros, verá como minhas razões se baseiam no próprio

fundamento de meu pensamento, portanto, de meu ser. Essas razões me parecem ainda

mais

fortes agora, mais fortes hoje do que ontem. Não sei por que isso acontece. Não consigo

me

entender muito bem hoje. Sem dúvida, tem razão, o cloral não é bom para mim,

certamente não

é um tónico para minha cerebração... continuo com o raciocínio confuso. Mas as razões

que lhe

apresentei parecem-me, agora, dez vezes mais fortes, cem vezes mais fortes. - Virou a

cabeça

para olhar Breuer. - Peço-lhe, doutor, que pare com seus esforços a meu favor! Recusar

seu

conselho e sua oferta agora e continuar recusando-o repetidamente apenas aumenta a

humilhação de ser-lhe tão grato. Por favor - virou a cabeça de volta para o outro lado -,

é

melhor que eu repouse agora, e talvez que o senhor volte para casa. Mencionou uma vez

que

tem uma família: temo que ficarão ressentidos comigo e com toda razão. Sei que

despendeu

hoje mais tempo comigo do que com eles. Até segunda, doutor Breuer. - Nietzsche

cerrou os

olhos.

Antes de partir, Breuer avisou que, se Nietzsche precisasse dele, mandasse um

mensageiro do

senhor Schlegel chamá-lo, que ele viria na hora, mesmo no domingo. Nietzsche

agradeceu mas

sem abrir os olhos.

Enquanto descia as escadas da hospedaria, Breuer maravilhou-se com o controle e o

poder de

recuperação de Nietzsche. Mesmo no leito de enfermo, em um quarto vulgar ainda

fedendo da

violenta irrupção de apenas horas atrás, num período em que a maioria das vítimas de

enxaqueca estaria grata simplesmente por se sentar em um canto e respirar, Nietzsche

estava

pensando e funcionando: escondendo seu desespero, planejando sua partida, defendendo

seus

princípios,

exortando seu médico a retornar para a sua família, solicitando um relatório da consulta

e uma

conta que fosse justa para seu médico.

Ao chegar no fi acre que o espetava, Breuer resolveu que uma hora de caminhada até a

casa

desanuviaria sua cabeça. Dispensou Fischmann, dando-lhe um florim de ouro para uma

sopa

quente - esperar naquele frio era um trabalho duro -, e partiu pelas ruas cobertas de

neve.

Nietzsche partiria para a Basiléia na segunda-feira, ele sabia. Por que isso importava

tanto? Por

mais que refletisse a respeito, parecia além da compreensão. Sabia apenas que Nietzsche

importava para ele, que era atraído por ele de certo modo sobrenatural. Talvez - pensou

- eu

veja em Nietzsche algo de mim. Mas o quê? Diferimos em todos os aspectos

fundamentais: na

formação, na cultura, no projeto de vida. Invejarei sua vida? O que há de invejável

naquela

existência fria e solitária?

Certamente - pensouBreuer -, meus sentimentos em relação a Nietzsche nada têm a ver

com

culpa. Como médico, cumpri integralmente meu dever; não posso me censurar a

respeito.

FrawBecker e Max tinham razão: que outro médico teria dedicado qualquer fração de

seu

tempo a um paciente tão arrogante, áspero e exasperante?

E vaidoso! Com que naturalidade dissera enpassant- e não em jactância vazia,

mas

plenamente convencido - ser o melhor conferencista da história da Basiléia, ou que talvez as

pessoas tivessem a coragem, ousassem ler seus livros no ano 2000! Entretanto, nada

disso

ofendeu Breuer. Talvez Nietzsche estivesse certo! Sem dúvida, seu discurso e sua prosa

eram

convincentes e seus pensamentos, poderosamente luminosos - mesmo seus pensamentos

errados.

Quaisquer que fossem as razoes, Breuer não objetou ao fato de Nietzsche importar

tanto.

Comparada com as fantasias invasoras e saqueadoras de Bertha, sua preocupação com

Nietzsche se afigurava benigna, até benevolente. De fato, Breuer teve uma premonição

de que

seu encontro com aquela figura bizarra pudesse contribuir para sua própria redenção.

Breuer continuou andando. O outro homem alojado e escondido em Nietzsche, aquele

homem

que suplicava por ajuda, onde estaria agora? "Aquele homem que tocou minha mão",

Breuer

ficou repetindo mentalmente, "como poderei atingi-/o? Tem que haver uma ma-

neira! Mas ele está decidido a deixar Viena na segunda-feira. Não há como detê-lo?

Tem de

haver uma maneira!"

Desistiu. Parou de pensar. Suas pernas assumiram o controle e continuou andando em

direção

a um lar quente e bem-iluminado, em direção às suas crianças e à amável e mal-amada

Mathilde. Concentrou-se apenas em inspirar o ar frigidíssimo, em aquecê-lo no

recôndito dos

pulmões e, depois, em liberá-lo em nuvens de vapor. Escutou o vento, seus passos, o

romper

da frágil crosta de neve gelada sob os pés. De chofre, acorreu-lhe uma maneira - a única

maneira!

Seu passo se acelerou. Por todo o caminho para casa, esmigalhou a neve e, a cada

passada,

salmodiava de si para si: "Sei de uma maneira! Sei de uma maneira!"

CAPITULO 12

MANHÃ DE SEGUNDA-FEIRA, Nietzsche apareceu no consultório de Breuer para

encerrarem o negócio entre eles. Após estudar cuidadosamente cada item na conta para

se

certificar de que nada fora omitido, Nietzsche preencheu um saque bancário,

entregando-o a

Breuer. Depois, este passou para Nietzsche o relatório clínico e sugeriu que o lesse ali para

poder esclarecer eventuais dúvidas. Após examiná-lo, Nietzsche abriu a bolsa e o

guardou na

pasta de relatórios médicos.

- Excelente relatório, doutor Breuer, abrangente e compreensível. Ao contrário dos

demais

relatórios, não contém nenhum jargão profissional, o qual, embora transmita a ilusão de

conhecimento, é na realidade a linguagem da ignorância. E agora, de volta para a

Basileia. Já

ocupei demais seu tempo.

Nietzsche fechou e trancou a pasta.

- Deixo-o, doutor, sentindo-me mais grato ao senhor do que a qualquer outro homem

antes.

Naturalmente, as despedidas são acompanhadas por negações da continuidade do

evento. As

pessoas dizem: "AufWiedersehen, até a próxima!" Elas são rápidas em planejar reuniões e,

mais tarde, ainda mais rápidas em esquecer suas resoluções. Aíãosou uma dessas

pessoas.

Prefiro a verdade, qual seja, de que quase certamente jamais nos veremos de novo.

Provavelmente nunca mais voltarei a Viena e duvido de que o senhor venha a desejar

um

paciente como eu a ponto de me caçar na Itália.

Nietzsche aumentou a força com que segurava a pasta e começou a se levantar. Foi um

momento para o qual Breuer se preparara cuidadosamente.

- Professor Nietzsche, por favor, ainda não! Há outro assunto que gostaria de conversar

com

o senhor.

Nietzsche ficou tenso. Sem dúvida - pensou Breuer -, está esperando outro pedido para

se

internar na Clínica Lauzon. E temendo-o.

- Não, professor Nietzsche, não é o que está pensando, não é mesmo. Por favor, acalme-

se. É

um assunto totalmente diferente. Venho protelando a menção a esse assunto por razões

que

logo se tornarão claras.

Breuer fez uma pausa e respirou profundamente.

- Tenho uma proposta a lhe fazer: uma proposta incomum, talvez jamais feita antes por

um

médico a um paciente. Venho adiando-a. É difícil dizer. Normalmente, sou bastante

desembaraçado. Mas agora é diferente. Bem, proponho uma troca profissional. Ou seja,

proponho que, no próximo mês, eu atue como médico de seu corpo. Eu me concentrarei

somente nos seus sintomas físicos e na medicação. Em troca, o senhor será o médico de

minha

mente, de meu espírito.

Nietzsche, ainda segurando a pasta, pareceu intrigado e, depois, desconfiado.

- O que quer dizer: sua mente, seu espírito? Como poderei agir como médico? Essa não

é

outra variação de nossa discussão da semana passada de me medicar e eu lhe ensinar

filosofia?

- Não, este pedido é totalmente diferente. Não estou pedindo para me ensinar, mas para

me

curar.

- De quê, posso saber?

- Uma pergunta difícil. No entanto, faço-a aos meus pacientes a toda hora. Fiz-lhe esta

pergunta e, agora, é minha vez de respondê-la. Peco-lhe que me cure do desespero.

- Desespero? - Nietzsche largou a pasta e inclinou-se para a frente. - Que tipo de

desespero? Não vejo nenhum desespero.

- Não na superfície. Ali pareço viver uma vida satisfatória. Mas, sob a superfície, reina

o

desespero. O senhor pergunta que espécie de desespero? Digamos que minha mente não

me

pertence, que sou in-

vadido e atacado por pensamentos estranhos e sórdidos. Como resultado, sinto desdém

por

mim mesmo e duvido de minha integridade. Embora cuide de minha esposa e dos meus

filhos,

não os amo\ Na verdade, ressinto-me por me aprisionarem. Falta-me coragem: a

coragem de

mudar minha vida ou de continuar vivendo-a. Perdi de vista o porquê de minha vida, o

sentido

disso tudo. Preocupo-me com o envelhecimento. Embora a cada dia me aproxime mais

da

morte, ela me aterroriza. Mesmo assim, idéias suicidas às vezes invadem minha rnente.

No domingo, Breuer ensaiara essa resposta várias vezes. Mas desta vez, ela fora - de

forma

estranha, considerando-se a duplicidade subjacente do plano - sincera. Breuer sabia que não

era um bom mentiroso. Embora tivesse que esconder a grande mentira - que sua

proposta era

uma trama para atrair Nietzsche ao tratamento -, resolvera dizer a verdade sobre todo o

resto.

Por isso, em sua fala, apresentou a verdade sobre si de forma ligeiramente exagerada.

Procurou

também selecionar preocupações que pudessem, de alguma forma, entrelaçar-se com

algumas

das próprias preocupações não-expressas de Nietzsche.

Pelo menos uma vez, Nietzsche pareceu realmente espantado. Sacudiu a cabeça

ligeiramente,

obviamente nada querendo com essa proposta. Contudo, estava com dificuldade em

formular

uma objeção racional.

- Não, não, doutor Breuer, isso é impossível. Não posso fazer isso, não tenho formação.

Considere os riscos: tudo poderá degringolar.

- Mas, professor, não se trata aqui de formação. Quem tem formação? A quem posso

recorrer? A um médico? Tal tratamento não faz parte da disciplina médica. A um líder

religioso? Devo abraçar os contos de fada religiosos? À sua semelhança, eles não me

dizem

mais nada. Você, um filósofo da vida, dedica seu tempo contemplando exatamente as

questões

que confundem minha vida. A quem recorrer se não a você?

- Dúvidas sobre si, a esposa, os filhos? O que eu entendo disso? Breuer respondeu

imediatamente.

- E o envelhecimento, a morte, a liberdade, o suicídio, a busca de um propósito: você

conhece tanto quanto qualquer outra pessoa

viva! Não são essas exatamente as preocupações de sua filosofia? Seus livros não são

tratados

completos sobre o desespero?

- Não sei curar o desespero, doutor Breuer. Apenas eu o estudo. O desespero é o preço

pago

pela autoconsciência. Olhe profundamente para dentro da vida e encontrará sempre o

desespero.

- Sei disso, professor Nietzsche, e não espero uma cura, mas meramente um alívio.

Quero que me

aconselhe. Quero que me mostre como tolerar uma vida de desespero.

- Mas não sei corno mostrar essas coisas. Além disso, não tenho conselhos para o

homem

singular. Escrevo para a raça, para a humanidade.

- Professor Nietzsche, você acredita no método científico. Se uma raça, uma aldeia ou

um bando

sofre uma doença, o cientista procede isolando e estudando um espécime prototípico

individual e,

depois, generalizando para o todo. Despendi dez anos dissecando uma minúscula

estrutura no

interior do ouvido dos pombos para descobrir como mantêm o equilíbrio! Não pude

trabalhar

com a espécie dos pombos; tive que trabalhar com pombos individuais. Somente mais

tarde pude

generalizar minhas descobertas para todos os pombos e, depois, para os pássaros

e os

mamíferos,

bem como o ser humano. E assim que funcionam as coisas. Não se pode conduzir uma

experiência

sobre toda a raça humana.

Breuer parou, aguardando a contestação de Nietzsche. Não houve contestação.

Nietzsche estava

absorto em pensamentos. Breuer continuou:

- Outro dia, você me descreveu sua crença de que o espectro do niilismo estava

rondando a

Europa. Argumentou que Darwin tornou Deus obsoleto, que assim como outrora

criamos Deus,

todos agora o matamos. Mas não sabemos mais viver sem nossas mitologias religiosas.

Sei que

não disse isto diretamente (corrija-me se estou errado), mas creio que considera como

sua missão

demonstrar que, a partir da descrença, pode-se criar um código de conduta para o

homem, uma

nova moralidade, um novo esclarecimento em substituição aos gerados pela superstição

e pela

ânsia do sobrenatural. - Fez uma pausa. Nietzsche acenou com a cabeça para que

prosseguisse.

- Acredito, embora possa discordar dos termos que escolhi, que sua missão é salvar a

humanidade tanto do niilismo como da ilusão, certo? - Outro

aceno ligeiro de Nietzsche. - Bem, salve-me! Conduza a experiência comigo! Sou a

cobaia

perfeita. Eu matei Deus. Não tenho crenças sobrenaturais e estou me afogando no

niilismo. Não

sei por que\\\ex\ Não sei como viver! - Nietzsche continuou sem dar resposta. - Se espera

desenvolver um plano para toda a humanidade ou mesmo para uns poucos escolhidos,

teste-o em

mim. Pratique-o em mim. Veja o que funciona e o que não; isso deverá aguçar seu

raciocínio.

- O senhor se oferece como uma cobaia? - respondeu Nietzsche. - Seria assim que eu

pagaria

minha dívida para com o senhor?

- Não estou preocupado com os riscos. Acredito no valor terapêutico da conversa.

Simplesmente repassar minha vida com uma mente informada como a sua... é o que

quero. Isso

certamente vai me ajudar.

Nietzsche sacudiu a cabeça desconcertado.

- O senhor tem em mente algum procedimento específico?

- Apenas isto. Conforme já propus, você se internará na clínica sob um pseudônimo, e

eu

observarei e tratarei seus ataques de enxaqueca. Em minhas visitas diárias, primeiro

verei você.

Monitorarei seu estado físico e prescreverei alguns medicamentos que possam ser

indicados.

Durante o resto da consulta, você se tornará o médico e me ajudará a falar sobre as

preocupações

de minha vida. Peço apenas que me ouça e intervenha com quaisquer comentários que

deseje.

Isso é tudo. Além disso, não sei. Teremos que inventar nosso procedimento durante o

percurso.

- Não. - Nietzsche abanou a cabeça firmemente. - E impossível, doutor Breuer. Admito

que

seu plano é intrigante, mas está condenado de saída. Sou um escritor, não um

conversador.

Escrevo para a minoria, não para a maioria.

- Mas seus livros não são para a minoria - respondeu Breuer rapidamente. - Na verdade,

despreza filósofos que escrevem apenas uns para os outros, cujo trabalho está distante

da vida,

que não vivem sua filosofia.

- Não escrevo para outros filósofos. Mas escrevo para a minoria que representa o futuro.

Não

pretendo me misturar, viver em meio. Minhas habilidades de intercâmbio social, minha

confiança,

meu cuidado pelos outros... tudo isso se atrofiou há muito tempo, se é que já

tive essas habilidades. Sempre estive sozinho. Sempre ficarei sozinho. Aceito esse

destino.

- Mas, professor Nietzsche, o senhor deseja mais do que isso. Vi tristeza em seus olhos

quando disse que talvez ninguém leia seus livros antes do ano 2000. Deseja ser lido.

Acredito

que uma parte sua ainda anseia por estar com os outros.

Nietzsche se manteve imóvel, rígido em sua cadeira.

-Lembra-se daquela história que me contou sobre Hegel no leito de morte? - continuou

Breuer. - Sobre o único aluno que o entendeu, mas que o entendeu erradamente) No

final,

concluiu que, em seu próprio leito de morte, não poderá contar sequer com um aluno.

Bem, por

que esperar até o ano 2000? Eis-me aqui! Eis seu aluno bem aqui, exatamente agora.

Sou um

aluno que irá 'escutá-lo, pois minha vida depende de compreendê-lo!

Breuer parou para ganhar fôlego. Estava satisfeitíssimo. Em seu ensaio no dia anterior,

antecipara corretamente cada uma das objeçóes de Nietzsche e rebatera uma a uma. A

armadilha era elegante. Não via a hora de contar para Sig.

Sabia que deveria parar nesse ponto - o principal objetivo, afinal, sendo

assegurar que

Nietzsche não pegasse o trem para a Basiléia naquele dia -, mas não resistiu a uma

observação

adicional.

- Além disso, professor Nietzsche, lembro-me de ter dito outro dia que nada o

perturbava

mais do que dever a alguém sem possibilidade de um reembolso à altura.

A resposta de Nietzsche foi rápida e ríspida:

- Quer dizer que fará isso por mini!

- Não, nada disso. Embora meu plano possa de alguma forma beneficiá-lo, essa não é

minha

intenção! Minha motivação é totalmente egoísta. Preciso de ajuda! É suficientemente

forte para

me ajudar?

Nietzsche se levantou da cadeira.

Breuer prendeu a respiração.

Nietzsche deu um passo em direção a Breuer e estendeu a mão:

- Concordo com seu plano - disse.

Friedrich Nietzsche e Josef Breuer haviam chegado a um acordo.

QUANDO NIETZSCHE CHOROU " 177

Carta de Friedrich Nietzsche a Peter Gast

4 de dezembro de 1882

Caro Peter,

Outra mudança de planos. Permanecerei em Viena um mês inteiro e, portanto, lastimo

ter que adiai nossa visita a Rapallo.

Escreverei quando tiver definido meus planos mais precisamente. Muita coisa

aconteceu, a maioria, interessante. Estou

sofrendo um leve ataque (que teria sido um monstro de duas semanas não fosse a

intervenção de teu doutor Breuer) e

encontro-me fraco demais agora para fornecer mais do que um resumo do que

transpirou. Mais informações se seguirão.

Obrigado por me ter indicado esse doutor Breuer: uma grande curiosidade, um médico

pensante, científico. Não é notável? Ele

está querendo me contar o que sabe sobre minha doença e - ainda mais notável - o que

não sabe!

Ele é um homem que deseja imensamente ousar, e acredito que se sinta atraído por

minha ousadia em ousar grandemente. Ele

ousou me fazer a mais incomum das propostas e eu a aceitei. No próximo mês, propõe

me hospitalizar na Clínica Lauzon, onde

estudará e tratará minha doença. (E tudo isso a expensas dele\ Isso significa, caro

amigo, que tu não precisas te preocupar com

minha subsistência neste inverno.)

E eu? Que devo oferecer em troca? Eu, que ninguém acreditava tivesse novamente um

emprego lucrativo, foi-me pedido que

seja o filósofo pessoal do doutor Breuer por um mês pata lhe dar aconselhamento

filosófico. Sua vida é um tormento, ele

contempla o suicídio e me pediu que o guie para fora do emaranhado de desespero.

Que irónico - deves pensar - que teu amigo seja chamado para abafar o canto da sereia

da morte, o mesmo amigo tão

enfeitiçado por aquela rapsódia, exatamente o amigo que te contou na última vez que o

barril de pólvora não parecia uma visão

adversa!

Caro amigo, revelo-te meu acordo com o doutor Breuer em total confiança. Isso não é

para o ouvido de mais ninguém, nem

mesmo de Overbeck. Tu és o único a quem confio isso. Devo ao bom do doutor total sigilo.

Nosso acordo bizarro evoluiu até sua configuração atual de uma forma complexa.

Primeiro, ele se ofereceu para me aconselhar

como parte de meu tratamento médico! Que subterfúgio grosseiro! Ele fingiu estar

interessado tão-somente em meu bem-estar,

seu único desejo, sua única recompensa sendo tornar-me saudável e incólume! Mas

conhecemos esses terapeutas sacerdotais

que projetam suas fraquezas nos outros e, depois, ajudam-nos somente como uma forma

de aumentar sua própria força.

Conhecemos bem a "caridade cristã".

Naturalmente, enxerguei tudo isso e o chamei pelo verdadeiro nome. Ele se sufocou

com a verdade por algum tempo -

tachou-me de cego e ignóbil. Jurou

ter motivações elevadas, alegou uma falsa simpatia e altruismos cómicos, mas

finalmente, para seu mérito, encontrou a força

para solicitar aberta e honestamente a rainha força.

Teu amigo Nietzsche no mercado! Não te pasma esse pensamento? Imagina meu

Humano, demasiado humano ou minha Gaia

ciência enjaulada, domesticada, amestrada! Imagina meus aforismos em ordem

alfabética num compêndio de homilias para a

vida e o trabalho diários! De início, também eu fiquei pasmado! Mas não mais. O

projeto me intriga - um fórum para minhas

idéias, um vaso a preencher quando eu estiver maduro e transbordando, uma

oportunidade - enfim, um laboratório onde testar

ideias em um espécime individual antes de postulálas para a espécie (essa noção foi do

doutor Breuer).

Teu doutor Breuer, por sinal, parece um espécime superior, com a perceptividade e o

desejo de se elevar. Sim, ele tem o

desejo. E tem cabeça. Mas terá os olhos - e o ânimo - para ver? Veremos!

Assim, hoje convalesço e penso calmamente na aplicação-um novo empreendimento.

Talvez eu estivesse errado ao pensar

que minha única missão fosse encontrar a verdade. Durante o próximo mês, verei se

minha sabedoria permitirá que um outro

suporte o desespero. Por que recorre a mtm? Ele diz que, após provar minha conversa e

degustar uma pitada de Humano,

demasiado humano, desenvolveu um apetite por minha filosofia. Talvez, dada a

carga

de minha doença física, pense que devo

ser um perito em sobrevivência.

É claro que ele não conhece nem metade de minha carga. Minha amiga, a demoníaca-cadela russa, aquela símia com falsos

seios, contínua sua carreira de traição. Elisabeth, segundo a qual Lou está vivendo com

Rée, move uma campanha para que

seja deportada por imoralidade.

Elisabeth também escreve que a amiga Lou transferiu sua campanha de ódio e calúnia

para a Basileia, onde pretende pôr em

xeque minha pensão. Amaldiçoado seja aquele dia em Roma em que a conheci. Tenho

te dito amiúde que cada adversidade -

mesmo encontros com o puro mal - me fortalece. Mas se conseguir transformar essa

merda em ouro, irei... irei... - iremos

ver.

Faltam-me energias para copiar esta carta, caro amigo. Peço devolvê-la.

Teu

F.N.

CAPITULO 13

M .AIS TARDE NAQUELE DIA, no fiacre a caminho da clínica, Breuer levantou a

questão do

sigilo e propôs que Nietzsche talvez se sentisse mais confortável sendo admitido sob um

pseudónimo: especificamente como Eckart Müller, o nome que usara ao discutir seu

paciente

com Freud.

- Eckart Müller, Eckkkkkkart Muuuller, Eckart Miiuuuuuuller

- Nietzsche, obviamente bem-humorado, entoou lentamente o nome para si mesmo em

um

sussurro suave como que para discernir sua melodia. - E um nome tão bom como

qualquer

outro, suponho. Tem algum significado especial? Talvez - especulou maldosamente

- seja o nome de algum outro paciente notoriamente obstinado.

- É um simples mnemónico - explicou Breuer. - Formo um pseudónimo para um

paciente

substituindo cada inicial de seu nome pela letra do alfabeto imediatamente precedente.

Assim,

obtive E.M. e Eckart Müller foi simplesmente o primeiro EM. que me ocorreu.

Nietzsche sorriu.

- Talvez um dia algum historiador da medicina venha a escrever um livro sobre médicos

famosos de Viena e indagará por que o eminente doutor Josef Breuer visitava tão freqüentemente certo Eckart Müller, um homem misterioso sem passado ou futuro.

Foi a primeira vez que Breuer viu Nietzsche ser brincalhão. Era um bom presságio para

o

futuro, e Breuer correspondeu:

[i l! li! "l

Coitados dos futuros biógrafos de filósofos quando tentarem

reconstituir as andanças do professor Friedrich Nietzsche durante o mês de dezembro no

ano

de 1882.

Alguns minutos depois, tendo refletido melhor a respeito, Breuer se arrependeu de ter

sugerido

um pseudônimo. Dirigir-se a Nietzsche através de um nome falso na presença da equipe

da

clínica impunha um subterfúgio totalmente desnecessário a uma situação já enganosa.

Por que

aumentar a sua carga? Afinal, Nietzsche não precisava da proteção de um pseudônimo

para o

tratamento da hemicrania, uma doença comum. O acordo entre eles exigia que ele,

Breuer,

corresse os riscos; logo, se alguém necessitava da proteção do sigilo, era ele, e não

Nietzsche.

O fiacre adentrou o oitavo distrito, conhecido como Josefstadt, e parou diante dos

portões da

Clínica Lauzon. O porteiro, reconhecendo Fischmann, evitou discretamente espiar

dentro da

cabina e correu para abrir os portões giratórios de ferro. O fiacre balançou e trepidou na

passagem de pedras de cem metros até o pórtico com colunas brancas do edifício

central. A

Clínica Lauzon, uma bonita estrutura de pedras brancas com quatro pavimentos,

abrigava

quarenta pacientes neurológicos e psiquiátricos. Ao ser construída trezentos anos antes

como

residência urbana do barão Friedrich Lauzon, ficava imediatamente fora das muralhas

de Viena,

sendo circundada por suas próprias muralhas, além de estábulos, uma cocheira, chalés

dos

criados e vinte acres de jardins e pomar. Aqui, geração após geração de jovens Lauzon nasceram, cresceram e saíram para caçar o grande e selvagem javali. Com a morte do

último

barão Lauzon e de sua família, quando da epidemia de febre tifóide de 1858, a

propriedade dos

Lauzon passara para o barão Wertheim, um sobrinho distante e imprevidente que

raramente

deixava sua propriedade rural na Baviera.

Avisado pelos administradores de que só conseguiria se desfazer do ônus da

propriedade

herdada transformando-a em uma instituição pública, o barão Wertheim decidiu que o

edifício

deveria se tornar um hospital de convalescentes, com a estipulação de que sua

família

recebesse

cuidados médicos gratuitos perpétuos. Uma instituição de caridade foi estabelecida e um

conselho diretor recrutado - este último invulgar por incluir, além de varias famílias

católicas

proeminentes de Viena, também duas famílias filantrópicas judaicas: os Gomperz e os

Altmann. Embora o hospital, aberto em 1860, cuidasse primariamente dos ricos, seis de

seus

quarenta leitos foram doados e tornados disponíveis para pacientes pobres, mas limpos.

Foi um desses seis leitos que Breuer, que representava a família Altmann no conselho

diretor

do hospital, destinou para Nietzsche. A influência de Breuer na Lauzon transcendia sua

participação no conselho diretor, pois era também médico pessoal do diretor do hospital

e de

diversos outros membros da administração.

Quando Breuer e seu novo paciente chegaram à clínica, foram saudados com grande

deferência. Todos os procedimentos formais de entrada e registro foram dispensados, e

o

diretor e a enfermeira-chefe conduziram pessoalmente o doutor e o paciente pelos

quartos

disponíveis.

- Escuro demais - foi o parecer de Breuer sobre o primeiro quarto. - O senhor Müller

precisa de luz para ler e para sua correspondência. Procuremos algo na ala sul.

O segundo quarto era pequeno mas claro, e Nietzsche comentou:

- Este serve; tem muito mais luz. - Mas Breuer rapidamente o contestou:

- Pequeno demais, muito abafado. Que mais está livre? Nietzsche gostou também do

terceiro

quarto:

- Sim, este é inteiramente satisfatório. - Mas Breuer novamente não ficou satisfeito:

- Devassado demais. Barulhento demais. Poderia nos conseguir alguma coisa mais longe da

enfermagem?

Ao entrarem no quarto seguinte, Nietzsche não esperou pelo comentário de Breuer, mas

imediatamente guardou sua pasta dentro do armário, tirou os sapatos e deitou-se na

cama. Não

havia o que discutir, posto que Breuer também aprovou esse espaçoso quarto de canto

no

terceiro pavimento, com sua grande lareira e excelente vista dos jardins. Ambos os

homens

admiraram o grande tapete de Isfahan* salmão e azul, um pouco surrado mas ainda

magnífico,

obviamente remanescente de dias mais felizes e saudáveis na propriedade dos Lauzon.

Nietzsche anuiu em aprovação ao pedido de Breuer de colo-

* Famoso tipo de tapete persa. (N. do T.)

1,1

carem no quarto uma escrivaninha, um lampião a gás e uma cadeira confortável.

Tão logo se viram a sós, Nietzsche reconheceu que se levantara rapidamente demais

depois do

último ataque: sentia-se fatigado e sua dor de cabeça estava voltando. Sem protestar,

concordou em passar as

24 horas seguintes repousando tranquilamente na cama. Breuer desceu o corredor até a

enfermagem para solicitar medicamentos: colquicina para a dor e hidrato de cloral para

fazer

dormir. Nietzsche era tão viciado em cloral que a retirada demandaria várias semanas.

Quando Breuer retornou ao quarto de Nietzsche para se despedir, o filósofo levantou a

cabeça

do travesseiro e, apanhando o pequeno copo d'água ao lado da cama, propôs um brinde:

- Até o início oficial de nosso projeto amanhã! Após um breve repouso, planejo passar o

resto do dia desenvolvendo uma estratégia para nosso aconselhamento filosófico. Auf

Wiedersehen^ doutor Breuer.

Uma estratégia! E hora - pensou Breuer no fiacre a caminho de casa - de CM também

pensar

numa estratégia. Estivera tão absorvido em capturar Nietzsche, que simplesmente não

pensara

em como domesticar sua caça, agora no quarto 13 na Clínica Lauzon. Enquanto o fiacre

balançava ruidosamente, Breuer tentou se concentrar em sua própria estratégia.

Tudo parecia

confuso: carecia de diretrizes reais, de precedentes. Teria de divisar um tratamento

inteiramente

novo. Melhor discuti-lo com Sig; era a espécie de desafio que adorava. Breuer pediu a

Fischmann que parasse no hospital e localizasse o doutor Freud.

O Hospital Geral de Viena, onde Freud, um assistente clínico, se preparava para uma

carreira

médica, era uma pequena cidade em si mesma. Abrigava duzentos pacientes e consistia

em

doze edifícios quadrangulares, cada qual um departamento separado, com seu próprio

pátio e

muro, e conectado por um emaranhado de túneis subterrâneos a todos os outros edifícios

quadrangulares. Um muro de pedras com quatro metros de altura separava toda aquela

comunidade do mundo exterior.

Fischmann, desde muito tempo familiarizado com os segredos daquele labirinto, correu

para

chamar Freud em sua enfermaria. Poucos minutos depois, retornou sozinho:

- O doutor Freud não está. O doutor Hauser disse que ele saiu para o café uma hora

atrás.

O café frequentado por Freud, o Café Landtmann, no FranzensRing, distava poucos

quarteirões do hospital; ali Breuer o encontrou sentado sozinho, bebendo café e lendo

uma

revista literária francesa. O Café Landtmann era freqüentado por médicos, assistentes

clínicos e

estudantes de medicina; embora menos elegante que o Café Griensteidl freqüentado por

Breuer,

assinava acima de oitenta periódicos, talvez mais do que qualquer outro café de Viena.

- Sig, vamos para Demel comer uma torta. Tenho umas coisas interessantes para lhe

dizer

sobre o caso do professor com enxaqueca.

Em segundos, Freud vestiu seu casaco. Embora adorasse a melhor confeitaria de Viena,

só

podia freqüentá-la como convidado de alguém. Dez minutos depois, estavam sentados

em uma

tranqüila mesa de canto. Breuer solicitou dois cafés, uma torta de chocolate para si e

uma torta

de limão com creme chantilly para Freud, mas este terminou tão rapidamente que

Breuer

persuadiu seu jovem amigo a escolher outra do carrinho de prata com três andares de

tortas.

Quando Freud terminou um mil-folhas de chocolate e um segundo café, ambos os

homens

acenderam seus charutos. Então Breuer descreveu em detalhe tudo que ocorrera com

//errMuller desde a última conversa com Freud: a recusa do professor de se submeter a tratamento psicológico, sua saída enraivecida, a enxaqueca no meio da noite, a estranha

chamada domiciliar, sua overdose e o peculiar estado de consciência, a voz baixa e

suplicante

pedindo ajuda e, finalmente, o notável acordo fechado no consultório de Breuer naquela

manhã.

Freud fitava Breuer intensamente durante sua narrativa, um olhar já conhecido de

Breuer. Era o

olhar de recordação total de Freud: estava não apenas contemplando e registrando tudo,

mas

também arquivando; seis meses depois, seria capaz de repetir aquela conversa com total

precisão. Mas a conduta de Freud mudou abruptamente quando Breuer descreveu sua

proposta

final.

- Josef, você lhe ofereceu O QUE? Tratará a enxaqueca desse HerrMuller e ele deve

tratar seu

desesperai Está brincando! O que isso significa?

- Sig, acredite, foi a única saída. Se eu tivesse tentado qualquer outro método, tchau\ Ele

estaria a caminho da Basiléia. Lembra-se da excelente estratégia que planejamos:

persuadi-lo a

investigar e reduzir o estresse de sua vida? Demoliu-a em minutos elogiando totalmente

o

estresse. Cantou rapsódias a respeito. Qualquer coisa que não o mate - alega ele - o

fortalece. Entretanto, quanto mais escutei seus pensamentos e refleti sobre eles, mais me

convenci de que ele se imagina um médico: não um médico pessoal, mas de toda nossa

cultura.

- Assim - disse Freud - você o capturou sugerindo que começasse a curar a civilização

ocidental a partir de um espécime individual: você?

- É verdade, Sig. Mas primeiro ele me capturou! Oh! Aquele homúnculo que, segundo

você,

está ativo em cada um de nós me capturou através da lamentosa súplica de Nietzsche:

"Ajude-

me, ajudeme." Isso, Sig, quase bastou para me fazer acreditar em suas idéias sobre a

existência

de uma parte inconsciente da mente.

Freud sorriu para Breuer e saboreou uma longa tragada de seu charuto.

- Bem, agora que você o capturou, o que fará?

- A primeira coisa que temos a fazer, Sig, é nos livrarmos deste termo "capturar". A idéia de

capturar Eckart Miiller é incongruente, como capturar um gorila de meia tonelada com uma

rede de caçar borboletas.

Freud deu um sorriso ainda maior.

- Sim, abandonemos "capturar" e digamos simplesmente que você o internou na clínica

e o

verá diariamente. Qual é sua estratégia? Sem dúvida, ele está ocupado projetando uma

estratégia para ajudar você em seu desespero a partir de amanhã.

- Sim, foi exatamente o que ele me disse. Provavelmente, deve estar se dedicando a isso

neste

exato momento. Portanto, é hora de eu também planejar e espero contar com sua ajuda.

Ainda

não pensei minuciosamente, mas a estratégia é clara. Preciso persuadi-lo de que está me

ajudando; enquanto isso, lentamente, imperceptivelmente, trocarei de papel com ele até

que se

tome o paciente e eu volte a ser o médico.

- Exatamente - concordou Freud. - É isso mesmo que precisa ser feito.

Breuer se maravilhou com a capacidade de Freud de sempre parecer tão seguro de si,

mesmo

em situações carentes de qualquer certeza.

-Ele espera - continuou Freud - ser o médico de seu desespero. Essa expectativa tem que

ser satisfeita. Vamos planejar... uma etapa de cada vez. A primeira fase, obviamente,

será

persuadi-lo do seu desespero. Planejemos essa fase. O que você dirá?

-Não tenho nenhuma preocupação sobre isso, Sig. Posso imaginar muitas coisas para

discutir.

- Certo, Josef, mas como você dará credibilidade a isso? Breuer hesitou, pensando em

quanto

de si poderia revelar. Entretanto, respondeu:

- E fácil, Sig. Basta que eu diga a verdade! Freud mirou Breuer com espanto.

- A verdade? O que você quer dizer, Josef? Você não tem desespero, você tem tudo. E

invejado por todos os médicos de Viena; a Europa inteira recorre aos seus serviços.

Muitos

excelentes estudantes, como o jovem e promissor doutor Freud, estimam cada palavra

sua. Sua

pesquisa é notável, sua esposa a mais bela e sensível mulher do império. Desespero? Por

que,

Josef, se está na crista da vida?

Breuer pôs a mão sobre a de Freud.

- A crista da vida! Disse-o bem, Sig. A crista, o ápice da subida da vida! Mas o

problema das

cristas é que logo vem a descida. Da crista, posso divisar o resto de meus anos

estendidos

diante de mim. E a visão não me agrada. Vejo apenas envelhecimento, definhamento,

filhos,

netos...

-Mas Josef- o alarma nos olhos de Freud era quase palpável -, como pode dizer isso?

Vejo sucesso, não queda! Vejo segurança, aclamação, seu nome ligado perpetuamente a

duas

grandes descobertas fisiológicas!

Breuer recuou. Como admitir ter conduzido toda sua vida apenas para descobrir que a

recompensa final não era, afinal, de seu agrado? Não, essas coisas teria que manter para

si.

Certas coisas não se contam aos jovens.

- Deixe-me colocar nestes termos, Sig: aos quarenta, vemos a vida de uma forma

inimaginável

aos 25.

- Vinte e seis. Quase 27. Breuer riu.

Desculpe, Sig, não estou querendo diminuir você. Mas acredite que tenho muitos

assuntos

particulares a discutir com Muller. Por exemplo, tenho problemas em meu casamento

que

prefiro não compartilhar com você para não ter que esconder coisas de Mathilde,

prejudicando

a intimidade entre vocês. Apenas acredite: encontrarei muito que falar com HerrMüller

e posso

torná-lo convincente atendome em grande parte à verdade. É o passo seguinte que me

preocupa.

- Você quer dizer o que acontecer depois que ele recorrer a você como fonte de ajuda

para o

desespero dele! O que você pode fazer para diminuir a carga dele? - Breuer assentiu

com a

cabeça. - Digame, Josef, suponha que você possa projetar a próxima fase à vontade. O

que

gostaria que acontecesse? O que é que uma pessoa pode oferecer a outra?

- Bom! Bom! Você estimula meu pensamento. Você é ótimo nisso, Sig! - Breuer refletiu por

alguns minutos. - Embora meu paciente seja um homem, não sendo, é claro, um

histérico,

mesmo assim creio que gostaria que fizesse exatamente o mesmo que Bertha.

- Limpeza de chaminé?

- Sim, revelar tudo para mim. Estou convencido de que há algo de terapêutico em

desabafar.

Veja os católicos. Os padres vêm oferecendo alívio através da confissão durante

séculos.

- Gostaria de saber - disse Freud - se o alívio advém do desabafo ou da crença no perdão

divino.

- Tive como pacientes católicos que, embora agnósticos, se beneficiavam da confissão.

Além

disso, em alguns momentos de minha vida, anos atrás, senti alívio ao confessar tudo a

um

amigo. E você, Sig? Alguma vez sentiu-se aliviado pela confissão? Já se desabafou

totalmente

com outra pessoa?

- Claro, com minha noiva. Escrevo para Martha todos os dias.

- Que é isso, Sig? - Breuer sorriu e pôs a mão no ombro do amigo. - Você sabe que há

coisas que não pode contar para Martha; especialmente Martha.

- Não, Josef, conto tudo para ela. O que eu não poderia contarlhe?

- Quando você ama uma mulher, quer que ela só pense bem de você. Naturalmente,

você

esconde algumas coisas sobre si, coisas que

poderiam mostrá-lo sob um ângulo desfavorável. Seus desejos sexuais, por exemplo.

Breuer notou o rubor profundo de Freud. Nunca antes tinham tido uma tal conversa.

Provavelmente, Freud jamais tivera uma.

- Mas meus desejos sexuais envolvem apenas Martha. Nenhuma outra mulher me atrai.

- Digamos, então, antes de Martha.

- Não houve "antes de Martha". Ela é a única mulher que sempre desejei.

- Mas, Sig, tem que ter havido outras. Todo estudante de medicina em Viena tem seu

"cacho".

O jovem Schnitzler parece ter um por semana.

- Essa é exatamente a realidade de que quero proteger Martha. Schnitzler é um

dissoluto, todo

mundo sabe. Não tenho estômago para essas paqueras. Nem tempo. Nem dinheiro.

Preciso de

cada florim para os livros.

O melhor é abandonar este assunto - pensou Breuer. Entretanto, aprendi algo

importante:

agora sei os limites do que posso esperar compartilhar com Freud.

- Sig, fiz com que nos desviássemos da rota. Retrocedamos cinco minutos. Você

perguntou o

que eu gostaria de que acontecesse. Pois bem, espero que Herr Müller se abra sobre seu

desespero. Espero que me use como um padre confessor. Talvez isso em si tenha uma

ação

terapêutica, talvez o traga de volta ao rebanho humano. Ele é uma das criaturas mais

solitárias

que jamais conheci. Duvido de que alguma vez tenha se revelado a alguém.

-Mas você me contou que ele foi traído por outros. Sem dúvida, confiou neles e se

revelou a

eles. Senão, não poderia haver traição.

- Sim, tem razão. A traição é um grande problema para ele. De fato, penso que este

deveria

ser um princípio básico, talvez o princípio fundamental, de meu procedimento: prímum

non

nocere; não cause dano, não faça nada que ele possa interpretar como traição. - Breuer

meditou sobre essas palavras por alguns momentos e, depois, acrescentou: - Você sabe,

Sig,

trato todos os meus pacientes dessa forma, de modo que isso não deverá ser problema

em meu

futuro trabalho com íferrMuller. Mas existe minha duplicidade do passado... isso sim,

ele

poderia ver como traição. Entretanto, não posso desfazê-la. Gos-

taria ^e P°der me purgar e compartilhar tudo com ele: meu encontro com Frãulein

Salomé, a

conspiração dos amigos para que viesse a Viena e, acima de tudo, meu fingimento de

que sou

eu, e não ele, o paciente.

Freud balançou a cabeça vigorosamente.

.- De jeito nenhum! Essa purgação, essa confissão seria para o sen benefício, não para o dele.

Não, penso que, se deseja realmente ajudar seu paciente, terá que persistir nessa

mentira.

Breuer fez um sinal de anuência com a cabeça. Sabia que Freud estava certo.

•- Muito bem, vamos fazer um balanço. O que temos até agora?

Freud respondeu prontamente. Adorava esse tipo de exercício intelectual.

- Temos vários passos. Primeiro, envolvê-lo abrindo-se para ele. Segundo, inverter os

papéis.

Terceiro, ajudá-lo a se abrir plenamente. E temos um princípio fundamental: manter a

confiança

dele e evitar qualquer aparência de traição. Agora, qual o passo seguinte? Suponha que

ele

compartilhe seu desespero com você. E depois?

- Talvez - respondeu Breuer - não seja preciso outro passo. Talvez simplesmente

revelar-

se a si mesmo constitua tamanha realização, tamanha mudança em seu modo de vida,

que seja

em si suficiente.

- A simples confissão não é tão poderosa assim, Josef. Se fosse, não haveria católicos

neuróticos!

- Sim, sem dúvida você tem razão. Mas talvez - Breuer apanhou seu relógio do bolso -

isso seja tudo que podemos planejar por enquanto. - Sinalizou ao garçom pedindo a

conta.

- Josef, gostei desta consulta. Aprecio a forma como nos aconselhamos; é uma honra

para

mim que você leve minhas sugestões a sério.

- Na verdade, Sig, você é exímio nisso. Juntos, formamos uma grande dupla. Entretanto,

não

vejo muita aplicação para nossos novos procedimentos. Com que freqüência aparecem

pacientes que requerem tal tratamento bizantino? Na verdade, hoje senti que, muito

mais do que

inventando um tratamento médico, estamos planejando uma conspiração. Sabe quem eu

preferiria como paciente? O outro: aquele que pediu ajuda!

- Quer dizer a consciência inconsciente aprisionada dentro de seu paciente?

QUANDO NIETZSCHE CHOROU * 189

- Sim - respondeu Breuer, entregando ao garçom uma nota de um florim sem conferir a

conta... nunca a conferia. - Sim, seria bem mais simples trabalhar com ela. Veja bem, Sig,

talvez esta deva ser a meta do tratamento: libertar aquela consciência oculta, permitir

que peça

ajuda à luz do dia.

- Sim, isso mesmo, Josef. Mas "libertar" seria o termo apropriado? Afinal, ela não tem uma

existência própria; é uma parte inconsciente de Müller. Não seria a integração o que

procuramos? - Freud parecia impressionado com sua própria idéia e bateu levemente

com o

punho na mesa de mármore enquanto repetia: - Integração do inconsciente.

- Ótimo, Sig, acertou na mosca! - A idéia entusiasmou Breuer. - Uma grande

descoberta!

- Deixando para o garçom alguns Kreuzerde cobre, ele e Freud caminharam até

Michaelerplatz. - Sim, se meu paciente conseguisse integrar essa outra parte de si, seria

um

grande feito. Se aprendesse como é natural precisar do apoio de outra pessoa, isso sim

seria

suficiente!

Descendo a Kohlmarkt, atingiram a movimentada rua Graben e se separaram. Freud

tomou a

Naglergasse em direção ao hospital, enquanto Breuer atravessou a Stephanplatz em

direção à

Bàckerstrasse

7, pouco depois das avultantes torres góticas da Igreja de Santo Estêvão. A conversa

com Sig

o deixara mais confiante em relação ao encontro da manhã seguinte com Nietzsche. Não

obstante, teve uma premonição inquietante de que toda essa elaborada preparação não

passasse

de ilusão: de que a preparação de Nietzsche, e não sua própria, iria governar o encontro.

CAPITULO 14

l IETZSCHE ESTAVA DEVERAS PREPARADO. Na manha seguinte, tão logo Breuer

completou seu exame físico, Nietzsche assumiu o controle.

- Veja - disse para Breuer, exibindo um grande e novo caderno - como sou organizado!

O

senhor Kaufmann, um de seus assistentes, fez a gentileza de me comprar isto ontem. -

Levantou-se do leito. - Pedi também outra cadeira para o quarto. Que tal nos sentarmos

e

começar nosso trabalho?

Breuer, silenciosamente admirado com a postura de autoridade assumida por seu

paciente,

acatou a sugestão e sentou-se ao lado de Nietzsche. Duas cadeiras estavam de frente para a

lareira, onde um fogo alaranjado crepitava. Após se aquecer por um momento, Breuer

virou

sua cadeira para poder ver Nietzsche mais facilmente e persuadiu-o a fazer o mesmo.

- Vamos começar - disse Nietzsche - fixando as categorias principais da análise.

Listei

as

questões que mencionou ontem ao me pedir ajuda.

Abrindo seu caderno, Nietzsche mostrou como anotara em uma página separada cada

uma das

queixas de Breuer e as leu em voz alta:

- Um, infelicidade geral. Dois, acossado por pensamentos estranhos. Três, ódio de si

próprio.

Quatro, medo de envelhecer. Cinco, medo da morte. Seis, impulsos suicidas. A lista está

completa?

Surpreso com o tom formal de Nietzsche, Breuer não gostou de ouvir suas preocupações

íntimas condensadas em uma lista e descritas tão clinicamente. Mas, por ora, respondeu

cooperatívamente:

- Não totalmente. Tenho sérios problemas em relação à minha esposa. Sinto-me

inexplicavelmente distante dela, como se fosse presa de um casamento e de uma vida

que não

de minha própria escolha.

- Considera isso um problema adicional? Ou dais)

- Depende de sua definição de unidade.

- Sim, isso é um problema, como o fato de que os itens não estão no mesmo nível

lógico.

Alguns podem ser um resultado, ou uma causa, de outros. - Nietzsche folheou suas

notas. -

Por exemplo, "infelicidade" pode ser um resultado de "pensamentos estranhos". Ou

"impulsos

suicidas" podem ser um resultado ou uma causa do medo da morte.

O mal-estar de Breuer cresceu. Não estava gostando do rumo que essa troca estava

tomando.

- Por que temos que estabelecer uma lista, afinal? De alguma forma, a idéia de uma lista

não

me agrada.

Nietzsche pareceu preocupado. Seu ar de confiança era obviamente vulnerável. A uma objeção

de Breuer, toda sua conduta mudava. Respondeu em um tom conciliador.

- Pensei que poderíamos proceder mais sistematicamente fixando alguma prioridade

para as

queixas. Para ser franco, porém, não sei se devemos começar pelo problema mais

fundamental

- digamos, por enquanto, o medo da morte - ou pelo menos fundamental ou mais

derivativo

- digamos, arbitrariamente, a invasão de pensamentos estranhos. Ou se devemos

começar

pelo clinicamente mais prementeou. com risco de vida-digamos, os impulsos suicidas.

Ou

pelo problema mais importuno, aquele que mais o perturba no dia-a-dia - digamos, o

ódio de

si próprio.

A inquietação de Breuer aumentou.

- Tenho dúvidas de que esta seja uma boa abordagem.

- Mas eu a baseei em seu próprio método médico - respondeu Nietzsche. - Pelo que me

lembro, pediu-me que falasse em termos gerais de meu estado. Desenvolveu uma lista

de meus

problemas e, depois, sistematicamente - bem sistematicamente, conforme me lembro -

foi

explorando um de cada vez. Não é verdade?

- Sim, é assim que conduzo um exame médico.

- Então, doutor Breuer, por que resiste a tal abordagem agora? Teria uma alternativa a

sugerir?

Breuer fez que não com a cabeça.

- Colocado nestes termos, inclino-me a concordar com o procedimento que sugere. Só

que

parece forcado ou artificial falar sobre minhas preocupações vitais íntimas em

categorias

estanques. Na minha mente, todos os problemas estão inextricavelmente interligados.

Além

disso, sua lista parece tão fria. Essas coisas são delicadas, sensíveis... não tão fáceis de

descrever como dores nas costas ou erupções da pele.

- Não confunda embaraço com insensibilidade, doutor Breuer. Lembre-se, sou uma

pessoa

solitária, conforme alertei. Não estou acostumado com contatos sociais fáceis e calorosos. -

Fechando o caderno, Nietzsche olhou para fora da janela por um momento. - Deixe-me

tentar

outra abordagem. Lembro-me de que você disse ontem que precisamos inventar nosso

procedimento juntos. Diga-me, doutor Breuer, teve alguma experiência semelhante em

sua

clínica na qual possamos nos basear?

- Experiência semelhante? Bem, desconheço um precedente real na clínica médica para

o que

ambos estamos realizando. Nem mesmo sei como denominá-lo: talvez terapia do

desespero ou

terapia filosófica ou algum nome ainda a ser inventado. E bem verdade que os médicos

são

chamados para tratar de certos tipos de distúrbio psicológico; por exemplo, aqueles com

base

física, como o delírio da febre cerebral, a paranóia da sífilis cerebral ou a psicose do

envenenamento por chumbo. Também assumimos a responsabilidade por pacientes cujo

estado

psicológico prejudica sua saúde ou ameaça sua vida; por exemplo, melancolia ou mania

regressiva grave.

- Ameaça a vida? Como assim?

- Os melancólicos matam a si mesmos de fome ou cometem o suicídio. Os maníacos

muitas

vezes se exaurem até a morte. - Nietzsche não reagiu, mas ficou sentado em silêncio,

contemplando o fogo. - Obviamente - continuou Breuer -, esses casos estão bem

distantes

de minha situação pessoal, e o tratamento para cada um deles não é filosófico nem

psicológico,

mas físico, como a estimulação elétrica, banhos, medicamentos, repouso forçado e

assim por

diante. Ocasionalmente, com pacientes que têm um medo irracional, temos que

descobrir algum

método psicológico para acalmá-los. Recentemente, fui chamado para tratar de uma

mulher

idosa que sentia pavor

de sair de casa; estava enfurnada no quarto havia meses. O que fiz foi falar com ela

gentilmente

até conquistar-lhe a confiança. Então, sempre que a via, segurava sua mão para

aumentar a

sensação de segurança e a acompanhava para fora do quarto cada vez um pouco mais

longe.

Mas isso é uma improvisação baseada no bom-senso, como treinar uma criança. Um trabalho

assim dificilmente requer um médico.

-Tudo isso parece distante de nossa tarefa-disse Nietzsche. - Não há nada mais

pertinente?

- Bem, é claro, existem os vários pacientes que recentemente vêm procurando os

médicos

devido a sintomas físicos, como paralisia, problemas da fala ou alguma forma de

cegueira ou

surdez, cuja causa reside inteiramente em um conflito psicológico. Chamamos esse

estado de

"histeria", da palavra grega para o útero, hysterus.

Nietzsche anuiu rapidamente com a cabeça como para indicar que não havia

necessidade de

traduzir o grego para ele. Lembrando-se de que seu interlocutor fora professor de

filologia,

Breuer rapidamente prosseguiu:

- Costumávamos pensar que esses sintomas fossem causados por um útero errante, idéia

essa

que, é claro, não faz sentido anatomicamente.

- Como explicavam a doença nos homens?

- Por razões ainda não compreendidas, trata-se de uma doença feminina; ainda não se

documentaram casos de histeria em homens. A histeria, sempre pensei, é uma doença

que

deveria ser de interesse especial para filósofos. Talvez sejam eles, e não os médicos, que

explicarão por que os sintomas da histeria não se conformam com os caminhos

anatómicos.

- O que você quer dizer?

Breuer se sentiu mais relaxado. Explicar questões médicas a um aluno atento era um

papel

confortável e familiar para ele.

- Bem, para tomarmos um exemplo, vi pacientes com as mãos anestesiadas de uma

forma que

não poderia possivelmente ser causada por um distúrbio dos nervos. Eles têm uma

anestesia

"de luva": nenhuma sensação abaixo do pulso, como se uma faixa anestésica tivesse

sido

amarrada ao redor do pulso.

- E isso não se conforma com o sistema nervoso? - perguntou Nietzsche.

- Certo. O suprimento nervoso da mão não funciona dessa forma: a mão é suprida por

três

nervos diferentes, radial, cubital e mediano, cada um deles com uma origem diferente

no

cérebro. Na verdade, metade de alguns dedos são supridos por um nervo e a outra

metade por

outro. Mas o paciente não sabe disso. E como se o paciente imaginasse que a mão

inteira é

suprida por um único nervo, o "nervo da mão", e depois desenvolvesse uma desordem

em

conformidade com sua imaginação.

- Fascinante! Nietzsche abriu seu caderno e anotou algumas palavras. - Suponhamos

que

uma mulher especialista em anatomia humana desenvolvesse a histeria. Ela teria uma

forma

anatomicamente correta da doença?

- Estou certo de que sim. A histeria é um distúrbio ideativo, e não anatómico. Existem

indícios suficientes de que não envolve um dano anatómico real aos nervos. De fato,

alguns

pacientes podem ser mesmerizados e os sintomas desaparecem em minutos.

- Então, a remoção pelo mesmerismo é o tratamento atual?

- Não! Infelizmente, o mesmerismo não é bem-visto nos círculos médicos, ao menos

não em

Viena. Ela sofre de má reputação, principalmente, acredito, porque muitos de seus

primeiros

praticantes eram charlatães sem formação médica. Além do mais, a cura do

mesmerismo é

sempre transitória. Mas o fato de que funciona ainda que brevemente fornece uma prova

da

causa psíquica da doença.

- Você tratou pessoalmente de tais pacientes? - perguntou Nietzsche.

- De alguns. Existe um paciente com quem trabalhei extensamente cujo caso gostaria de

lhe

descrever. Não porque recomende que use esse tratamento comigo, mas porque fará

com que

comecemos a trabalhar em sua lista: seu item número dois, se não me engano.

Nietzsche abriu o caderno e leu em voz alta:

- Acossado por pensamentos estranhos? Não compreendo. Por que estranho^. E qual é a

conexão com a histeria?

- Deixe-me esclarecer. Primeiro, chamo esses pensamentos de "estranhos" porque parecem

me invadir de fora. Não quero pensá-los; porém, quando os expulso da mente, eles se

retiram

apenas por curto tempo para logo se infiltrarem insidiosamente de novo. Que tipo de

pensamento? Bem, são pensamentos sobre uma bela mulher: a paci-

ente de cuja histeria tratei. Devo começar do início e contar toda a história?

Longe de se mostrar curioso, Nietzsche pareceu desconfortável com a pergunta de

Breuer.

- Como regra geral, sugiro que me revele apenas o suficiente para que compreenda o

caso.

Peço que não se embarace ou humilhe; nada de bom pode advir disso.

Nietzsche era um homem reservado. Breuer sabia disso. Mas não previra que Nietzsche

quereria que ele também mantivesse reserva. Breuer percebeu que teria que tomar uma

posição

nessa questão: teria que se revelar o máximo possível. Somente assim, pensou ele,

Nietzsche

aprenderia que não há nada de mal na abertura e honestidade entre as pessoas.

-Talvez tenha razão, mas me parece que, quanto mais conseguir contar sobre meus

sentimentos íntimos, mais alívio obterei.

Nietzsche ficou tenso mas acenou com a cabeça para Breuer continuar.

- A história começa dois anos atrás, quando um de meus pacientes me pediu que

assumisse os

cuidados médicos de sua filha, que chamarei de Arma O. para não revelar sua

identidade real.

- Você me contou seu método de formar pseudónimos, de modo que as iniciais dela

devem

ser B.P.

Breuer sorriu pensando: "Este homem é como Sig. Não esquece nada" e continuou

descrevendo os detalhes da doença de Bertha.

- Também é importante você saber que Anna O. tinha 21 anos, era extraordinariamente

inteligente, culta e de uma beleza impressionante. Um sopro - não, um ciclone- de ar

fresco

para um homem de quarenta anos em rápido envelhecimento! Conhece o tipo de mulher

de que

estou falando?

Nietzsche ignorou a pergunta.

- Você se tornou o médico dela?

- Sim, concordei em me tornar o médico dela e jamais traí tal confiança. Todas as

transgressões que irei revelar consistem em pensamentos e fantasias, e não em ações.

Primeiro,

deixe-me concentrar no tratamento psicológico. Durante nossas sessões diárias, ela

entrava

automaticamente em um estado de ligeiro transe em que discutia, ou, conforme dizia,

"descarregava" todos os eventos e pensamentos

perturbadores das últimas 24 horas. Esse processo, a que se referia como "limpeza de

chaminé", contribuía para que se sentisse melhor nas 24 horas seguintes, mas não

exercia efeito

sobre seus sintomas histéricos. Foi aí que, um dia, topei com um tratamento eficaz.

Breuer prosseguiu descrevendo como eliminara não apenas cada um dos sintomas de

Bertha

retrocedendo até sua causa original, mas finalmente a totalidade da doença ao ajudá-la a

descobrir e reexperimentar sua causa fundamental: o horror da morte do pai.

Nietzsche, que vinha entusiasticamente tomando notas, exclamou:

- Seu tratamento dessa paciente me parece extraordinário! Talvez tenha feito uma

importante

descoberta na terapêutica psicológica. Talvez se aplique aos seus próprios problemas.

Agrada-

me a possibilidade de que seja ajudado por sua própria descoberta. Pois nunca se

consegue ser

realmente ajudado por outrem; é preciso que se encontre a força para ajudar a si próprio.

Talvez você, à semelhança de Anna O., precise descobrir a causa original de cada um de

seus

problemas psicológicos. Contudo, disse que não recomenda esse tratamento para si

mesmo.

Por que não?

- Por várias razões - Breuer respondeu com a segurança da autoridade médica. - Meu

estado difere bastante daquele de Anna. Em primeiro lugar, não tenho propensões

hipnóticas:

jamais experimentei qualquer estado de consciência incomum. Isso é importante, pois

acredito

que a histeria seja causada por uma experiência traumática que ocorre enquanto o

indivíduo

está em um estado de consciência anormal. Dado que a memória traumática e a maior

excitação

cortical existem em uma consciência alternada, não podem ser "manuseados",

integrados ou

esgotados durante a experiência do dia-a-dia. - Sem interromper seu relato, Breuer se levantou, atiçou o fogo e colocou outra acha. - Também, e talvez ainda mais importante,

meus

sintomas não são histéricos: eles não afetam o sistema nervoso ou alguma parte do

corpo.

Lembre-se: a histeria é uma doença feminina. Meu estado, ao que me parece, está

qualitativamente mais próximo da angústia ou aflição humana normal.

Quantitativamente é, sem

dúvida, bastante ampliado!

- Outro fator: meus sintomas não são agudos; eles se desenvolveram lentamente no

correr dos

anos. Veja sua lista. Não consigo

identificar um início preciso para qualquer um desses problemas. Mas existe outra razão

pela

qual a terapia que empreguei com minha paciente talvez não se aplique a mim... uma

razão

bastante perturbadora. Quando os sintomas de Bertha...

- Bertha? Eu estava certo quando achei que sua primeira inicial era B.

Breuer fechou os olhos de aflição.

- Cometi uma gafe. É-me terrivelmente importante não violar o direito de privacidade

de meus

pacientes. Especialmente essa paciente. Sua família é bastante conhecida na

comunidade e

todos sabem que fui o médico dela. Por isso, precavi-me para não falar muito com

outros

médicos sobre meu trabalho com ela. Mas fica difícil usar um nome falso aqui com o

senhor.

- Você quer dizer que é difícil falar livremente e se desabafar e, ao mesmo tempo, ter

que

vigiar suas próprias palavras para não usar o nome errado?

- Exatamente. - suspirou Breuer. - Agora, não resta outra alternativa que não continuar a

falar dela usando seu nome verdadeiro, Bertha. Mas me prometa que não o revelará a

ninguém.

- E claro - respondeu Nietzsche prontamente. Ante essas palavras, Breuer apanhou do

bolso

da jaqueta um estojo de couro de charutos, pegou um deles e, como seu companheiro o

recusasse, acendeu-o para si mesmo. - Onde parei? - perguntou.

- Você estava falando por que seu novo tratamento talvez não se aplique aos seus próprios

problemas... algo sobre uma razão "perturbadora".

- Sim, a razão perturbadora - e Breuer exalou uma longa emanação de fumaça azulada

antes

de prosseguir. -Fui bastante tolo para me vangloriar de uma importante descoberta,

quando

apresentei o caso a alguns colegas e estudantes de medicina. Contudo, poucas semanas

depois,

quando transferi seu cuidado para outro médico, soube que quase todos os seus sintomas

retornaram. Está vendo em que situação delicada estou?

- Delicada - respondeu Nietzsche - porque anunciou uma cura que pode não ser

real?

- Costumo imaginar que localizo as pessoas presentes então à conferência e que

confesso a

cada uma que minhas conclusões esta-

vam erradas. Uma preocupação nada incomum para mim; minha percepção das opiniões

de

meus colegas realmente me aflige. Embora tenha provas do respeito deles, continuo a

me sentir

como uma fraude; esse é outro problema que me atormenta. Adicione-o à sua lista.

Nietzsche zelosamente abriu seu caderno e escreveu por um momento.

-Voltando a Bertha, não sei exatamente a causa da recaída dela. Pode ser que, à

semelhança

do mesmerismo, meu tratamento tenha um sucesso apenas temporário. Pode ser também

que

meu tratamento tenha sido eficaz, mas neutralizado por seu final catastrófico.

Nietzsche apanhou novamente o lápis.

- O que quer dizer com "final catastrófico"?

- Para que possa entender, primeiro tenho que contar o que transcorreu entre

Bertha e

mim.

Não adiantam muitos rodeios. É melhor ser direto e dizer a verdade. Eu, este velho tolo,

me

apaixonei por ela! Fiquei obcecado por ela. Ela não saía da minha cabeça. - Surpreendeu

a

Breuer quão fácil - na verdade, estimulante - fora revelar tanta coisa.

- Meu dia se dividia em dois segmentos: estar com Bertha e esperar até estar com ela

novamente! Eu a via por uma hora todos os dias da semana e, depois, comecei a visitá-

la duas

vezes ao dia. Sempre que a via, sentia grande paixão. Sempre que ela me tocava, sentia-me

sexualmente excitado.

- Por que ela o tocava?

- Ela andava com dificuldade e agarrava meu braço quando caminhávamos. Muitas

vezes,

graves contrações exigiam que eu massageasse profundamente os músculos de sua coxa.

As

vezes, ela chorava tão lastimosamente, que me via forçado a apoiá-la em meus braços

para

confortá-la. As vezes, quando me sentava próximo dela, espontaneamente ela entrava

em

transe, repousava a cabeça sobre meu ombro e "limpava a chaminé" durante uma hora.

Ou

deitava a cabeça em meu colo e dormia como um bebé. Muitas, muitas vezes lutei para

conter

meus impulsos sexuais.

- Talvez - interveio Nietzsche - somente sendo um homem consegue um homem liberar

a

mulher em uma mulher.

Breuer se indignou.

- Acho que não o compreendi bem! Você sabe muito bem que qualquer atividade sexual

com

uma paciente é condenável; é um anátema perante o juramento hipocrático do médico.

- E a mulher? Qual é a responsabilidade da mulher?

- Mas não é uma mulher qualquer; é uma pacientei Não o estou entendendo.

- Retornemos a este ponto mais tarde - respondeu Nietzsche calmamente. - Ainda não

ouvi o

final catastrófico.

-Bem, parecia-me que Bertha estava melhorando, seus sintomas estavam desaparecendo

um por

um. Mas o médico dela não estava nada bem. Minha esposa Mathilde, que sempre se

mostrara

compreensiva e bem-humorada, começou a ressentir, primeiro a quantidade de tempo

que eu

despendia com Bertha e, depois, ainda mais, quando eu falava sobre a paciente.

Felizmente, não

fui tão tolo a ponto de revelar a Mathilde a natureza de meus sentimentos, mas creio que ela

suspeitou deles. Um dia, ela me abordou com raiva e me proibiu de mencionar Bertha

novamente.

Comecei a ressentir minha esposa e até desenvolvi a idéia irracional de que ela era um

obstáculo

em minha vida; que, se não fosse por ela, eu poderia começar uma vida nova com

Bertha. -

Breuer parou, notando que Nietzsche fechara os olhos. - Você está bem? Já é o

suficiente para

um dia?

- Estou ouvindo. As vezes, vejo melhor de olhos fechados.

- Bem, houve outro fator para complicar. Eu tinha uma enfermeira, Eva Berger, a

predecessora

de Frau Becker, a qual, em nossos dez anos juntos, se tornou uma amiga íntima e

confidente. Eva

ficou muito preocupada. Ela temeu que minha paixão louca por Bertha pudesse me

arruinar, que

eu não conseguisse resistir aos meus impulsos e cometesse alguma tolice. Na verdade,

devido à

sua amizade por mim, ofereceu fazer um sacrifício.

Os olhos de Nietzsche se arregalaram.

- O que quer dizer com "sacrifício"?

- Suas palavras foram que faria qualquer coisa para impedir que eu me arruinasse. Eva

sabia que

Mathilde e eu praticamente não mantínhamos contato sexual e pensava ser essa a razão

de minha

atração por Bertha. Acredito que estava se oferecendo para aliviar minha tensão sexual.

- E acredita que o fez por você!

QUANDO NIETZSCHE CHOROU " 201

- Estou convencido disso. Eva é uma mulher muito atraente e tinha muitos homens para

escolher.

Garanto-lhe que sua oferta não se deveu aos meus dotes físicos: esta careca, esta barba

agreste e

estas "alças"-apontou suas grandes orelhas protuberantes -, como meus companheiros

costumavam brincar. Além disso, certa vez ela confidenciou que tivera, anos antes, um

relacionamento íntimo e desastroso com um patrão que acabara lhe custando o emprego

e jurara

que "nunca mais".

- O sacrifício de Eva ajudou?

Ignorando o ceticismo, possivelmente escárnio, na pronúncia de "sacrifício", Breuer respondeu

objetivamente.

- Jamais aceitei a oferta dela. Fui bastante tolo para pensar que dormir com Eva seria

uma

traição para com Bertha. Às vezes, me arrependo profundamente disso.

-Não compreendo - os olhos de Nietzsche, embora ainda arregalados de interesse,

mostravam

sinais de fadiga, como se agora tivesse visto e ouvido em excesso. - De que se

arrepende?

- De não ter aceito a oferta de Eva, é claro. Penso com freqüência sobre essa

oportunidade

perdida. E outro desses pensamentos intrusos que me atormentam. - Breuer apontou

para o

caderno de Nietzsche. - Acrescente na lista.

Nietzsche apanhou novamente o lápis e, enquanto acrescentava outro item à lista

crescente de

problemas de Breuer, perguntou:

- Esse arrependimento... continuo não o entendendo. Se tivesse aceito Eva, em que seria

agora

diferente?

- Diferente? O que ser diferente tem a ver com isso? Foi uma oportunidade única, com

que

jamais toparei outra vez.

- Também foi uma oportunidade única dizer não! Dizer um bendito "não" a um

predador. Essa

oportunidade você agarrou.

Breuer ficou estupefato com o comentário de Nietzsche. Obviamente, Nietzsche nada

sabia da

intensidade do anseio sexual. Mas ainda não fazia sentido debater essa questão. Ou

talvez ele não

tivesse deixado claro que Eva poderia ter sido sua a um simples pedido. Será que

Nietzsche não

compreendia que é preciso agarrar as oportunidades quando se apresentam? Entretanto,

havia

algo de intrigante em sua afirmação sobre o "bendito não". Ele é uma mistura curiosa -

pensou

Breuer-de imensos pontos cegos e uma originalidade pene-

trante. Novamente, Breuer teve uma intuição de que aquele homem estranho poderia ter algo de

valor para lhe oferecer.

Onde estávamos? Ah! Sim, na calamidade final! O tempo todo,

pensei que meu caso sexual com Bertha fosse inteiramente autista, ou seja, que

transpirasse

apenas em minha mente, e que o tivesse escondido totalmente dela. Imagine meu

choque quando,

um dia, fui informado pela mãe de Bertha de que esta anunciara estar grávida do bebe

do doutor

Breuer!

Breuer descreveu a raiva de Mathilde ao saber da falsa gravidez e suas exigências iradas

de que

transferisse Bertha imediatamente para outro médico e despedisse Eva também.

- Então, o que fez?

- O que poderia fazer? Toda minha carreira, minha família, toda minha vida estavam em

jogo.

Foi o pior dia de minha vida. Tive que mandar Eva embora. Obviamente, ofereci que

continuasse

trabalhando comigo até conseguir ajudá-la a encontrar outro emprego. Embora dissesse

que

compreendia minha situação, não retornou ao trabalho no dia seguinte e nunca mais a

vi. Escrevi-

lhe várias vezes, mas ela nunca respondeu.

- Com Bertha, as coisas foram ainda piores. Quando a visitei no dia seguinte, seu delírio

havia

sumido, bem como a ilusão de que eu a havia fecundado. Na verdade, ela teve uma

amnésia

completa de todo o episódio e reagiu catastroficamente ao meu anúncio de que deixaria

de ser o

seu médico. Ela chorou, suplicou-me que mudasse de idéia, implorou que dissesse o que

fizera de

errado. É claro que ela não fizera nada de errado. Seu acesso sobre o "bebé do doutor

Breuer"

fizera parte de sua histeria. Não eram palavras dela, era o seu delírio falando.

- E de quem era o delírio? - perguntou Nietzsche.

-Bem, é claro que era o delírio dela, mas não a responsabilidade dela, não mais do que a

responsabilidade de alguém pelas ocorrências fortuitas e bizarras de um sonho. As

pessoas dizem

coisas estranhas e incoerentes em tal estado.

- As palavras dela não me parecem incoerentes ou fortuitas. Doutor Breuer, você sugeriu que eu

simplesmente interpusesse quaisquer comentários que me ocorressem. Permita uma

observação:

acho notável que tocêseja responsável por todos os seus pensamentos e todas as suas

ações,

enquanto ela - a voz de Nietzsche era

grave e seu dedo apontava para Breuer -, em virtude da doença, está isenta de tudo.

-Mas professor Nietzsche, conforme você mesmo diz, o poder é o fator importante. Eu

detinha o

poder em virtude de minha posição. Ela me procurou à procura de ajuda. Eu estava

consciente da

vulnerabilidade dela, consciente de que ela amava muito o pai, talvez demais, e

de que

sua

doença fora precipitada pela morte dele. Sabia também que ela me imbuía do amor que

sentira

por ele, e eu o explorei. Eu queria que ela me amasse. Sabe quais foram suas últimas

palavras para

mim? Depois de lhe contar que a estava transferindo aos cuidados de outro médico, ela

bradou

enquanto eu me retirava: "O senhor será para sempre o único homem para mim; jamais

haverá

outro homem em minha vida^ Palavras terríveis! Mostram quanto a feri. Mas houve

algo ainda

mais terrível: gostei dessaspalavras\ Gostei de ouvi-la reconhecer meu poder sobre ela!

Veja bem,

deixei-a enfraquecida. Aleijada. Seria o mesmo que lhe ter amarrado e mutilado os pés!

- Depois que a viu pela última vez - perguntou Nietzsche -, qual foi o destino dessa

aleijada?

- Ela foi admitida em outro sanatório, em Kreuzlingen. Muitos de seus sintomas

originais

voltaram: as flutuações de humor, a perda da língua-mãe todas as manhãs e a dor,

controlável

apenas através da morfina, em que está viciada. Um fato de interesse: o novo médico de

Bertha

apaixonou-se por ela, afastou-se do caso e, depois disso, pediu-a em casamento!

- O mesmo padrão se repete com o médico seguinte, notou?

- Noto apenas que estou devastado pelo pensamento de Bertha com outro homem. Por

favor,

adicione "ciúmes" à*lista: é um de meus maiores problemas. Estou infestado por visões dos dois

conversando, se tocando, até fazendo amor. Embora tais visões me inflijam grande dor, continuo a

me atormentar. Consegue entender uma coisa dessa? Alguma vez experimentou tais

ciúmes?

Essa pergunta foi um divisor de águas na sessão. De início, Breuer deliberadamente se

revelara

de modo a fixar um modelo para Nietzsche, esperando encorajá-lo a agir da mesma

forma. Logo,

porém, imergira inteiramente no processo confessional. Afinal, não cor-

ria risco; Nietzsche, acreditando-se o conselheiro de Breuer, jurara manter sigilo.

Era uma experiência nova: nunca antes Breuer compartilhara tanto de si. Havia Max,

mas com

Max tentara preservar sua imagem e escolhera cuidadosamente as palavras. Mesmo com

EvaBerger, sempre se refreara, escondendo os achaques da idade, suas vacilações e

dúvidas

sobre si, todas aquelas características que poderiam fazer um homem mais velho parecer

frágil

ou enfadonho para uma jovem e atraente mulher.

Mas quando começou a descrever seus sentimentos de ciúmes para com Bertha e o novo

médico dela, Breuer reassumiu o papel do médico de Nietzsche. Ele não mentiu: de

fato,

corriam rurftores sobre Bertha e o outro médico e ele realmente sofrera de ciúmes, mas

exagerou seus sentimentos numa tentativa de orquestrar a auto-revelação de Nietzsche.

Posto

que Nietzsche devia ter sentido ciúmes no relacionamento "pitagórico" entre ele, Lou Salomé e

Paul Rée.

Mas essa estratégia não surtiu efeito. Ao menos, Nietzsche não revelou qualquer

interesse

incomum pelo tema. Apenas anuiu vagamente com a cabeça, virou as páginas de seu

caderno e

esquadrinhou suas anotações. Os dois homem recaíram em silêncio. Contemplaram o

fogo que

se extinguia. Depois, Breuer enfiou a mão no bolso e apanhou seu pesado relógio de

ouro, um

presente do pai. Atrás estava gravado: 'Tara Josef, meu filho. Leve o espírito de meu

espírito

para o futuro." Olhou para Nietzsche. Aqueles olhos cansados refletiriam a esperança de

que a

entrevista estivesse chegando ao fim? Estava na hora de ir embora.

-Professor Nietzsche, é-me altamente benéfico conversar com o senhor. Porém, tenho uma

responsabilidade em relação a você e ocorre-me que prescrevi repouso para evitar

excitar sua

enxaqueca e, depois, privei-o dele ao forçá-lo a me escutar por tanto tempo. Outro

pensamento:

lembro-me de uma descrição de seu dia típico, um dia com pouco contato íntimo com

outras

pessoas. Não será esta uma dose exagerada de uma só vez? Não apenas tempo demais,

conversa e escuta demais, mas também demais da vida íntima de outrem?

- Nosso acordo prevê a honestidade, doutor Breuer, e seria desonesto discordar de você.

Realmente foi muita coisa hoje e estou fatigado. - Reclinou-se na cadeira. - Mas não,

não

ouço demais so-

bre sua vida íntima. Também aprendo com você. Falei sério ao dizer que, quando se

trata de

aprender a me relacionar com os outros, tenho de começar do zero.

Enquanto Breuer se levantava e apanhava o paletó, Nietzsche acrescentou:

- Um comentário final. Você falou bastante sobre o segundo item de sua lista: "acossado

por

pensamentos estranhos". Talvez tenhamos esgotado hoje essa categoria, pois agora

tenho uma

idéia de como esses pensamentos indignos invadem e possuem sua mente. Porém, eles

são

mesmo assim seus pensamentos e se trata de sua mente. Pergunto-me: que benefício

desfruta

em permitir que isso ocorra, ou, em termos mais incisivos, emfazercom que ocorra.

Breuer, que enfiava um braço na manga do paletó, gelou.

- Fazer com que ocorra? Não sei. Tudo que posso dizer é que, do meu interior, não o

sinto

dessa forma. Sinto como se acontecesse comigo. Sua alegação de que eu o faço

acontecer não

tem - como dizer? - qualquer significado emocional para mim.

- Precisamos encontrar uma forma de lhe dar significado. - Nietzsche se levantou e

acompanhou Breuer até a porta. -Tentemos uma experiência imaginária. Para a

discussão de

amanhã, por favor, considere esta questão: Se não estivesse pensando esses

pensamentos

estranhos, em que estaria pensando?

Excertos das Anotações do doutor Breuer sobre Eckart Muller de 5 de dezembro de 1882

Um excelente começo! Grandes realizações. Ele desenvolveu uma lista de meus

problemas e

planeja enfocar um de cada vez. Bom. Que pense que é isso que estamos fazendo. Para

encorajá-lo a se confessar, me desnudei hoje. Ele não correspondeu, mas o fará com o

tempo.

Certamente, Geou espantado e impressionado com minha franqueza.

Tenho uma interessante idéia tática! Descreverei a situação dele como se fosse minha

própria.

Depois, deixarei que me aconselhe e, ao fazê-lo, ele silenciosamente aconselhará a si

próprio.

Assim, por exemplo, poderei ajudá-lo a lidar com o triângulo dele - com Lou Salomé e

Paul

Rée - pedindo ajuda para meu triângulo com Bertha e seu novo médico. Ele é tão

reservado,

que essa talvez seja a única forma de ajudálo. Talvez ele jamais seja suficientemente

honesto

para pedir ajuda diretamente.

Sua mente é original. Não consigo prever suas respostas. Talvez Lou Salomé esteja

certa; quiçá

ele esteja destinado a ser um grande Gloso fo. À medida que evitar o tema dos seres

humanos!

Na maioria dos aspectos das relações humanas, seus pontos cegos sáo prodigiosos.

Masno

tocante às mulheres, ele é bárbaro, quase inumano. Qualquer que seja a mulher ou a

situação,

sua resposta é previsível: a mulher é predadora e maquinadora. Seu conselho sobre as

mulheres é igualmente previsível: culpe-as, puna-as! Faltou um item: evite-as!

Quanto aos sentimentos sexuais: terá algum ? Verá as mulheres como perigosas demais?

Ele

deve ter desejo sexual. Mas o que acontece com ele? Estará represado, exercendo uma

pressão

que de alguma forma precisa extravasar? Será essa, me pergunto, a fonte de sua

enxaqueca?

Excertos das Anotações de Friedrich Nietzsche sobre o doutor Breuer de 5 de dezembro

de

1882

A lista está crescendo. Aos meus seis itens, o doutor Breuer acrescentou cinco outros.

7. Sentimentos de aprisionamento -pelo casamento, pela vida.

8. Sentimento de distância em relação à esposa.

9. Arrependimento por ter recusado o "sacrifício" sexual de Eva.

10. Preocupação exagerada com as opiniões de outros médicos a seu respeito.

11. Ciúmes - de Bertha e do outro homem.

QUANDO NIETZSCHE CHOROU * 207

Será que esta lista nunca terminará? Será que cada dia revelará novos problemas ?

Como fazê-

lo ver que seus problemas clamam por atenção apenas para obscurecer aquilo que não

deseja

enxergar? Pensamentos mesquinhos infiltram sua mente como um fungo. Eles acabarão

degenerando seu corpo. Hoje, quando ele partiu, perguntei-lhe o que veria se não

estivesse

cego por trivialidades. Assim, apontei o caminho. Ele o tomará?

Ele é uma mescla curiosa: inteligente mas cego, sincero mas tortuoso. Saberá de sua

própria

insinceridade? Ele diz que eu o ajudo. Ele me elogia. Terá idéia de como odeio dádivas?

Saberá que dádivas arranham minha pele e destroem meu sono? Será um daqueles que

fingem

dar - apenas para auferir dádivas? Não as darei. Será um daqueles que reverenciam a

reverência? Será alguém que deseja me encontrar em vez de a si próprio? Nada devo dar

a ele!

Quando um amigo necessita de um local de repouso, é melhor oferecer um catre duro!

Ele é envolvente, simpático. Cuidado! Sobre algumas coisas ele se persuadiu a se

elevar, mas

suas entranhas não se persuadiram. Sobre as mulheres, ele é quase inumano. Uma

tragédia

chafurdar naquela lama! Conheço tal lama: é bom olhar para baixo e ver o que superei.

A maior árvore ascende às maiores alturas e mergulha as raízes mais fundo, para dentro

da

escuridão - mesmo para dentro do mal; mas ele nem se eleva nem decai. O desejo

animal

drena sua força - e sua razão. Três mulheres o laceram, e ele se sente grato para com

elas. Ele

lambe as terríveis garras dessas mulheres.

Uma delas o borrifa com seu almíscar e Unge sacrifício. Ela oferece a "dádiva" da

servidão -

a servidão dele.

A outra o atormenta. Ela finge fraqueza de modo a se encostar nele enquanto anda. Ela

unge

dormir para repousar a cabeça na masculinidade dele e, quando enfarada desses pequenos

tormentos, ela o humilha publicamente. Terminado o jogo, ela vai em frente e continua

com

seus truques contra a próxima vítima. Ele está cego para tudo isso. Apesar de tudo, ele a

ama.

Não importa o que ela faça, ele se compadece de sua posição de paciente e a ama.

A terceira mulher o mantém em cativeiro permanente. Mas eu a prefiro. Ao menos, não

esconde

as garras!

208 " QUANDO NIETZSCHE CHOROU

Carta de Friedrichs Nietzsche para Lou Salomé de dezembro de 1882

Cara Lou,

...Tens em mim o maior defensor, mas também o mais impiedoso juiz! Exijo que

julgues a ti mesma e que determines tua

própria punição... De volta a Orta, decidira revelar toda minha filosofia a ti. Oh! Não

tens ideia do vulto dessa decisão: acreditei

que não poderia ter presenteado melhor a ninguém...

Naquela época, eu tendia a considerar-te uma visão e manifestação de meu ideal

terreno. Por favor, observa que tenho uma

péssima visão!

Penso que ninguém consegue pensar melhor de tí, mas tampouco pior.

Caso tivesse te criado, conceder-te-ia melhor saúde e muito além daquilo que é bem

mais valioso... e talvez um pouco mais de

amor por mim (embora isso não tenha absolutamente a mínima importância) e o mesmo

se daria com o amigo Rée. Nem

contigo nem com ele consigo proferir uma só palavra sobre questões de meu coração.

Imagino que não tens idéia do que

desejo? - mas esse silêncio forçado é quase sufocante, porque gosto de vocês.

F.N.

CAPITULO 15

AQUELA PRIMEIRA SESSÃO, Breuer devotou apenas alguns minutos adicionais de

seu

tempo oficial a Nietzsche: escreveu uma nota na ficha de Eckart Míiller, informou as

enfermeiras sobre a situação de sua enxaqueca e, mais tarde no consultório, escreveu

um

relatório mais pessoal em um caderno idêntico ao usado por Nietzsche para suas

próprias

notas.

Contudo, nas 24 horas seguintes, Nietzsche roubou grande parte do tempo não oficial de

Breuer; tempo subtraído de outros pacientes, de Mathilde, de seus filhos e, sobretudo,

de seu

sono. Dormindo apenas intermitentemente nas primeiras horas da noite, Breuer tinha

sonhos

vívidos e agitados.

Sonhou que ele e Nietzsche estavam conversando em um aposento sem paredes:

talvez

um

cenário de teatro. Trabalhadores que passavam por eles carregando móveis escutavam a

conversa. O aposento parecia temporário, como se pudesse ser dobrado e removido.

Em um segundo sonho, estava sentado em uma banheira e abriu a torneira. Jorraram um

fluxo

de insetos, pequenas peças de maquinário e grandes glóbulos de lodo que pendiam da

boca da

torneira em longos e odiosos filamentos. As peças do maquinário o intrigaram. O lodo^e

os

insetos causaram nojo.

Às três da madrugada, foi acordado por seu pesadelo recorrente: o solo tremendo, a

procura

por Bertha, a Terra se liquefazendo sob os pés. Escorregou para dentro da Terra,

afundando

quarenta metros antes de ser detido por uma laje branca com uma inscrição ilegível.

Breuer ficou deitado escutando as batidas do seu coração. Tentou acalmar-se com

tarefas

intelectuais. Primeiro, matutou por que o que parece radiante e benigno ao meio-dia

tantas

vezes assume um aspecto aterrador às três da madrugada. Sem encontrar alívio, mudou

de

distração e tentou rememorar tudo que revelara a Nietzsche naquele dia. Mas quanto

mais

lembrava, mais agitado ficava. Teria falado demais? Teriam suas revelações causado

repulsa

em Nietzsche? O que o possuíra para exteriorizar todos os seus sentimentos secretos e

vergonhosos em relação aBertha e Eva? Naquele momento, parecera certo, até

expiatório

compartilhar tudo; mas agora, tremia ao pensar na opinião de Nietzsche sobre ele.

Embora

conhecesse o puritanismo de Nietzsche, agredira-o falando sobre sexo. Talvez

intencionalmente. Talvez, por detrás do manto médico, tencionara chocar e indigná-lo.

Por que?

Logo Bertha, a imperatriz de sua mente, assomou, aplanando e dispersando os outros pensamentos e exigindo toda sua atenção. O fascínio sexual exercido por ela era

especialmente

poderoso naquela noite: Bertha lenta e timidamente desabotoou o roupão do hospital;

uma

Bertha desnuda entrando em transe; Bertha empinando os seios e o chamando; sua boca

saciada pelo mamilo macio e saliente; Bertha abrindo as pernas, sussurrando "Me

possui" e

puxando-o de encontro a ela. Breuer palpitou de desejo; pensou em procurar alívio em

Mathilde, mas não pôde suportar a duplicidade e a culpa de, mais uma vez, usar o corpo

dela

enquanto imaginava Bertha embaixo dele. Levantou-se cedo para se aliviar.

- Parece - disse Breuer para Nietzsche na manhã seguinte, enquanto examinava sua

ficha

hospitalar-que o senhor Müller dormiu bem melhor esta noite do que o doutor Breuer. -

Em

seguida, narrou os eventos de sua noite: o sono intermitente, o medo, os sonhos, as

obsessões,

suas preocupações de ter revelado demais.

Durante a narração de Breuer, Nietzsche acenava com a cabeça que estava

acompanhando e

registrou os sonhos em seu caderno.

- Como você sabe, também tenho sofrido dessas noites. Esta noite, com apenas um

grama de

cloral, dormi cinco horas em seguida, mas uma noite como essa é rara. Como você, eu

sonho,

sou oprimido por terrores noturnos. Como você, tenho me perguntado por que o

medo reina de noite. Após vinte anos dessas reflexões, acredito agora que os medos não

brotam das trevas; pelo contrário, eles são como estrelas: estão sempre ali, mas

obscurecidos

pelo clarão da luz do dia.

- E os sonhos - Nietzsche continuou enquanto levantava da cama e atravessava o quarto

com Breuer em direção às cadeiras em frente à lareira - são um mistério glorioso que

clamam

por ser compreendidos. Invejo seus sonhos. Raramente capturo os meus. Não concordo

com o

médico suíço que, uma vez, recomendou que não gastasse tempo pensando nos sonhos,

porquanto não passavam de refugo fortuito, as excreções noturnas da mente. Segundo

ele, o

cérebro se purifica a cada 24 horas defecando o excesso de pensamentos do dia através

dos

sonhos! -Nietzsche parou para ler suas notas sobre os sonhos de Breuer. - Seu pesadelo

é

totalmente desconcertante, mas creio que seus outros dois sonhos surgiram de nossa discussão

ontem. Você se diz preocupado por ter revelado demais e, depois, sonha com um

aposento

público sem paredes. Quanto ao outro sonho, a torneira, a lama e os insetos, não

corrobora seu

medo de que vomitou demais suas partes escuras e desagradáveis?

- Sim, foi estranho como essa noção foi ganhando corpo no decorrer da noite. Temi que

o

tivesse ofendido, chocado ou enojado. Preocupei-me com como me veria.

- Eu não o predisse? - Nietzsche, sentado de pernas cruzadas na cadeira em frente de

Breuer, dava pancadas no caderno com o lápis para enfatizar as palavras. - Essa

preocupação

com meus sentimentos era o que eu temia; precisamente por essa razão, recomendei que

não

revelasse mais do que o necessário para minha compreensão. Quero ajudá-lo a se

expandir e

crescer, não enfraquecê-lo pela confissão de suas falhas.

- Mas, professor Nietzsche, aqui temos uma importante área de discordância. Aliás, na

semana passada, discutimos exatamente este assunto. Tentemos chegar a uma conclusão

mais

cordial desta vez. Lembro-me de que falou, além de ter lido em seus livros, que todos os

relacionamentos devem ser entendidos com base no poder. Porém, isso simplesmente

não é

verdade no meu caso. Não estou competindo: não me interessa derrotá-lo. Quero apenas

sua

ajuda em recapturar minha vida. A balança do poder entre nós - quem vence, quem

perde -

parece trivial e irrelevante.

j li

- Então por que, doutor Breuer, se sente envergonhado por ter me revelado suas

fraquezas?

- Não por ter perdido alguma competição contra você! O que importa isso? Sinto-me

mal por

apenas uma razão: valorizo sua opinião a meu respeito e temo que, após a sórdida

confissão de

ontem, já não tenha uma impressão tão boa de mim! Consulte sua lista - Breuer apontou

o

caderno de Nietzsche. - Lembre-se do item sobre o ódio por mim mesmo... item três, acredito.

Escondo meu verdadeiro eu por existirem tantos aspectos desprezíveis em mim. Depois,

me

odeio ainda mais por me ver isolado das outras pessoas. Para poder alguma vez romper

este

círculo vicioso, terei que aprender a me revelar para os outros!

- Talvez, mas observe - Nietzsche apontou para o item 10 de seu caderno. - Aqui, você

diz

que se preocupa demais com as opiniões de seus colegas. Conheci muitas pessoas que

não

gostam de si mesmas e tentam superar isso persuadindo primeiro os outros a pensarem

bem

delas. Feito isso, elas começam a pensar bem de si próprias. Mas essa é uma falsa

solução, isso

é submissão à autoridade dos outros. Sua tarefa é aceitar a si mesmo, não encontrar

formas de

obter minha aceitação.

A cabeça de Breuer começou a girar. Dotado de uma mente ágil e penetrante, não estava

habituado a ser sistematicamente derrotado na argumentação. Claro estava que o debate

racional com Nietzsche era desaconselhável; jamais conseguiria derrotá-lo ou

demovê-

lo de sua

posição. Talvez - concluiu Breuer - ele se saísse melhor com uma abordagem impulsiva

e

irracional.

-Não, não, não! Acredite, professor Nietzsche, embora isso faça sentido, comigo não

funcionará! Sei apenas que preciso de sua aceitação. Você tem razão: a derradeira meta

éser

independente das opiniões dos outros, mas o caminho para essa meta - falo por mim,

não por

você - é saber que não ultrapassei os limites da decência. Preciso ser capaz de revelar

tudo de

mim para outrem e saber que também eu sou... simplesmente humano. - Como reflexão

posterior, acrescentou. - Humano, demasiado humano!

O título de seu livro fez brotar um sorriso no rosto de Nietzsche.

- Touché, doutor Breuer! Quem poderá contestar esta expressão oportuna? Entendo

agora

seus sentimentos, mas ainda não vejo claramente suas implicações para nosso

procedimento.

Breuer escolheu as palavras cuidadosamente nessa área delicada.

- Nem eu. Mas sei isso sim que tenho que ser capaz de relaxar minha guarda. Não posso

ficar

sentindo que preciso ter cuidado com o que lhe revelar. Deixe-me contar um incidente recente

que poderá ser relevante. Conversava com meu cunhado Max. Nunca tive intimidade

com Max,

porque sempre o vi como psicologicamente insensível. Meu casamento, porém,

deteriorou-se a

ponto de precisar discutilo com alguém. Tentei levantar o problema em uma conversa

com

Max, mas a vergonha foi tão forte, que tive dificuldade em prosseguir. Depois, de uma

forma

que jamais esperaria, Max correspondeu revelando dificuldades semelhantes que estava

tendo

na vida. De alguma forma, sua revelação me libertou e, pela primeira vez na vida, ele e

eu

travamos uma discussão pessoal. Isso ajudou imensamente.

- Quando você diz "ajudou" - imediatamente perguntou Nietzsche -, está querendo dizer que seu desespero diminuiu? Ou que seu relacionamento com a esposa melhorou? Ou

teve uma

discussão que foi momentaneamente expiatória?

Ach\ Breuer percebeu que fora pego! Se admitisse que sua discussão com Max

realmente o

auxiliara, Nietzsche levantaria a questão de por que precisava do conselho dele^ de

Nietzsche.

Todo cuidado era pouco.

- Não sei exatamente o que quero dizer. Sei apenas que me senti melhor. Naquela noite,

não

fiquei acordado na cama sofrendo de vergonha. Desde então, tenho me sentido mais

aberto,

mais pronto a empreender uma investigação de mim mesmo.

Não estou chegando onde gostaria - pensou Breuer. Talvez um simples apelo direto seja

mais

eficaz.

- Estou certo, professor Nietzsche, de que conseguiria me expressar mais honestamente

se

estivesse certo de sua aceitação. Quando falo de meu amor obsessivo ou de meus

ciúmes, me

ajudaria saber se você também experimentou esses sentimentos. Suspeito, por exemplo,

de que

acha o sexo desagradável e desaprova totalmente minha preocupação sexual.

Naturalmente,

isso me deixa pouco à vontade para revelar essas minhas facetas.

214 * QUANDO NIETZSCHE CHOROU

Uma pausa prolongada. Nietzsche fitou o teto imerso em pensamentos profundos.

Breuer ficou

na expectativa, pois aumentara habilmente a pressão. Esperava que Nietzsche fosse

finalmente

agora dar algo de si mesmo.

- Talvez - respondeu Nietzsche - eu não tenha sido claro o suficiente sobre minha

posição.

Diga-me: os livros que encomendou já chegaram de meu editor?

- Ainda não. Por que pergunta? Existem passagens relevantes à nossa discussão

atual?

- Sim, particularmente em A gaia ciência. Ali, afirmo que as relações sexuais não

diferem de

outras relações, já que também envolvem uma luta pelo poder. O desejo sexual é, no

fundo, um

desejo de dominar totalmente a mente e o corpo de outrem.

- Isso não me soa verdadeiro. Não para meu desejo sexual!

- Sim, sim! - insistiu Nietzsche. - Olhe mais profundamente e verá que o desejo sexual

também é um desejo de domínio sobre todos os outros. O "amante" não é alguém que

"ama":

pelo contrário, ele almeja a posse exclusiva da amada. Seu desejo é excluir o mundo

inteiro de

certo bem precioso. Ele é tão egoísta como o dragão que guarda o tesouro! Ele não ama

o

mundo; pelo contrário, é totalmente indiferente às outras criaturas vivas. Você próprio

não o

disse? Por isso, ficou satisfeito com... esqueci seu nome, a aleijada!

- Bertha, mas ela não é aleija...

-Isso mesmo, ficou satisfeito quando Bertha disse que você seria para sempre o único

homem

da vida dela!

- Mas você está roubando a sexualidade do sexo! Sinto meus impulsos sexuais no

membro

genital, não em alguma arena mental abstrata da luta pelo poder!

- Não - afirmou Nietzsche -, apenas o estou chamando pelo nome certo! Não faço

objeção

ao homem que faz sexo quando precisa. Mas odeio o homem que implora por ele, que

abre

mão de seu poder a favor da mulher concedente... da mulher ardilosa que transforma a

fraqueza

dela e a força dele na sua força.

- Irra! Como pode negar o verdadeiro erotismo? Você ignora o impulso, o anseio biológico

que está entranhado em nós, que nos permite reproduzir! A sensualidade faz parte da

vida, da

natureza.

- Faz parte, mas não da parte superiorl Na verdade, o inimigo mortal da parte superior.

Aqui,

deixe-me ler uma frase que escrevi de manha cedo. - Nietzsche colocou os óculos de

lentes

grossas, foi até a escrivaninha, apanhou um caderno surrado e percorreu páginas

cobertas de

rabiscos ilegíveis. Deteve-se na última página e, o nariz quase a tocando, leu: - A

sensualidade

é uma cadela que morde nosso calcanhar! E quão habilmente essa cadela sabe mendigar

um

pedaço de espírito, quando se lhe nega um pedaço de carne. - Fechou o caderno. -

Assim, o

problema não é. que o sexo está presente, mas que faz outra coisa desaparecer: algo

mais

valioso, infinitamente mais precioso! O desejo, o estímulo, a voluptuosidade... são os

escravizadores! A ralé desperdiça a vida como suínos alimentando a vala do desejo.

- A vala do desejo! - repetiu Breuer para si, espantado com a intensidade de Nietzsche. -

Seus sentimentos sobre esta questão são fortes. Ouço mais paixão em sua voz do que em

qualquer momento anterior.

- Grande paixão é necessária para derrotar a paixão! Homens demais foram

despedaçados na

roda da paixão menor.

- E suas próprias experiências neste domínio? - Breuer sondou. - Teve pessoalmente

experiências infelizes que ajudaram a moldar suas conclusões?

- Sua afirmação anterior sobre a reprodução como meta primordial... deixe-me

perguntar

sobre isso. - Nietzsche espetou o ar três vezes com o dedo. - Não deveríamos criar, não

deveríamos nos transformar, antes de nos reproduzirmos? Nossa responsabilidade para

com a

vida é criar o superior, não reproduzir o inferior. Nada deve interferir com o

desenvolvimento

do herói dentro de você. Se o desejo o impede, então também ele precisa ser superado.

Encare a realidade! - disse Breuer de si para si. Você não exerce praticamente nenhum

controle sobre essas discussões, Josef. metzsche simplesmente ignora quaisquer

perguntas que

não deseje responder.

- Veja bem, professor Nietzsche, concordo intelectualmente com grande parte do que diz, mas

nosso nível de discussão está abstrato demais. Não é suficientemente pessoal para poder

me

ajudar. Talvez eu esteja ligado demais ao prático; afinal, toda minha vida profissional se

concentrou em ouvir um problema, formular um diagnós-

tico e, depois, atacar aquele problema mediante um remédio específico. - Inclinou-se

para a

frente a fim de olhar Nietzsche diretamente. - Pois bem, sei que meu tipo de doença não

pode ser

atacado tão pragmaticamente; porém, em nossa discussão, nós nos desviamos demais

para o

extremo oposto. Nada posso fazer com suas palavras. Você me diz para superar meu

desejo,

minhas paixões inferiores. Você me diz para cultivar as partes superiores de mim, mas

não me diz

corno superar, como cultivar o herói em mim. Tudo isso são elucubrações poéticas

refinadas, mas,

neste momento, para mim, não passam de palavras vazias.

Aparentemente não afetado pela súplica de Breuer, Nietzsche respondeu como um

professor para

um aluno impaciente.

- Com o tempo, eu lhe ensinarei como superar. Você quer voar, mas não se pode

começar a voar

voando. Primeiro, tenho que lhe ensinar a andar, e o primeiro passo ao aprender a andar

é

entender que quem não obedece a si mesmo é regido por outros. É mais fácil, muito

mais fácil,

obedecer a outro do que dyigir^a si mesmo. - Dito isso, Nietzsche apanhou seu pequeno

pente e

pôs-se a arrumar o bigode.

-Mais fácil obedecer a outro do que dirigir a si mesmo? Mais uma vez, professor

Nietzsche, por

que não se dirigir a mim mais pessoalmente? Entendo o sentido de seu enunciado, mas

você fala

para mira? O que posso fazercom isso? Desculpe-me se pareço terra-a-terra. No

momento, meus

desejos são mundanos. Desejo coisas simples: dormir livre de pesadelos depois das três,

sentir

algum alívio da tensão precordial. Eis onde minha angústia se manifesta, bem aqui... -

apontou o

centro do esterno. - O que preciso agora - prosseguiu-não é uma declaração abstrata e

poética, mas algo humano, direto. Preciso de envolvimento pessoal: você pode

compartilhar

comigo suas experiências? Você teve um amor ou uma obsessão como a minha? Como

você a

vivenciou? Como a superou? Quanto tempo levou?

- Tenho outra coisa que planejei discutir com você hoje - disse Nietzsche, desfazendo-se

do

pente e, novamente, ignorando a pergunta de Breuer. - Ainda há tempo?

Breuer se acomodou desanimado de volta à sua cadeira. Obviamente, Nietzsche

continuaria

ignorando suas perguntas. Exortou a si mesmo a ser paciente. Consultou o relógio e

respondeu

que poderia ficar mais quinze minutos.

QUANDO NIETZSCHE CHOROU " 217

- Virei aqui diariamente às dez para uma permanência de trinta a quarenta minutos,

embora sem

dúvida em certos dias uma emergência poderá me forçar a partir mais cedo.

- Otimo! Tenho algo importante que gostaria de lhe dizer. Muitas vezes, ouvi-o

reclamar de

infelicidade. Aliás-Nietzsche abriu seu caderno na lista de problemas de Breuer - ,

"infelicidade

geral" é o primeiro problema de sua lista. Além disso, hoje você mencionou sua

angústia, sua

tensão cordial...

- .Plnecordial; a região no topo do cor, o coração.

- Sim, obrigado, ensinamo-nos um ao outro. Sua tensão precordial, seus terrores

noturnos, sua

insónia, seu desespero... você menciona muito esses problemas e descreve seu desejo

"terra-a-

terra" de alívio imediato do desconforto. Você lamenta que sua discussão comigo não

surta os

mesmos resultados da discussão que teve com Max.

- Sim, e...

- E quer que eu ataque sua tensão diretamente, que o conforte. -Exatamente. - Breuer se

inclinòttqpvamente para a frente em

sua cadeira. Anuiu com a cabeça, exortando Nietzsche a prosseguir. -Resisti à sua

proposta, dois

dias atrás, de me tornar seu... como dizer?... seu conselheiro e de ajudá-lo a enfrentar

seu

desespero. Discordei quando alegou que sou um experto mundial por ter estudado esses assuntos

por vários anos. Mas agora, ao refletir a respeito, percebo que teve razão: sou um

experto. Tenho

sim muito para lhe ensinar: devotei grande parte de minha vida ao estudo do desespero.

Quanto

de minha vida, posso lhe mostrar facilmente. Alguns meses atrás, minha irmã Elisabeth

mostrou-me

uma carta que lhe escrevi em

1865, aos 21 anos. Elisabeth nunca devolve minhas cartas; ela guarda tudo e diz que um

dia

construirá um museu para guardar meus pertences e cobrar entrada. Quem conhece

Elisabeth sabe

que seria capaz de me empalhar, montar e exibir como a atração principal. Naquela

carta, afirmei

que havia uma divisão básica no estilo dos homens: aqueles que desejam a paz de

espírito e a

felicidade têm que acreditar e abraçar a fé, enquanto aqueles que desejam perseguiria

verdade

devem renunciar à paz de espírito e devotar sua vida à investigação. Eu sabia disso aos

21, há

meia vida. É tempo de você aprendê-lo: deve ser seu ponto de partida básico. Você deve

escolher entre o conforto e a verdadeira investigação! Caso escolha a ciência,

caso opte

porjer

libertado das cadeias sedatjvas do sobigmo^l, caso, conforme alega, escolha evitar

aíeeãbraçar

o ateísmo, então não poderá ao mesmo tempo^ansjarjjelos pequenos confortos do

crentej Se

você matar Deus, terá também que deixar o abrigo do templo.

Breuer ficou calado em sua cadeira, observando pela janela do quarto de Nietzsche o

jardim do

sanatório, onde uma senhora idosa sentada de olhos fechados numa cadeira de rodas era

empurrada por uma jovem enfermeira ao redor de um caminho circular. Os comentários

de

Nietzsche eram irresistíveis. Era difícil rejeitá-los como mero filosofar vazio. Mesmo

assim, fez

nova tentativa.

- Você exagera o papel da escolha em minha vida. Minha escolha não foi tão deliberada,

nem

tão profunda. Minha opção pelo ateísmo foi menos uma opção ativa do que uma questão

de ser

incapaz de acreditar em contos de fadas religiosos. Escolhi a ciência simplesmente por

ser o

único modo possível de dominar os segredos do corpo.

- Então, você esconde sua vontade de si mesmo. Você precisa agora aprender a reconhecer

sua vida e a ter a coragem de dizer "Assim escolhi!" O espírito de um homem se

constrói a

partir de suas escolhas!

Breuer se contorceu na cadeira. O tom de pregação de Nietzsche fez com que se sentisse

desconfortável. Onde teria aprendido isso? Não com seu pai pregador, falecido quando

Nietzsche tinha cinco anos. Poderia ocorrer transmissão genética das habilidades e

inclinações

de pregação? Nietzsche continuou o sermão.

- Caso escolha ser um dos poucos que participam do prazer do crescimento e da alegria

da

liberdade sem Deus, terá que se preparar para a máxima dor. Eles estão interligados e

não

podem ser experimentados separados! Se desejar menos dor, terá que encolher, à

semelhança

dos estóicos, e renunciar ao máximo prazer.

-Não estou certo, professor Nietzsche, de que se tenha que aceitar essa visão de mundo

mórbida. Isso soa como Schopenhauer, mas há outros pontos de vista menos sombrios.

- Sombrio? Pergunte-se, doutor Breuer, por que todos os grandes filósofos são

sombrios?

Pergunte-se: "Quais são os seguros, os confortáveis, os eternamente radiantes?" Direi a respQsj_ aqueles com uma visão tacanha: o populacho e as crianças!

- Você diz, professor Nietzsche, que o crescimento é a recompensa da dor...

Nietzsche interrompeu.

- Não, não apenas o crescimento. Existe também a força. Uma árvore precisa enfrentar

tormentas para alcançar uma altura digna de orgulho. A criatividade e a descoberta são

geradas

na dor. Permita citar a mini mesmo de minhas notas de alguns dias atrás. - Novamente,

Nietzsche folheou suas notas e, depois, leu: - "É preciso ter caos e frenesi dentro de si para

dar à luz uma estrela dançante."

A leitura de Nietzsche deixou Breuer ainda mais irritado. Seu discurso poético

funcionou como

uma barricada entre eles. No cômputo geral, Breuer tinha certeza de que as coisas

melhorariam

se conseguisse trazer Nietzsche de volta das estrelas.

- Novamente, está sendo abstrato demais. Por favor, não me interprete mal, professor

Nietzsche: suas palavras são belas e poderosas, mas, quando as lê para mim, já não sinto que

estejamos nos relacionando pessoalmente. Apreendo seu significado intelectual; sim,

existem

recompensas para a dor: o crescimento, a força, a criatividade. Compreendo isso aqui -

Breuer apontou para a cabeça -, mas não entra aqui - apontou para o abdómen. - Se isso

é

para me ajudar, tem que me atingir onde minha experiência está radicada. Aqui, em

minhas

entranhas, não experimento nenhum crescimento, não dou à luz nenhuma estrela

dançante!

Tenho tão-somente o frenesi e o caos!

Nietzsche deu um amplo sorriso e balançou o dedo no ar.

- Exatamente! Disse-o bem! Esse é o problema precisamente! E porquenenhum

crescimento?

Por que nenhum pensamento mais digno? Esse era o sentido de minha pergunta final

ontem: o

que estaria pensando se não estivesse preocupado com esses pensamentos estranhos?

Por

favor, relaxe, feche os olhos e tente essa experiência imaginária comigo.

- Encarapitemo-nos bem longe, talvez no pico de uma montanha, e observemos juntos.

Lá,

bem ali, ao longe, vemos um homem, um homem com uma mente inteligente e também

sensível.

Observemo-lo. Talvez de certa feita tenha mirado profundamente o horror da própria

existência. Talvez tenha visto demais! Talvez deparasse com as mandíbulas devoradoras

do

tempo ou com sua própria insignificância - pois não passa de uma partícula - ou

com a

transitorie-

dade e contingência da vida. Seu temor foi cruel e terrível até o dia em que descobriu

que o

desejo aplaca o medo. Por conseguinte, abrigou o desejo em sua mente e este, um

competidor

implacável, logo expulsou todos os demais pensamentos. Mas o desejo não pensa; ele

anseia,

ele rememora. Assim, esse homem passou a rememorar luxuriosamente Bertha, a

aleijada. Ele

deixou de olhar a distância, despendendo seu tempo rememorando milagres tais como o

modo

de Bertha mover os dedos, a boca, como se despia, como falava e gaguejava, andava e

mancava. Logo, todo seu ser era consumido por tal insignificância. Os grandes

bulevares de

sua mente, abertos para o trânsito de ideias nobres, ficaram entulhados de lixo. Sua

lembrança

de ter outrora pensado grandes pensamentos foi se enfraquecendo até desaparecer. Seus

temores também desapareceram. Restou apenas uma ansiedade torturante de que algo se extraviara. Intrigado, procurou pela fonte de sua ansiedade entre o lixo de sua mente.

Assim o

encontramos no momento atual, remexendo o lixo, como se este contivesse a resposta.

Chega a

me pedir para remexer junto com ele! Nietzsche parou esperando a resposta de Breuer.

Silêncio.

- Diga-me - perguntou Nietzsche -, o que você acha desse homem que observamos?

Silêncio.

- Doutor Breuer, o que você acha?

Breuer estava sentado em silêncio, os olhos fechados, dir-se-ia hipnotizado pelas

palavras de

Nietzsche.

- Josef! Josef! O que você acha?

Despertando, Breuer abriu lentamente os olhos e se virou para olhar Nietzsche.

Continuou sem

falar.

- Não vê, Josef, que o problema não está no seu sentimento de desconforto? Que

importância

tem a tensão ou pressão no seu tórax? Quem foi que lhe prometeu conforto? Você

dorme mal!

E daí? Quem foi que lhe prometeu um sono tranqüilo? Não, o problema não está no

desconforto. O problema é que você sente desconforto pela coisa errada\ - Nietzsche

olhou

seu relógio. - Vejo que estou retendo você além da hora. Encerremos com a mesma

sugestão

de ontem. Por favor, pense em que pensaria se Bertha não atulhasse sua mente. Certo?

Breuer assentiu com a cabeça e saiu.

QUANDO NIETZSCHE CHOROU * 221

Excertos das Anotações do doutor Breuer sobre Eckart Muller de 6 de dezembro de

1882

Coisas estranhas aconteceram em nossa conversa de hoje. Nenhuma delas conforme eu

planejara. Ele não respondeu a nenhuma de minhas perguntas, não revelou nada de si.

Ele

desempenha seu papel de conselheiro tão solenemente, que às vezes acho-o cómico. No

entanto, vista da perspectiva dele, sua conduta é inteiramente correta: ele está honrando

seu

contrato e tentando, da melhor forma possível, ajudar-me. Respeito-o por isso.

É fascinante observar sua inteligência ao enfrentar o problema de como ajudar um indivíduo

singular, uma criatura de carne e osso - eu. Até agora, porém, carece estranhamente de

imaginação e se fia completamente na retórica. Acreditará realmente que a explicação

racional

ou a mera exortação curará o problema?

Em um de seus livros, ele argumenta que a estrutura moral pessoal de um filósofo

determina o

tipo de filosofia que cria. Acredito agora que o mesmo princípio se aplica a esse

tipo de

aconselhamento: a personalidade do conselheiro determina o enfoque de seu

aconselhamento.

Desse modo, devido aosseus temores sociais e à misantropia, Nietzsche escolhe um

estilo

impessoal e distante. É claro que está cego para isso: o que faz é desenvolver uma teoria

para

racionalizar e legitimar o enfoque de seu aconselhamento. Assim, não oferece nenhum

apoio

pessoal, jamais estende uma mão confortadora, perora para mim de uma plataforma

elevada,

recusa-se a admitir seus próprios problemas pessoais e não se dirige a mim de uma

forma

humana. Exceto por um momento! No final de nossa conversa de hoje-esqueceu-me o

que

discutíamos -, subitamente referiu-se a mim como "Josef". Talvez eu seja mais bem-

sucedido

do que pensava em estabelecer um relacionamento.

Estamos engajados em uma estranha luta! Para ver quem consegue ajudar mais o outro.

Perturba-me essa competição: temo que confirme para ele seu insipiente modelo de

"poder" das

relações sociais. Talvez eu deva agir como Max preconiza: parar de competir e aprender

o que

puder com ele. É-lhe importante deter o controle. Vislumbro vários sinais de que se

sente

vitorioso: diz-me o quanto tem a me ensinar, lê-me suas no-

tas, consulta a hora e altivamente me dispensa, marcando nosso próximo encontro. Tudo

isso é

irritante! Mas então lembro a mim mesmo que sou um médico: não me encontro com

ele para

meu prazer pessoal. Afinal, qual é o prazer pessoal de extrair as amígdalas de um

paciente ou

de desalojar uma impacção fecal?

Houve um momento hoje em que experimentei uma estranha ausência. Senti-me

quase

como se

estivesse em transe. Talvez eu seja, afinal, suscetível ao mesmerísmo.

Notas de Friedrich Nietzsche sobre o doutor Breuer de 6 de dezembro de 1882

As vezes, é pior para um fdósofo ser compreendido do que ser mal compreendido. Ele

tenta

me compreender bem demais; ele me adula na tentativa de obter orientações específicas.

Ele

quer descobrir meu rumo e usá-lo também como seu rumo. Ele ainda não compreende

que

existe um rumo meu e um rumo seu, mas que não existe "o" rumo. Ele não pede

orientações

diretamente, mas me adula e finge que sua adulação é outra coisa: ele tenta me persuadir

de que

minha revelação é essencial ao processo de nosso trabalho, de que o ajudará a falar, nos

tomará

mais "humanos" juntos, como se chafurdar na lama juntos significasse ser humano!

Tento

ensinar-lhe que os amantes da verdade não temem águas tempestuosas ou turvas. O que

tememos são águas rasas!

Se a prática médica deve servir de guia para nosso empreendimento, não deverei

chegara um

"diagnóstico"? Eis uma nova ciência: o diagnóstico do desespero. Diagnostico-o como

alguém

que deseja ser um espírito livre, mas não consegue se libertar dos grilhões da crença.

Ele quer

apenas o sim, a aceitação da escolha, nada do não, da renúncia. Ele ilude a si mesmo:

faz

escolhas mas se recusa a ser aquele que escolhe. Sabe que é um desgraçado, mas não

sabe que

o é pela coisa errada! Espera de mim alívio, conforto e felicidade. Mas tenho que lhe dar

mais

desgraça. Tenho que mudar sua desgraça trivial de volta na desgraça nobre original.

QUANDO NIETZSCHE CHOROU " 223

Como expulsar a desgraça trivial de sua torre? Tomar o sofrimento honesto novamente?

Vali-

me de suaprópria técnica: a técnica da terceira pessoa que aplicou em mim na semana

passada

em sua canhestra tentativa de me induzir a me entregar aos cuidados dele; eu o instruí a

olhar

para si do alto. Mas foi forte demais; ele quase desmaiou. Tive que me dirigir a ele

como a uma

criança, chamá-lo de "JoseF, para reavivá-lo.

Minha carga é grande. Trabalho para a sua libertação. E também para a minha. Mas não

sou um

Breuer: compreendo minha desgraça e ela é bem-vinda. Além disso, Lou Saloménão é uma

aleijada. Porém, sei o que é ser acossado por alguém que eu amo e odeio!

CAPITULO 16

ÍXÍMIO PRATICANTE DA ARTE DA MEDICINA, Breuer normalmente começava

suas

visitas hospitalares com bate-papos à beira do leito que ele graciosamente transformava

em

investigações médicas. Mas não haveria bate-papo quando adentrou o quarto 13 da

Clínica

Lauzon na manhã seguinte. Nietzsche imediatamente anunciou que se sentia

anormalmente

saudável e que não desejava gastar seu tempo precioso conversando sobre seus sintomas

inexistentes. Sugeriu que fossem diretamente ao assunto.

- Minha vez chegará novamente, doutor Breuer; minha doença nunca se desgarra por

tempo

demais ou longe demais. Mas agora que está en vacance^ continuemos nosso trabalho

nos seus

problemas. Que progresso realizou na experiência imaginária que propus ontem? Em

que você

pensaria se não estivesse preocupado com fantasias de Bertha?

- Professor Nietzsche, deixe-me falar de outra coisa primeiro. Houve um momento

ontem em

que você abandonou meu título profissional e me chamou de Josef. Isso me agradou.

Senti-me

mais próximo de você e gostei disso. Embora nosso relacionamento seja profissional, a

natureza de nosso discurso requer que falemos intimamente. Você concordaria,

portanto, em

nos chamarmos por nossos prenomes?

Nietzsche, que organizara sua vida de modo a evitar tais interações pessoais, ficou

embaraçado.

Contorceu-se e gaguejou mas, aparentemente não encontrando uma forma elegante de

recusar,

fi-

nalrnente anuiu a contragosto. Ante a pergunta adicional de Breuer par^ saber se deveria

chamá-lo de Friedrich ouFritz, Nietzsche quase

vociferou:

-- Friedrich, por favor. E agora, ao trabalho!

- Sim, ao trabalho! De volta à sua pergunta! O que há por detrás de Bertha? Sei que

existe um

fluxo de preocupações mais profundas e sombrias, que estou convencido terem se

intensificado

alguns meses atrás quando passei dos quarenta anos. Você sabe, Friedrich, uma crise em

torno

da marca dos quarenta não é incomum. Cuidado, você tem apenas dois anos para se

preparar.

Breuer sabia que essa familiaridade incomodava Nietzsche, mas que também partes

deste

ansiavam por contatos humanos mais íntimos.

- Não estou muito preocupado - arriscou Nietzsche. - Acho que tenho tido quarenta anos

desde que cheguei aos vinte!

O que seria aquilo? Uma aproximação! Sem dúvida, uma aproximação! Breuer

lembrou-se de

um gatinho que seu filho Robert encontrara recentemente na rua. Ofereça algum leite -

dissera

Breuer a Robert-e retroceda. Deixe que beba tranqüilamente e que se acostume com sua

presença. Mais tarde, quando ele se sentir seguro, você poderá acariciá-lo. Breuer

retrocedeu.

- Como descrever melhor meus pensamentos? Tenho pensamentos mórbidos, sombrios.

Com

freqüência, sinto como se minha vida tivesse atingido o cume. - Breuer pausou para se

lembrar de como o descrevera a Freud. - Escalei até o pico e, quando observo além da

borda

para ver o que existe adiante, vejo apenas deterioração: a queda no envelhecimento,

netos, cãs

ou talvez - deu um tapinha no centro calvo do couro cabeludo - simplesmente a calvície.

Mas não, isso não está exatamente certo. Não é a queda que me incomoda... é a não

ascensão.

- Não ascensão, doutor Breuer? Por que não pode continuar a ascender?

- Friedrich, sei que é difícil quebrar o hábito, mas por favor me chame de Josef.

- Josef então. Conte-me, Josef, sobre náo ascender.

-As vezes, imagino que todos têm uma frase secreta, Friedrich, um tema profundo que

se

torna o mito central da vida da pessoa.

QUANDO NIETZSCHE CHOROU " 227

Quando eu era criança, alguém uma vez me chamou de "o rapaz infinitamente promissor".

Adorei esta frase. Entoei-a para mim mesmo milhares de vezes. Muitas vezes, imaginei-

me um

tenor cantando-a em um som agudo: "o rapaaaaaaz in-fi-ni-ta-men-te pro-mis-sor".

Gostava de

dize-lo lenta e dramaticamente, enfatizando cada sílaba. Até hoje, estas palavras me

comovem!

- E o que aconteceu com aquele rapaz infinitamente promissor?

- Ah! Esta pergunta! Formulo-a com freqüência. O que ele veio a ser? Sei agora que não

há

mais promessa... ela se esgotou!

- Diga-me, o que quer dizer exatamente com "promessa"?

- Não sei exatamente. Pensava que sabia. Significava o potencial de escalar, de me alçar

às

alturas; significava sucesso, aclamação, descobertas científicas. Mas provei o fruto

dessas

promessas. Sou um médico respeitado, um cidadão respeitável. Realizei algumas

descobertas

científicas importantes: enquanto existirem registros históricos, meu nome será

sempre

conhecido como um dos descobridores da função do interior do ouvido na regulação do

equilíbrio. Além disso, participei da descoberta de um importante processo de regulação

respiratória conhecido como reflexo de Herring-Breuer.

- Ora, Josef, não é um homem afortunado? Sua promessa não se realizou?

O tom de Nietzsche era enigmático. Estaria realmente pedindo informações? Ou estaria

dando

uma de Sócrates e fazendo Breuer de Alcebíades? Breuer decidiu responder com base

no

significado visível.

- As metas se realizaram, sim. Mas sem satisfação, Friedrich. De início, a euforia de um

novo

sucesso durava meses. Gradualmente, porém, foi se tornando mais volátil - semanas,

depois

dias, até horas - até que agora o sentimento se evapora tão rapidamente, que já nem

penetra

em minha pele. Acredito agora que minhas metas foram imposturas: jamais foram o

verdadeiro

destino do rapaz infinitamente promissor. Muitas vezes, sinto-me desorientado: as

antigas

metas deixaram de funcionar e perdi o dom de inventar metas novas. Quando penso no

fluxo

de minha vida, sinto-me traído ou enganado, como se tivesse sido vítima de uma piada

celestial,

como se tivesse esgotado minha vida dançando à melodia errada.

- Melodia errada?

- A melodia do rapaz infinitamente promissor; a melodia que sussurrei a vida toda.

- A melodia estava certa, Josef, a dança é que estava errada!

- A melodia certa com a dança errada? O que quer dizer? Nietzsche permaneceu calado.

- Quer dizer que interpretei a palavra "promissor" erradamente?

- E "infinitamente" também, Josef.

- Não compreendo. Poderia falar mais claramente?

- Talvez você tenha que aprender a falar mais claramente para si mesmo. Nos últimos

dias,

percebi que a cura filosófica consiste em aprender a escutar sua própria voz interna. Não

me

contou que sua paciente Bertha se curou conversando sobre cada aspecto de seus

pensamentos? Qual foi o termo que empregou para descrevê-lo?

- Limpeza de chaminé. Foi ela quem inventou o termo; limpar sua chaminé significava

desligar-se de modo que pudesse ventilar o cérebro, limpar a mente de todos os

pensamentos

perturbadores.

- É uma boa metáfora - observou Nietzsche. - Talvez devêssemos experimentar esse

método em nossas conversas. Talvez agora. Poderia, por exemplo, limpar a chaminé

sobre o

rapaz infinitamente promissor?

Breuer voltou a reclinar a cabeça na cadeira.

- Acho que já disse tudo. Aquele rapaz agora envelhecendo atingiu o ponto da vida em

que

não consegue mais ver seu sentido. Sua razão de viver - minha razão, minhas metas, as

recompensas que me impeliram pela vida - se afigura absurda agora. Quando medito em

como busquei besteiras, em como desperdicei a única vida que possuo, um sentimento

de

terrível desespero me domina.

- O que deveria ter buscado em seu lugar?

Breuer sentiu-se animado pelo tom de Nietzsche, agora mais gentil, mais confiante,

como se

estivesse familiarizado com aquele terreno.

- Esta é a pior parte! A vida é um exame sem respostas certas. Se fosse possível

começar tudo

de novo, acho que faria exatamente a mesma coisa, cometeria os mesmos erros. Outro

dia,

imaginei uma boa trama para um romance. Ah! Se eu fosse escritor! Imagine isto: um

homem de

meia idade, que viveu uma vida insatisfatória, é abor-

dado por um génio que lhe oferece a oportunidade de reviver sua vida mantendo plena

memória da vida anterior. É claro que ele aproveita a chance. Mas, para seu espanto e

horror,

descobre que está vivendo a mesma vida: fazendo as mesmas escolhas, repetindo os

mesmos

erros, abraçando as mesmas falsas metas e falsos deuses.

- E essas metas em função das quais você vive, qual a origem delas? Como as escolheu?

- Como escolhi minhas metas? Escolher, escolher... sua palavra favorita! Meninos de

cinco,

dez ou vinte anos não escolhem suas vidas. Não consigo raciocinar sobre sua pergunta.

- Não raciocine - recomendou Nietzsche. - Apenas limpe a chaminé!

- Metas? As metas estão na cultura, no ar. Nós as respiramos. Todos os meninos com

quem

cresci inalaram as mesmas metas. Todos queríamos pular para fora do gueto judaico,

subir na

vida, ter sucesso, riqueza, respeitabilidade. Era o que todos queríamos! Nenhum de nós

jamais

se pôs deliberadamente a escolher metas; elas estavam bem ali, as conseqüências

naturais de

meu tempo, meu povo, minha família.

- Mas elas não serviram para você, Josef. Não foram suficientemente firmes para

sustentar

uma vida. Bem, talvez fossem bastante firmes para alguns: para os sem-visão, ou para

os

medíocres que correm a vida toda atrás de objetivos materiais ou mesmo para os que

atingem o

sucesso mas têm o dom de continuamente fixar novas metas fora do alcance deles. Mas

você,

como eu, é um homem de visão. Você olhou para longe demais na vida. Você viu que

era fútil

alcançar metas erradas e fútil fixar novas metas erradas. Multiplicações por zero dão

sempre

zero!

Breuer ficou arrebatado por essas palavras. Todo o resto - paredes, janelas, lareira, mesmo o

corpo de Nietzsche - se desvaneceu. Esperara toda sua vida por essa troca.

- Sim, tudo que diz é verdade, Friedrich, exceto sua insistência em que escolhemos

nosso

plano de vida de forma deliberada. O indivíduo não seleciona conscientemente suas

metas de

vida: elas são um acidente da história, não são?

- Não tomar posse de seu plano de vida é deixar sua existência ser um acidente.

-Mas - protestou Breuer-ninguém desfruta de tal liberdade. Você não pode fugir da

perspectiva de sua época, de sua cultura, de sua família, de seu...

- Certa vez - interrompeu Nietzsche - um sábio judeu aconselhou seus seguidores a

romper

com seus pais e suas mães e a buscar a perfeição. Esse poderia ser um passo digno de

um rapaz

infinitamente promissor! Essa poderia ter sido a dança correta com a melodia certa.

A dança correta com a melodia certa! Breuer tentou se concentrar no significado dessas

palavras,

mas subitamente ficou desanimado.

- Friedrich, sinto uma paixão por tal conversa, mas uma voz interna não pára de

perguntar:

"Estamos chegando em algum lugar?" Nossa discussão é etérea demais, distante

demais

da

opressão no meu tórax e do peso em minha cabeça.

- Paciência, Josef. Durante quanto tempo você disse que Arma O. limpou chaminé?

- Sim, levou bastante tempo. Meses! Mas eu e você não dispomos de meses. E havia

uma

diferença: a limpeza de chaminé sempre enfocava sua dor. Mas nossa conversa abstrata

sobre

metas e propósito da vida parece distante de minha dor!

Nietzsche, impassível, continuou como se Breuer não tivesse falado.

- Josef, você disse que todas essas preocupações com a vida se intensificaram quando

chegou

aos quarenta?

- Que perseverança, Friedrich! Você me inspira a ser mais paciente comigo. Se você tem

interesse suficiente para me perguntar sobre os quarenta anos, tenho certamente que

encontrar a

determinação para lhe responder. Os quarenta anos... sim, aquele foi um ano de crise,

minha

segunda crise. Tive uma crise anterior, aos 29, quando Oppolzer, o chefe do curso de

medicina na

universidade, faleceu durante uma epidemia de tifo. Dezesseis de abril de 1871... ainda

me lembro

da data. Ele era meu professor, meu defensor, meu segundo pai.

- Interesso-me por segundos pais - interrompeu Nietzsche. - Conte-me mais.

- Ele foi o grande mestre de minha vida. Todos sabiam que ele estava me treinando para

ser seu

sucessor. Eu era o melhor candida-

to e deveria ter sido escolhido para ocupar sua cátedra vaga. No entanto, isso não

aconteceu.

Talvez eu não tenha ajudado a acontecer. Alguém bem inferior a mim foi nomeado por

razões

políticas, possivelmente também por razões religiosas. Não havia mais lugar para mim e

transferi

meu laboratório, até os pombos que usava como cobaias, para minha casa, passando a

me dedicar

integralmente ao consultório particular. Aquele-disse Breuer tristemente - foi o fim de

minha

carreira acadêmica infinitamente promissora.

- Ao contar que não ajudou a acontecer, que quis dizer? Breuer fitou Nietzsche com

espanto.

- Que transformação de filósofo em clínico! Você desenvolveu ouvidos de médico.

Nada lhe

escapa. Fiz esse comentário porque sei que devo ser honesto. Entretanto, ainda é um

ponto

doloroso. Eu não queria falar a respeito; porém, foi exatamente a afirmação que você

selecionou.

- Veja bem, Josef, no momento exato em que lhe peço para falar de algo contra sua

vontade...

esse é o momento que você escolhe para assumir poder elogiando-me rasgadamente.

Pois bem,

você ainda insiste que a luta pelo poder não é um aspecto importante de nosso

relacionamento?

Breuer despencou de novo na cadeira. "Não, de novo isso?" - pensou. Balançou a mão à sua

frente. - Não vamos reabrir este debate. Por favor, deixe para lá. - Depois, acrescentou. -

Espere! Tenho um último comentário: se você proíbe a expressão de quaisquer

sentimentos

positivos, então você ocasiona exatamente a espécie de relacionamento que previu que

iria

descobrir in vivo. Isso é má ciência: você está adulterando os dados.

- Má ciência? - Nietzsche refletiu por um momento e, depois, anuiu com a cabeça. -

Tem

razão! Debate encerrado! Retornemos a como você não ajudou sua própria carreira.

-Bem, os indícios são abundantes. Eu protelei a redação e publicação de artigos

científicos.

Recusei-me a dar os passos formais preliminares necessários à nomeação para a cátedra.

Não

aderi às associações médicas corretas, nem participei de comissões universitárias, nem

fiz os

contatos políticos corretos. Não sei por quê. Talvez isso tenha a ver com poder. Talvez

eu recue

da arena competitiva. É-me mais fácil competir com o mistério do sistema de equilíbrio

de um

pombo do

qut com outro homem. Penso que é meu problema de competição quç provoca tamanha

dor

quando imagino Bertha com outro homem.

Talvez, Josef, você tenha sentido que um rapaz infinitamente

prEmissor não deveria ter que cavar seu caminho para o alto.

Sim, senti isso também. Mas qualquer que fosse a razão, foi o

de minha carreira académica. Foi a primeira ferida da mortalidaS o primeiro ataque ao

meu

mito da promessa infinita.

- Então, isso foi aos 29. E ao chegar aos quarenta, a segunda

•í.tvO

-Uma ferida mais profunda. Chegar aos quarenta abalou a idéia de que tudo me era

possível.

Subitamente, entendi o fato mais óbvio da vida: que o tempo é irreversível, que minha

vida

estava se consumindo. É claro que eu já sabia disso antes, mas sabê-lo aos quarenta foi uma

espécie diferente de saber. Agora, sei que "o rapaz infinitamente promissor" foi

meramente uma

ordem de marchar, que "promissor" é uma ilusão, que "infinitamente" não tem sentido e que

estou em fileira cerrada com todos os outros homens marchando em direção à morte.

Nietzsche sacudiu a cabeça enfaticamente.

-Você chama a visão clara àe.feridd>. Veja o que você aprendeu, Josef: que o tempo

não

pode ser detido, que a vontade não pode querer para trás. Apenas os afortunados captam

tais

verdades!

- Afortunado? Estranha palavra! Percebo que a morte se aproxima, que sou impotente e

insignificante, que a vida não tem um verdadeiro propósito ou valor... e você chama isso

de

afortunado!

- O fato de que a vontade não pode querer para trás não significa que ela seja impotente!

Porque, graças a Deus, Deus está morto... não quer dizer que a existência não tenha

propósito!

Porque a morte se aproxima... não quer dizer que a vida não tenha valor. Todas essas

sã£>

coisas que lhe ensinarei no momento oportuno. Mas já fizemos bastante hoje, talvez até

demais.

Antes de amanhã, por favor revise nc?ssa discussão. Medite sobre ela!

Surpreso pelo súbito encerramento de Nietzsche, Breuer consultou seu relógio e

constatou que

ainda tinha dez minutos disponíveis. Mas não objetou e deixou o quarto de Nietzsche

com o

alívio do aluno liberado mais cedo da aula.

QUANDO NIETZSCHE CHOROU " 233

Excertos das Anotações do doutor Breuer sobre Eckart Muller de 7 de dezembro de

1882

Paciência, paciência, paciência. Pela primeira vez, aprendo o significado e o valor da

palavra.

Devo manter em mente minha meta de longo prazo. Todos os passos ousados,

prematuros

neste estágio acabam em fracasso. Pense na abertura de xadrez. Avance com as peças

lenta e

sistematicamente. Forme um centro poderoso. Não mova uma peça mais de uma vez.

Não saia

com a rainha cedo demais!

Está dando resultados! O grande passo adiante hoje foi a adoção de prenomes. Ele quase perdeu a voz à minha proposta; mal consegui conter o riso. Com todo seu livre-pensamento, no

fundo é um vienense e adora seus títulos - tanto quanto sua impessoalidade! Após

chamá-lo

repetidamente de Friedrich, começou a reciprocar.

Isso fez diferença na atmosfera da sessão. Em poucos minutos, ele abriu a porta uma

pequena

fresta. Aludiu a ter tido mais do que seu quinhão de crises e a ter quarenta anos aos

vinte!

Deixei passar despercebido -por ora! Mas tenho que retomar a isso!

Talvez, por enquanto, seja melhor esquecer minhas tentativas de ajudá-lo - melhor

simplesmente me submeter aos seus esforços de me ajudar. Quanto mais genuíno eu for,

quanto

menos tentar manipular, melhor será. Ele é como Sig - tem os olhos de um falcão e

distingue

qualquer dissimulação.

Uma discussão estimulante hoje, como os velhos tempos das aulas de filosofia de

Brentano.

Em alguns momentos, fui envolvido por ela. Mas terá sido produtiva? Repeti-lhe

minhas

preocupações com o envelhecimento, com a mortalidade e com a falta de sentido da

vida -

todas as minhas meditações mórbidas. Ele pareceu estranhamente intrigado por meu

antigo

refrão do rapaz infinitamente promissor. Não estou certo de ter entendido seu objetivo

ainda-

se é que existe um!

Hoje seu método está mais claro para mim. Como ele acredita que minha obsessão por

Bertha

serve para me desviar dessas preocupações existenciais, o intento dele é confrontar-me

com

elas, trazê-las à tona, provavelmente aumentar ainda mais minha aflição. Daí, ele

aguilhoa sem

dó e não oferece qualquer ajuda. Dada sua personalidade, 6 claro que não tem nenhuma

dificuldade em fazê-lo.

Ele parece acreditar que um método de discussão filosófica me afetará. Tento mostrara

ele que

tal método não me afeta. Mas ele, assim como eu, vai experimentando e improvisando métodos

enquanto avança. Sua outra inovação metodológica de hoje foi empregar minha técnica

de

"limpeza de chaminé". É-me estranho ser o limpador, e não o supervisor - estranho, mas não

desagradável.

O desagradável e irritante é sua grandiosidade, que se manifesta repetidamente. Hoje,

ele

afirmou que me ensinará o significado e o valor da vida. Mas não agora! Ainda não

estou

preparado para isso!!

Anotações de Friedrich Nietzsche sobre o doutor Breuer de 7 de dezembro de 1882

Finalmente! Uma discussão digna de minha atenção - uma discussão que prova grande

parte

do que pensei. Eis um homem tão oprimido pela gravidade - sua cultura, sua posição,

sua

família -, que jamais conheceu sua própria vontade. Tão preso à conformidade, que

parece

espantado quando falo de escolha, como se estivesse falando uma língua estrangeira.

Talvez a

conformidade sufoque os judeus - a perseguição externa une um povo tão estreitamente,

que

o indivíduo singular não consegue emergir.

Quando o confronto com o fato de que permitiu que sua vida fosse um acidente, ele

nega a

possibilidade de escolha. Ele me diz que ninguém imerso em uma cultura dispõe de

escolha.

Quando delicadamente o confronto com a ordem de Jesus de romper com os pais e a

cultura na

busca da perfeição, ele declara que meu método é etéreo demais e muda de assunto.

É curioso como ele teve o conceito ao seu alcance em uma idade precoce, mas nunca

desenvolveu a visão para enxergá-lo. Ele era "o rapaz infinitamente promissor" - como todos

nós somos -, mas nunca entendeu a natureza de sua promissão. Ele nunca compreendeu

que

seu

dever era aperfeiçoar a natureza, superar a si mesmo, sua cultura, sua famúia, seu

desejo, sua

natureza animalesca brutal, para se tomar quem ele foi. o que ele foi. Ele nunca cresceu,

ele

nunca se desvencilhou de sua primeira pele: ele confundiu a promissão com a realização

de

objetivos materiais e profissionais. E quando alcançou esses objetivos sem jamais ter aquietado

a voz que dizia "Toma-te quem tu és", recaiu no desespero e invectivou a peça nele

pregada.

Mesmo agora ele não capta a verdade!

Existe esperança para ele? Ele ao menos pensa sobre as questões corretas e não recorre

a

embustes religiosos. Mas é medroso demais. Como lhe ensinar a se tomar rijo ? Ele uma

vez

contou que banhos frios ajudam a enrijar a pele. Haverá uma receita para enrijara

determinação? Ele chegou à percepção de que somos regidos não pelo desejo divino,

mas pelo

desejo do tempo. Ele percebe que a vontade é impotente contra o "assim se deu". Terei a habilidade de lhe ensinar a transmutar o "assim se deu" no "assim o

quis"?

Ele insiste em me chamar pelo prenome, embora saiba que não é minha preferência. É

um

pequeno tormento; sou forte o bastante para lhe conceder essa pequena vitória.

236 * QUANDO NffiTZSCHE CHOROU

Carta de Friedrich Nietzsche a Lou Salomé de dezembro de 1882

Lou,

Se eu sofro multo é irrelevante comparado com a questão de se, cara Lou, encontrarás

ou não novamente a tí mesma.

Jamais lidei com uma pessoa tão Infeliz

como tu:

ignorante mas atilada

useira e vezeira em exaurir o conhecido

sem gosto mas ingénua nessa deficiência

honesta e justa em questões miúdas por teimosia geralmente

Na escala maior, toda a postura para com a vida - desonesta

sem qualquer sensibilidade pelo dar ou tomar

sem espírito e incapaz de amar

no afeto sempre doente e próxima da loucura

sem gratidão, sem vergonha para com os benfeitores

em particular

irresponsável

malcomportada

rude em questões de honra

um cérebro com os primeiros sinais de uma alma

personalidade do gato - o predador na pele de animal de estimação

nobreza como reminiscência da familiaridade com pessoas mais nobres

uma vontade forte, mas sem um objeto amplo

sem diligência e pureza

sensualidade cruelmente deslocada

egoísmo infantil como resultado da atrofia e do atraso sexual

sem amor pelas pessoas mas amante a Deus

necessitando de expansão

ardilosa, cheia de autodomínio em relação à sexualidade dos homens

Seu

F.N.

CAPITULO 17

ENFERMEIRAS DA CLÍNICA LAUZON raramente conversavam sobre /ferrMiiller, o

paciente do doutor Breuer do quarto 13. Não havia muito a dizer. Para uma equipe de

enfermagem ocupada, assoberbada, íferrMuller era o paciente ideal. Durante a

primeira

semana,

não sofrera ataques de hemicrania. Fazia poucas exigências e requeria pouca atenção,

afora o

monitoramento dos sinais vitais - pulsação, temperatura, respiração e pressão arterial -

seis

vezes ao dia. As enfermeiras o encaravam - como fizera Frau Becker, a enfermeira de

Breuer

- como um verdadeiro cavalheiro.

Estava claro, porém, que ele valorizava sua privacidade. Jamais puxava conversa.

Quando

interpelado pelo pessoal do hospital ou por outros pacientes, respondia amigável e

sucintamente. Optou por fazer suas refeições no quarto e, após as sess5e§ matinais com o

doutor Breuer (que as enfermeiras supunham consistissem em massagens e tratamentos

elétricos), despendia a maior parte do dia sozinho, escrevendo em seu quarto ou, caso o

tempo

permitisse, rabiscando notas enquanto passeava pelo jardim. Sobre seus escritos,

He/rMuller

educadamente desencorajava perguntas. Sabia-se apenas que estava interessado em

Zaratustra,

um antigo profeta persa.

Breuer estava impressionado com a discrepância entre o modo gentil de Nietzsche na

clínica e

o tom estridente, muitas vezes belicoso em seus livros. Quando questionava o paciente a

respeito, Nietzsche sorria e dizia:

- Não é nenhum mistério. Se ninguém quer ouvir, nada mais natural do que gritar!

Parecia contente com sua vida na clínica. Contou para Breuer não apenas que seus dias

eram

agradáveis e livres da dor, mas também que as conversas diárias entre eles estavam

sendo

produtivas para sua filosofia. Sempre desprezara filósofos como Kant e Hegel que

escreveram

- disse ele - em estilo académico somente para a comunidade académica. A filosofia

dele era

sobre a vida ç. para & vida. As melhores verdades - sempre dizia - eram verdades

sangrentas, extraídas da experiência de vida da própria pessoa.

Antes de seu relacionamento com Breuer, nunca tentara aplicar sua filosofia na prática.

Desprezara negligentemente o problema da aplicação, alegando que não valia a pena se

preocupar com os incapazes de compreendê-lo, enquanto os espécimes superiores

encontrariam por si o caminho para sua sabedoria - se não agora, então cem anos

depois!

Mas seus encontros diários com Breuer o estavam forçando a levar o assunto mais a

sério.

Não obstante, esses dias despreocupados e produtivos em Lauzon não eram tão idílicos

para

Nietzsche como parecia à superfície. Contracorrentes subterrâneas solapavam sua força.

Quase

diariamente, compunha cartas raivosas, saudosas e desesperadas para Lou Salomé. A

imagem

dela invadia incessantemente sua mente e desviava sua energia de Breuer, de

Zaratustra

e da

pura curtição dos dias livres de dor.

Quer a uma visão superficial ou profunda, a vida de Breuer durante a primeira semana da

hospitalização de Nietzsche foi opressiva e atormentada. As horas passadas em Lauzon

se

adicionavam a uma programação já sobrecarregada. Uma regra invariável da medicina

vienense era que quanto pior o tempo, mais ocupado o médico. Durante semanas, um

inverno

rigoroso, com céus constantemente cinzentos, rajadas enregelantes de vento norte e uma

atmosfera pesada e úmida, enviou paciente após paciente arrastando-se em um fluxo

constante

ao seu consultório.

As doenças de dezembro dominavam a agenda de Breuer: bronquite, pneumonia,

sinusite,

amigdalite, otite, faringjte e enfisema. Além disso, sempre surgiam pacientes com

doenças

nervosas. Naquela primeira semana de dezembro, dois novos jovens pacientes

com esclerose disseminada adentraram seu consultório. Breuer tinha um ódio especial

por esse

diagnóstico; não tinha absolutamente nenhum tratamento a oferecer contra a doença e

temia o

dilema entre informar ou não seus jovens pacientes do destino à frente: invalidez

crescente e

surtos de fraqueza, paralisia ou cegueira que poderiam atacar a qualquer momento.

Também naquela primeira semana, surgiram dois novos pacientes sem indícios de

patologia

orgânica e que - tinha Breuer certeza - sofriam de histeria. A primeira, uma mulher de

meia-

idade, vinha, nos últimos dois anos, experimentando acessos espasmódicos sempre que

era

deixada sozinha. A outra paciente, uma menina de dezessete anos, sofria de um

problema

espástico das pernas, só conseguindo andar usando dois guarda-chuvas como

bengalas.

Em

intervalos irregulares, tinha lapsos de consciência em que gritava frases estranhas tais

como:

"Deixe-me! Vá embora! Não estou aqui! Não sou eu!"

Ambos os pacientes - acreditava Breuer - eram candidatos ao tratamento através da

conversa, aplicado em Anna O. Entretanto, aquele tipo de tratamento custara caro

demais - em

termos de seu tempo, de sua reputação profissional, de seu equilíbrio mental e de seu

casamento. Embora jurasse jamais o aplicar novamente, achou desmoralizante recorrer

ao

regime terapêutico convencional e ineficaz: fortes massagens musculares e estimulação

elétrica

consoante as diretrizes precisas, porém não confirmadas, que Wilhelm Erb prescrevera em seu

amplamente utilizado Manual da Terapêutica Elétrica.

Ah! Se pudesse encaminhar esses dois pacientes a outro médico! Mas a quem?

Ninguém queria

tais pacientes. Em dezembro de 1882, não havia, afora ele, ninguém em Viena -

ninguém em

toda a Europa - que soubesse como tratar a histeria.

Mas Breuer estava exausto não pelas obrigações profissionais, mas pelo tormento

psicológico

que se auto-impusera. A quarta, quinta e sexta sessões seguiram a agenda estabelecida

no

terceiro encontro: Nietzsche o instou a confrontar as questões existenciais de sua vida,

especialmente sua preocupação com a falta de propósito, seu conformismo e falta de

liberdade

e seu temor do envelhecimento e da morte. Se Nietzsche realmente quer que eu me sinta

mais

miserável - pensou Breuer -, deve estar satisfeito com meu progresso.

Breuer se sentia realmente miserável. Alienava-se cada vez mais de Mathilde. A

ansiedade o

oprimia. Não conseguia se libertar da pressão no tórax. Dir-se-ia que um tomo gigante

esmagava suas costelas. Sua respiração era superficial. Vivia se exortando a respirar

profundamente; todavia, por mais que tentasse, não conseguia exalar a tensão que o

oprimia.

Os cirurgiões haviam então aprendido a inserir um tubo torácico para drenar o líquido

pleura!

de um paciente; às vezes, imaginava enfiar tubos no peito e nas axilas a fim de sugar sua

angústia, sua Angst. Noite após noite, era acometido de sonhos terríveis e de grave

insónia.

Após alguns dias, estava tomando mais cloral para dormir do que Nietzsche.

Perguntava-se até

onde conseguiria continuar. Valeria a pena viver tal vida? As vezes, pensava em tomar

uma

dose excessiva de Veronal. Vários de seus pacientes haviam suportado um sofrimento

como

aquele durante anos. Bem, eles que o fizessem! Eles que se agarrassem a uma vida

miserável,

sem sentido. Mas não ele!

Nietzsche, supostamente ali para ajudá-lo, pouco o confortava. Ao descrever sua

angústia,

Nietzsche a descartava como trivial:

- E claro que você sofre, é o preço da visão. E claro que você sente medo, viver significa

correr perigo. Torne-se rijo! - exortava ele. - Você não é uma vaca e eu não sou apóstolo

da

ruminação.

Na noite de segunda-feira, uma semana após terem firmado o contrato, Breuer percebeu

que o

plano de Nietzsche não ia lá das pernas. Nietzsche teorizara que as fantasias com Bertha

seriam

uma tática diversionista por parte da mente - uma das táticas de "caminho de fundos" da mente - para evitar encarar as preocupações existenciais bem mais dolorosas que

clamavam

por atenção. Enfrente as importantes questões existenciais - insistira Nietzsche -, e as

obsessões por Bertha simplesmente desaparecerão.

Só que elas não desapareciam! As fantasias se opuseram à sua resistência com um vigor

ainda

maior! Elas demandavam ainda mais dele: mais de sua atenção, mais de seu futuro.

Novamente,

Breuer imaginou mudar de vida, encontrar algum meio de fugir de sua prisão - sua

prisão

matrimonial-cultural-profissional - e fugir de Viena com Bertha nos braços.

Uma fantasia específica ganhava força. Imaginou-se retornando para casa uma noite e

topando

com um aglomerado de vizinhos e de

bombeiros em sua rua. Sua casa pegava fogo! Atira o paletó sobre a cabeça, investe

contra os

braços que tentam detê-lo e sobe as escadas para dentro da casa em chamas a fim de

salvar a

família. Mas as chamas e a fumaça tornam o salvamento impossível. Ele perde a

consciência e é

resgatado pelos bombeiros, que informam que toda sua família pereceu no fogo:

Mathilde,

Robert, Bertha, Dora, Margarethe e Johannes. Todos elogiam sua tentativa corajosa de

salvar a

família, todos estão pesarosos com sua perda. Ele sofre profundamente, sua dor é

indizível.

Mas está livre! Livre para Bertha, livre para escapar com ela, talvez para a Itália, talvez

para a

América, livre para começar tudo de novo.

Mas dará certo? Ela não será jovem demais para ele? Seus interesses coincidem? O

amor

perdurará? Tão logo essas questões vêm à baila, o ciclo se repete: novamente ele está na

rua,

observando sua casa ser consumida pelas chamas!

A fantasia se defendia furiosamente contra interrupções: uma vez iniciada, tinha que chegar ao

fim. As vezes, mesmo no breve intervalo entre pacientes, Breuer se via diante de sua

casa em

chamas. Se calhasse de Frau Becker entrar em seu consultório nesse momento crítico,

fingia

estar fazendo anotações na ficha de um paciente e pedia que ela retornasse um pouco

depois.

Quando estava em casa, não conseguia olhar para Mathilde sem sofrer de paroxismos de

culpa

por tê-la incluído na casa em chamas. Assim, passou a olhá-la menos, a passar mais

tempo no

laboratório em pesquisas com seus pombos, a ir mais noites no café, a jogar Tarock com

os

amigos duas vezes por semana, a aceitar mais pacientes e a retornar para casa muito,

muito

cansado.

E o projeto Nietzsche? Deixara de lutar ativamente para ajudar o filósofo, refugiando-se

em um

novo pensamento: quiçá a melhor forma de ajudar Nietzsche fosse deixar que este o

ajudasse\

Nietzsche parecia ir bem. Não estava abusando das drogas, dormia otimamente com

apenas

meia dose de cloral, estava com apetite, não tinha dores gástricas e sua enxaqueca não

retornara.

Breuer passou a reconhecer plenamente seu próprio desespero e sua necessidade de

ajuda.

Parou de enganar a si mesmo; parou de fingir que estava conversando com Nietzsche

em

benefício de Nietzsche\ que as sessões de conversa eram uma trama, uma estratégia

sagaz para induzi-lo a falar sobre o desespero dele. Breuer se maravilhou com o poder

de

sedução do tratamento através da conversa. Ele foi totalmente atraído; fingir estar

fazendo

tratamento era fazê-lo. Era estimulante desabafar-se, compartilhar todos os seus piores

segredos, contar com a atenção exclusiva de alguém que, na maior parte do tempo,

entendia,

aceitava e parecia até perdoá-lo. Muito embora algumas sessões o fizessem sentir-se

pior, ele

inexplicavelmente ansiava pela próxima. Sua confiança nas habilidades e na sabedoria

de

Nietzsche aumentou. Não havia mais dúvida em sua mente quanto ao poder de

Nietzsche de

curá-lo; oxalá ele, Breuer, pudesse encontrar o caminho para tal poder!

E Nietzsche como pessoa? Nosso relacionamento - Breuer se perguntava - mantém-se

puramente profissional? Certamente ele me conhece melhor, ou ao menos sabe mais

sobre mim,

do que qualquer outro no mundo. Gosto dele? Ele gosta de mim? Somos amigos?

Breuer

estava em dúvida sobre todas essas perguntas - ou sobre se conseguiria se preocupar

com

alguém que permanecia tão distante. Conseguirei ser leal? Ou também eu um dia o

trairei?

Foi então que algo inesperado aconteceu. Certa manhã, após deixar Nietzsche, Breuer

chegou

ao consultório, sendo saudado como de hábito por Frau Becker. Ela lhe passou uma lista

de

doze pacientes com marcas vermelhas ao lado do nome de quem já havia chegado e um

envelope azul vivo no qual reconheceu a letra de Lou Salomé. Breuer abriu o envelope

selado

e dele extraiu um cartão de margem prateada:

Dr. Breuer

Espero vê-lo esta tarde.

11 de dezembro de 1882

Lou

Lou! Nenhuma reserva quanto a chamá-la pelo prenome! - Breuer pensou e, então,

percebeu

que Frau Becker estava falando.

- A senhorita russa esteve aqui uma hora atrás querendo vê-lo - explicou Frau Becker,

franzindo a testa normalmente lisa. -Tomei a liberdade de informar que sua agenda está

sobrecarregada nesta ma-

nhã, e ela afirmou que voltaria às cinco. Fi-la saber que sua agenda vespertina está

igualmente

repleta. Então, ela pediu o endereço em Viena do professor Nietzsche, ao que lhe disse

nada

saber a respeito e que ela teria que conversar com o senhor. Agi da forma correta?

- Claro, Frau Becker, como sempre. Mas a senhora parece perturbada? - Breuer sabia

que

ela não apenas detestara Lou Salomé na primeira visita da jovem russa, mas também a culpara

por toda a aventura incómoda com Nietzsche. A visita diária à Clínica Lauzon

complicava tanto

a agenda do consultório de Breuer, que ele agora raramente tinha tempo para dar

atenção à

enfermeira.

- Para ser honesta, doutor Breuer, fiquei irritada por ela vir ao seu consultório já cheio

de

pacientes e achar que o senhor a estaria esperando e a atenderia na frente dos outros. E,

para

piorar, pedirme o endereço do professor! Há algo de errado nisso: agir pelas suas costas

e

também pelas do professor!

- Por isso eu disse que agiu da forma correta - disse Breuer em tom confortador. - A

senhora foi discreta, encaminhou-a para mim e protegeu a privacidade de nosso

paciente.

Ninguém teria se saído melhor. Agora, mande entrar o senhor Wittner.

Cerca de cinco e quinze, Frau Becker anunciou a chegada de Frãulein Salomé e, no

mesmo

fôlego, lembrou Breuer de que cinco pacientes ainda esperavam pela consulta.

- Quem devo mandar primeiro? A senhora Mayer está esperando há quase duas horas.

Breuer se sentiu pressionado. Sabia que Lou Salomé esperava ser chamada

imediatamente.

- Mande entrar a senhora Mayer. Frãulein Salomé será a próxima.

Vinte minutos depois, quando Breuer estava em meio a suas anotações sobre a senhora

Mayer,

Frau Becker conduziu Lou Salomé para dentro do consultório. Breuer se pôs

rapidamente de

pé e levou aos lábios a mão por ela oferecida. Desde o último encontro, a imagem dela

se

desvanecera em sua mente. Agora, estava novamente impressionado com a beleza da

jovem.

Como seu consultório subitamente ficara mais brilhante!

- Ah, gnádiges Frãulein, que prazer! Eu me esquecera!

- Já me esquecera, doutor?

244 QUANDO NIETZSCHE CHOROU

Não, não a senhonta, apenas esquecera quão prazeroso é vê-la.

Então, olhe com mais cuidado desta vez. Aqui, primeiro este

lado - Lou Salomé virou a cabeça coquetemente primeiro para a direita, depois para a

esquerda

- e agora o outro. Disseram-me que este é o meu melhor lado. O senhor também acha?

Mas

agora, digame... preciso saber: leu meu bilhetinho? Será que não se ofendeu com

ele?

Me ofendi? Não, claro que não, embora esteja um pouco chateado por dispor de tão

pouco tempo

para lhe oferecer... talvez apenas quinze minutos. - Indicou uma cadeira e, enquanto ela

se

acomodava graciosa, lentamente, como se tivesse à disposição todo o tempo

do mundo -, Breuer sentou-se na cadeira ao lado. - A senhorita viu minha sala de espera

repleta. Infelizmente, não há nenhuma brecha em meu horário de hoje.

Lou Salomé parecia imperturbável. Embora anuísse compassivamente com a cabeça,

dava a

impressão de que a sala de espera de Breuer não teria nada a ver com ela.

- Ainda tenho - ele acrescentou - que visitar diversos pacientes em suas casas e, à noite,

tenho

uma reunião na sociedade médica.

- É o preço do sucesso, professor. Breuer continuou batendo na mesma tecla.

-Diga-me, cara senhonta, por que viver tão perigosamente? Por que não escrever com

antecedência de modo que eu possa reservar tempo para você? Há dias em que não

tenho

nenhum momento livre e em outros sou chamado para consultas fora da cidade. A

senhorita

poderia ter vindo a Viena e simplesmente não ter conseguido me ver. Por que correr o

risco de

uma viagem em vão?

- Durante toda a minha vida, as pessoas têm me alertado para tais riscos. Porém, até

agora,

nunca, nem uma vez, fiquei desapontada. Veja hoje, este momento! Eis-me aqui falando

com o

senhor. E talvez eu pernoite em Viena e possamos nos rever amanhã. Então, diga-me,

doutor: por

que deveria mudar um comportamento que parece funcionar tão bem? Além disso, sou

impetuosa

demais; muitas vezes, não consigo escrever com antecedência porque não planejo com

antecedência. Tomo decisões rapidamente e passo para a ação também rapidamente.

Porém, caro

doutor Breuer - continuou Lou se-

renamente -, não quis dizer nada disso quando lhe perguntei se ficou ofendido com meu

bilhete.

Imaginei que pudesse estar ofendido com minha informalidade, por eu usar meu

prenome. A

maioria dos vienenses se sente ameaçada ou despojada sem os títulos formais mas eu

abomino a

distância desnecessária. Gostaria que me chamasse de Lou.

Meu Deus, que mulher formidável e provocante - pensou Breuer. Malgrado seu

desconforto, não

viu como protestar sem se aliar com os enfadonhos vienenses. Subitamente, enxergou a

posição

desagradável em que pusera Nietzsche alguns dias antes. Contudo, ele e Nietzsche eram

contemporâneos, enquanto Lou Salomé tinha metade da sua idade.

- Claro, será um prazer. Sou contra qualquer barreira entre nós.

- Ótimo, então me chamará de Lou. Agora, quanto aos pacientes na sala de espera, saiba

que

tenho o maior respeito por sua profissão. Aliás, meu amigo Paul Rée e eu muitas vezes

discutimos

planos de entrarmos na escola de medicina. Sei o que são as obrigações para com os

pacientes e

irei diretamente ao assunto. Já deve ter pressentido que trago hoje perguntas e

informações

importantes sobre nosso paciente... se é que ainda estejam se encontrando. Soube pelo

professor

Overbeck apenas que Nietzsche deixou a Basiléia para vir se consultar com o senhor. E

tudo que

sei.

- Sim, temos nos encontrado. Mas conte-me, senhorita, que informações traz?

- Cartas de Nietzsche; tão selvagens, raivosas e confusas, que às vezes parece ter

enlouquecido.

Ei-las - entregou a Breuer um maço de papéis. - Enquanto esperava por nosso encontro

hoje,

copiei alguns trechos para você.

Breuer olhou a primeira página, com a letra delicada de Lou Salomé:

Oh! A melancolia... onde haverá um oceano no qual realmente se afogai?

Perdi o pouco que tinha: meu renome, a confiança de algumas pessoas. Perderei meu amigo Rée - Perdi todo o ano

devido às terríveis torturas que me escravizam mesmo agora.

Perdoa-se aos amigos com mais dificuldade do que aos Inimigos.

QUANDO NIETZSCHE CHOROU

Embora houvesse muito mais, Breuer parou subitamente. Por mais fascinantes que

fossem as

palavras de Nietzsche, sabia que cada Unha lida era uma traição ao seu paciente.

- Bem, doutor Breuer, o que acha destas cartas?

- Diga-me novamente por que achou que eu devo vê-las.

- Bem, recebi-as todas de uma vez. Paul as estava escondendo de mim, mas decidiu que

não

tinha direito de fazê-lo.

- Mas por que é tão importante que eu as veja?

- Continue lendo! Veja o que Nietzsche diz! Achei que um médico precisa desta

informação.

Ele menciona o suicídio. Além disso, muitas das cartas são muito confusas: talvez suas

faculdades mentais estejam se deteriorando. Ademais, sou apenas humana... todos estes

ataques

contra mim, amargos e dolorosos... não posso simplesmente ignorá-los. Para ser

honesta,

preciso da sua ajuda!

- Que tipo de ajuda?

- Respeito sua opinião; o senhor é um observador atilado. Também me encara dessa

forma?

- Percorreu as cartas. - Ouça estas acusações: "Uma mulher sem sensibilidade... sem

espírito... incapaz de amar... irresponsável... rude em questões de honra." Ou esta: "Um predador na pele de animal de estimação", ou ainda esta: "Es uma pequena malfeitora e pensava que fosses a corporificação da virtude e da honradez."

Breuer abanou energicamente a cabeça.

- Não, claro que não a vejo desta forma. Mas com nossos poucos encontros, tão breves e

metódicos, que valor minha opinião pode ter? E essa realmente a ajuda que procura de

mim?

- Sei que muito do que Nietzsche escreve é impulsivo, escrito com raiva, escrito para

me

punir. O senhor conversou com ele. E conversou sobre mim, estou certa. Preciso saber o que

ele realmente pensa de mim. E isso que lhe peço. O que ele diz a meu respeito? Ele

realmente

me odeia? Ele me vê como tal monstro?

Breuer ficou sentado em silêncio por alguns momentos, refletindo sobre todas as

implicações

das perguntas de Lou Salomé.

- Mas eis que lhe faço novas perguntas - continuou a jovem - sem que tenha respondido

às

anteriores. Conseguiu persuadi-lo a falar consigo? Ainda se encontra com ele? Estão

progredindo? Aprendeu a se tornar um doutor do desespero?

Pausou fitando diretamente os olhos de Breuer à espera de uma resposta. Ele sentiu a

pressão

crescer, pressão de todos os lados: dela, de Nietzsche, de Mathilde, dos pacientes na sala

de

espera, de Fmu Becker. Teve gana de gritar. Finalmente, respirou profundamente e

respondeu:

- Gnãdiges Frãulein, sinto dizer que a única resposta que posso dar é nenhuma.

- Nenhuma! - exclamou surpresa. - Doutor Breuer, não estou entendendo.

-Ponha-se em meu lugar. Embora as perguntas que me formula sejam totalmente

razoáveis,

não podem ser respondidas sem que eu viole a privacidade do paciente.

- Quer dizer, então, que ele é seu paciente e que o senhor continua vendo-o?

- Sinto muito, não posso responder sequer essa pergunta.

- Mas, no meu caso, a coisa é diferente - ela retrucou indignando-se. - Não sou uma

estranha ou a cobradora de uma dívida.

- Os motivos do inquiridor são irrelevantes. O relevante, isso sim, é o direito à

privacidade do

paciente.

- Mas este não é um tratamento médico comum! Todo este projeto foi idéia minha! Sou

a

responsável por trazer Nietzsche à sua presença para impedir o suicídio dele.

Certamente sou

digna de conhecer o resultado de meus esforços.

- Sim, é como projetar uma experiência e querer saber o resultado.

- Exatamente. O senhor não me privará dele?

- Mas e se o fato de eu contar o resultado prejudicar a experiência?

- Como isso seria possível?

Confie em meu parecer neste assunto. Lembre-se, a senhorita me procurou por me

considerar

um experto. Logo, peço que me trate como um experto.

Mas, doutor Breuer, não sou um espectador desinteressado, uma mera testemunha no

local do

acidente com uma curiosidade mórbida sobre o destino da vítima. Nietzsche foi

importante para

mim... continua sendo importante. Além disso, conforme mencionei, creio que tenho

certa

responsabilidade por seu sofrimento. - A

248 QUANDO NIETZSCHE CHOROU

voz ^ela ficou mais aguda. - Eu também estou sofrendo. Tenho o

saber.

Sim, compreendo seu sofrimento. Porém, como médico, me preocupar em primeiro

lugar com

meu paciente e me colocar d° lado dele. Talvez um dia, se for em frente em seus planos

de se

torn^ médica, venha a compreender minha posição. -- E meu sofrimento? Não conta

nada?

-- Sofro com seu sofrimento, mas nada posso fazer. Sugiro que procure ajuda em outro

lugar.

- Pode me informar o endereço de Nietzsche? Só consigo contactá-lo através de

Overbeck,

que pode não estar mandando minhas cartas para ele!

Finalmente, Breuer se irritou com a insistência de Lou Salomé. A posição que deveria

tomar

tornou-se mais clara.

- A senhorita está levantando questões difíceis sobre o dever de um médico para com

seus

pacientes. Vejo-me forçado a tomar posições sobre as quais não raciocinei direito. Mas

acredito, agora, que não posso lhe contar nada: nem onde ele vive, nem sobre seu estado de

saúde, nem mesmo se é meu paciente. E, por falar em pacientes, Fràulein Salomé -

bradou,

levantando-se da cadeira -, tenho vários me esperando.

Enquanto também Lou Salomé se punha de pé, Breuer lhe entregou as cartas que

trouxera.

- Tenho que devolvê-las à senhorita. Entendo por que as trouxe, mas se, conforme diz,

seu

nome é veneno para ele, então estas cartas não têm utilidade para mim. Creio que errei

ao

chegar a lê-las.

Rapidamente, ela apanhou as cartas, virou-se e, sem uma palavra, saiu esbravejando.

Coçando a testa, Breuer sentou-se novamente. Teria presenciado a última cena de Lou

Salomé?

Duvidou disso! Quando Frau Becker adentrou o consultório para perguntar se poderia

mandar

entrar o senhor Pfefferman, que tossia violentamente na sala de espera, Breuer pediu

que

esperasse alguns minutos.

- O tempo que quiser, doutor Breuer; só me avise. Que tal uma boa xícara de chá

fumegante?

- Mas ele fez que não com a cabeça e, ao se ver a sós novamente, cerrou os olhos e

ansiou

por repouso. Visões de Bertha o assaltaram.

: CAPITULO 18

MAIS BREUER PENSAVA NA VISITA de Lou Salomé, mais zangado se tornava.

Não

zangado com ela - em relação a ela, sentia agora principalmente medo -, mas zangado

com

Nietzsche. O tempo todo em que o repreendera pela preocupação com Bertha, por -

quais

eram suas palavras? - "alimentar a vala do desejo" ou "remexer o lixo de sua

mente", Nietzsche estivera remexendo e se refocilando da mesma forma.

Não, não deveria ter lido nenhuma palavra daquelas cartas. Mas não pensara nisso com

rapidez

suficiente e, agora, o que poderia fazer com o que vira? Nada! Nada daquilo - nem as

cartas,

nem Lou Salomé - poderia compartilhar com Nietzsche.

Estranho que Nietzsche e ele compartilhassem a mesma mentira, cada um escondendo Lou

Salomé do outro. A dissimulação afetaria Nietzsche da mesma forma como o afetava?

Nietzsche se sentiria venal? Culpado? Haveria uma forma de explorar essa culpa em

benefício

de Nietzsche?

Vá devagar - disse para si Breuer na manhã de domingo, ao subir a larga escadaria de

mármore em direção ao quarto 13. Não tome nenhuma medida radical! Algo

significativo está

tendo lugar. Veja quão longe chegamos em apenas uma semana!

- Friedrich - disse Breuer imediatamente após completar um breve exame físico. - Tive

um

sonho estranho com você esta noite. Estou na cozinha de um restaurante. Cozinheiros

desleixados esparramaram óleo por todo o chão. Eu escorrego no óleo e deixo cair

uma navalha, que se aloja numa fenda. Aí você entra, embora com um aspecto diferente

do seu.

Você traja um uniforme de general, mas sei que é você. Você tenta me ajudar a

recuperar a

navalha. Eu peço para não tentar, pois irá enfiá-la ainda mais fundo na fenda. Mesmo

assim,

você tenta e realmente afunda ainda mais a navalha. Ela está presa na fenda e, sempre

que tento

extraí-la, corto meus dedos. - Parou e olhou com expectativa para Nietzsche. - O que

acha

deste sonho?

- O que foce acha, Josef?

- A maior parte dele, como a maioria dos meus sonhos, é bobagem... exceto aquela parte

sobre você, que deve ter um significado.

- Ainda consegue ver o sonho em sua mente? Breuer fez que sim com a cabeça.

- Fique olhando-o e limpe chaminé sobre ele.

Breuer hesitou, parecendo desanimado, mas depois tentou se concentrar.

- Vejamos, eu deixo cair algo, minha navalha, e você aparece...

- Num uniforme de general.

- Sim, você aparece trajado de general e tenta me ajudar... mas não consegue.

- Na verdade, eu pioro as coisas... eu enterro a navalha ainda mais fundo.

- Bem, tudo isso se enquadra com o que venho dizendo. As coisas estão piorando: minha

obsessão por Bertha, a fantasia do incêndio na casa, a insónia. Temos que tentar algo

diferente!

- Estou vestido de general?

-Bem, essa parte é fácil. O uniforme deve se referir ao seu estilo imponente, ao seu

discurso

poético, às suas proclamações. - Encorajado pelas novas informações de Lou Salomé,

Breuer

continuou. •- Simboliza sua recusa em se juntar a mim de uma forma mais terra-a-terra.

Tomemos, por exemplo, meu problema com Bertha. Com base em meu trabalho com

pacientes,

sei como são comuns os problemas com o sexo oposto. Praticamente ninguém escapa

das

dores do amor. Goethe o sabia e daí o poder de Os sofrimentos do jovem Werther. seu

amor

desesperado atingiu a verdade de cada homem. Certamente, isso deve ter acontecido

consigo.

- Sem obter uma resposta de Nietzsche, Breuer pressionou ainda mais. - Aposto um

dinheirão como você já viveu uma experiência similar. Por que

não compartilha-la comigo, de sorte que ambos possamos conversar honestamente

como

iguais?

- E não mais corrjo general e cabo, como poderoso e impotente! Oh! Desculpe, Josef;

concordei em não falar sobre o poder, mesmo quando é tão óbvio que golpeia nossa

cabeça!

Quanto ao amor, não nego o que você diz: que todos nós, eu inclusive, experimentamos

sua

dor. Você mencionou o jovem Werther- continuou Nietzsche -, mas deixe-me lembrar-

lhe

as palavras de Goethe: "Se um homem e não siga a mim, mas a ti! Apenas a ti!" Você

sabia que

ele acrescentou esta frase à segunda edição porque tantos rapazes seguiram o exemplo

de

Werther e se suicidaram? Não, Josef, o importante não é eu lhe contar sobre meu

caminho, e

sim ajudá-lo a encontrar o seu caminho a fim de crescer para fora do desespero. Agora,

e

quanto à navalha do sonho?

Breuer hesitou. O reconhecimento de Nietzsche de que ele também experimentara as

dores do

amor era uma importante revelação. Deveria aprofundá-la? Não, por ora aquilo era suficiente.

Permitiu que sua atenção voltasse para si mesmo.

- Não sei o porquê da navalha no sonho.

- Lembre-se de nossas regras, Josef. Não tente raciocinar. Apenas limpe chaminé. Diga

tudo

que lhe ocorre. Não omita nada. - Nietzsche reclinou-se e fechou os olhos, à espera da

resposta de Breuer.

- Navalha, navalha... ontem à noite, vi um amigo, um oftalmologista chamado Carl

IColler,

que tem o rosto totalmente barbeado. Pensei esta manhã em cortar fora minha barba...

mas

muitas vezes penso nisso.

- Continue limpando chaminé!

- Navalha... pulso... tenho um paciente, um homem jovem desesperado por ser

homossexual,

que cortou o pulso com uma navalha alguns dias atrás. Irei visitá-lo mais tarde. Seu

nome, aliás,

é Josef. Embora eu não pense em cortar meus pulsos, tenho pensamentos, conforme já

lhe

contei, sobre o suicídio. São pensamentos ociosos... não é um planejamento. Sinto-me

bastante

remoto do ato de me matar. Seria tão provável como eu queimar minha família e

carregar

Bertha para a América,., contudo, penso cada vez mais no suicídio.

252 " QUANDO NIETZSCHE CHOROU

-Todos os pensadores sérios contemplam o suicídio - observou Nietzsche. - E um

consolo

que nos ajuda a atravessar a noite. - Abriu os olhos e se voltou para Breuer. - Você diz

que

devemos tentar algo diferente para ajudá-lo. O que, por exemplo?

- Atacar minha obsessão diretamente! Ela está me arruinando. Está consumindo toda a

minha

vida. Não estou vivendo agora. Estou vivendo no passado ou num futuro que jamais

virá.

- Porém, mais cedo ou mais tarde, sua obsessão terá que ceder, Josef. Meu modelo é tão

obviamente correto. Está tão claro que, por detrás de sua obsessão, estão seus temores

básicos

da existência. Também está claro que, quanto mais falamos explicitamente desses

temores, mais

forte se torna sua obsessão. Não vê como sua obsessão procura desviar sua

atenção desses

fatos profundos da vida? E a única forma que conhece de atenuar seus temores.

-Mas Friedrich, não estamos discordando. Estou me persuadindo de seu ponto de vista e

acredito agora que seu modelo esteja correto. Mas atacar minha obsessão diretamente

não é

invalidar o modelo. Certa vez, você descreveu minha obsessão como um fungo ou uma

erva

daninha. Concordo com isso e concordo também em que, se tivesse cultivado minha

mente

diferentemente há muito tempo, essa obsessão jamais deitaria raízes. Mas agora que ela

se

instalou, precisa ser erradicada, extirpada. A forma como você o está fazendo é lenta

demais.

Nietzsche se inquietou em sua cadeira, obviamente incomodado pela crítica de Breuer.

- Teria sugestões específicas para a erradicação?

- Sou um escravo da obsessão: ela nunca me deixará descobrir como escapar. Por isso,

pergunto-lhe sobre sua experiência com tal dor e sobre os métodos que usou para

escapar.

- Mas foi exatamente isso que tentei fazer na semana passada quando lhe pedi para

observar a

si mesmo de uma grande distância - respondeu Nietzsche. - Uma perspectiva cósmica

sempre atenua a tragédia. Se subirmos bastante, atingiremos uma altura da qual a

tragédia

deixará de parecer trágica.

- Sim, sim, sim - Breuer se aborrecia cada vez mais. - Sei disso intelectualmente.

Mesmo

assim, Friedrich, uma frase como "uma altura da qual a tragédia deixará de parecer

trágica"

simplesmente não

faz com que me sinta melhor. Perdoe-me se pareço impaciente, mas existe um fosso, um

imenso

fosso, entre saber algo intelectualmente e sabê-lo emocionalmente. Muitas vezes,

quando fico

acordado de noite com medo de morrer, recito para mim a máxima de Lucrécio: "Onde

a morte

está, eu não estou. Onde estou, a morte não está." Eis uma verdade de uma

racionalidade

suprema e irrefutável. Porém, quando estou realmente assustado, ela nunca funciona, ela

jamais

acalma meus temores. Essa é a falha da filosofia. Ensinar filosofia e aplicá-la na vida são

empreendimentos bastante diferentes.

- O problema, Josef, é que sempre que abandonamos a racionalidade e recorremos às

faculdades inferiores para influenciar os homens, resulta um homem inferior e mais

vulgar.

Quando diz que deseja algo que funcione, tem em mente algo capaz de influenciar as

emoções.

Bem, existem especialistas nisso! Quem são eles? Os sacerdotes! Eles conhecem os

segredos da

influência! Eles manipulam com musica inspiradora, eles nos apequenam com pináculos

altaneiros e naves monumentais, eles encorajam o desejo de submissão, eles oferecem a

orientação sobrenatural, a proteção contra a morte, até a imortalidade. Mas veja

o preço

que

cobram: escravidão religiosa; reverência pelos fracos; estase; ódio ao corpo, à alegria, a

este

mundo. Não, não podemos recorrer a esses tranqüilizantes, a esses métodos

antihumanos!

Precisamos encontrar formas melhores de aprimorar nossos poderes da razão.

- O diretor da peça encenada em minha mente - respondeu Breuer-, aquele que decide

me

enviar imagens de Bertha e de minha casa pegando fogo, não parece afetado pela razão.

-Mas sem dúvida- e Nietzsche agitou seus punhos cerrados -, você tem que perceber que

não existe realidadeem qualquer uma de suas preocupações! Sua visão de Bertha, a aura

de

atração e amor que a cerca, na verdade não existem. Esses pobres fantasmas não fazem

parte

da realidade numênica. Toda visão é relativa, assim como todo conhecimento.

Inventamos

nossas experiências. E o que inventamos podemos destruir.

Breuer abriu a boca para protestar; aquele era exatamente o tipo de exortação que não

levava a

nada, mas Nietzsche continuou.

- Deixe-me esclarecer melhor, Josef. Tenho um amigo, ou melhor, tinha, chamado Paul

Rée,

um filósofo. Ambos acreditamos que

254 " QUANDO

Deus está morto. Ele conclui que uma vida sem Deus não faz sentido e seu tormento é

tamanho

que flerta com o suicídio: por via das dúvidas, porta sempre um frasco de veneno

pendurado

ao pescoço. Para mim, porém, a ausência de Deus é motivo de regozijo. Eu exulto em minha

liberdade. Digo a rnim mesmo: "O que haveria para criar se os deuses existissem?"

Entendeu o

que quero dizer? A mesma situação, os mesmos dados dos sentidos... mas duas

realidades!

Breuer afundou abatido em sua cadeira, agora desanimado demais até para se alegrar

com a

menção de Nietzsche a Paul Rée.

- Continuo afirmando que esses argumentos não me afetam - reclamou. - De que serve

essa filosofice? Ainda que inventemos a realidade, nossas mentes são estruturadas de

forma a

nos esconder esse fato.

- Mas veja sua realidade - protestou Nietzsche. - Uma boa olhada poderá lhe mostrar

quão

transitória, quão absurda ela é! Veja o objeto de seu amor, essa aleijada da Bertha... que

homem racional conseguiria amá-la? Você me conta que ela muitas vezes não consegue

ouvir,

fica vesga, torce braços e ombros. Ela não consegue beber água, nem andar, nem falar

alemão

de manhã; alguns dias, ela fala inglês; outros dias, francês. Como as pessoas sabem

como se

dirigir a ela? Ela deveria carregar um letreiro, como nos restaurantes, avisando qual o

idioma

do dia. - Nietzsche deu um grande sorriso, divertindo-se com a piada. Mas

Breuer não

achou

graça. Sua expressão se toldou.

- Por que você a insulta tanto? Você nunca menciona seu nome sem acrescentar "a

aleijada"!

- Eu apenas repito o que você me contou.

-É bem verdade que ela está doente... mas sua doença não é tudo nela. Ela também é

uma

mulher belíssima. Se você sair com ela na rua, todos os olhares se voltarão em sua

direção. Ela

é inteligente, talentosa, altamente criativa... uma boa escritora, uma arguta crítica das

artes,

gentil, sensível e, acredite, carinhosa.

-Não ião carinhosa e sensível, me parece. Veja como ela o ama! Ela tenta seduzi-lo a

cometer

o adultério.

Breuer fez que não com a cabeça.

- Não, não é verdade... Nietzsche interrompeu.

- Sim, sim! Não há como negar. Sedução é a palavra correta. Ela se inclina sobre você,

fingindo que não consegue andar. Repousa a cabeça em seu colo, com os lábios perto de

sua

virilidade. Ela tenta arruinar seu casamento. Ela o humilha publicamente, fingindo estar

grávida

de seu filho! Isso é amor? Proteja-wzede tal amor!

- Não julgo ou ataco meus pacientes, nem rio de suas doenças, Friedrich. Garanto-lhe:

você

não conhece essa mulher.

- Agradeço a Deus por esta bênção! Já conheci várias como ela. Acredite-me, Josepò,

essa

mulher não o ama, ela deseja destruí-lol - disse Nietzsche veementemente, golpeando o

caderno a cada palavra.

- Você a julga por outras mulheres que conheceu. Mas está enganado; todos que a

conhecem

se sentem como eu. O que você ganha ridicularizando-a?

- Nisto, como em tantas outras coisas, você é atrapalhado por suas virtudes. Você

também

precisa aprender a ridicularizar! E saudável!

- Quando se trata de mulheres, Friedrich, você é duro demais.

- E você, Josef, é molenga demais. Por que tem que continuar a defendê-la?

Agitado demais para permanecer sentado, Breuer levantou-se e andou até a janela.

Olhou para

o jardim, onde um homem com um curativo nos olhos se arrastava: um braço segurava

uma

enfermeira e o outro sondava o caminho à frente com uma bengala.

- Libere seus sentimentos, Josef. Não se contenha. Continuando a olhar pela janela,

Breuer

disse sem se voltar.

- É-lhe fácil atacá-la. Caso pudesse vê-la, garanto que suas palavras seriam outras. Você

se

ajoelharia diante dela. Ela é uma mulher deslumbrante, uma Helena de Tróia, a

verdadeira

quintessência da feminilidade. Já lhe contei que seu novo médico também se apaixonou

por ela.

- Você quer dizer sua próxima vítima!

- Friedrich - Breuer virou-se para encarar Nietzsche -, o que você está fazendo? Nunca o vi assim! Por que está levando as coisas para esse extremo?

- Estou fazendo exatamente o que me pediu: encontrando outra forma de atacar sua

obsessão.

Acredito, Josef, que parte de seu tormento advém do ressentimento soterrado. Algo em

você,

algum te-

mor, alguma timidez, não lhe permite expressar sua raiva. Em vez disso, você se

orgulha de sua

mansidão. Você faz da necessidade uma virtude: soterra profundamente seus

sentimentos e,

depois, por não experimentar nenhum ressentimento, supõe-se um santo. Você já não

desempenha o papel do médico compreensivo; você encarnou esse papel: acredita que

seja

bom demais para ter raiva. Josef, um pouco de vingança não faz mal a ninguém. O

ressentimento enrustido torna a pessoa doente! Breuer negou com a cabeça.

- Não, Friedrich, compreender é perdoar. Explorei as raízes de cada sintoma de Bertha.

Não

há nenhuma maldade nela. No máximo, excesso de bondade. Ela é uma filha generosa e

abnegada que ficou doente devido à morte do pai.

- Todos os pais morrem: o seu, o meu, de todo o mundo... isso não é explicação para

uma

doença. Gosto de ações, não de desculpas. O horário das desculpas, para Bertha, para

você, já

passou. - Nietzsche fechou o caderno. A sessão terminara.

A sessão seguinte começou de forma igualmente tempestuosa. Breuer solicitara um

ataque

direto à sua obsessão.

- Pois bem - disse Nietzsche, que sempre quis ser um guerreiro. - Se quer a guerra, você

a

terá! - Nos três dias seguintes, desfechou uma poderosa campanha psicológica, uma das

mais

criativas, e também mais bizarras, da história médica de Viena.

Nietzsche começou obtendo a promessa de Breuer de seguir todas as instruções sem

questionamento, sem resistência. Depois, Nietzsche o instruiu a compor uma lista de

dez

insultos e a se imaginar dirigindo-os a Bertha. Em seguida, Nietzsche o encorajou a se imaginar

vivendo com Bertha e, depois, a visualizar uma série de cenas: sentado à mesa do café

da

manhã observando-a com pernas e braços em espasmos, olhos estrábicos, muda, com o

pescoço torto, com alucinações e gaguejando. Nietzsche sugeriu depois imagens ainda

mais

desagradáveis: Bertha vomitando, sentada na toalete; Bertha em trabalho de

pseudoparto. Mas

nenhuma dessas experiências logrou remover a magia da imagem de Bertha.

No encontro seguinte, Nietzsche tentou métodos ainda mais diretos.

- Sempre que estiver sozinho e começar a pensar em Bertha, grite "Não!" ou "Pare!" o mais

alto possível. Caso não esteja a sós, belisque a si mesmo com força sempre que ela

invadir sua

mente.

Durante dois dias, os aposentos privados de Breuer ecoaram com brados de "Não!" e

"Pare!" e

seu antebraço ficou vermelho de tantos beliscões. Uma vez no fiacre, gritou "Pare!" tão alto,

que Fischmann freou subitamente os cavalos e ficou esperando por novas instruções.

Em outra

ocasião, Frau Becker acudiu correndo ao consultório ao som de um "Não!"

particularmente

reverberante. Mas esses artifícios ofereciam uma resistência pífia ao desejo de sua

mente. As

obsessões continuavam assomando!

Num outro dia, Nietzsche instruiu Breuer a monitorar seu pensamento e, a cada trinta

minutos,

registrar em seu caderno com que freqüência e por quanto tempo pensara em Bertha.

Breuer se

espantou ao constatar que raramente decorria uma hora inteira sem que ruminasse sobre

ela.

Nietzsche calculou que ele gastava aproximadamente cem minutos ao dia com sua

obsessão,

mais de quinhentas horas ao ano. Isso significava - disse ele - que, nos próximos vinte

anos,

Breuer devotaria mais de seiscentos preciosos dias de vigília às mesmas fantasias

entediantes e

sem imaginação. Breuer suspirou diante dessa perspectiva. Mas a obsessão não o

abandonou.

Nietzsche tentou então outra estratégia: ordenou a Breuer que dedicasse certos períodos

predeterminados a pensar em Bertha, quer o desejasse ou não.

- Você insiste em pensar em Bertha! Pois bem, insisto em que o faça! Insisto em que medite

sobre ela por quinze minutos seis vezes ao dia. Vamos examinar seu cronograma diário

e

distribuir os seis períodos ao longo de seu dia. Diga à sua enfermeira que não poderá ser

interrompido nesses períodos, pois estará escrevendo ou atualizando fichas. Se quiser

pensar

em Bertha em outros momentos, tudo bem... fica a seu critério. Mas, durante

esses seis

períodos, você terá que pensar em Bertha. Mais tarde, à medida que se acostumar com

essa

prática, diminuiremos gradualmente o tempo de meditação forçada. - Breuer seguiu o

cronograma de Nietzsche, mas suas obsessões seguiram o de Bertha.

Mais tarde, Nietzsche sugeriu a Breuer que carregasse uma carteira especial onde poria

cinco

Kreuzersempre que pensasse em Bertha; depois, ele deveria doar o dinheiro a alguma

instituição de caridade. Brevier vetou o plano. Sabia que seria ineficaz porque gostava

de

praticai caridade. Nietzsche sugeriu então que doasse o dinheiro à associação anti-

semita de

Georg von Schõnerer. Até isso não funcionou.

Nada funcionou.

Excertos das Anotações do doutor Breuer sobre Eckart MüHer de 9-14 de dezembro de

1882

jVão faz mais sentido eu Gear me enganando. Existem dois pacientes em nossas sessões

e, dos

dois, eu sou o caso mais grave. Estranho, quanto jjiazs o reconheço intimamente, mais

amigavelmente Nietzsche e eu parecemos trabalhar juntos. Talvez a informação

recebida de

Lou Salorné também tenha alterado nossa forma de trabalhar.

É claro que nada disse a Nietzsche sobre ela. Tampouco falo de minha transformação

num

paciente genuíno. Contudo, acredito que ele sinta eísas coisas. Talvez de alguma forma

não

intencional, não verbal, eu comunique coisas para ele. Quem sabe? Talvez através de

minha

voz, de meu tom ou de meus gestos. É muito misterioso. Sig se interessa por tais

detalhes de

comunicação. Eu deveria conversar com ele a respeito.

Quanto mais me esqueço de tentar ajudá-lo, mais ele começa a se abriípara mim. Veja o

que me

contou hoje! Que Paul Rée foi outrora seu amigo. Que ele, Nietzsche, teve sua própria

desilusão amorosa. Que conheceu certa vez uma mulher como Bertha. Talvez seja melhor para

nós dois se eu simplesmente me concentrar em-mim mesmo, sem tentar fazer com </ue

ele se

abra!

Ademais, ele agora alude aos métodos com que ajuda a si próprio - por exemplo, sua

abordagem de "mudança de perspectiva", em que se vê de uma perspectiva mais

distante, mais

cósmica. Ele tem razão: se enxergariflos nossa situação trivial em relação a longa meada

de

nossas vidas,

à vida de toda a raça humana, à evolução da consciência, certamente ela perderá seu

significado

dominante.

Mas como mudar minha perspectiva? Suas instruções e exortações para mudar de

perspectiva

não funcionam, nem tentar imaginar me afastando. Não consigo me remover

emocionalmente

do centro de minha situação. Não consigo me distanciar o suficiente. A julgar pelas

cartas que

escreveu para Lou Salomé, acho que ele também não consegue!

Ele também enfatiza grandemente a experiência da raiva. Fez-me insultar Bertha de dez

formas

diferentes hoje. Esse método, aomenos, consigo compreender. Descarregar a raiva faz

sentido

através de uma perspectiva fisiológica: um acúmulo de excitação cortiça! precisa ser

periodicamente descarregado. Pelas descrições de Lou Salomé das cartas dele, é o seu

método

favorito. Creio que tenha dentro de si um vasto reservatório de raiva. Por quê?, me

pergunto.

Devido à doença dele? Ou à falta de reconhecimento profissional? Ou porque jamais

desfrutou

o calor de uma mulher?

Ele é um mestre nos insultos. Gostaria de me lembrar dos melhores. Adorei ele ter

denominado

Lou Salomé um "predador na pele de umgato de estimação".

É fácil para ele, mas não para mim. Ele tem toda a razão sobre minha incapacidade de

expressar

a raiva. É mal de família. Meu pai, meus tios. Para os judeus, a repressão da raiva é uma

condição de sobrevivência. Não consigo sequer localizar a raiva. Ele insiste que tem

como

objeto Bertha, mas estou certo de que a está confundindo com sua própria raiva em relação a

Lou Salomé.

Que infortúnio ele ter se enredado com ela! Gostaria de lhe dar meu apoio. Ê

inacreditável!

Esse homem quase não tem experiência com mulheres. E com quem escolhe se

envolver?

Certamente a mulher mais poderosa que jamais vi. E ela só tem 21 anos! Que Deus

ajude a

todos nós quando ela crescer! E a outra mulher na vida dele, a irmã Elisabeth -

espero

nunca

encontrá-la. Ela parece tão vigorosa como Lou Salomé e deve ser ainda mais

mesquinha!

...Hoje ele me pediu para imaginar Bertha como um bebê defecando nas fraldas - e para

dizer

a ela quão bonita é enquanto a imagino me fitando estrábica e com o pescoço torto.

...Hoje me disse para pôr um Kreuzer no sapato a cada fantasia e andar com ele o dia

todo. De

onde retira essas idéias? Parece dispor de um estoque inãndável delas!

260 " QUANDO NIETZSCHE CHOROU

...gritar "Não!" e me beliscar, contar cada fantasia e registra-las num livro-razão, andar com

moedas no sapato, dar dinheiro para Schõnerer... punir a mim mesmo por me

atormentar.

Doidice!

Ouvi dizer que se ensinam os ursos a dançar e ase erguerem sobre duas patas aquecendo

os

ladrilhos do chão embaixo deles. Será esse método tão diferente do de Nietzsche? Ele

tenta

adestrar minha mente através desses engenhosos pequenos métodos de punição.

Sim, não sou nenhum urso e minha mente é rica demais para técnicas de amestradores

de

animais. Esses esforços são ineficazes-além de degradantes!

Mas não posso culpá-lo. Pedi que atacasse meus sintomas diretamente. Ele está sendo

condescendente. No fundo, ele não concorda com esses esforços. O tempo todo, ele tem

insistido que o crescimento é mais importante do que o conforto.

Há de existir outro caminho.

Excertos das Anotações de Friedrich Nietzsche sobre o doutor Breuer de 9-14 de

dezembro de

1882

A fascinação de um "sistema"! Já fui presa dele por bastante tempo hoje! Acreditei que a

supressão da raiva por José f estivesse por detrás de todas suas dificuldades e me exauri

tentando incitá-lo. Talvez a longa repressão das paixões o altere e enerve.

...Ele se apresenta como bom; não comete nenhum mal, a não ser contra si e a natureza!

Preciso

fazer com que deixe de ser um daqueles que se julgam bons, porque eles não têm

garras.

Acredito que ele tenha que aprender a blasfemar antes que eu possa confiar em sua

generosidade. Ele não sente raiva! Terá tanto medo de que alguém o magoe ? Será por

isso que

não ousa ser ele próprio ? Por que deseja somente pequenas felicidades? E ele denomina

isso

virtude. Seu nome real é covardia!

QUANDO NIETZSCHE CHOROU " 261

Ele é civilizado, polido, um homem bem-educado. Ele domou sua natureza selvática,

transformou seu lobo num cão de raça. E ele o denomina moderação. Seu nome real é

mediocridade!

...Ele agora confia e acredita em mim. Dei minha palavra de que me esforçarei para

curá-lo.

Mas o médico deve primeiro, como o sábio, curar a si próprio. Somente então poderá

seu

paciente contemplar com seus olhos um homem que cura a si próprio. Contudo, eu não

curei a

mim mesmo. Pior, sofro das mesmas aflições que acometem Josef. Estarei, pelo meu

silêncio,

cometendo aquilo que jurei jamais fazer: traindo um amigo?

Devo falar das minhas aflições? Ele perderá a confiança em mim. Isso não o

prejudicará? Ele

não dirá que, se eu não curei a mim mesmo, não posso curá-lo? Ou ficará tão

preocupado com

minha aflição que abandonará a tarefa de lutar contra sua própria? Sirvo-o melhor

através do

silêncio? Ou reconhecendo que ambos estamos igualmente afligidos e temos que unir

forças

para encontrar uma solução?

...Hoje vejo quanto ele mudou... menos tortuoso... e não mais tenta me adular, não mais

tenta se

fortalecer demonstrando minha fraqueza.

...O ataque frontal aos seus sintomas, que me pediu para lançar, é a mais terrível

chafurdice em

águas rasas que jamais empreendi. Eu deveria ser alguém que eleva, não que rebaixa!

Tratá-lo

como uma criança cuja mente precisa de um tapa quando se comporta mal está

rebaixando-o. E

me rebaixando também! SE UMA CURA REBAKA o MÉDICO, CONSEGUIRÁ POR

ACASO ELEVAR O PACIENTE?

Há de existir um caminho mais elevado.

262 " QUANDO NIETZSCHE CHOROU

Carta de Friedrich Nietzsche a Lou Salomé de dezembro de

1882

Cara Lou,

Não escrevas cartas como aquela para mitn! Que tenho a ver com essa desventura?

Gostaria que pudesses te elevar diante de

mim de modo que não tivesse que te desprezar.

Mas Lou! Que tipo de cartas estás escrevendo? Colegiais ávidas por vingança escrevem

assim! Que tenho a ver com essa

lástima? Por favor, compreende, quero que te eleves diante de mim, não que te redu2as.

Como posso perdoar-te se não

reconheço mais aquele ser em ti pelo qual poderias chegar a ser perdoada?

Não, cara Lou, ainda estamos a uma longa distância do perdão. Não posso sacar o

perdão de minhas mangas depois que a

ofensa teve quatro meses para penetrar em mim.

Adeus, cara Lou, não te verei novamente. Protege tua alma de tais ações e pratica o bem

para os outros e, especialmente para

o meu amigo Rée, o que não pudeste fazer de bom para mim.

Não fui eu quem criou o mundo e, Lou, gostaria de ter criado - então, conseguiria

suportar toda a culpa por terem as coisas

entre nós tomado o rumo que tomaram.

Adeus, cara Lou, não li tua carta até o fim, mas já havia lido demais...

F.N.

CAPITULO 19

N Ao ESTAMOS CHEGANDO a lugar nenhum, Friedrich. Estou piorando.

Nietzsche, que estivera escrevendo em sua escrivaninha, não ouvira Breuer entrar.

Agora, virou-

se em direção a ele, abriu a boca para falar mas ficou em silêncio.

- Você ficou surpreso, Friedrich? Deve ser desconcertante seu médico entrar no seu

quarto e

reclamar que está pior! Especialmente quando está impecavelmente trajado e porta sua

valise

preta com segurança profissional! Mas acredite: minha aparência externa é enganadora.

Por

baixo, minhas roupas estão úmidas, minha camisa gruda na pele. Esta obsessão por

Bertha é um

remoinho em minha mente. Ele sorve todos os meus pensamentos decentes! A culpa não

é suai -

Breuer sentou-se junto à escrivaninha. - Nossa falta de progresso é culpa minha. Fui eu

que lhe

pedi para atacar a obsessão diretamente. Você tem razão: não estamos indo

suficientemente

fundo. Estamos apenas podando as folhas quando deveríamos estar extirpando a erva

daninha.

- Sim, não estamos extirpando nada! - respondeu Nietzsche. - Temos que reconsiderar

nosso

método. Eu também me sinto desanimado. Nossas últimas sessões foram falsas e

superficiais. Veja

o que tentamos fazer: disciplinar seus pensamentos, controlar sua conduta! Através do

treinamento

e da modelagem do comportamento! Esses métodos não são para a esfera humana!

Afinal, não

somos adestradores de animais!

- Sem dúvida! Após a última sessão, senti-me como um urso sendo treinado para ficar

de pé e

dançar.

- Precisamente! Um professor deveria elevar os homens. Em vez disso, em nossos

últimos

encontros, rebaixei-o bem como a mim. Não podemos abordar os assuntos humanos

com métodos

para animais.

Nietzsche se levantou e apontou para as cadeiras vazias junto à lareira.

- Vamos? - Ocorreu a Breuer, ao se sentar, que, embora os futuros "doutores do

desespero"

pudessem descartar os instrumentos médicos tradicionais, o estetoscópio, o otoscópio, o

oftalmoscópio, com o tempo desenvolveriam seus próprios equipamentos, começando pelas duas

confortáveis cadeiras junto à lareira.

- Então - começou Breuer - retornemos ao ponto em que estávamos antes desse infausto

ataque direto contra minha obsessão. Você formulou uma teoria de que Bertha é um

desvio, e não

uma causa, e de que o verdadeiro centro de minha Angst é meu medo da morte e da

ausência de

Deus. Pode ser! Você pode estar certo! É bem verdade que minha obsessão por Bertha

me

mantém fixado à superfície das coisas, não me sobrando tempo para pensamentos mais

profundos

e sombrios. Entretanto, Friedrich, não acho sua explicação inteiramente satisfatória.

Primeiro,

continua o enigma de "por que Bertha?" De todas as formas possíveis de me defender

da angústia,

por que escolher essa obsessão específica e estúpida? Por que não outro método, alguma

outra

fantasia? Segundo, você sustenta que Bertha serve apenas para desviar minha atenção

da

angústia em meu íntimo. No entanto, "desvio" é uma palavra fraca. Não é suficiente

para explicar

o poder de minha obsessão. Pensar sobre Bertha é sobrenaturalmente irresistível;

contém algum

poderoso significado oculto.

- Significado) - Nietzsche deu um tapa com força no braço da cadeira. - Exatamente!

Venho

pensando em linhas idênticas desde que você saiu ontem. Sua palavra final,

"significado", poderá

ser a chave. Talvez nosso erro desde o início tenha sido negligenciar o significadode.

sua

obsessão. Você afirmou que curou cada um dos sintomas histéricos de Bertha

descobrindo sua

origem. E também que esse método da "origem" não se aplicaria ao seu caso porque a

ori-

gem de sua obsessão por Bertha já era conhecida, tendo começado depois que a

conheceu e se

intensificado depois que parou de vê-la. Mas talvez - Nietzsche continuou - você venha

usando a palavra errada. Talvez o importante não seja a origem, isso é, a primeira

aparição dcé

sintomas, e sim o significado de um sintoma! Talvez você tenha se enganado! Talvez

tenha curado

Bertha descobrindo não a origem, mas o significado de cada sintoma! Talvez - aqui

Nietzsche

quase sussurrou, como se estivesse transmitindo um segredo de grande importância - os sintomas

sejam mensageiros de um significado e só venham a desaparecer quando sua mensagem

for

compreendida. Nesse caso, nosso próximo passo é óbvio: para dominarmos os sintomas,

teremos

que descobrir o que a obsessão por Bertha significa para você!

E agora? - Breuer se indagou. - Como se faz para descobrir o significado de uma

obsessão? -

Afetado pelo entusiasmo de Nietzsche, aguardou as instruções dele. Mas Nietzsche se

reclinara na

cadeira, apanhara o pente e estava arrumando o bigode. Breuer foi ficando tenso e

irritado.

- Bem, Friedrich, estou aguardando! - Esfregou o peito, respirando profundamente. -

Esta

tensão aqui em meu peito cresce a cada minuto que estou sentado aqui. Logo, explodirá.

Não

vejo uma forma racional de expulsá-la. Diga-me como começar! Como poderei

descobrir um

significado que eu mesmo escondi?

- Não tente descobrir nem solucionar nada! - respondeu Nietzsche, ainda penteando o

bigode.

- Isso será meu trabalho! Seu trabalho é apenas limpar chaminé. Fale sobre o que Bertha

significa para você.

- Será que já não falei demais sobre ela? Terei que chafurdar novamente em minhas

ruminações

sobre Bertha? Você já escutou todas elas: tocá-la, despi-la, acariciá-la, minha casa

pegando fogo,

todo mundo morto, a fuga para a América. Tem certeza de que quer ouvir todo esse lixo

novamente? - Levantando-se de súbito, Breuer pôs-se a andar para lá e para cá atrás da

cadeira

de Nietzsche. Este continuou a falar de forma calma e medida.

/ - E a tenacidade de sua obsessão que me intriga. Como um marisco que se apega à sua

rocha.

Será que não podemos, Josef, apenas por um momento, afastá-la e espiar por debaixo?

Limpe

chaminé, es-

tou dizendo! Limpe chaminé sobre a pergunta: como seria a vida, sua vida, sem Bertha?

Apenas fale. Não tente ser lógico ou mesmo formular sentenças completas. Diga aquilo que lhe

vier à cabeça.

- Não consigo. Estou amarrado, sou uma mola enrolada.

-Pare de andar para lá e para cá. Feche os olhos e tente descrever o que vê sob as

pálpebras.

Apenas deixe os pensamentos fluírem, não tente controlá-los.

Breuer parou atrás da cadeira de Nietzsche e segurou seu espaldar. De olhos fechados,

oscilou

para a frente e para trás, como fazia seu pai ao rezar, e lentamente começou a resmungar

seus

pensamentos:

- Uma vida sem Bertha... uma vida escura, sem cores... calibradores... balanças... lápides

funerárias... tudo decidido, agora e para sempre... eu estaria aqui, você me acharia

aqui...

sempre! Bem aqui, neste local, com esta valise, vestindo estas roupas, com este rosto

que, dia

após dia, irá ficando mais sombrio e esquelético. - Breuer respirou profundamente,

sentindo-

se menos agitado, e sentou-se. - A vida sem Bertha? Que mais existe? Sou um cientista,

mas a

ciência é sem cor. Deve-se fazer da ciência um trabalho, não um modo de vida... preciso

de

magia... e paixão... não se pode viver sem magia. É isso que Bertha significa: paixão e

magia. A

vida sem paixão... quem consegue viver tal vida? - Abriu os olhos subitamente. - Você

consegue? Alguém consegue?

- Por favor, limpe chaminé sobre a paixão e a vida - incitou-o Nietzsche.

-Uma de minhas pacientes é uma parteira-prosseguiu Breuer. - Ela está velha,

encarquilhada, sozinha. Sofre de problemas cardíacos. Mesmo assim, é apaixonada pela

vida.

Certa vez, indaguei dela a fonte de sua paixão. Respondeu então que era o momento

entre

erguer um recém-nascido silente e lhe dar o tapa da vida. Ela se renovava - assim dizia-

pela

imersão naquele momento de mistério, aquele momento entre a existência e o olvido.

- E você, Josef?

- Sou como aquela parteira! Quero estar próximo do mistério. Minha paixão por Bertha

não é

natural; é sobrenatural, sei disso, mas preciso de magia. Não consigo viver em preto e

branco.

- Todos precisamos de paixão, Josef- interrompeu Nietzsche. - A paixão dionisíaca é

vida.

Mas a paixão tem que ser mágica e aviltante? Não haverá uma forma de dominar a

paixão?

Deixe-me contar sobre um monge budista que conheci no ano passado em

Engadine|,Ele vive

uma vida frugal. Medita metade de suas horas de vigília e passa semanas sem trocar

palavra

com ninguém. Sua dieta é simples, uma única refeição ao dia, aquilo que conseguir

esmolar,

talvez apenas uma maça. Mas ele medita sobre a maçã até estar prenhe de vermelhidão,

de

suculência e de vivacidade. No final do dia, ele apaixonadamente antecipa sua refeição.

A

conclusão é, Josef: você não precisa renunciar à paixão, mas tem que mudar suas

condições

para a paixão.

Breuer concordou com um movimento da cabeça.

- Prossiga - exortou Nietzsche. - Limpe mais chaminé sobre Bertha... o que ela significa

para você. - Breuer cerrou os olhos.

- Vejo-me correndo com ela. Fugindo. Bertha significa ywga, fuga perigosa!

- Como assim?

- Bertha significa perigo. Antes dela, eu vivia dentro das regras. Agora, flerto com os

limites

dessas regras... talvez seja isso que a parteira signifique. Penso em explodir minha vida,

sacrificar minha carreira, cometer o adultério, perder minha família, emigrar, recomeçar

a vida

com Bertha. - Breuer deu uma palmada leve na cabeça. - Imbecil! Imbecil! Sei que

nunca o

farei!

- Mas existe um chamariz nesse perigoso vaivém pelo limite?

- Um chamariz? Não sei. Ignoro a resposta. Não gosto de perigo! Sq existe um

chamariz, não

é o perigo; creio que o chamariz seja àfaga, não do perigo, mas da segurança. Talvez eu

tenha

vivido demais, de maneira segura!

-Talvez, Josef, viver de maneira segura seja perigoso. Perigoso e mortal.

- Viver de maneira segura é perigoso - Breuer murmurou as palavras para si várias

vezes.

- Viver de maneira segura é perigoso. Viver de maneira segura é perigoso. Um

pensamento

poderoso, Friedrich. Então é este o significado de Bertha: escapar da vida

perigosamente

insuportável? Será Bertha meu desejo de liberdade, minha fuga da armadilha do tempo?

- Talvez da armadilha de seu tempo, de seu momento historie". Mas5 Josef- proferiu

solenemente -, não cometa o erro de pensar que ela o conduzirá para fora do tempo! O

tempo

não pode ser rompido; esse é nosso maior fardo. Nosso maior desafio é viver a despeito

desse

fardo.

Ao menos dessa vez, Breuer não protestou contra o tom filosofal assumido por

Nietzsche. Esse

filosofar era diferente. Breuer não sabia o que fazer com as palavras de Nietzsche, mas

sabia

que elas o atingiam, o tocavam.

•- Esteja certo - disse Breuer - de que não sonho com a imortalidade. A vida da qual

desejo escapar é a vida da burguesia médica vienense de 1882. Eu sei que os

outros

invejam

minha vida, mas eu a abomino. Abomino sua mesmice e previsibilidade. Abomino tanto

que, às

vezes, vejo minha vida como uma sentença de morte. Está me entendendo, Friedrich?

Nietzsche fez que sim com a cabeça.

- Lembra-se de quando me perguntou, talvez em nossa primeira conversa, se eu tirava

alguma

vantagem de minha enxaqueca? Foi uma boa pergunta. Ajudou-me a pensar na vida de

forma

diferente. Lembra-se de minha resposta? Que minha enxaqueca me forçou a renunciar à

cátedra

na universidade? Todos - a família, os amigos, até os colegas - lamentaram minha

desventura e estou certo de que a história registrará que a doença de Nietzscheencerrou

tragicamente sua carreira. Mas não foi bem assim! Ç^ogosto é a verdade! A cátedra na

universidade da Basiléia era minha sentença de morte. Sentenciava-me ao vazio da vida

acadêmica e a despender o resto de meus dias ajudando economicamente minha mãe e

minha

irmã. Eu estava numa armadilha fatal.

- Então, Friedrich, a enxaqueca, a grande libertadora, caiu sobre você!

- Não foi muito diferente, Josef, desta obsessão que caiu sobre você, certo? Talvez

sejamos

mais semelhantes do que pensamos!

Breuer fechou os olhos. Que bom sentir-se tão próximo de Nietzsche. Lágrimas jorraram-lhe

dos olhos; fingiu um acesso de tosse para virar a cabeça e esconder o rosto.

- Vamos continuar - ordenou Nietzsche impassivelmente. - Estamos progredindo.

Compreendemos que Bertha representa pai-

xáo, mistério, fuga perigosa. Que mais, Josef? Que outros significados estão agrupados

nela?

- Beleza! A beleza de Bertha é uma parte importante do mistério. Aqui, veja o que

trouxe para

lhe mostrar.

Abriu sua valise e apanhou uma fotografia. Colocando seus óculos de lentes grossas,

Nietzsche

andou até a janela para inspecioná-la na claridade. Bertha, vestida de preto da cabeça

aos pés,

usava trajes de montaria. Sua jaqueta a constringia: uma fila dúplice de pequenos

botões,

estendendo-se da cintura fina até o queixo, lutava para conter os seios volumosos. Sua

mão

esquerda segurava delicadamente tanto sua saia como um comprido chicote de jóquei.

De sua

outra mão, luvas pendiam. Seu nariz era vigoroso, seus cabelos curtos e desadornados;

sobre

eles, encarapitava-se um boné preto desleixado. Seus olhos eram grandes e escuros. Não

se

dava ao trabalho de olhar para a câmera, mas fitava bem a distância.

- Uma mulher formidável, Josef - disse Nietzsche, devolvendo a fotografia e voltando a

se

sentar. - Sim, ela é belíssima, mas não gosto de mulheres portando chicotes.

- A beleza - disse Breuer-é uma parte importante do significado de Bertha. Sou

facilmente

capturado por tal beleza. Mais facilmente do que a maioria dos homens, creio. A beleza

é um

mistério. Mal sei falar a respeito, mas uma mulher com certa combinação de corpo,

seios,

orelhas, grandes olhos escuros, nariz, lábios.,., especialmente os lábios simplesmente

me

assombram. Pode parecer besteira, mas quase acredito que tais mulheres tenham

poderes

sobre-humanos!

- Para fazer o quê?

- É tolo demais! - Breuer escondeu o rosto com as mãos.

- Apenas limpe chaminé, Josef. Suspenda seu juízo e desembuche! Dou minha palavra

de que

não o julgarei!

- Não consigo exprimi-lo com palavras.

- Tente terminar esta frase: "Na presença da beleza de Bertha, sinto-me..."

- Na presença da beleza de Bertha, sinto-me... sinto-me... O que eu sinto? Sinto-me nas

entranhas da terra, bem no centro da existência. Estou exatamente onde deveria. No

local

onde,não,se questiona a. vidapu o propósito... o centro, o local da segurança. A

beleza dela proporciona uma segurança infinita. - Levantou a cabeça. - Veja, não faz o

menor sentido!

- Prossiga - disse Nietzsche imperturbavelmente.

- Para me capturar, a mulher precisa ter certo olhar. Um olhar de adoração - vejo-o em

minha mente agora -: olhos bem abertos e reluzentes, lábios fechados em um semi-

sorriso

afetuoso. Ela parece estar dizendo... oh! não sei...

- Continue, Josef, por favor! Continue imaginando o sorriso! Ainda consegue vê-lo?

Breuer cerrou os olhos e anuiu com a cabeça.

- O que diz para você?

- Diz: "Você é adorável. O que você fizer estará bem. Oh! querido, você se descontrola,

mas

isso é esperado de um menino." Agora a vejo voltando-se para as outras mulheres ao

redor e

dizendo: "Ele não é uma gracinha? Não é um amor? Vou abraçá-lo e confortá-lo."

- Pode dizer mais sobre o sorriso?

- Diz que eu posso brincar, fazer o que eu quiser. Posso me meter em apuros, mas, não

importa o que eu fizer, ela continuará encantada comigo, achando-me adorável.

- O sorriso está associado à sua história pessoal, Josef?

- Não entendi.

- Retroceda no tempo. A sua memória contém tal sorriso? Breuer negou com a cabeça.

- Não, nenhuma reminiscência.

- Você responde rápido demais! - insistiu Nietzsche. - Você negou com a cabeça antes

de

eu terminar a pergunta. Procure! Continue observando esse sorriso em sua imaginação e

vamos

ver o que aparece.

Breuer fechou os olhos e observou o desenrolar de sua memória.

- Vi Mathilde dar esse sorriso para nosso filho Johannes. Também, quando eu tinha dez

ou

onze anos, apaixonei-me por uma menina chamada Marie Gomperz... ela me deu

tal

sorriso!

Exatamente esse sorriso! Fiquei desolado quando sua família se mudou. Não a vejo há

trinta

anos, mas continuo sonhando com Marie.

- Quem mais? Esqueceu-se do sorriso de sua mãe?

- Não lhe contei? Minha mãe faleceu quando eu tinha três anos. Ela só tinha 28 anos e

morreu

após dar à luz meu irmão mais novo. Disseram-me que era bonita, mas não tenho

lembranças

dela, nenhuma.

- E sua esposa? Mathilde tem esse sorriso mágico?

- Não. Disso tenho certeza. Mathilde é bonita, mas seu sorriso não exerce nenhum poder

sobre mim. Sei que é uma besteira pensar que Marie, aos dez anos, exerce poder,

enquanto

Mathilde não exerce nenhum. Mas é o que sinto. Em nosso casamento, sou eu quem

exerce

poder sobre ela e é ela que deseja minha proteção. Não, Mathilde não tem

nenhuma

magia, não

sei por quê.

- Magia requer penumbra e mistério - observou Nietzsche. - Talvez o mistério dela

tenha

sido aniquilado pela familiaridade de quatorze anos de casamento. Você a conhece bem

demais? Talvez não consiga suportar a verdade de um relacionamento com uma mulher

bonita.

- Começo a pensar que preciso de outra palavra que não beleza. Mathilde tem todos os

componentes da beleza. Ela tem a estética, mas não o poder da beleza. Talvez você

tenha

razão... é tudo familiar demais. Com grande freqüência, vejo a carne e o sangue sob a pele.

Outro fator é a ausência de competição; Mathilde jamais teve outro homem em sua vida.

Foi um

casamento arranjado.

- Intriga-me que você deseje a competição, Josef. Alguns dias atrás, você disse ter

horror a

ela.

- Desejo e não desejo a competição. Lembre-se, você disse que eu não precisava ser

lógico.

Apenas expresso as palavras conforme me ocorrem. Deixe-me ver, deixe-me coletar

meus

pensamentos. Sim, a mulher bela é mais poderosa quando desejada por outros homens.

Mas tal

mulher é perigosa demais... ela me escaldará. Talvez Bertha seja o meio-termo perfeito:

ela

ainda não está plenamente formada! E a beleza embrionária, ainda incompleta.

- Então - perguntou Nietzsche - ela é mais segura por não ter outros homens disputando-

a?

- Não é bem assim. Ela é mais segura porque a tenho nas minhas mãos. Qualquer

homem a

desejaria, mas posso facilmente derrotar os competidores. Ela é, ou melhor, era

totalmente

dependente de mim. Durante semanas, recusava-se a comer a não ser que eu a

alimentasse

pessoalmente. Naturalmente, como médico dela, eu deplorava a regressão de minha

paciente.

"Oh! Que lástima!" Eu expressava minha preocupação profissional à família dela, mas

secretamente, enquanto homem - e jamais admitirei isso a ninguém a não ser você -

,eume

regozijava com minha conquista. Certo dia, quando ela me contou que sonhara comigo,

entrei

em êxtase. Que vitória: penetrar em sua câmara mais interna, um lugar onde nenhum

outro

homem jamais conseguira entrar! Como as imagens dos sonhos não morrem, era um

lugar onde

eu perduraria para sempre!

-Assim, Josef, você venceu a competição sem precisar competir!

- Sim, este é outro significado de Bertha: competição segura, vitória assegurada. Mas

uma

mulher bonita sem segurança... é algo bem diferente. - Breuer calou-se.

- Prossiga, Josef. Para onde estão indo seus pensamentos agora?

- Estava pensando em uma mulher perigosa, uma beleza plenamente constituída com

aproximadamente a idade de Bertha que veio me ver em meu consultório algumas

semanas

atrás, uma mulher a quem muitos homens prestaram homenagem. Fiquei encantado por

ela, e

aterrorizado! Fui tão incapaz de me opor a ela, que não consegui deixá-la esperando e a

atendi

fora da vez antes de meus outros pacientes. Quando ela me fez um pedido médico

inconveniente, tive que reunir todas as minhas forças para resistir ao desejo dela.

- Ah! Conheço esse dilema - disse Nietzsche. - A mulher mais desejável é a mais

assustadora. Não, é claro, devido ao que é, mas devido ao que fazemos dela. Muito

triste!

- Triste, Friedrich?

- Triste para a mulher que nunca é conhecida, e triste, também, para o homem. Conheço

essa

tristeza.

- Você também conheceu uma Bertha?

- Não, mas conheci uma mulher como aquela outra paciente que você descreveu...

aquela a

quem não se consegue negar nada.

Lou Salomé - pensou Breuer. Lou Salomé indubitavelmente! Até que enfim ele fala

sobre ela!

Embora relutante em desviar o foco de si próprio, Breuer insistiu na inquirição.

- Então, Friedrich, o que aconteceu com aquela dama a quem não conseguia negar?

Nietzsche hesitou, depois apanhou o relógio.

- Atingimos um veio bastante rico hoje... quem sabe, rico para nós dois? Mas nosso

tempo

está se esgotando e estou certo de que ainda tem muito a dizer. Por favor, continue me

contando o que Bertha significa para você.

Breuer sabia que Nietzsche estava mais próximo do que nunca de revelar seus próprios

problemas. Talvez àquela altura uma inquirição sutil teria sido todo o necessário. No

entanto,

ao ouvir Nietzsche incitá-lo novamente - Não pare; suas idéias estão fluindo -, Breuer

sentiu-se feliz em continuar.

- Lamento a complexidade da segunda vida, da vida secreta. Contudo, eu a prezo. A vida

burguesa superficial é mortal... é visível demais, vê-se o final demasiadamente claro e

todos os

atos que levam até lá. Parece loucura, eu sei, mas a segunda vida é uma vida a mais. Ela

encerra

a promessa de um tempo de vida estendido.

Nietzsche concordou com a cabeça.

- Você sente que o tempo devora as possibilidades da vida superficial, enquanto a vida

secreta é inesgotável?

- Sim, não foi exatamente o que eu disse, mas é o que quero dizer. Outra coisa, talvez a

mais

importante, é o sentimento inefável que tinha ao lado de Bertha ou que tenho agora ao

pensar

nela. Bemaventurança! É a palavra mais próxima.

- Sempre pensei, Josef, que amamos mais o desejo do que o ser desejado!

- Amamos mais o desejo do que o ser desejado - repetiu Breuer. - Por favor, dê-me uma

folha de papel. Gostaria de anotar isto.

Nietzsche arrancou uma folha do final de seu caderno e esperou enquanto Breuer

escreveu a

frase, dobrou o papel e o enfiou no bolso da jaqueta.

- Tem outra coisa - continuou Breuer -: Berta atenua minha solidão. Até onde consigo

me

lembrar, tenho me assustado com os espaços vazios dentro de mim. Além disso, minha

solidão

não tem nada a ver com a presença, ou ausência, de pessoas. Está me entend,endo?

- Ach, quem poderia compreendê-lo melhor? Às vezes, penso que sou o homem mais

solitário que existe. Como no seu caso, não

tem nada a ver com a presença dos outros; na verdade, odeio quem me rouba a solidão

sem em

troca me oferecer verdadeiramente companhia.

- O que quer dizer, Friedrich? Como não oferecem companhia?

- Por não prezarem as coisas que prezo! Às vezes, enxergo tão profundamente a

vida

que, de

repente, olho ao redor e vejaxjue ninguém me acompanhou^ quejnejj. único

companheiro é n

tempo.

- Não estou certo de que minha solidão seja igual à sua. Talvez eu jamais tenha ousado

penetrá-

la tão profundamente como você.

- Talvez - sugeriu Nietzsche - Berta o impeça de penetrá-la mais profundamente.

- Não creio que deseje penetrá-la mais. Na verdade, sinto-me grato a Bertha por

remover minha

solidão. Essa é outra coisa que ela significa para mim. Nos últimos dois anos, jamais

estive

sozinho: Bertha estava sempre em sua casa ou no hospital esperando minha visita.

Agora, ela está

sempre dentro de mim, ainda esperando.

- Você atribui a Bertha algo que é sua própria realização.

- O que quer dizer?

- Que continua tão sozinho quanto antes, tão sozinho como cada pessoa está fadada a

ser. Você

fabricou seu próprio ícone para, depois, ser aquecido por sua companhia. Talvez você

seja mais

religioso do que pensai

- Mas - respondeu Breuer - em certo sentido ela está sempre lá. Ou esteve^ por um ano e

meio. Por pior que tenha sido, aquele foi o melhor, o mais vital período de minha vida.

Eu a via

todos os dias, pensava nela o tempo todo, sonhava com ela de noite.

-Você me contou sobre uma vez em que ela não estava lá, Josef, naquele sonho que vive

voltando. Como é mesmo... está procurando por ela...?

- Principia com algo terrível acontecendo. O solo começa a se liquefazer sob meus pés e

eu

procuro por Bertha sem conseguir encontrá-la...

- Sim, estou convencido de que existe alguma pista importante nesse sonho. Qual foi o

evento

terrível que ocorreu: o solo se abrindo? - Breuer assentiu com a cabeça. - Por que, Josef,

naquele momento, você deveria procurar Bertha? A fim de protegê-la? Ou para ela

protegê-lo?

QUANDO NIETZSCHE CHOROU " 275

Fez-se um longo silêncio. Duas vezes, Breuer moveu rapidamente a cabeça para trás,

como que

para fazer com que prestasse atenção.

- Não consigo prosseguir. E espantoso, mas minha mente não está mais funcionando.

Nunca me

senti tão fatigado. Estamos apenas na metade da manha, mas me sinto como se estivesse

labutando

sem parar por dias e dias.

- Sinto a mesma coisa. Foi um trabalho duro hoje.

- Mas o trabalho certo, penso. Agora tenho que ir. Até amanhã, Friedrich.

Excertos das Anotações do doutor Breuer sobre Eckart Muller de 15 de dezembro de

1882

Pode ter sido apenas poucos dias atras que implorei a Nietzsche que se revelasse? Hoje,

finalmente, ele se mostrou pronto, disposto. Quis me contar que se sentia aprisionado

por sua

carreira universitária, que ressentia sustentar sua mãe e sua irmã, que estava solitário e

sofria

por causa de uma linda mulher.

Sim, finalmente ele quis se revelar para mim. Contudo, é espantoso, eu não o encorajei!

Não se

trata de que eu não desejasse escutar. Não, foi pior do que isso! Eu ressentia seu

discurso! Eu

ressentia sua intromissão na minha sessão!

Terá sido apenas a duas semanas que tentei manipulá-lo para revelar algum pequeno

fragmento

de si, que reclamei com Max e Frau Becker sobre o sigilo dele, que levei meu ouvido

aos

lábios dele para ouvir: "Ajude-me, ajude-me", que lhe prometi: "Conte comigo"?

Por que, então, negligenciei-o hoje? Terei ficado ganancioso? Esse processo de

aconselhamento - quanto mais se estende, menos o compreendo. Porém, é irresistível.

Cada

vez mais, penso em minhas conversas com Nietzsche; às vezes chegam a interromper

uma

fantasia com Bertha. Essas sessões se tomaram o centro de meu dia. Sinto-me ansioso

pela

minha sessão e, com freqüência, mal consigo esperar pela próxima. Será por isso que

deixei

Nietzsche me desnudar hoje ?

No futuro - quem sabe quando, talvez daqui a cinqüenta anos? -, esse tratamento através

da

conversa poderá tomar-se corriqueiro. "Médicos da angústia" se tomarão uma especialidade

típica. E as faculdades de medicina, ou talvez os departamentos de filosofia, os

treinarão.

O que deveria conter o currículo do futuro "médico da angústia"? No momento, posso

estar

certo de uma cadeira essencial: "relacionamento" / É aí que a coisa complica. Assim

como os

cirurgiões precisam primeiro aprender anatomia, o futuro "médico da angústia" precisa primeiro entender o relacionamento entre o que aconselha e o aconselhado. Caso eu

deva

contribuir para a ciência de tal aconselhamento, devo aprender a observar a relação de

aconselhamento tão objetivamente como o cérebro dos pombos.

Observar um relacionamento náo é fácil quando eu mesmo faço parte dele. Entretanto,

noto

tendências impressionantes.

Costumava criticar Nietzsche, mas náo mais o faço. Pelo contrário, agora acalento cada

palavra

sua e, a cada dia, convenço-me mais de que pode me ajudar.

Acreditava que pudesse ajudá-lo. Isso não mais ocorre. Tenhopouco a lhe oferecer. Ele

tem

tudo a me oferecer.

Costumava competir com ele, tramar armadilhas de xadrez contra ele. Não mais o faço!

Sua

percepção interna é extraordinária. Seu intelecto se eleva. Contemplo-o como uma

galinha

diante do falcão. Reverencio-o demais? Quero que se eleve acima de mim? Talvez por

isso não

queira ouvi-lo falar. Talvez eu não queria saber de sua dor, de sua falibilidade.

Eu costumava pensar sobre como "manejá-lo". Não mais o faço! Com freqüência, sinto

grandes surtos de afeto em relação a ele. Isso é uma mudança. Certa vez, comparei

nossa

situação com Robert treinando seusgatinhos: "Retroceda, deixe-o beber seu leite. Mais

tarde,

ele deixará que o toque."Hoje, no meio de nossa conversa, outra imagem percorreu

minha

mente: dois gatinhos com listras de tigre, cabeça contra

cabeça, lambendo leite da mesma tigela.

Outra coisa estranha. Por que mencionei que uma "beleza plenamente constituída"

visitou

recentemente meu consultório? Quero que saiba de meu encontro com Lou Salomé?

Estaria

flertando com o perigo? Silenciosamente caçoando dela? Tentando criar uma barreira entre

nós?

Por que Nietzsche disse que não gosta de mulheres com chicotes? Devia estar se

referindo

àquele retrato de Lou Salomé que eu vi sem que

ele saiba. Ele deve perceber que seus sentimentos em relação a ela não diferem tanto de

meus

sentimentos em relação a Bertha. Assim, estaria silenciosamente caçoando de mim?

Uma

piadinha particular? Aqui estamos nós, dois homens tentando ser honestos um com o

outro,

mas ambos impelidos pelo diabrete da duplicidade.

Outro novo vislumbre! O que Nietzsche é para mim eu fui para Bertha. Ela ampliava

minha

sabedoria, reverenciava cada palavra minha, acalentava nossas sessões, mal

conseguia

esperar

pela seguinte - de fato, induzia-me a visitá-la duas vezes ao dia!

Quanto mais escancaradamente me idealizava, mais eu a imbuía de poder. Ela era o

lenitivo

para toda minha angústia. Seu simples olhar curava minha solidão. Ela dava à minha

vida

propósito e significado. Um mero sorriso dela me consagrava como desejável, me

concedia

absolvição por todos os impulsos bestiais. Um estranho amor: ambos nos aquecemos na

radiância da magia um do outro!

Contudo, estou ficando esperançoso. Existe poder em meu diálogo com Nietzsche e

estou

convencido de que esse poder náo é ilusório.

Estranho que, apenas algumas horas depois, eu tenha esquecido muito de nossa

discussão. Um

estranho esquecimento, diferente da evaporação de uma conversa comum de mesa de

café.

Existirá tal coisa como um esquecimento ativo-esquecer algo náo por ser sem

importância,

mas por ser importante demais?

Anotei uma frase chocante: "Amamos mais o desejo do que o ser desejado. "

E outra: "Viver com segurança é perigoso." Nietzsche diz que toda minha vida burguesa tem

sido vivida perigosamente. Penso que queira dizer que corro perigo de perder meu

próprio eu

ou de náo me tomar quem sou. Mas quem sou eu?

w^ K NffiTZSCHE CHOROU

Notas de Friedrich Nietzsche sobre o doutor Breuer de 15 de dezembro de 1882

Finalmente, uma excursão digna de nós. Águas profundas, rápidas imersões e emersões.

Água

fria, refrescante. Adoro uma filosofia viva! Adoro uma filosofia cinzelada da

experiência bruta.

Sua coragem cresce. Sua vontade e sua provação abrem o caminho. Mas não será tempo

de

compartilhar os seus riscos?

A época para uma filosofia aplicada ainda não amadureceu. Quando chegará? Dentro de

cinqüenta anos, cem anos? Chegará a época em que os homens cessarão de temer o

conhecimento, não mais disfarçarão a fraqueza como "lei moral", encontrarão a

coragem de

quebrar as algemas dos mandamentos. Então, os homens ansiarão por minha sabedoria

viva.

Então, os homens precisarão de minha orientação para uma vida honesta, uma vida de

descrença e descoberta. Uma vida de superação. Do desejo superado. E que desejo

maior do

que o desejo de se submeter?

Tenho outras canções que precisam ser cantadas. Minha mente está prenhe de melodias,

e

Zaratustra me chama ainda mais alto. Minha ocupação não é a de técnico. Mesmo

assim, devo

enfrentar a tarefa e registrar todos os becos sem saída e todas as trilhas válidas.

Hoje, todo o rumo de nosso trabalho mudou. A chave? A idéia de significado, em lugar

de

"origem"!

Duas semanas atrás, José f me contou que curou cada sintoma de Bertha descobrindo

sua causa

original. Por exemplo, curou o medo dela de beber água ajudando-a a lembrar de que

observara certa vez sua camareira deixando o cão lamber água do copo de Bertha.

Mostrei-me

cético de início e fiquei ainda mais cético agora. A visão de um cão bebendo de nosso

copo...

desagradável? Para alguns, sim! Catastrófica? Dificilmente. A causa da histeria?

Impossível!

Não, aquilo não foi "causa", e sim manifestação - de uma angústia, uma Angst

persistente e

mais profunda! Por isso, a cura de Joseffoi tão evanescente.

Temos que nos voltar para o significado^ sjntoma não passa de um com a notícia de que

a

Angst está irrompendo das profunmdíLSer! Preocupações profundas com a finitude,

com a

morte de Deus, com o isolamento, com o propósito da vida, com a liberdade -

preocupações

profundas trancafiadas por toda uma vida - agora rom-

pem suas cadeias e batem as portas e janelas da mente. Elas demandam ser ouvidas.

Não

apenas ouvidas, mas vividas!

Aquele estranho livro russo sobre o Homem Subterrâneo continua a me assombrar.

Dostoievski escreve que algumas coisas não devem ser contadas, exceto aos amigos;

outras

coisas não devem ser contadas mesmo aos amigos; finalmente, existem coisas que não

se

contam nem a si mesmo! Certamente, são as coisas que José f jamais contou sequer a si

mesmo

que agora irrompem dentro dele.

Consideremos o que Bertha significa para José f. Ela é fuga, fuga perigosa, fuga do

perigo da

vida segura. É também paixão e mistério e magia. Ela é a grande libertadora trazendo a

suspensão de sua sentença de morte. Ela tem poderes sobre-humanos; é o berço da vida,

a

grande madre confessora: ela perdoa tudo que é selvagem e bestial nele. Ela lhe

proporciona a

vitória garantida sobre todos os competidores, através do amor perdurável, da

companhia

eterna e da existência perene nos sonhos dela. Ela é um escudo contra as garras do

tempo,

oferecendo salvação do abismo interno e segurança do abismo abaixo.

Bertha é uma comucópia de mistério, proteção e salvação! Josef Breuer o denomina

amor. Mas

seu nome real é prece.

Curas paroquiais, como meu pai, sempre protegeram seus rebanhos de Satã. Eles

ensinam que

Satã é o inimigo da fé, que de modo a minar a fé Satã assume qualquer disfarce- e nenhum

mais perigoso e insidioso do que o manto do ceticismo e da dúvida.

Mas quem protegerá a nós - os santos céticos? Quem nos advertirá das ameaças contra o

amor à sabedoria e o ódio à servidão? Será essa minha missão? Nós, os céticos, temos

nossos

inimigos, nossos Satãs que minam nossa dúvida e plantam as sementes da fé nos locais

mais

sutis. Destarte, matamos os deuses, mas santificamos seus substitutos: professores,

artistas,

mulheres bonitas. E Josef Breuer, um cientista renomado, beatífica por quarenta anos o

sorriso

adorador de uma menininha chamada Mane.

Nós os duvidadores temos que estar vigilantes. E fortes. O impulso religioso é feroz.

Veja

como Breuer, um ateu, anseia por persistir, por ser eternamente observado, perdoado,

adorado

e protegido. Será minha missão a do sacerdote do cético? Devo me dedicara detectar e

destruir

os anseios religiosos, quaisquer que sejam seus disfarces? O inimigo é formidável; a

flama da

crença é alimentada incessantemente pelos temores da morte, do olvido e da ausência de

sentido.

i NIETZSCHE CHOROU

Aonde o significado nos conduzirá? Se eu descobrir o significado da obsessão,^ a/2 Os

sintomas de Josef 'desaparecerão? E os meus? Quando? Um 'rápido mergulho na

"compreensão" bastara? Ou a submersão terá que ser prolongada?

E que signiãcado? Parece haver vários significados para o mesmo sintoma e Josef ainda

não

começou a esgotar os significados de sua obsessão por Bertha.

Talvez tenhamos que descascar os significados um a um até que Bertha deixe de

significar

qualquer coisa que nào ela própria. Uma vez despojada dos significados excedentes, ele

a verá

como o ser humano, demasiado humano assustado e despojado que ela e ele e todos nós

realmente somos.

CAPITULO 20

l A MANHÃ SEGUINTE, Breuer adentrou o quarto de Nietzsche ainda trajando seu

sobretudo

revestido de peles e segurando uma cartola preta.

- Friedrich, olhe pela janela! Aquele tímido globo laranja no céu... você o reconhece?

Nosso

sol vienense finalmente deu um ar de sua graça. Que tal celebrarmos com um passeio

hoje?

Ambos dissemos que pensamos melhor enquanto caminhamos.

Nietzsche pulou de sua escrivaninha como se tivesse molas nos pés. Breuer jamais o

vira se

mover tão rapidamente.

- Nada me agradaria mais. Há três dias, as enfermeiras não me permitem pôr os pés lá

fora.

Por onde podemos andar? Temos tempo suficiente para dar uma escapulida?

- Eis o meu plano. Eu visito o túmulo de meus pais no sbabboth uma vez por mês.

Venha

comigo hoje; o cemitério fica a menos de uma hora de fiacre. Farei uma pequena

parada, o

tempo suficiente para deixar algumas flores e de lá prosseguiremos até o Simmeringer

Haide

para uma caminhada de uma hora pela floresta e campina. Voltaremos a tempo para o

jantar.

No shabbath, não programo nenhum compromisso até o final da tarde.

Breuer esperou Nietzsche se vestir. O filósofo costumava dizer que, embora gostasse do

clima

frio, este não gostava dele; assim, para se proteger da enxaqueca, vestia dois pesados

suéteres e

enrolava um xale de lá de um metro e meio várias vezes ao redor do pesco-

ço antes de enfiar o sobretudo. Sobre uma viseira verde para proteger os olhos da

claridade,

colocou um chapéu bávaro de feltro verde.

Durante a viagem, Nietzsche estranhou a pilha de boletins médicos e revistas científicas

amontoados nas bolsas das portas e espalhados pelos assentos vazios. Breuer explicou

que seu

fiacre era uma extensão do consultório.

- Há dias em que passo mais tempo viajando aqui dentro do que em meu consultório de

Bàckerstrasse. Algum tempo atrás, um jovem estudante de medicina, Sigmund Freud,

quis

obter uma visão direta da vida diária de um médico e pediu para me acompanhar

por um

dia

inteiro. Ele ficou abismado com o número de horas que despendi neste fiacre e decidiu

sem

pestanejar seguir uma carreira de pesquisa, em vez da carreira clínica.

No fiacre, circundaram a parte sul da cidade percorrendo a Ringstrasse, atravessaram a ponte

Schwarzenberg sobre o rio Wien, passaram pelo palácio de verão e, seguindo o Renweg

e

depois a Simmering Hauptstrasse, logo atingiram o Cemitério Central da Cidade de

Viena.

Depois de atravessar o terceiro grande portão, que dava para a divisão judaica do

cemitério,

Fischmann, que conduzia Breuer ao túmulo dos pais havia uma década, percorreu sem

errar um

emaranhado de corredores estreitos, alguns mal dando passagem para o fiacre, e parou

diante

do amplo mausoléu da família Rothschild. Enquanto Breuer e Nietzsche apeavam,

Fischmann

entregou a Breuer um grande buquê de flores que estivera guardado sob seu assento. Os

dois

homens percorreram silenciosamente uma passagem de terra através de filas de

monumentos.

Alguns traziam simplesmente um nome e uma data de falecimento; em outros lia-se um

pequeno

epitáfio de recordação; outros eram adornados com a estrela de Davi ou mãos com

dedos

estendidos em alto-relevo denotando um morto dos Cohen, a tribo mais sagrada.

Breuer apontou os buques de flores recém-colhidas depositados diante de muitos

túmulos.

- Nesta terra dos mortos, estes SÃO os mortos e aqueles- apontou uma parte velha,

maltratada e abandonada do cemitério - são os verdadeiramente mortos. Ninguém mais

cuida

dos túmulos deles, porque nenhuma pessoa viva jamais os conheceu. Eles sabem o que

significa estar morto.

Atingindo seu destino, Breuer se quedou diante de um vasto love da família cercado por

uma

fina mureta de pedras lavradas. No seu interior, viam-se duas lápides: uma pequena e

aprumada

onde se lia: "Adolf Breuer 1844-1874" e uma laje de mármore cinzento ampla e rasa na qual

estavam gravadas duas inscrições:

LEOPOLD BREUER 1791-1872

Amado Mestre e Pai Não Esquecido por Seus Filhos

BERTHA BREUER 1818-1845

Amada Mãe e Esposa Falecida na Flor da Juventude e Beleza

Breuer apanhou o pequeno vaso de pedra sobre a laje de mármore, retirou as flores

murchas

do mês anterior e delicadamente inseriu as flores que trouxera, dispondo-as em todo seu

viço.

Após colocar uma pedrinha redonda sobre a laje de seus pais e a lápide do irmão, ficou

de pé

em silêncio, a cabeça inclinada.

Nietzsche, em respeito à necessidade de Breuer de solidão, desceu uma

passagem com

lápides

de granito e mármore enfileiradas. Logo penetrou na área dos judeus vienenses

abastados -

os Goldschmidts, os Gomperzes, os Altmanns, os Wertheimers - que, na morte como na

vida,

buscavam a assimilação na sociedade vienense cristã. Grandes mausoléus abrigando

famílias

inteiras, com as entradas bloqueadas por maciças grades de ferro forjado guarnecidas

com

videiras de ferro entrelaçadas, eram guardados por esmeradas estátuas funerárias. Mais

adiante

no corredor, sobre pesadas lápides, erguiam-se anjos interconfessionais, seus braços de

pedra

estendidos súplices - imaginou Nietzsche - por atenção e lembrança.

Dez minutos depois, Breuer o alcançou.

- Foi fácil localizá-lo, Friedrich. Ouvi-o sussurrando.

- Eu me distraio compondo versinhos enquanto passeio - comentou enquanto Breuer

entrava em compasso ao seu lado. - Ouça estes últimos:

Embora as pedras não ouçam nem consigam ver Todas suplicam tristemente para não as

esquecer.

Depois, sem esperar por uma resposta de Breuer, perguntou:

- Quem foi Adolf, o terceiro Breuer ao lado de seus pais?

- Adolf foi meu único irmão. Ele morreu oito anos atrás. Disseram-me que minha mãe

faleceu

em conseqüência do nascimento dele. Minha avó mudou-se para nossa casa a fim de nos

criar,

mas ela morreu há muitos anos. Agora - Breuer falou tristemente - eles todos se foram e

eu

sou o próximo da fila.

- E as pedrinhas? Vejo muitas lápides aqui com pedrinhas por cima.

- Um antiquíssimo costume judaico... simplesmente para honrar o morto, significando a

lembrança.

- Significar para quem? Desculpe, Josef, se ultrapasso o limite do decoro.

Breuer afrouxou o colarinho sob o paletó.

- Tudo bem. Na verdade, você formula o meu tipo de perguntas iconoclastas, Friedrich.

Que

estranho se contorcer da forma como faço os outros se contorcerem! Mas não tenho

resposta.

Deixo as pedrinhas para ninguém. Não é por formalidade social, para os outros verem;

não

tenho nenhuma outra família e sou o único que visita esse túmulo. Nem é por

superstição ou

medo. Com certeza não por esperança de recompensa no além: desde criança, acredito

que a

vida seja uma centelha entre dois vácuos idênticos: a escuridão antes do nascimento e

aquela

após a morte.

- A vida... uma centelha entre dois vácuos. Bela imagem, Josef. Não é estranho como

nos

preocupamos com o segundo vácuo e jamais pensamos no primeiro?

Breuer concordou com um aceno da cabeça e, após alguns momentos, continuou:

- Mas as pedrinhas. Você pergunta para quem deixo essas pedrinhas? Talvez minha mão

seja

tentada pela aposta de Pascal. Afinal, o que tenho a perder? Apenas uma pedrinha, um

pequeno

esforço.

- Uma pergunta sem importância também, Josef. Quis apenas ganhar tempo para refletir

numa

pergunta bem mais relevante.

- Que pergunta?

- Por que nunca me contou que sua mãe se chamava Bertha! Breuer jamais esperara essa

pergunta. Virou-se para fitar me-

tzsche.

-Por que deveria? Isso nunca me ocorreu. Nunca lhe contei que minha filha mais velha

também se chama Bertha. Não é importante. Conforme lhe contei, minha mãe faleceu quando eu

tinha três anos e não tenho lembranças dela.

- Nenhuma lembrança consciente-corrigiu Nietzsche. -Mas a maioria de nossas

lembranças

existem no subconsciente. Sem dúvida, você conhece a Filosofia do inconsciente de

Hartmann.

Está em todas as livrarias.

Breuer anuiu com a cabeça.

- Conheço bem. Nosso grupo lá do café passou muitas horas discutindo-o.

- Existe um verdadeiro génio por detrás desse livro, mas é o editor, não o autor.

Hartmann é,

na melhor das hipóteses, um artífice da filosofia que meramente se apropriou dos

pensamentos

de Goethe, Schopenhauer e Shelling. Mas para o editor Duncker tiro o chapéu! - e

Nietzsche

fez um floreio no ar com seu chapéu verde. - Eis um homem que sabe colocar um livro

diante

do nariz de todo leitor na Europa. Está na nona edição! Overbeck me contou que mais

de cem

mil exemplares foram vendidos! Imagine! Fico grato se um de meus livros vende

duzentos

exemplares! - Suspirou e repôs o chapéu na cabeça. - Voltando a Hartmann, ele discute

vinte e quatro diferentes aspectos do inconsciente e não deixa dúvida de que a maior

parte de

nossa memória e de nossos processos mentais estão fora da consciência. Eu concordo,

só que

ele não vai longe o bastante: é difícil, acredito, superestimar o grau em que a vida, a

vida real, é

vivida pelo inconsciente. A consciência é apenas uma película translúcida que cobre a

existência: o olho treinado enxerga através dela, vislumbrando forças primitivas,

instintos, o

verdadeiro motor da vontade de poder. De fato, Josef, você aludiu ao inconsciente

ontem, ao

se imaginar entrando nos sonhos de Bertha. Como você o colocou?... que ganhara

acesso à sua

câmara mais interna, o santuário onde tudo perdura para sempre. Se sua imagem reside

eternamente na mente dela, onde estará alojada nos momentos em que ela pensa em

outra

coisa? Obviamente, tem que existir um vasto reservatório de memórias

inconscientes.

Naquele momento, depararam com um pequeno grupo de pranteadores congregados

perto de

um dossel que cobria uma cova

aberta. Quatro robustos coveiros, usando pesadas cordas, tinham abaixado o caixão e os

pranteadores, mesmo os mais frágeis e mais velhos, faziam agora uma fila para atirar

uma

pequena pazada de terra na tumba. Breuçr e Nietzsche caminharam em silêncio por

vários

minutos, inalando o odor úmido e agridoce de terra recém-revolvida. Chegaram a uma

encruzilhada. Breuer tocou no braço de Nietzsche para sinalizar que teriam que tomar a

passagem à direita.

- No tocante às memórias inconscientes - Breuer retomou a conversa quando já não

podiam

ouvir o cascalho de encontro ao caixão de madeira -, concordo inteiramente com você.

Na

verdade, meu trabalho hipnótico com Bertha gerou muitos indícios de sua existência.

Mas

Friedrich, o que está insinuando? Certamente não que amo Bertha porque ela e minha

mãe têm

o mesmo nome?

- Não acha notável, Josef, que embora tenhamos falado horas e horas sobre sua paciente

Bertha, somente esta manhã você me revelou ter sido esse o nome de sua mãe?

- Eu não o escondi de você. Simplesmente nunca associei minha mãe com Bertha.

Mesmo

agora, essa associação me parece forçada. Para mim, Bertha é Bertha Pappenheim.

Nunca

penso em minha mãe. Nenhuma imagem dela jamais penetra em minha mente.

- Porém sua vida inteira você coloca flores no túmulo dela.

- No túmulo de toda a minha família!

Breuer sentiu que estava sendo obstinado, mas, mesmo assim, estava determinado a

falar

francamente. Sentiu uma onda de admiração pela perseverança de Nietzsche, à medida

que este

persistia, paciente e indómito, sua investigação psicológica.

- Ontem exploramos cada significado possível de Bertha. Sua limpeza de chaminé

evocou

muitas lembranças. Como é possível que o nome de sua mãe em nenhum momento

viesse à

mente?

- Como poderei responder? As memórias não conscientes estão além de meu controle

consciente. Ignoro onde estão. Elas têm uma vida própria. Só posso falar do que

experimento,

do que é real. E Bertha, enquanto Bertha, é a coisa mais real de minha vida.

- Mas, Josef, aí é que está o problema. Não constatamos ontem que seu relacionamento com

Bertha é irreal, uma ilusão tramada de imagens e desejos que nada têm a ver com a

Bertha real?

Ontem descobrimos que sua fantasia de Bertha o protege ao futuro, dos terrores

do envelhecimento, da morte, do esquecimento. Hoje percebo que sua visão de Bertha

está

também contaminada por fantasmas de seu passado. Josef, apenas este instante é real.

No final,

só experimentamos a nós mesmos no momento presente. Bertha não é real. Ela não

passa de

um fantasma que surge tanto do futuro como do passado.

Breuer jamais vira Nietzsche tão confiante, seguro de cada palavra.

- Deixe-me colocá-lo de outra forma! - continuou Nietzsche. - Você pensa que você e

Bertha têm intimidade, o mais íntimo e privado relacionamento imaginável. Não é? -

Breuer

assentiu com a cabeça. - Pois bem - afirmou Nietzsche enfaticamente -, estou

convencido

de que deforma alguma vocêeBertba têm um relacionamento privado. Acredito que sua

obsessão será resolvida quando conseguir responder a uma pergunta básica: Quantas

pessoas

existem nesse relacionamento}

O fiacre os esperava bem em frente. Eles entraram e Breuer instruiu Fischmann a levá-

los à

Simmeringer Haide. Uma vez instalados, Breuer exprimiu sua perplexidade.

-Não entendi muito bem, Friedrich.

- Sem dúvida, você pode ver que você e Bertha jamais têm um tête-à-tête privado.

Nunca

você e ela estão sozinhos. Em sua fantasia pululam outros: bonitas mulheres com

habilidades

redentoras e protetoras; homens sem rosto que você derrota para obter os favores de

Bertha;

sua mãe Bertha Breuer e uma menina de dez anos com um sorriso adorável. Se

chegamos a

descobrir alguma coisa, Josef, é que sua obsessão por Bertha não diz respeito a Bertha\

Breuer assentiu com a cabeça e mergulhou em pensamentos. Nietzsche também ficou

em

silêncio olhando pela janela pelo resto da viagem. Quando apearam, Breuer pediu a

Fischmann

que os apanhasse em uma hora.

O sol acabara de desaparecer atrás de uma imensa nuvem cinzaazulado e os dois homens

enfrentaram um vento gélido, que já no dia anterior varrera as estepes russas.

Abotoaram o

sobretudo até o pescoço e iniciaram a caminhada em ritmo acelerado. Nietzsche foi o

primeiro

a romper o silêncio.

- É estranho, Josef, como um cemitério consegue me acalmar. Contei-lhe que meu pai

foi um

pastor luterano. Mas será que lhe

contei que meu quintal e meu local de brincar era o adro da aldeia? Por sinal, você

conhece o

ensaio de Montaigne sobre a morte, em que nos aconselha a morar em um quarto com

vista

para um cemitério? Aclara a nossa mente - alega ele - e mantém as prioridades da vida

em

perspectiva. Os cemitérios também exercem esse efeito em você?

Breuer acenou que sim com a cabeça.

- Adoro esse ensaio! Houve uma época em que visitas a cemitérios tinham um efeito

restaurador sobre mim. Alguns anos atrás, ao me sentir esmagado pelo final de

minha

carreira

universitária, procurei consolo entre os mortos. De algum modo, as tumbas me

acalmavam,

permitiam que eu trivializasse o trivial em minha vida. Mas de repente isso mudou.

- Como assim?

- Não sei o porquê, mas de alguma forma o efeito leniente e esclarecedor do cemitério

desapareceu. Perdi minha reverência e passei a encarar os anjos funerários e os epitáfios

sobre

repousar nos braços de Deus como tolos, até patéticos. Alguns anos atrás, passei por

outra

mudança. Tudo no cemitério, as lápides, as estátuas, os mausoléus de família, passou a

me

assustar. Qual uma criança, sentia o cemitério assombrado por fantasmas e, ao caminhar

até a

tumba de meus pais, virava a cabeça constantemente, olhando ao meu redor e atrás de

mim.

Comecei a adiar as idas ao cemitério e procurava alguém para me acompanhar. Hoje em

dia,

minhas visitas são cada vez mais curtas. Muitas vezes, temo a visão do túmulo de meus

pais e,

às vezes, quando estou diante dele, tenho medo de afundar no solo e ser engolido por ele.

- Como no pesadelo do chão se liquefazendo aos seus pés.

- Que estranho você falar sobre isso, Friedrich! Apenas uns minutos atrás, exatamente

esse

sonho passou por minha mente.

- Talvez seja um sonho com um cemitério. No sonho, ao que me lembro, você caiu

quarenta

metros até atingir uma laje., não foi esta sua palavra?

- Uma laje de mármore. Uma lápide! - respondeu Breuer. - Com uma inscrição que não

consegui ler! Há outra coisa que acho que não lhe contei. O jovem estudante e também

um

amigo, Sigmund

Freud, que mencionei antes... aquele que me acompanhou um dia inteiro em minhas

visitas

domiciliares...

- Sim?

- Bem, os sonhos são o hobby dele. Ele costuma perguntar aos amigos sobre seus

sonhos.

Números precisos ou frases nos sonhos o intrigam e, quando lhe descrevi meu pesadelo,

ele

propôs outra hipótese sobre o fato de eu cair exatamente quarenta metros. Como tive

esse

sonho pela primeira vez perto de meu quadragésimo aniversário, sugeriu que os

quarenta

metros realmente significavam quarenta anos.

- Genial! - Nietzsche diminuiu o passo e bateu palmas. - Não são metros, mas anos!

Agora

o enigma do sonho começa a se esclarecer! Ao atingir seus quarenta anos, você se

imagina

afundando na terra e parando numa laje de mármore. Mas a laje é o final? E a morte?

Ou

significa, de algum modo, uma interrupção da queda, um salvamento? - Sem esperar por

uma

resposta, Nietzsche prosseguiu apressado. - E eis outra pergunta: a Bertha que você

procurava quando o solo começou a se liquefazer... de que Bertha se tratava? A jovem

Bertha,

que oferece a ilusão de proteção? Ou a mãe, que outrora oferecia segurança real e cujo

nome

está escrito na laje? Ou uma fusão das duas Berthas? Afinal, de certa forma, suas idades estão

próximas, pois sua mãe morreu com uma idade não muito superior à de Bertha!

- Que Bertha? - Breuer abanou a cabeça. - Como poderei responder a esta pergunta? E

pensar que, poucos minutos atrás, imaginei que a terapia através da conversa pudesse

culminar

em uma ciência precisa! Mas como ser preciso sobre tais questões? Talvez o critério de

correção deva ser o mero poder: suas palavras se afiguram poderosas, elas me

persuadem,

sinto-as como corretas. Entretanto, pode-se confiar nos sentimentos! Em toda

parte,

fanáticos

religiosos sentem uma presença divina. Devo considerar os sentimentos deles menos

confiáveis

do que os meus?

- Pergunto-me - ponderou Nietzsche - se nossos sonhos estão mais próximos de quem

nós

somos do que a racionalidade ou os sentimentos.

- Seu interesse nos sonhos me surpreende, Friedrich. Seus dois livros mal os

mencionam.

Lembro-me apenas de sua especulação de

que a vida mental do homem primitivo continua operando nos sonhos.

-- Acredito que nossa pré-história inteira pode ser encontrada fio texto de nossos

sonhos.

Mas os sonhos me fascinam somente a distância: infelizmente, lembro pouquíssimos de

meus

próprios sonhos, embora um deles recentemente tivesse enorme clareza.

Os dois homens caminharam sem falar, rebentando galhos e folhas sob os pés. Iria

Nietzsche

descrever seu sonho? Breuer concluíra que quanto menos perguntava, mais Nietzsche se

abria.

O melhor era ficar em silêncio.

Alguns minutos depois, Nietzsche continuou:

- E curto e, como o seu, envolve tanto mulheres como a morte. Sonhei que estava na

cama

com uma mulher e que houve uma luta. Talvez ambos disputássemos os lençóis. De

qualquer

modo, alguns minutos depois, vi-me firmemente amarrado pelos lençóis, tão

firmemente que

não conseguia me mover e comecei a sufocar. Acordei suando, respirando com

dificuldade e

gritando: "Viver, viver!"

Breuer tentou ajudar Nietzsche a rememorar mais partes do sonho mas debalde. A única

associação de Nietzsche com o sonho era que ser amarrado por lençóis se assemelhava

ao

embalsamamento egípcio. Ele se tornara uma múmia.

- Ocorre-me - observou Breuer - que nossos sonhos são diametralmente opostos. Eu

sonho com uma mulher que me salva da morte, enquanto em seu sonho a mulher é o

instrumento da morte!

- Sim, é o que diz o meu sonho. E acredito que seja assim! Amar uma mulher é odiar a

vida!

- Não compreendo, Friedrich. Você está falando enigmaticamente de novo.

- Quero dizer que não conseguimos amar uma mulher sem nos cegarmos para a feiúra

abaixo

da bela pele: sangue, veias, gordura, muco, fezes... os horrores fisiológicos. O amante

tem que

arrancar seus próprios olhos, precisa renunciar à verdade. Para mim, uma vida

mentirosa é uma

morte viva!

- Conclui-se que jamais haverá lugar para o amor em sua vida? - Breuer suspirou

profundamente. - Se bem que o amor esteja arruinando minha vida, sua declaração faz

com

que me entristeça por você, amigo.

- Sonho com um amor que seja mais do que duas pessoas ansiando para possuir uma à

outra.

Certa vez, não faz muito tempo, pensei tê-lo encontrado. Mas me equivoquei.

- O que aconteceu?

Com a impressão de que Nietzsche abanara ligeiramente a cabeça, Breuer não insistiu.

Caminharam juntos até Nietzsche recomeçar:

- Sonho com um amor em que duas pessoas compartilham uma paixão de buscar juntas

uma

verdade mais elevada. Talvez não devesse chamá-lo de amor. Talvez seu nome real seja

amizade.

Quão diferente estava sendo a discussão deles naquele dia! Breuer se sentia próximo de

Nietzsche, desejou até caminhar de braços dados com ele. Contudo, também se sentia

desapontado. Sabia que naquele dia não obteria a ajuda desejada. Faltava intensidade

comprimida naquela conversa ao caminharem. Era fácil demais, em um momento de desconforto, resvalar no silêncio e deixar a atenção ser capturada pelas nuvens da

expiração e a

crepitação de ramos nus tremendo ao vento.

A certa altura, Breuer ficou para trás. Nietzsche, volvendo-se para procurá-lo, ficou

surpreso ao

ver o companheiro, chapéu à mão, fazendo uma mesura ante uma pequena planta de

aparência

comum.

- Dedaleira - explicou Breuer. - Tenho ao menos quarenta pacientes com problemas

cardíacos cujas vidas dependem da benevolência desta planta plebeia.

Para ambos os homens, a visita ao cemitério abrira antigas feridas da infância, e,

enquanto

caminhavam, reminiscências afloravam-lhes à mente. Nietzsche recordou um sonho de

quando

tinha seis anos, um ano depois da morte do pai.

-Está tão nítido hoje como se o tivesse sonhado na última noite. Um túmulo se abre e

meu pai,

envolvido por uma mortalha, se ergue, entra em uma igreja e logo retorna carregando

nos

braços uma pequena criança. Desce novamente ao túmulo com a criança. A terra se

fecha sobre

eles e a lápide desliza para cima da abertura. Realmente terrível foi que, pouco depois

que tive

aquele sonho, meu irmão mais novo adoeceu e morreu de convulsões.

- Que horror! - exclamouBreuer. - Que estranho ter tido uma tal antevisão! Como a

explica?

- Não consigo. Por muito tempo, o sobrenatural me aterrorizou e entoei minhas preces

com

grande sinceridade. Nos últimos anos,

porém, comecei a suspeitar de que o sonho não tivesse relação com meu irmão, que foi

a mim que

meu pai veio buscar e que o sonho expressava meu medo da morte.

À vontade um com o outro de uma forma não experimentada antes, ambos os homens

continuaram

com as reminiscências. Breuer rememorou um sonho de alguma calamidade ocorrida

em sua

antiga casa: seu pai de pé impotente, orando e oscilando para a frente e para trás,

envolvido em

seu xale de preces azul e branco. Nietzsche, por sua vez, descreveu um pesadelo em que,

adentrando seu quarto, viu, deitado em sua cama, um ancião no estertor da morte.

- Ambos deparamos com a morte muito cedo - disse Breuer ponderadamente - e ambos

sofremos uma terrível perda prematura. Acredito que, quanto a mim, jamais me

recuperei. Mas

quanto a você, à sua perda? Como foi não ter o pai para protegê-lo?

- Para me proteger ou para me oprimir? Terá sido uma perda? Não estou certo. Ou pode

ter sido

uma perda para a criança, mas não para o homem.

- Em que sentido? - perguntou Breuer.

- No sentido de que jamais tive que carregar meu pai nas costas, jamais fui sufocado

pelo peso

de seu julgamento, jamais me ensinaram que o objetivo da vida era realizar suas

ambições

frustradas. Sua morte pode muito bem ter sido uma bênção, uma libertação. Seus

caprichos jamais

se tornaram minha lei. Fui deixado sozinho a fim de descobrir meu caminho, um nunca

dantes

percorrido. Pense a respeito! Poderia eu, o anticristo, ter exorcizado falsas crenças e

buscado

novas verdades com um pai-pároco estremecendo de dor a cada realização minha, um

pai que

teria encarado minhas campanhas contra a ilusão como um ataque pessoal contra ele>.

-Mas - retrucou Breuer -, se você tivesse tido a proteção dele quando precisasse, teria

necessariamente se tornado o anticristo?

Nietzsche não respondeu e Breuer não insistiu. Estava aprendendo a se adaptar ao ritmo

de

Nietzsche: quaisquer perguntas que visassem à verdade eram permitidas, até bem-

vindas; mas a

insistência adicional topava com a resistência. Breuer apanhou o relógio do bolso,

aquele que seu

pai lhe dera. Estava na hora de voltar ao fiacre, onde Fischmann os aguardava. Com o

vento

agora batendo às costas, a caminhada tornou-se mais fácil.

-Você pode ser mais honesto do que eu-especulou Breuer. - Talvez os julgamentos de

meu

pai me oprimissem mais do que eu percebia. Mas na maior parte do tempo, sinto muita

falta dele.

- Sente falta de quê?

Breuer evocou a figura de seu pai e contemplou as lembranças que desfilaram ante seus olhos. O

velho homem, solidéu na cabeça, entoando uma bênção antes de provar a sopa de

batatas e

arenque. O sorriso dele sentado na sinagoga observando o filho enrolar os dedos nas

borlas de

seu xale de preces. Sua recusa em deixar o filho voltar atrás de um lance no xadrez:

"Josef, não

posso me permitir ensinar-lhe maus hábitos." Sua profunda voz de barítono, que

preenchia a casa

enquanto cantava passagens para os rapazes que preparava para seus bar mitzvah.*

- Acima de tudo, acho que sinto falta de sua atenção. Ele sempre foi minha principal

platéia,

mesmo no finalzinho da vida, quando sofreu grande confusão mental e perda de

memória. Eu não

deixava de lhe contar meus sucessos, meus triunfos de diagnóstico, minhas descobertas

nas

pesquisas, mesmo minhas doações de caridade. Mesmo depois de morrer, continuou

sendo minha

platéia. Durante anos, imaginei-o espiando por cima de meus ombros, observando e

aprovando

minhas realizações. Quanto mais sua imagem se desvanece, mais luto contra o

sentimento de que

minhas atividades e meus sucessos são todos evanescentes, de que não têm significado

real.

- Está dizendo, Josef, que se seus sucessos pudessem ser registrados na mente efémera

de seu

pai, então possuiriam significado?

- Sei que é irracional. Parece muito com a questão do som de uma árvore que cai numa

floresta

vazia. A atividade não observada terá um significado?

- A diferença é, claramente, que a árvore não tem ouvidos, enquanto é você próprio que

confere

significado.

-Friedrich, você é mais auto-suficiente do que eu... mais do que qualquer pessoa que

conheci!

Lembro-me de ter admirado, em nosso

* Cerimónia aos treze anos que marca a maioridade religiosa dos rapazes na religião

judaica. (N. do T.)

primeiro encontro, sua capacidade de florescer sem qualquer reconhecimento dos colegas.

-Há muito tempo, Josef, aprendi que£ jnajt fácil enfrentar uma má reputação do que

uma má

consciência. Ademais, não sou ganancioso; não escrevo para a turba. E sei ser paciente.

Talvez

meus discípulos ainda não tenham nascido. Somente o depois de amanhã me pertence.

Alguns

filósofos nascem postumamente!

- Mas, Friedrich, acreditando-se que você nascerá postumamente, será isso tão diferente

de

meu anelo pela atenção de meu pai? Você pode esperar até depois de amanhã; porém,

também

você anseia por uma platéia.

Uma longa pausa. Nietzsche finalmente anuiu com a cabeça e depois disse suavemente:

-Pode ser. Pode ser que eu tenha dentro de mim bolsões de vaidade ainda não

expurgados.

Breuer apenas assentiu com a cabeça. Não lhe passou despercebido que essa fora a

primeira

vez em que uma de suas observações fora admitida por Nietzsche. Seria esse um divisor

de

águas no relacionamento entre eles?

Não, ainda não! Após um momento, Nietzsche acrescentou:

- Contudo, existe uma diferença entre desejar a aprovação de um pai e procurar elevar

os que

se seguirão no futuro.

Breuer não respondeu, embora lhe parecesse óbvio que as motivações de Nietzsche não

eram

puramente autotranscendentes; este tinha seus próprios mecanismos inconscientes de

cortejar a

lembrança. Naquele dia, Breuer teve a impressão de que todas as motivações, dele e de

Nietzsche, brotavam de uma fonte única: o afã de escapar do esquecimento da morte.

Estaria se

tornando mórbido demais? Talvez fosse o efeito do cemitério. Talvez mesmo uma visita

ao mês

fosse demais.

Entretanto, nem mesmo a morbidez conseguiu atrapalhar o espírito dessa caminhada.

Pensou

na definição de Nietzsche de amizade: duas pessoas que se unem em busca de alguma

verdade

mais elevada. Não era precisamente o que ele e Nietzsche estavam fazendo naquele dia?

Sim,

eles eram amigos.

Tratava-se de um pensamento consolador, embora Breuer soubesse que o

relacionamento cada

vez mais profundo e a discussão absor-

vente não estavam trazendo um alívio para sua dor. Em prol da amizade, procurou

ignorar

aquela idéia perturbadora. Todavia, como um amigo, Nietzsche deve ter lido a mente

dele.

- Estou gostando desta caminhada juntos, Josef, mas não podemos esquecer a razão de

ser de

nossos encontros: seu estado psicológico.

Na descida de um morro, Breuer escorregou e agarrou um rebento para não cair.

- Cuidado, Friedrich, este xisto é escorregadio.-Nietzsche deu a mão a Breuer e

continuaram

a descida.

- Estive pensando - continuou Nietzsche - que, embora nossas discussões pareçam

difusas, paulatinamente nos aproximamos de uma solução. É verdade que nossos

ataques

diretos à sua obsessão por Bertha não surtiram efeito. Entretanto, nos últimos

dias,

descobrimos o porquê: a obsessão não envolve Bertha, ou não envolve apenas ela, mas

uma

série de significados misturados com Bertha. Concordamos quanto a isso?

Breuer respondeu que sim com um abano da cabeça, querendo explicar polidamente que

a

ajuda não adviria de tais formulações intelectuais. Mas Nietzsche continuou

apressadamente.

- Está claro agora que nosso principal erro foi considerar Bertha o alvo. Não escolhemos

o

inimigo certo.

- E ele é...

- Você sabe, Josef! Por que me faz dizer? O inimigo certo é o significado subjacente de

sua

obsessão. Pense em nossa conversa de hoje... repetidamente, temos retornado aos seus

temores

do vácuo, do esquecimento, da morte. Está lá no seu pesadelo, no solo se liquefazendo,

em seu

mergulho até a laje de mármore. Está lá no seu medo do cemitério, em suas

preocupações com

a falta de sentido, em seu desejo de ser observado e lembrado. O paradoxo, seu

paradoxo é

que você se dedica à busca da verdade, mas não consegue suportar a visão de sua

descoberta.

- Mas também você, Friedrich, deve estar assustado com a morte e a ausência de Deus.

Desde

o comecinho, tenho perguntado: "Como você o suporta? Como você conseguiu aceitar

tais

horrores?"

- Talvez seja hora de lhe revelar - respondeu Nietzsche, assumindo ares

grandiloqüentes. -

Até agora, achava que você ainda não estava preparado para me ouvir.

Breuer, curioso sobre a revelação de Nietzsche, resolveu ao menos daquela vez não

objetar à

sua voz de profeta.

- Não ensino, Josef, que se deva "suportar" a morte ou "aceitála". Isso seria trair a vida.

Eis

minha lição para você: Morra no momento certo!

- Morrer no momento certo! - A frase sacudiu Breuer. O agradável passeio vespertino se

tornara terrivelmente sério. - Morrer no momento certo? O que você tem em mente? Por

favor, Friedrich, já disse mil vezes que não agüento mais ouvir você dizer coisas

importantes

de forma tão enigmática. Afinal, por que você faz isso?

- Você formulou duas perguntas. A qual delas devo responder?

- Hoje, fale-me sobre morrer no momento certo.

- Viva enquanto viver! A morte perde seu terror quando se morre depois de consumida a

própria vida! Caso não se viva no tempo certo, então nunca se conseguirá morrer no

momento

certo.

- O que isso significa? - perguntou Breuer novamente, sentindo-se ainda mais frustrado.

- Pergunte a si mesmo, Josef: Você consumiu sua viddí

- Você responde a perguntas com perguntas, Friedrich.

- Você faz perguntas cujas respostas conhece - revidou metzsche.

- Se eu soubesse a resposta, por que faria a pergunta?

- Para evitar conhecer sua própria resposta.

Breuer pausou. Sabia que Nietzsche estava certo. Parou de resistir e voltou sua atenção

para

dentro:

- Terei consumido minha vida? Alcancei muitas coisas, mais do que qualquer um

esperaria de

mim: sucesso material, avanço científico, família, filhos... mas já passamos por tudo

isso antes.

- Apesar disso, Josef, você evita minha pergunta. Você viveu sua vida? Ou foi vivido

por

ela? Escolheu-a? Ou ela escolheu você? Amoua? Ou a lamentou? Eis o que quero dizer

quando

perguntou se você consumiu sua vida. Você a esgotou? Lembra-se do sonho em que seu

pai

presencia, impotente, rezando, alguma calamidade acometer sua

, família? Você não será como ele: impotente, lamentando a vida que nunca viveu?

Breuer sentiu a pressão aumentar. As perguntas de Nietzsche mexiam com ele;

não

tinha defesa

contra elas. Mal conseguia respirar. Seu tórax parecia prestes a explodir. Interrompeu a

caminhada por um momento e respirou profundamente três vezes antes de responder.

- Essas perguntas... você sabe a resposta. Não, não escolhi! Não, não vivi a vida que

queria!

Vivi a vida atribuída a mim. Eu, o verdadeiro eu, fui encaixado em minha vida.

- E isto, Josef, é, estou convencido, a principal fonte de sua angustia. Aquela pressão

precordial... é porque seu tórax está explodindo de vida não vivida. O tique-taque de seu

coração marca o tempo que se esvai. A avidez do tempo é eterna. O tempo devora e

devora,

sem dar nada de volta. Que terrível ouvi-lo dizer que viveu a vida que lhe foi atribuída!

E que

terrível encarar a morte sem jamais ter reivindicado a liberdade, mesmo em todo o seu

perigo!

Nietzsche estava firme em seu púlpito, sua voz de profeta ressoando. Uma onda de

desapontamento varreu Breuer; sabia agora que seu caso era insolúvel.

- Friedrich - disse ele -, essas são frases altissonantes. Eu as admiro. Elas mexem com

minha alma. Mas estão longe, muito longe de minha vida. O que reivindicar a liberdade significa para minha situação do dia-a-dia? Como posso ser livre? Não é o mesmo que

você,

um jovem solteiro desistindo de uma sufocante carreira universitária. E muito tarde para

mim!

Tenho família, empregados, pacientes, alunos. É tarde demais! Mesmo que

conversemos

eternamente, não poderei mudar minha vida: está entremeada demais de outras vidas.

Fez-se um longo silêncio, rompido por Breuer, com a voz pesarosa:

- Mas não consigo dormir e não agüento mais a dor desta pressão em meu tórax. -

Sentindo

o vento gélido penetrando-lhe pelo sobretudo, tremeu e enrolou o xale ainda mais

apertado em

torno do pescoço. Nietzsche, num gesto raro, tomou-lhe o braço.

- Amigo - sussurrou -, não posso ensinar como viver de forma diferente pois, se o

fizesse,

você continuaria vivendo o projeto de

outrem. Mas Josef, há algo que posso fazer. Posso lhe dar um presente, meu mais

poderoso

pensamento, meu pensamento dos pensamentos. Talvez seja algo familiar a você, pois o

esbocei brevemente em Humano, demasiado humano. Esse pensamento será a força

condutora

de meu próximo livro, talvez de todos os meus livros futuros. Sua voz baixara,

assumindo um

tom solene e imponente, como que para indicar a culminância de toda a conversa. Os

dois

homens caminhavam de braços dados. Breuer olhava bem para a frente enquanto

aguardava as

palavras de Nietzsche.

- Josef, tente clarear a mente. Imagine esta experiência imaginária! E se algum demónio

dissesse para você que esta vida, conforme a vive agora e a viveu no passado, terá que

ser

vivida novamente e inumeráveis outras vezes; ela não terá nada de novo, mas cada dor e

cada

alegria e tudo de inefavelmente pequeno ou grande em sua vida retornará para você,

tudo na

mesma sucessão e seqüência: mesmo este vento e aquelas árvores e esse xale esquivo,

mesmo

o túmulo e o medo, mesmo este momento tranqüilo e você e eu, de braços dados,

murmurando

estas palavras? - Como Breuer permanecesse em silêncio, Nietzsche continuou. -

Imagine a

eterna ampulheta da existência virada de cabeça para baixo novamente e novamente e novamente. A cada vez, também virados de cabeça para baixo estaremos você e eu,

meras

partículas que somos.

Breuer fez um esforço para entendê-lo.

- Como é essa... essa... essa fantasia...

/ -E mais do que uma fantasia - insistiu Nietzsche -, mais realmente do que uma

experiência

imaginária. Escute apenas minhas palavras! Bloqueie todo o resto! Pense no infinito.

Olhe para

antes de você; imagine que está olhando infinitamente para dentro do passado. O tempo

se

estende para trás por toda a eternidade. Ora, se o tempo se estende infinitamente para

trás, tudo

que pode aconteceria não deve ter acontecido? Tudo que se passa agora não deve ter

acontecido desta forma antes? Tudo que anda aqui já não deve ter percorrido este

caminho

antes? E se tudo aconteceu antes na infinidade do tempo, o que você pensa, Josef, deste

momento, de nossas confidências sob esta abóbada de árvores. Também isto já não deve

ter

ocorrido? E o tempo que se estende infinitamente para trás também não deverá se

estender

infinitamente para a frente? Nós neste momento, em cada momento, não deveremos

retornar

eternamente?

Nietzsche silenciou para dar tempo a Breuer de absorver sua mensagem. Era meio-dia,

mas o

céu escurecera. Uma neve leve começou a cair. O fíacre e Fischmann se tornaram

visíveis.

Na viagem de volta à clínica, os dois homens retomaram a discussão. Nietzsche

asseverou que,

embora a chamasse de experiência imaginária, sua hipótese do eterno retorno poderia

ser

cientificamente provada. Breuer sentiu-se cético quanto à prova de Nietzsche, baseada

em dois

princípios metafísicos: de que o tempo é infinito e a força (a substância básica do

universo) é

finita. Dado um número finito de estados potenciais do mundo e uma quantidade infinita

de

tempo já passado, segue-se - argumentou Nietzsche - que todos os estados possíveis já

devem ter ocorrido; e que o estado presente deve ser uma repetição; e igualmente aquele que

lhe deu origem e o que dele decorre, e assim sucessivamente de volta no passado e à

frente no

futuro.

A perplexidade de Breuer aumentou:

- Quer dizer que, através de meros eventos aleatórios, este preciso momento teria

ocorrido

anteriormente?

- Pense no tempo que sempre foi, no tempo retrocedendo eternamente. Em tal tempo

infinito,

recombinações de todos os eventos que constituem o mundo não devem ter se repetido

um

número infinito de vezes?

- Como um grande jogo de dados?

- Precisamente! O grande jogo de dados da existência! Breuer continuou questionando a

prova cosmológica do eterno

retorno de Nietzsche. Embora este respondesse a cada pergunta, acabou perdendo a

paciência

e, finalmente, estourou.

- Repetidamente, Josef, você tem solicitado ajuda concreta. Quantas vezes você me

pediu

para ser mais prático, para oferecer algo capaz de mudá-lo? Agora dou-lhe o que me

pede e

você o ignora criticando detalhes. Escute, amigo, escute minhas palavras, eis a coisa

mais

importante que sempre lhe direi: deixe que este pensamento tome conta de você e

prometo que

o mudará para sempre\

Breuer não se deixou convencer.

- Como posso acreditar sem provas? Não posso evocar a crença. Terei abandonado uma

religião simplesmente para abraçar outra?

- A prova é extremamente complexa. Ainda está inacabada e exigirá anos de trabalho.

Além

disso, em conseqüência de nossa discussão, já nem tenho certeza se devo perder meu

tempo

formulando a prova cosmológica. Talvez os outros também a utilizem como uma

distração.

Assim como você, talvez eles critiquem as sutilezas da prova e ignorem o ponto

importante: as

conseqüências psicológicas do eterno retorno.

Breuer nada falou. Olhava pela janela do fiacre e sacudiu a cabeça ligeiramente.

- Deixe-me formulá-lo em outros termos - continuou Nietzsche. - Você não concede que

o

eterno retorno seja provável*. Está bem, não preciso nem disso! Digamos simplesmente

que

seja possível ou meramente possível. Isso é bastante. Sem dúvida, é mais possível e

mais

provável do que o conto de fadas da danação eterna! O que você tem a perder

considerando-o

uma possibilidade? Não pode encará-lo, então, como a "aposta de Nietzsche"? - Breuer assentiu com a cabeça.-Peço-lhe, portanto, que considere as implicações do eterno

retomo

para sua vida; não abstratamente, mas agora, boje, no sentido mais concreto!

- Quer dizer - perguntou Breuer - que cada ação que realizo, cada dor que experimento

serão experimentadas por toda a infinidade?

- Sim, o eterno retorno significa que, cada vez que você escolhe uma ação, deve estar

disposto a escolhê-la por toda a eternidade. O mesmo se dá com cada ação não

realizada, cada

pensamento natimorto, cada escolha evitada. Toda a vida não vivida ficará latejando

dentro de

você, invivida por toda a eternidade. A voz ignorada de sua consciência continuará

clamando

para sempre.

Breuer se sentiu zonzo; era difícil escutar. Tentou se concentrar no imenso bigode de

Nietzsche

subindo e descendo a cada palavra. Como a boca e os lábios de Nietzsche estavam

inteiramente

encobertos, Breuer não conseguia antever as palavras por vir. Ocasionalmente, seu olhar

capturava os olhos de Nietzsche, mas estes lampejavam demais, de modo que ele

desviava a

atenção abaixo, para o nariz carnudo mas poderoso, ou acima, para as espessas

sobrancelhas

sobrepairando qual bigodes oculares.

Breuer finalmente encontrou uma pergunta: -Então, pelo que entendi, o eterno retorno

promete uma forma de imortalidade?

- Não! - Nietzsche foi veemente. - Ensino que a vida jamais deveria ser modificada ou

esmagada devido à promessa de outro tipo de vida futura. O imortal é esta vida, este momento.

Não existe uma vida após a morte, uma meta para a qual esta vida aponta, um tribunal

ou

julgamento apocalíptico. Este momento existe para sempre e você sozinho é a platéia

sua.

Um calafrio percorreu Breuer. A proporção que as implicações arrepiantes da proposta

de

Nietzsche se tornavam claras, parou de resistir e, ao invés, entrou em um estado de

concentração incomum.

- Vou repetir, Josef: deixe este pensamento tomar conta de você. Agora, responda a esta

pergunta: você odeia esta idéia! Ou a adorai

- Odeio-a\ - quase gritou Breuer. - Viver para sempre com a sensação de que nãovivi,

n#o

provei a liberdade... esta idéia me enche de horror.

- Então - exortou Nietzsche - viva de tal forma a adorara idéia\

-Tudo que adoro agora, Friedrich, é o pensamento de que cumpri meu dever para com

os

outros.

- Dever? Como pode o dever preceder seu amor por si mesmo e por sua própria busca

de

liberdade incondicional? Se você não se realizou pessoalmente, então "dever" é um

mero

eufemismo para o uso dos outros visando ao seu próprio engrandecimento.

Breuer reuniu a energia para mais uma refutação.

- Existe algo como o dever para com os outros, e tenho sido fiel a esse dever. AH ao

menos

tenho a coragem de minhas convicções.

- Melhor, Josef, bem melhor ter a coragem de mujlarsuas convicções. O dever e a

fidelidade

são imposturas, cortinas para esconder o que está atrás. A autolibertação significa um

sagrado

não, mesmo ao dever.

Assustado, Breuer tinha o olhar fixo em Nietzsche.

- Você deseja se tornar você mesmo - continuou Nietzsche. - Quantas vezes o ouvi dizer

isso? Quantas vezes você lastimou que jamais conheceu a liberdade? Sua bondade, seu

dever,

sua fidelidade...

i NIETZSCHE CHOROU

essas são as barras de sua prisão. Você perecerá dessas pequenas virtudes. Você tem que aprender a conhecer sua ruindade. Você não pode ser parcialmente livre: também seus

instintos

anseiam por liberdade; seus cães ferozes no porão... eles rosnam por liberdade. Escute

atentamente: não consegue ouvi-los?

Mas não posso ser livre - implorou Breuer. - Estou ligado

aos laços do sagrado matrimônio. Tenho um dever para com meus filhos, meus alunos,

meus

pacientes.

- Para formar crianças, você precisa primeiro estar formado. Senão, terá filhos por força

de

necessidades animais, ou da solidão, ou para remendar seus buracos. Sua tarefa como

pai não é

produzir outro eu, outro Josef, mas algo mais elevado. É produzir um criador. E sua

esposa?

- prosseguiu Nietzsche inexoravelmente. - Não será tão prisioneira do casamento como

você? O casamento não deveria ser uma prisão, mas um jardim onde algo mais elevado

é

cultivado. Talvez a única forma de salvar seu casamento seja desistir dele.

- Estou preso aos votos do matrimônio.

- O casamento é algo grandioso. E grandioso ser sempre dois, permanecer apaixonado.

Sim,

o matrimônio e sagrado. Porém... - a voz de Nietzsche foi se extinguindo.

- Porém? - perguntou Breuer.

- O matrimônio é sagrado. Porém - a voz de Nietzsche tornou-se áspera - é melhor

acabar

com o matrimônio do que deixá-lo acabar com você!

Breuer cerrou os olhos e mergulhou em profundas cogitações. Nenhum dos dois homens

proferiu palavra pelo resto da viagem.

Notas de Friedrich Nietzsche sobre o doutor Breuer de 16 de dezembro de

1882

Um passeio que começou à luz do sol e terminou no escuro. Talvez penetrássemos

longe

demais no cemitério. Deveríamos ter voltado mais

cedo? Forneci a ele um pensamento poderoso demais? O eterno retomo é um martelo

potente.

Quebrara quem ainda não esta preparado para ele.

Não! Um psicólogo, um decifradorde almas, precisa de dureza mais do que qualquer

outro.

Senão, inchara de piedade. E seu aluno se afogará em águas rasas.

Contudo, no anal de nosso passeio, José f parecia terrivelmente oprimido, mal

conseguindo

conversar. Alguns não nasceram rijos. Um verdadeiro psicólogo, a semelhança do

artista, deve

amar sua palheta. Talvez mais gentileza, mais paciência fosse necessária. Estarei

denudando

antes de ensinar a tecer novas roupas? Ter-lhe-ei ensinado a "liberdade de" sem

ensinara

"liberdadepara"?

Não, um guia deve ser uma amurada na torrente, mas não deve ser uma muleta. O guia

deve

desvendaras trilhas que se estendem diante do discípulo. Mas não deve escolher o

caminho.

"Toma-te meu mestre"-ele suplica. "Ajuda-me a superar o desespero. "Devo esconder minha

sabedoria? E a responsabilidade do discípulo? Ele tem que se calejar para o frio, seus

dedos

devem agarrar a amurada, ele deve se perder muitas vezes por sendas erradas antes de

achar a

correta.

Nas montanhas, sozinho, percorro a rota mais curta - de um pico para o outro. Mas os

discípulos se perdem quando caminho muito na frente. Preciso aprender a diminuir meu

passo.

Hoje, talvez viajamos rapidamente demais. Deslindei um sonho, separei uma Bertha da

outra,

reenterrei os mortos e ensinei a morrer na hora certa. E tudo isso não passou de prelúdio

para o

poderoso tema do retomo.

Tê-lo-ei empurrado fundo demais para dentro da aflição. Muitas vezes, ele parece

perturbado

demais para me ouvir. Entretanto, o que desafiei? O que destruí? Tão-somente valores

vazios e

crenças oscilantes! Aquilo que é oscilante deve ser empurrado!

Hoje entendi que o melhor mestre é aquele que aprende com seu discípulo. Talvez ele

esteja

certo sobre meu pai. Quão diferente seria minha vida se eu não o tivesse perdido! Será

verdade

que martelo com tanta força porquanto o odeio por ter morrido? E martelo tão alto

porque

ainda anseio por um público?

Preocupa-me seu silêncio final. Seus olhos estavam abertos, mas ele parecia não enxergar. Ele

mal respirava.

Todavia, sei que o orvalho cai mais abundantemente quando a noite é mais silente.

CAPITULO 21

LIBERTAR os POMBOS foi quase tão difícil como se despedir de sua família. Breuer

chorou

ao abrir as portinholas de arame e erguer as gaiolas para fora da janela aberta. De início,

os

pombos pareciam não entender. Erguiam o olhar das sementes douradas nas tigelas de

alimentos para fitar embasbacados Breuer, que, com os braços gesticulando, os

convidava a

voar para a liberdade.

Somente quando ele deu pancadas e sacudidelas em suas gaiolas, os pombos adejaram

pelas

mandíbulas abertas de sua prisão e, sem olhar para trás para seu carcereiro, se alçaram

ao céu

raiado de sangue da madrugada. Breuer observou seu vôo com tristeza: cada bater de

asas

azul-prateadas significava o fim de sua carreira de pesquisa científica.

Muito depois que o céu se esvaziara, continuava olhando para fora da janela. Aquele

fora o dia

mais doloroso de sua vida e ele ainda estava entorpecido por seu confronto com

Mathilde no

início da madrugada. Sempre de novo, repetira a cena em sua mente, à procura de

formas mais

gentis e indolores pelas quais poderia ter informado que estava partindo.

- Mathilde - dissera-lhe - não sei como dizer, mas tenho que dizer: preciso de minha

liberdade. Sinto-me aprisionado; não por você, mas pelo destino. Um destino que não

escolhi.

Espantada e assustada, Mathilde apenas o fitara. Ele prosseguira:

- Subitamente, fiquei velho. Sinto-me um velho sepultado em uma vida: uma profissão,

uma

carreira, uma família, uma cultura. Tu-

[JANDO NIBTZSCHE CHOROU

do me foi designado. Não escolhi nada. Preciso dar uma chance para mim! Preciso de

uma

oportunidade de me encontrar!

Uma chance? - respondeu Mathilde. - Encontrar-se? Josef,

o que você está dizendo? Não compreendo. Você está pedindo o

quê?

-Não peço nada de você! Peço algo de mim mesmo. Tfen^oque mudar minha vida!

Senão,

encararei minha morte sem jamais sentir que vivi.

- Josef, isso é loucura! - a voz de Mathilde se elevou. Seus olhos se arregalaram de

medo. - O

que houve com você? Desde quando existe uma vida suae. uma vida minháí

Compartilhamos uma

vida; fizemos um pacto de combinar nossas vidas.

- Mas como eu poderia dar algo antes que fosse meu?

- Não o entendo mais. "Liberdade", "encontrar a si mesmo", "jamais ter vivido": suas palavras

não fazem sentido para mim. O que está acontecendo com você, Josef? Conosco? -

Mathilde não

pôde mais falar. Forcou ambos os punhos contra a boca, virou para o outro lado e

começou a

soluçar.

Josef observara o corpo dela arfar. Aproximou-se. Ela respirava com dificuldade, a

cabeça

inclinada sobre o braço do sofá, as lágrimas escorrendo no colo, os seios ondulando com

seus

soluços. Querendo consolá-la, pôs a mão sobre o ombro dela - apenas para senti-la se

esquivar.

Foi então, naquele momento, que percebeu que atingira uma encruzilhada no curso de

sua vida.

Desligara-se, afastara-se da multidão. Consumara o rompimento. O ombro de sua

esposa, as

costas, os seios já não lhe pertenciam; renunciara ao direito de tocá-la e agora teria que

encarar o

mundo sem o abrigo daquele corpo.

- E melhor que eu vá imediatamente, Mathilde. Não posso lhe dizer para onde estou

indo. E

melhor eu não contar nada. Deixarei instruções com Max sobre todos os meus negócios.

Deixo

tudo para você e não levarei nada comigo, exceto as roupas do corpo, uma pequena

valise e

dinheiro suficiente para me alimentar.

Mathilde continuou a chorar. Parecia incapaz de responder. Teria chegado a ouvir suas palavras?

- Quando souber onde ficarei, contactarei você. Ainda nenhuma resposta.

- Tenho que ir. Tenho que fazer uma mudança e assumir o controle de minha vida. Acho

que

quando conseguir escolher meu destino, ambos nos beneficiaremos. Talvez eu escolha a

mesma

vida, mas tem que ser uma escolha, minha escolha.

Ainda nenhuma resposta da Mathilde em prantos. Breuer deixara o quarto aturdido.

Toda a conversa fora um cruel equívoco - pensou ele, ao fechar as gaiolas dos pombos e

levá-

las de volta à estante do laboratório. Em uma gaiola, restavam quatro pombos incapazes

de voar

porque experiências cirúrgicas danificaram seu equilíbrio. Sabia que deveria sacrificá-

los antes

de partir, mas não quis mais nenhuma responsabilidade por ninguém ou por nada.

Assim, renovou

a água e o alimento deles e os entregou à própria sorte.

Não, jamais deveria ter falado com ela sobre liberdade, escolha, aprisionamento,

destino,

encontrar a mim mesmo. Como ela iria me compreender? Eu mal entendo a mim

mesmo. Quando

Friedrich falou comigo pela primeira vez nessa linguagem, não consegui compreendê-

lo. Outras

palavras teriam sido mais adequadas: quiçá "breve licença-prêmio", "exaustão

profissional", "um

período prolongado em um spa norte-africano". Palavras que ela pudesse entender. E

que

pudesse oferecer como explicação à família, à comunidade.

Meu Deus, o que ela dirá a todos? Em que situação a deixei? Não, pare! Isso é

responsabilidade

delal Não minha. Assumir a responsabilidade dos outros... esse é o caminho para o

aprisionamento, meu e deles.

As meditações de Breuer foram interrompidas pelo som de passos subindo as escadas.

Mathilde

escancarou a porta, batendo-a contra a parede. Seu aspecto era desolador, a face pálida,

os

cabelos pendendo desgrenhados, os olhos inflamados.

-Parei de chorar, Josef. Agora responderei a você. Existe algo de errado, algo de

malévolo no

que você acabou de me dizer. E algo de imbecil também. Liberdade! Liberdade! Você fala de

liberdade. Que sujeira comigo! Gostaria que eu tivesse tido sua liberdade: a liberdade de

um

homem de obter uma educação, de escolher uma profissão. Nunca antes almejei tanto

uma

educação... gostaria de ter o vocabulário, a lógica para lhe demonstrar como você é tolo!

JANDO NIBTZSCHE CHORX)U

Mathilde parou e afastou uma cadeira da mesa. Recusando a ajuda de Breuer, sentou-se

em

silêncio por um momento para tomar

fôlego.

Você quer ir embora? Quer fazer novas escolhas na vida? Será

que esqueceu as escolhas já realizadas? Você escolheu casar-se comigo. Será que você

malmente não entende que escolheu um compromisso comigo, conosco? De que vale a

escolha

se você se recusa a honrá-la? Não sei o que é... talvez um capricho ou impulso, mas isso

não é

escolha.

Era assustador ver Mathilde naquele transe. Mas Breuer sabia que tinha que manter pé

firme.

-Deveria ter me tornado um "eu" antes de me tornar um "nós". Escolhi antes de estar suficientemente formado para fazer escolhas.

- Então isto também i uma escolha - revidou Mathilde. - Quem é esse "eu" que não se

tornou um eu? Daqui a um ano, você dirá que este "eu" de hoje ainda não estava

formado e

que as escolhas feitas hoje não valeram. Isso é apenas auto-ilusão, uma forma de se

esquivar da

responsabilidade por suas escolhas. Em nosso casamento, quando dissemos sim para o

rabino,

dissemos não para outras escolhas. Eu poderia ter me casado com outros. Facilmente!

Muitos

homens me desejavam. Não foi você quem disse que eu era a mulher mais bonita de

Viena?

- E continuo dizendo.

Mathilde hesitou por um momento. Depois, desprezando o elogio, continuou.

- Você não entende que não pode simplesmente fazer um pacto comigo e depois de

repente

dizer: "Não, quero desfazê-lo, afinal estou em dúvida." Isso é imoral. E malvadez.

Breuer não respondeu. Conteve a respiração e imaginou-se surdo às palavras de

Mathilde,

como os gatinhos de Robert. Sabia que ela estava certa. E sabia que estava errada.

- Você quer poder escolher e, ao mesmo tempo, manter todas as escolhas abertas. Você

me

pediu que abrisse mão de minha liberdade, por menor que fosse, ao menos a liberdade

de

escolher um marido, mas deseja manter sua preciosa liberdade aberta: aberta para

satisfazer seu

desejo com uma paciente de 21 anos.

Josef corou.

- Então, é isso que você pensa? Não, isso não envolve Bertha nem qualquer outra

mulher.

- Suas palavras dizem uma coisa e seu rosto, outra. Não tive uma educação formal,

Josef... e não

foi por minha escolha. Mas não sou tola!

- Mathilde, não deprecie minha luta. Estou pelejando com o sentido de toda a minha

vida. Um

homem tem um dever para com os outros, mas tem um dever maior para consigo. Ele...

- E uma mulher? E quanto ao seu significado, à sua liberdade?

- Não quis dizer os homens^ e sim as pessoas: homens e mulheres; cada um de nós tem

que

escolher.

- Não sou como você. Não consigo escolher a liberdade quando minha escolha escraviza

os

outros. Já pensou no que sua liberdade significa para mim? Quais são as escolhas para

uma viúva

ou para uma esposa abandonada?

- Você é tão livre quanto eu. E jovem, rica, atraente, tem saúde.

- Livre? Onde está com a cabeça hoje, Josef? Pense sobre isto! Onde está a liberdade de

uma

mulher? Não me permitiram uma educação. Saí da casa de meu pai diretamente para sua

casa.

Tive que lutar contra minha mãe e minha avó até pela liberdade de escolher meus

tapetes e

móveis.

- Mathilde, não é a realidade que a aprisiona, mas apenas a atitude em relação à sua cultura.

Algumas semanas atrás, uma jovem mulher russa veio se consultar comigo. As

mulheres russas não

gozam de mais liberdade do que as vienenses; contudo, essa jovem mulher conquistou

sua

liberdade: ela desafia sua família, ela exige uma educação, ela exercita seu

direito de

escolher a

vida que quer. O mesmo pode você! E livre para fazer o que bem entender. E rica! Pode

trocar de

nome e se mudar para a Itália!

- Palavras, nada mais que palavras! Uma judia de 36 anos viajando livremente, Josef!

Você fala

como um idiota! Acorde! Viva na realidade, não nas palavras! E as crianças? Mudar de

nome?

Elas também escolherão novos nomes?

- Lembre-se Mathilde, foi woce quem quis ter filhos tão logo nos casamos. Filhos e

mais filhos.

Eu lhe pedi para esperar. - Mathilde refreou suas palavras iradas e virou a cabeça para

não

olhá-lo. - Não posso lhe ensinar como ser livre, Mathilde. Não posso determinar seu

, N1ETZSCHE CHOROU

, pois assim deixaria de ser seu rumo. Mas, se tiver a coragem, sei que encontrará o

caminho.

Ela se levantou e andou até a porta. Virando-se para encara-lo, falou em termos

comedidos:

Ouça Josef! Quer encontrar a liberdade e fazer escolhas?

Então saiba que este exato momento é uma escolha. Você diz que precisa escolher sua

vida... e

que, com o tempo, poderá optar por retomar sua vida aqui. Mas Josef, eu também

escolho

minha vida. E minha opção é dizer para você que não existe retorno. Você jamais

poderá

retomar sua vida comigo como sua esposa, porque, quando você abandonar esta casa

hoje,

deixarei de ser sua esposa. Você não poderá optar por retornar a esta casa porque ela

deixará

de ser sua casal

Josef fechou os olhos e deixou pender a cabeça. Os próximos sons que ouviu foram a

porta

batendo e os passos de Matíülde descendo as escadas. Sentiu-se abalado com os golpes que

absorvera, mas também estranhamente eufórico. As palavras de Mathilde foram

terríveis. Mas

ela tinha razão! Essa decisão tinha que ser irreversível.

A sorte está lançada - pensou. Finalmente, algo acontece comigo, algo real. Não apenas

pensamentos, mas algo no mundo real. Tantas vezes, imaginei esta cena. Mas agora eu a

sinto\

Agora sei o que é assumir o controle de meu destino. É terrível e maravilhoso.

Terminou de arrumar a valise, depois beijou cada um de seus filhos adormecidos e

sussurrou

suavemente até-logo para eles. Somente Robert se mexeu, murmurando: "Aonde está

indo,

papai?", mas imediatamente recaiu no sono. Quão estranhamente indolor era aquilo!

Breuer se

maravilhou com a forma como entorpecera seus sentimentos para se proteger. Apanhou

a

valise e desceu as escadas até seu consultório, onde passou o resto da manhã escrevendo

longas instruções para Frau Becker e para os três médicos aos quais passaria seus

pacientes.

Deveria escrever cartas com explicações para seus amigos? Hesitou. Não era esse o

momento

de romper todos os vínculos com sua vida anterior? Nietzsche dissera que um novo eu

teria

que ser construído das cinzas da vida antiga. Mas se lembrou de que o próprio Nietzsche

continuara se correspondendo com alguns amigos antigos.

QUANDO NffiTZSCHE CHOROU " 311

Se nem mesmo Nietzsche conseguira arrostar o isolamento completo, por que Breuer

deveria

exigir mais de si mesmo?

Assim, escreveu cartas de despedidas aos amigos mais íntimos1 para Freud, Ernst

Fleishl e

Franz Brentano. A cada um, descreveu as motivações de seu gesto, ao mesmo tempo em

que

reconhecia que essas razões, esboçadas em uma breve carta, poderiam parecer

insuficientes ou

incompreensíveis. "Acredite", pediu a cada um, "que este não é um gesto frívolo.

Tenho motivos importantes para minhas ações e revelarei todos eles a vocês numa data

oportuna." Em

relação a Fleishl, seu amigo patologista que se infeccionara gravemente ao dissecar um

cadáver,

Breuer se sentiu particularmente culpado: durante anos, prestara-lhe apoio médico e

psicológico e agora o estaria abandonando. Sentia-se culpado também em relação a

Freud, que

necessitava não apenas de sua amizade e aconselhamento profissional, mas também de apoio

financeiro. Embora Sig gostasse de Mathilde, Breuer esperava que, com o tempo,

compreendesse e perdoasse sua decisão. Na carta para ele, Breuer acrescentou uma nota

à parte

cancelando oficialmente todos os débitos de Freud para com os Breuer.

Chorou enquanto desceu as escadas de Bàckerstrasse 7 pela última vez. Enquanto

esperava que

o moço de recados do bairro chamasse Fischmann, meditou sobre a plaqueta de bronze

na sua

porta da frente: DOUTOR JOSEF BREUER, CLÍNICO GERAL-SEGUNDO ANDAR.

A

plaqueta já não estaria ali em sua próxima visita a Viena. Nem o seu consultório. Oh! O

granito

e os tijolos e o segundo andar continuariam ali, mas já não seriam seus tijolos; seu

consultório

logo perderia o odor da existência de Breuer. Experimentara o mesmo sentimento de

deslocamento sempre que visitara sua casa de infância: a pequena casa que exalava

tanto

intensa familiaridade como a mais dolorosa indiferença. Ela abrigava outra família

batalhadora,

talvez outro menino grandemente promissor que muitos anos depois talvez crescesse

para se

tornar um médico.

Mas ele, Josef, não era necessário: seria esquecido, seu local engolido pelo tempo e pela

existência de outros. Ele morreria em algum momento nos próximos dez ou vinte anos.

Morreria sozinho: haja ou não alguém que a acompanhe - pensava ele -, uma pessoa

sempre

morre sozinha.

l NIBTZSCHE CHOROU

Animou-se com o pensamento de que, se o homem está só e a necessidade é uma ilusão,

ele

estava livre. Contudo, ao subir no fiacre, sua animação deu lugar a um sentimento de

opressão.

Observou os outros apartamentos da rua. Estaria sendo observado? Estariam seus

vizinhos

espiando de cada janela? Sem dúvida, eles deviam estar informados desse grandioso

evento!

Ou saberiam no dia seguinte? Mathilde, ajudada pelas irmãs e pela mãe, atiraria as

roupas dele

na rua? Ele soubera de esposas zangadas que fizeram isso.

Sua primeira parada foi na casa de Max. Max o esperava, pois, no dia anterior,

imediatamente

após sua discussão no cemitério com Nietzsche, Breuer lhe confidenciara sua

decisão de

abandonar a vida em Viena e pedira que cuidasse das questões financeiras de Mathilde.

Novamente, Max esforçadamente tentou dissuadi-lo de sua impetuosa e prejudicial

conduta.

Em vão; Breuer mostrou-se resoluto. Finalmente, Max se cansou e pareceu resignado

com a

decisão de seu cunhado. Durante uma hora, os dois homens se debruçaram sobre o

arquivo

com os registros financeiros da família. Entretanto, quando Breuer se preparava para

partir,

Max subitamente se levantou e bloqueou a saída com seu corpanzil. Por um momento,

especialmente quando Max abriu os braços, Breuer temeu uma tentativa de contêlo

fisicamente.

Mas Max simplesmente queria abraçá-lo. Sua voz estava embargada pela emoção:

- Quer dizer que não teremos xadrez esta noite? Minha vida jamais será a mesma, Josef.

Sentirei uma falta terrível de você. Você é o melhor amigo que já tive.

Acabrunhado demais para responder com palavras, Breuer abraçou Max e deixou

rapidamente

a casa. No fiacre, pediu a Fischmann que o levasse à estação ferroviária e, pouco antes

de

chegarem, contou-lhe que partiria em uma longa viagem. Pagou-lhe dois meses de

serviço e

prometeu contactá-lo quando retornasse a Viena.

Enquanto esperava pelo trem, Breuer repreendeu a si mesmo por não ter informado

Fischmann

de que jamais retornaria. "Tratá-lo tão negligentemente... como pôde fazê-lo? Após dez

anos

juntos!" Depois, perdoou a si mesmo. Havia um limite para o que conseguia aturar no

mesmo

dia.

Seu rumo era a aldeia de Kreuzlingen, na Suíça, onde Bertha estava hospitalizada no

Sanatório

Bellevue nos últimos meses. Estava in-

trigado com a instabilidade de seu estado mental. Não discernia quando e como tomara

a

decisão de visitar Bertha.

Tão logo o trem se pôs em movimento, reclinou a cabeça na almofada, fechou os olhos

e

meditou sobre os eventos do dia.

Friedrich tinha razão: o tempo todo, minha liberdade estivera aqui para que a

arrebatasse!

Poderia ter assumido o controle de minha vida anos atrás. Viena continua incólume. A vida

prosseguirá sem mim. Minha ausência se faria sentir de qualquer forma daqui a dez ou

vinte

anos. De uma perspectiva cósmica, que diferença faz? Tenho ainda quarenta anos: meu

irmão

mais novo está morto há oito anos, meu pai há dez, minha mãe há 36. Enquanto ainda

enxergo

e ando, tomarei urna pequena fração de minha vida para mim mesmo... estarei exigindo

demais? Estou tão cansado de servir, tão cansado de cuidar dos outros. Sim, Friedrich

tinha

razão. Devo ficar subjugado ao dever para sempre? Devo, por toda a eternidade, viver

uma

vida que lastimo?

Tentou adormecer, mas cada vez que cochilava visões de seus filhos lhe invadiam a

mente.

Doeu imaginá-los sem um pai. Friedrich tem razão - lembrou a si próprio - ao dizer:

"Você

não deve criar filhos enquanto não estiver preparado para ser um criador e para

gerarcriadores." É errado ter filhos por necessidade, usar um filho para aliviar a solidão, dar

sentido à vida reproduzindo a si mesmo em uma cópia. Também é errado procurar a

imortalidade lançando um germe seu no futuro - como se o esperma contivesse sua

consciência!

Entretanto, e quanto aos filhos? Eles foram um erro, fui forçado a tê-los, eles foram

gerados

antes que eu tivesse consciência de minhas escolhas. Mas eles estão aí, eles

existem!

Sobre eles

Nietzsche silencia. E Mathilde alertou que talvez eu nunca mais os veja.

Breuer caiu no desespero mas logo se recuperou. Não! Tais pensamentos tinham que ser

expulsos! Friedrich estava certo: dever, propriedade, fidelidade, desprendimento,

bondade são

soporíferos que induzem a pessoa a um sono tão pesado do qual ela só acorda, se é que

acorda, bem no fínalzinho da vida. Apenas para descobrir que jamais realmente viveu.

Tenho apenas uma vida, uma vida que poderá retornar para sempre. Não quero me

lamentar

por toda a eternidade de que me perdi ao tentar cumprir meu dever para com meus

filhos.

NBBTZSCHE CHOROU

Esta é minha chance de construir um novo eu das cinzas de minha vida antiga! Mais

tarde, isso

feito, encontrarei meu caminho até meus filhos. Aí, não serei mais tiranizado pelas

noções de

Mathilde do que é socialmente permitido! Quem poderá bloquear o caminho de um pai até seus

filhos? Como um machado, abrirei a golpes meu caminho até eles! No tocante a hoje,

que Deus os

ajude. Não posso fazer nada. Estou me afogando e tenho primeiro que salvar a mim

mesmo.

E Mathilde? Friedrich diz que a única forma de salvar esse casamento é desistir dele! E

"é melhor

acabar com o matrimônio do que deixá-lo acabar com você". Talvez o casamento tenha

acabado

também com Mathilde. Talvez ela se sinta melhor sem mim. Talvez ela fosse tão

prisioneira como

eu. Lou Salomé diria isso. Quais foram suas palavras: de que jamais seria escravizada

pelas

fraquezas de outrem? Quem sabe minha ausência liberte Mathilde?

Era noite avançada quando o trem chegou em Konstanz. Breuer saltou e pernoitou em

um

modesto hotel junto à estação. Era tempo - disse a si mesmo - de se aclimatar a

acomodações

de segunda e terceira classes. De manhã, pegou uma carruagem até o Sanatório

Bellevue, em

Kreuzlingen. Ao chegar, informou ao diretor Robert Binswanger que um pedido de

consulta

inesperado o trouxera até Genebra, suficientemente próximo do Bellevue para que

fizesse uma

visita à ex-paciente fra w/em Pappenheim.

Não havia nada de incomum no pedido de Breuer: ele era bastante conhecido no

Bellevue como

velho amigo do ex-diretor, Ludwig Binswanger Sr., recentemente falecido. O Dr.

Binswanger

ofereceu mandar chamar Frãulein Pappenheim imediatamente.

- Ela está dando um passeio agora e discutindo seu estado com o novo médico, o doutor

Durkin.

- Binswanger se levantou e caminhou até a janela. - Ali, no jardim, o senhor pode vê-

los.

- De jeito nenhum, doutor Binswanger, não os interrompa. Estou convencido de que

nada é mais

prioritário do que uma sessão do médico com seu paciente. Além disso, o sol está lindo

hoje e, em

Viena, quase não tem aparecido ultimamente. Se o senhor não objetar, esperarei por ela

no jardim.

Além disso, seria interessante para mim observar o estado de Frãulein Pappenheim,

especialmente

seu modo de andar, de uma posição discreta.

QUANDO NIETZSCHE CHOROU " 315

Em um terraço mais baixo dos extensos jardins do Bellevue, Breuer observou Bertha e

seu

médico caminhando para lá e para cá ao longo de um caminho margeado por altos

arbustos

podados com primor. Escolheu cuidadosamente seu mirante: uma bancada branca no

terraço

superior quase inteiramente oculta pelos galhos nus de um arvoredo lilás circundante.

Dali, podia

olhar para baixo e ver Bertha claramente; talvez, quando ela passasse por perto, ele

conseguisse

escutar suas palavras.

Bertha e Durkin tinham acabado de passar sob a bancada e estavam se afastando pelo

caminho. O

perfume de lavanda de Bertha subiu até ele. Inalou-o avidamente e sentiu a dor de um

profundo

desejo percorrendo seu corpo. Quão frágil ela parecia! De súbito, ela parou. Sua perna

direita se

contraíra; lembrou-se da freqüência com que isso ocorrera quando passeara com ela. Ela

procurou se apoiar em Durkin. Com que força o agarrava, exatamente como outrora

agarrara

Breuer. Agora, ambos os braços seguravam os de Durkin e ela se encostava nele! Breuer

rememorou-a encostando seu corpo nele. Oh! Como gostava da sensação dos seus seios!

Como a

princesa sentindo a ervilha através de vários colchões, sentia os seios aveludados e

dóceis dela

através de todos os obstáculos: sua capa persa de pele de carneiro e o sobretudo

revestido de

peles que ele usava não passavam de barreiras diáfanas ao prazer de Breuer.

O quadríceps direito de Bertha sofria agora um grave espasmo! Ela levou a mão à coxa.

Breuer

sabia o que se seguiria. Durkin rapidamente a levantou, carregou-a até o banco mais

próximo e a

deitou ali. Agora viria a massagem. Sim, Durkin estava retirando as luvas,

cuidadosamente

enfiando as mãos sob a sua capa e agora começando a massagear-lhe a coxa. Bertha

gemeria de

dor neste momento? Sim, suavemente! Breuer conseguia ouvi-la! Agora, ela não irá

fechar os

olhos, como num transe, esticar os braços sobre a cabeça, arquear as costas e arremessar

os seios

para cima? Sim, é o que está fazendo! Agora sua capa se abrirá... sim, ele viu a mão

dela

escorregar discretamente para baixo e desabotoá-la. Ele sabia que o seu vestido subiria,

isso

sempre acontecia. Ali! Ela está dobrando os joelhos - Breuer jamais a vira fazer aquilo

antes - e

o vestido está deslizando para cima, quase até a cintura. Durkin está imóvel como uma estátua,

contem-

ilOaNDO NIETZSCHE CHOROU

plando suas calcinhas de seda rosa e o tênue contorno de um triângulo

fusco.

De seu mirante afastado, Breuer espia por sobre o ombro de Durkin, igualmente

petrificado.

Cubra-a, seu imbecil! Durkin tenta descer-lhe o vestido e fechar a capa. As mãos de

Bertha

interferem. Seus olhos estão fechados. Estará em transe? Durkin parece agitado - não é

para

menos, pensou Breuer - e olha nervosamente ao redor. Ninguém por perto, graças a

Deus! A

contração da perna diminuiu. Ele ajuda Bertha a se levantar e ela tenta caminhar.

Breuer se sente atordoado, como se não ocupasse mais o próprio corpo. Há algo de

irreal na

cena diante dele, como se estivesse assistindo a um drama da galeria de um teatro.

Sentirá

ciúmes do doutor Durkin? Ele é jovem, de boa aparência e solteiro, e Bertha se encosta

nele

mais do que jamais o fizera em Breuer. Não! Ele não sente ciúmes nem animosidade -

nem um

tiquinho. Pelo contrário, sente-se amigo e próximo de Durkin. Bertha não os divide, mas

os

aproxima em uma fraternidade de agitação.

O jovem casal continuou seu passeio. Breuer sorriu ao ver que agora o doutor, e não a

paciente, caminhava com dificuldade. Sentiu uma forte emparia pelo sucessor: quantas

vezes

fora ele quem tivera que caminhar com Bertha com a inconveniência de uma ereção

latejante!

"Que sorte, doutor Durkin, estarmos no inverno", disse Breuer de si para si. "É

bem pior no

verão, sem um sobretudo para se esconder. Aí, você tem que comprimi-lo sob o cinto!"

O casal, tendo atingido o fim do caminho, voltara agora na direção de Breuer. Bertha

levou a

mão à bochecha. Breuer notou um espasmo nos músculos orbitais da jovem e que ela

estava

sofrendo; a dor facial, o tique doloroso, era uma ocorrência diária tão penosa que

somente a

morfina a aliviava. Bertha parou. Breuer sabia exatamente o que se seguiria. Era

estranho.

Novamente sentiu-se como no teatro, só que ele era o diretor ou o ponto orientando o elenco

sobre as próximas linhas. Leve suas mãos ao rosto dela, as palmas nas bochechas, os

polegares

tocando no osso do nariz. Certo! Agora pressione ligeiramente e afague-lhe as

sobrancelhas

repetidamente. Bom! Viu o rosto de Bertha se relaxar. Ela se levantou, segurou Durkin

pelos

pulsos e levou ambas as mãos dele aos lábios. Agora Breuer sentiu uma

punhalada.

Apenas

uma vez ela beijara suas mãos

daquela forma; fora o momento mais íntimo entre eles. Ela se aproximou ainda mais de

Breuer,

que ouviu sua voz: "Meu paizinho, meu querido paizinho." Aquilo doeu. Era disso que

ela

costumava chamar Breuer.

Este não escutou mais nada. Foi o suficiente. Levantou-se e, sem dirigir palavra à

perplexa

equipe de enfermagem, caminhou para fora do Bellevue e se enfiou na carruagem que o

aguardava. Atordoado, retornou a Konstanz, onde de alguma forma conseguiu subir no

trem. O

apito da locomotiva o trouxe de volta a si. Com o coração batendo acelerado, afundou a

cabeça

na almofada e refletiu no que presenciara.

A plaqueta de bronze, meu consultório em Viena, a casa de minha infância e

agora

também

Bertha: todos continuam sendo o que eram; nenhum deles precisa de mim para sua

existência.

Sou incidental, permutável. Não sou necessário para o drama de Bertha. Nenhum de nós

o é,

nem mesmo os homens dominantes. Nem eu, nem Durkin, nem aqueles ainda por vir.

Sentiu-se oprimido: talvez precisasse de mais tempo para absorver tudo aquilo. Estava

cansado; reclinou-se na poltrona, fechou os olhos e procurou refúgio nas fantasias com

Bertha.

Mas nada aconteceu! Percorrera os passos usuais: concentrara-se no palco de sua mente,

fixara

o cenário inicial do devaneio, abrira-se para o que se sucedesse - sempre coubera a

Bertha

decidi-lo, não a ele - e recuara à espera do início da ação. Mas não houve ação. Nada se

modificou. O palco continuou uma natureza morta esperando por sua direção.

Ao tentar, Breuer constatou ser capaz de evocar a imagem de Bertha ou de

descartá-la à

vontade. Quando a evocava, surgia prontamente em qualquer forma ou postura que ele

desejasse. Mas ela perdera a autonomia: sua imagem ficava congelada até que ele desejasse que

se movesse. As coisas já não funcionavam: seu vínculo com ela, o domínio dela sobre

ele!

Breuer ficou maravilhado com a transformação. Nunca antes pensara em Bertha com tal

indiferença. Não, não indiferença... com tal calma, tal autodomínio. Não havia grande

paixão ou

desejo, mas tampouco havia rancor. Pela primeira vez, entendeu que ele e Bertha eram

colegas

de sofrimento. Ela estava tão aprisionada como ele esti-

vera. Ela tampouco se tornara o que era. Ela não escolhera a vida dela; pelo contrário,

testemunhava as mesmas cenas se repetindo incessantemente.

De fato, ao pensar a respeito, Breuer percebeu toda a tragédia da vida de Bertha. Talvez

ela não

soubesse dessas coisas. Talvez ela tivesse renunciado não apenas à escolha, mas

à

consciência

também. Com que freqüência ela estava "ausente", em transe, sem sequer experimentar

&

própria vida. Ele sabia que, a esse respeito, Nietzsche estava errado! Breuer não era

vítima de

Bertha. Eles eram ambos vítimas.

Quanta coisa aprendera! Ah! Se pudesse recomeçar e se tornar agpra o médico dela. O

dia em

Bellevue mostrara quão evanescentes foram os efeitos de seu tratamento. Que besteira

despender mês após mês atacando sintomas - as tolas escaramuças superficiais -,

enquanto

negligenciava a batalha real, a luta mortal por debaixo.

Ruidosamente, o trem emergiu de um longo túnel. A claridade da luz do Sol devolveu a

atenção

de Breuer ao seu transe. Estava retornando a Viena para ver Eva Berger, sua antiga

enfermeira.

Olhou estupefato o compartimento do trem. Fi-lo novamente - pensou. Estou

sentado no

trem

indo ao encontro de Eva, porém confuso sobre quando e como tomei a decisão de vê-la.

Ao chegar a Viena, pegou um fiacre até a casa de Eva e se aproximou da porta.

Eram quatro da tarde e quase retornou, certo - e depois esperançoso - de que ela

estivesse

trabalhando. Mas ela estava em casa. Parecia chocada por vê-lo e o fitou sem proferir

palavra.

Quando ele perguntou se poderia entrar, ela consentiu, após perscrutar apreensiva as portas

dos vizinhos. Ele se sentiu imediatamente confortado pela presença dela. Seis meses se

passaram desde que a vira, mas continuava com facilidade de se desabafar com ela.

Contou

tudo que ocorrera desde que a despedira: seu encontro com Nietzsche, sua

transformação

gradual, sua decisão de reivindicar a liberdade e deixar Mathilde e as crianças, seu

silencioso

encontro final com Bertha.

- E agora, Eva, estou livre. Pela primeira vez em minha vida, posso fazer o que

me vier

à

veneta, ir aonde bem entender. Em breve, provavelmente logo depois de conversarmos,

irei à

estação de trem e

QUANDO NIETZSCHE CHOROU " 319

escolherei um destino. Mesmo agora, ainda não sei para onde irei: talvez para o sul, em

direção

ao Sol... quem sabe a Itália?

Eva, de ordinário uma mulher efusiva que costumava responder a cada frase de Breuer

com

parágrafos inteiros, quedava-se agora estranhamente emudecida.

- É claro - continuou Breuer - que estarei sozinho. A senhora me conhece. Mas estarei

livre para me encontrar com qualquer pessoa que eu escolher... - ainda nenhuma

resposta de

Eva - ou para convidar uma velha amiga para viajar comigo à Itália.

Breuer mal acreditava em suas próprias palavras. Subitamente, imaginou um bando de

seus

pombos voando pela janela de seu laboratório de volta às gaiolas.

Para seu desânimo, mas também alívio, Eva não respondeu às suas indiretas. Em vez

disso,

começou a questioná-lo.

- A que tipo de liberdade o senhor se refere? O que quer dizer com "vida não vivida"? -

Fez

um aceno incrédulo com a cabeça. - Josef, nada disso faz muito sentido para mim.

Sempre

desejei gozar de sua liberdade. Que tipo de liberdade eu tive? Quando você se preocupa

com o

aluguel e com a conta do açougue, não tem tempo de se preocupar com a liberdade.

Deseja

liberdade de sua profissão? Veja a minha profissão! Quando me despediu, tive que

aceitar o

primeiro emprego que me ofereceram e, neste exato momento, a única liberdade que desejo é

não ter que trabalhar no turno da noite do Hospital Geral de Viena.

O turno da noite! Por isso está em casa a esta hora - pensou Breuer.

- Ofereci-lhe ajuda para encontrar outro emprego. Não recebi resposta a nenhuma de

minhas

mensagens.

- Eu estava chocada - respondeu Eva. - Aprendi uma dura lição: não se pode contar com

ninguém, exceto consigo mesmo. - A essa altura, pela primeira vez, elevou o olhar e

fitou

diretamente os olhos de Breuer.

Enrubescido de vergonha por não tê-la protegido, começou a pedir-lhe perdão... mas

Eva foi

em frente, falando sobre seu novo emprego, sobre o casamento da irmã, sobre a saúde

da mãe

e, depois, sobre seu relacionamento com Gerhardt, o jovem advogado que ela conhecera

como

paciente no hospital.

Breuer sabia que a estava comprometendo com sua visita e se levantou para partir. Ao

se

aproximar da porta, desajeitadamente segurou-lhe a mão e começou a formular uma

pergunta, mas

hesitou... teria ainda o direito de dizer-lhe algo familiar? Decidiu arriscar. Embora fosse

óbvio que

o vínculo de intimidade entre eles estava desgastado, quinze anos de amizade não são

tão

facilmente obliterados.

- Eva, Já estou indo. Mas, por favor, uma última pergunta.

- Faça a pergunta, Josef.

- Não consigo me esquecer da época em que estávamos próximos. Lembra-se de um

final de

tarde em que ficamos conversando por uma hora no consultório? Contei-lhe quão

desesperada e

irresistivelmente eu me sentia atraído por Bertha. A senhora contou que estava

preocupada

comigo, que era minha amiga, que não queria que eu me arruinasse. Depois, segurou

minha mão,

como estou segurando a sua agora, e revelou que faria qualquer coisa, o que eu

desejasse, para

me salvar. Eva, não imagina quantas vezes, umas cem vezes, revivi essa conversa, quanto tem

significado para mim, com que freqüência tenho me arrependido de ter estado tão

obcecado por

Bertha, que não respondi mais diretamente a você. Minha pergunta é... talvez seja

simplesmente:

Foi sincera? Eu deveria ter respondido?

Eva retirou a mão, colocou-a levemente no ombro dele e falou hesitantemente:

- Josef, não sei do que está falando. Serei honesta... fico constrangida em responder

assim à sua

pergunta, mas, considerando nossa antiga amizade, tenho que ser honesta. Josef, não me

recordo

dessa conversa!

Duas horas depois, Breuer se viu acomodado em um assento de segunda classe de um

trem para a

Itália.

Percebeu como fora importante para ele, naquele último ano, dispor de Eva como uma

espécie de

seguro. Ele contara com ela. Sempre tivera certeza de que ela estaria ao alcance no

momento da

necessidade. Como ela poderia ter se esquecido? "Mas Josef, o que você esperava?",

perguntou a

si mesmo. "Que ela estivesse congelada num armário, esperando que você abrisse a

porta e a

reanimasse? Você já tem quarenta anos, idade de entender que suas mulheres existem

independentemente de você: elas têm uma vida própria, elas crescem, elas prosseguem

com suas

vidas, ficam mais velhas, travam novos relacionamentosCSomente_ps_ mortos não

mudam^Somente sua mãe Bertha está suspensa no tempo esperando por você.

Inopinadamente, foi invadido pelo terrível pensamento de que não eram apenas as vidas

de

Bertha e de Eva que prosseguiriam, mas também a de Mathilde... de que ela existiria

sem ele, de

que chegaria o dia em que cuidaria de outro. Mathilde, sua Mathilde, com outro homem:

um osso

duro de roer. Agora suas lágrimas fluíam. Ergueu o olhar para a valise no porta-

bagagem. Ali

estava ela, facilmente acessível, a alça metálica projetando-se oferecidamente em sua

direção.

Sim, sabia precisamente o que deveria fazer: agarrar a alça, levantar a valise sobre a

grade de

metal do porta-bagagem, descer a valise, saltar na próxima estação, onde quer que fosse, tomar o

próximo trem de volta a Viena e se atirar à misericórdia de Mathilde. Não era tarde

demais...

certamente, ela o acolheria.

Mas imaginou a presença poderosa de Nietzsche bloqueando-o.

- Friedrich, como fui capaz de abrir mão de tudo? Que tolice ter seguido seu conselho!

- Você já abrira mão de tudo importante antes de chegar a me conhecer, Josef. Por isso

estava

em desespero. Lembra-se de como lamentava a perda do rapaz infinitamente promissor?

- Mas agora nada tenho.

- Nada é tudo! De modo a se fortalecer, deve primeiro afundar suas raízes no nada e

aprender a

encarar sua mais solitária solidão.

- Minha esposa, minha família! Eu os amo. Como pude'deixálos? Descerei na próxima

estação.

- Você foge somente de si próprio. Lembre-se de que cada momento retorna

eternamente. Pense

nisto: fugir de sua liberdade por toda a eternidade!

- Tenho um dever para...

- Apenas um dever de se tornar quem você é. Tome-se forte: senão, usará eternamente

os outros

para seu próprio engrandecimento.

- Mas Mathilde. Meu juramento! Meu dever para...

- Dever, dever! Você perecerá dessas virtudes miúdas. Aprenda a se tornar cruel.

Construa um

novo eu sobre as,

antiga.

i CHOROU

Durante todo o percurso até a Itália, as palavras de Nietzsche o

perseguiram.

- Eterno retorno.

_ A eterna ampulheta da existência virada de cabeça para baixo novamente e novamente e

novamente.

Deixe que este pensamento tome conta de você e prometo

que o mudará para sempre.

Você odeia esta idéia ou a adora?

Viva de tal forma a adorar a idéia.

- A aposta de Nietzsche.

- Consuma sua vida.

- Morra no momento certo.

- A coragem de mudar suas convicções!

- Esta vida é sua vida eterna.

Tudo começara dois meses antes em Veneza. Agora, era à cidade das gôndolas que

estava

retornando. Quando o trem atravessou a fronteira entre a Suíça e a Itália e conversas em

italiano

atingiramlhe os ouvidos, seus pensamentos volveram da eterna possibilidade à realidade

do

amanha.

Para onde iria quando apeasse do trem em Veneza? Onde dormiria naquela noite? O que

faria no

dia seguinte? E no dia posterior? Como preencheria seu tempo? O que fizera Nietzsche?

Antes da

doença, este caminhava, pensava e escrevia. Mas essa era a maneira dele. Como...?

Primeiro - Breuer sabia - teria que ganhar a vida. O dinheiro em seu cinturão duraria

apenas

algumas semanas; dali para a frente, Max lhe enviaria apenas uma modesta ordem de

pagamento

mensal através do Banco. Claro estava que ele poderia continuar a clinicar. Ao menos

três de seus

ex-alunos exerciam a medicina em Veneza. Não teria dificuldade em montar um

consultório.

Tampouco o idioma representaria uma barreira: era dotado de bom ouvido, sabia um

pouco de

inglês, francês e espanhol e captaria o italiano rapidamente. Mas teria sacrificado tanta

coisa

simplesmente para reprodu-

zir sua vida vienense em Veneza? Não, aquela vida fazia parte de seu passado!

Talvez um emprego num restaurante. Devido à morte da mãe e à fragilidade da avó,

Breuer

aprendera a cozinhar e muitas vezes ajudava no preparo das refeições da família.

Embora

Mathilde caçoasse dele e o expulsasse da cozinha, quando ela não estava por perto, ele

costumava rondar por lá para observar e orientar a cozinheira. Sim, quanto mais

pensava a

respeito, mais fortemente sentia que o trabalho em um restaurante poderia ser a coisa

certa. Não

apenas gerenciar e controlar o caixa: queria tocar na comida... prepará-la, servi-la.

Chegou tarde em Veneza e, mais uma vez, passou a noite num hotel ao lado da estação

ferroviária.

De manhã, uma gôndola o conduziu ao centro da cidade, onde caminhou e

meditou

durante horas.

Muitos venezianos viravam para olhá-lo. Entendeu o porquê quando entreviu sua

imagem

refletida na vitrina de uma loja: barba comprida, chapéu, colete, terno, gravata... tudo

num preto

assustador. Parecia um estrangeiro, precisamente um clínico vienense judeu abastado e

de meia-

idade! Na noite anterior na estação de trem, notara um grupo de prostitutas italianas

abordando

possíveis clientes. Nenhuma se aproximara dele, e pudera! Teria que se livrar da barba e

dos

trajes funéreos.

Paulatinamente, seu plano ganhou forma: primeiro, uma ida ao barbeiro e a uma loja de

roupas

para trabalhadores. Depois, começaria um curso intensivo de italiano. Quiçá após duas

ou três

semanas começaria a explorar o negócio do restaurante: talvez Veneza carecesse

de um

bom

restaurante austríaco ou mesmo austríaco-judaico... afinal, observara várias sinagogas

durante a

caminhada.

A navalha cega do barbeiro sacudia-lhe a cabeça de um lado para outro ao atacar-lhe a

barba de

21 anos. Por vezes, cortava faixas de barba suavemente, porém mais amiúde agarrava e

puxava

tufos resistentes, castanho-avermelhados. O barbeiro era bruto e impaciente. É

compreensível -

pensou Breuer. Sessenta liras é muito pouco para o tamanho desta barba. Fazendo sinal

para que

fosse mais devagar, enfiou a mão no bolso e ofereceu ao rapaz duzentas liras por um barbear mais

tranqüilo.

Vinte minutos depois, ao se mirar no espelho rachado da barbearia, uma onda de

compaixão pelo

próprio rosto o inundou. Nas deca-

das depois que o vira pela última vez, esquecera-se da batalha com o tempo travada por

baixo

da escuridão de sua barba. Com o rosto à mostra agora, viu que ele estava cansado e

desgastado. Apenas sua fronte se mantivera firme e estava resolutamente suportando sua

pele

facial frouxa, derrotada e flácida. Enorme fissura se estendia para fora de cada narina

separando as bochechas dos lábios. Rugas menores desciam de ambos os olhos. Dobras

de

goela de peru caíam de sua mandíbula. E seu queixo... esquecera-se de que a barba

ocultara a

vergonha de seu queixo insignificante, o qual agora, ainda mais fraco, escondia-se

timidamente

da melhor forma possível sob seu úmido lábio inferior pendente.

A caminho de uma loja de roupas, Breuer observou os trajes dos transeuntes e decidiu

comprar

um paletó azul-marinho curto e quente, botas resistentes e um grosso suéter

listrado.

Mas todos

que passavam por ele eram mais jovens. O que trajariam as pessoas mais velhas? Onde

estavam, afinal? Todos pareciam tão jovens. Como faria amigos? Como conheceria

mulheres?

Talvez uma garçonete do restaurante ou uma professora de italiano. Mas - pensou - não

quero outra mulher! Jamais encontrarei uma mulher como Mathilde. Eu a amo. Isso é

doideira.

Por que a deixei? Sou velho demais para começar tudo de novo. Sou a pessoa mais

velha desta

rua... talvez aquela velhinha ali de bengala seja mais velha ou aquele homem recurvado

vendendo verduras. Subitamente, sentiu-se zonzo. Mal-e-mal conseguia ficar de pé.

Escutou

uma voz atrás de si.

- Josef, Josef!

De quem seria? Soava familiar!

- Doutor Breuer! Josef Breuer! Ué! Ninguém sabe onde estou!

- Josef, preste atenção! Farei uma contagem regressiva de dez até um. Quando eu chegar

em

cinco, seus olhos se abrirão. Quando atingir um, você estará totalmente acordado. Dez, nove,

oito...

Conheço esta voz!

- Sete, seis, cinco...

Seus olhos se abriram. Olhou para cima em direção à face sorridente de Freud.

- Quatro, três, dois, um! Você está totalmente acordado! Agora!

QUANDO NIETZSCHE CHOROU * 325

Breuer se alarmou:

- O que aconteceu? Onde estou, Sig?

- Está tudo bem, Josef. Acorde! - A voz de Freud era firme mas tranquilizadora.

- O que aconteceu?

- Espere só alguns minutos, Josef. Tudo voltará ao normal. Viu que estivera deitado no

sofá

de sua biblioteca. Sentou-se.

Voltou a perguntar:

- O que aconteceu?

- Você é que vai me dizer o que aconteceu, Josef. Fiz exatamente o que mandou.

Com Breuer ainda aparentando pasmo, Freud explicou:

- Não se lembra? Você me procurou ontem de noite e pediu que eu estivesse aqui às

onze

desta manhã para ajudá-lo em uma experiência psicológica. Quando cheguei, você me

pediu

para hipnotizá-lo usando seu relógio como pêndulo.

Breuer meteu a mão no bolso do colete.

- Está ali, Josef, na mesa do café. Depois, lembre-se, você me pediu que o fizesse

dormir

profundamente e visualizar uma série de experiências. Você me disse que a primeira

parte da

experiência seria dedicada à sua despedida: de sua família, dos amigos, mesmo dos

pacientes; e

que eu deveria, caso parecesse necessário, dar sugestões como: "Diga adeus" ou "Você não

poderá mais voltar para casa". A parte seguinte deveria ser dedicada ao estabelecimento de uma

vida nova e eu deveria dar sugestões como "Vá em frente" ou "O que você pretende fazer em

seguida?"

- Sim, sim, Sig, estou acordando. Estou voltando ao normal. Que horas são?

- Uma da tarde de domingo. Você esteve hipnotizado por duas horas, exatamente como

planejamos. Logo, todos estarão chegando para o almoço.

- Diga-me exatamente o que aconteceu. O que você observou?

- Você entrou rapidamente em transe, Josef, e na maioria do tempo permaneceu

hipnotizado.

Deu para ver que algum drama movimentado estava sendo representado... mas

silenciosamente,

no seu próprio teatro interno. Duas ou três vezes, parecia que você sairia do transe; foi

quando

sugeri que você estava viajando e sentindo o

balanço do trem e que reclinasse a cabeça de volta na almofada da poltrona e dormisse

profundamente. A cada vez, isso pareceu funcionar. Não posso dizer muita coisa a mais.

Você

parecia muito infeliz; algumas vezes, chorou e uma ou duas vezes pareceu assustado.

Perguntei se

desejava parar, mas você acenou com a cabeça que não, de modo que continuei

exortando-o a ir

em frente.

- Falei em voz alta? - Breuer esfregou os olhos, ainda tentando despertar a si mesmo.

- Raramente. Seus lábios se moviam bastante, de modo que supus que estivesse

imaginando

conversas. Só consegui captar algumas palavras. Diversas vezes, você chamou por

Mathilde e

também escutei o nome Bertha. Estava falando de sua filha?

Breuer hesitou. Como responder? Sentiu-se tentado a contar tudo a Sig, mas sua

intuição o deteve.

Afinal, Sig tinha apenas 26 anos e o encarava como um pai ou um irmão mais velho.

Ambos

estavam acostumados com tal relacionamento e Breuer não estava preparado para o

desconforto

de sua súbita alteração.

Além do mais, Breuer conhecia a inexperiência e a limitação do seu jovem amigo em questões de

amor ou de sexo. Lembrou como recentemente o embaraçara e intrigara ao asseverar

que todas as

neuroses começam no leito conjugal! Ademais, poucos dias atrás, Sig condenara

indignado o

jovem Schnitzler por seus casos eróticos. Que compreensão poderia esperar de Sig por

um esposo

de quarenta anos apaixonado por uma paciente de 21? Especialmente diante da absoluta

veneração de Sig por Mathilde! Não, confiar nele seria um erro. Melhor falar com Max

ou com

Friedrich!

- Minha filha? Não sei direito, Sig. Não me lembro. Mas minha mãe também se

chamava Bertha,

você sabia?

- É mesmo, esqueci! Mas ela faleceu quando você era muito novo, Josef. Por que diria

adeus

para ela agora?

- Talvez eu nunca a tenha realmente deixado partir antes. Creio que algumas figuras de

adulto

invadem a mente de uma criança e se recusam a sair. Talvez seja preciso forçar sua

saída para que

se seja senhor dos próprios pensamentos!

- Hmmm... interessante. Deixe-me ver, o que mais você disse? Ouvi você dizer que não

queria

mais clinicar e, pouco antes de acordá-

Io, disse que estava "velho demais para começar tudo de novo". Josef estou ardendo de curiosidade. O que significa tudo isso?

Breuer escolheu suas palavras cuidadosamente.

-Eis o que posso lhe revelar, Sig. Está tudo ligado àquele professor Miiller, Sig. Ele me

forçou a

pensar sobre minha vida e percebi que atingi um ponto em que a maioria de minhas

escolhas

ficaram no passado. Contudo, imaginei minha vida se tivesse feito outras opções: viver

outra vida

longe da medicina, da família, da cultura vienense. Assim, tentei uma experiência

imaginária para

sentir a libertação desses construtos arbitrários... para encarar a amorfia, ou mesmo

abraçar uma

vida alternativa.

- E o que você aprendeu?

- Ainda estou atordoado. Preciso de tempo para ordenar as ideias. Uma coisa que me

parece

clara é a importância de você não se deixar viver pela própria vida. Senão, chegará aos

quarenta

sentindo que não viveu realmente. O que eu aprendi? Talvez a viver agora^ de modo

que, aos

cinqüenta, não relembre arrependido os anos em que fui um quarentao. Isso também é

importante

para você. Todos os que o conhecem bem, Sig, percebem seus dons extraordinários. Eis

o

problema: quanto mais fértil o solo, mais imperdoável é o fracasso em cultivá-lo.

- Você está diferente, Josef. Talvez o transe o tenha mudado. Jamais conversou comigo

deste

jeito. Obrigado, sua fé me inspira... mas talvez me oprima também.

- Aprendi também - disse Breuer - ou talvez seja a mesma coisa, não estou certo..., que

temos

de viver como se fôssemos livres. Ainda que não possamos escapar do destino, temos

que

enfrentá-lo de cabeça erguida... temos que desejar que nosso destino aconteça. Temos

que amar

nosso destino. É como se...

Alguém bateu à porta.

- Vocês dois ainda estão aí? - perguntou Mathilde. - Posso entrar?

Breuer levantou-se rapidamente para abrir a porta e Mathilde entrou com um prato de

pequenas

salsichas fumegantes, todas envolvidas por uma massa flocosa.

- Suas salsichas favoritas, Josef. Apercebi-me esta manhã de que não as preparo para

você há

muito tempo. O almoço está servido. Max

328 " QUANDO NffiTZSCHE CHOROU

e Rachel estão aqui e os outros estão a caminho. Sigj, você vai ficar. Já arrumei seu

lugar. Seus

pacientes esperarão por mais uma hora.

Obedecendo a um aceno de Breuer, Freud deixou o aposento. Breuer abraçou Mathilde.

- Veja bem, querida, é estranho que tenha perguntado se ainda estávamos aqui. Contarei

para

você sobre nossa conversa mais tarde, mas foi como se eu tivesse viajado a um lugar distante.

Sinto-me como se estivesse afastado por muito tempo, tendo retornado agora.

- Que bom, Josef. - Levou sua mão à face do esposo e afagou a barba dele

afetuosamente.

- Fico feliz em recebê-lo de volta. Senti a sua falta.

Foi um almoço modesto para o padrão dos Breuer, com apenas nove adultos à mesa: os

pais

de Mathilde; Ruth, outra das irmãs de Mathilde, com seu marido Meyer; Rachel e Max;

e Freud.

As oito crianças se sentaram em uma mesa separada nofoyer.

- Por que não pára de me olhar? - murmurou Mathilde para Breuer, ao levar embora

uma

grande terrina com sopa de batatas e cenouras. - Está me deixando envergonhada, Josef

-

sussurrou mais tarde, ao servir a grande travessa de língua de vitela com passas cozida

no

vapor. - Pare, Josef, pare de me encarar! - protestou novamente, ao ajudar a esvaziar a

mesa

antes de trazer a sobremesa.

Mas Josef não parou. Como que pela primeira vez, esquadrinhou o rosto da esposa.

Doeu

perceber que ela também era uma combatente na guerra contra o tempo. Não se viam

fissuras

em suas bochechas; recusara-se a permitir isso, mas não conseguira defender todas as

frentes, e

um pequeno enrugamento lhe sobressaía dos cantos dos olhos e da boca. Seus cabelos,

estirados para cima e para trás e enrodilhados em um fulgurante coque, haviam sofrido

terríveis

infiltrações de cabelos grisalhos. Quando isso se dera? Seria ele em parte culpado?

Unidos, ele

e ela talvez tivessem sofrido menos estragos.

- Por que deveria parar? - Josef a enlaçou suavemente pela cintura, quando ela se

aproximou para recolher seu prato. Depois, seguiu-a até a cozinha. - Por que não devo

olhar

para você? Eu... Mathilde, fiz você chorar!

-Um choro de verdade, Josef. Mas triste, também, ao pensar no tempo que se passou. O

dia

de hoje parece estranho. Sobre o que você e Sigi conversaram, afinal? Sabe o que ele

me

contou no almoço? Que

dará meu nome à sua primeira filha! Ele diz que quer ter duas Mathildes em sua vida.

- Sempre suspeitamos de que Sig era esperto e agora temos certeza. .É um dia estranho.

Mas

um dia importante: decidir casar com você.

Mathilde se desfez da bandeja de xícaras de café, pôs as mãos sobre a cabeça de Breuer

e o

atraiu em sua direção, beijando-lhe a fronte.

- Bebeu aguardente, Josef? Está falando bobagem. - Apanhou a bandeja

novamente. -

Mas

me agrada. - Imediatamente antes de abrir a porta de vaivém para a sala de jantar,

voltou-se

para o marido. - Pensei que tivesse resolvido casar-se comigo quatorze anos atrás.

- O importante é que opto por fazê-lo hoje^ Mathilde. E todos os dias.

Após o café e a Linzertorte* de Mathilde, Freud saiu às pressas para o hospital. Breuer

como

Max foram à biblioteca jogar xadrez, levando um cálice de slivomtz. Após uma partida

misericordiosamente curta - Max prestemente esmagou uma defesa francesa com um

ataque

fulminante à rainha -, Breuer conteve a mão de Max quando este se pôs a arrumar as

peças

para o próximo jogo.

-Preciso conversar-disse ao cunhado. Max rapidamente superou o desapontamento,

guardou as peças de xadrez, acendeu outro charuto, soprou uma longa baforada e

esperou.

Desde o breve contratempo entre eles de algumas semanas antes, em que Breuer falara

pela

primeira vez sobre Nietzsche para Max, os laços entre os dois homens haviam se

estreitado.

Agora um ouvinte paciente e simpático, nas duas últimas semanas, Max seguira com

grande

interesse os relatos dos encontros de Breuer com Eckart Müller. Nesse domingo, parecia

paralisado pela descrição da discussão de sábado no cemitério e pela extraordinária

sessão de

hipnotismo daquela manhã.

- Quer dizer que, no seu transe, você achou que eu tentaria bloquear a porta para

impedir sua

partida? Eu provavelmente faria isso. Senão, ficaria sem um adversário para derrotar no

xadrez. Mas falan-

* Torta de geléia da cidade de Linz. (N. do T.)

do sério, Josef, você parece diferente. Acha mesmo que expulsou Bertha de sua mente?

É espantoso, Max. Agora consigo pensar nela como penso em

qualquer outra pessoa. É como se tivesse feito uma cirurgia para separar a imagem de

Bertha de

todas as emoções que costumavam aderir a ela! E tenho absoluta certeza de que essa

cirurgia

ocorreu no momento em que a observei no jardim com seu novo médico!

- Eu não compreendo. - Max sacudiu a cabeça. - Ou é melhor não compreender?

- Temos que tentar. Talvez esteja errado dizer que minha paixão por Bertha morreu no

momento

em que a observei com o doutor Durkin... quero dizer, de minha fantasia dela com o

doutor

Durkin, tão forte que ainda a vejo como um evento real. Tenho certeza de que a paixão

já fora

enfraquecida por Muller, sobretudo ao me fazer entender como a dotara de tamanho

poder. A

fantasia de Bertha com o doutor Durkin durante o transe surgiu no momento oportuno

de desalojá-

la completamente. Todo o seu poder desapareceu quando a vi repetindo com ele aquelas

cenas

familiares como que automaticamente. De repente, percebi que ela não tem nenhum

poder. Ela

não consegue controlar as próprias ações; na verdade, está tão indefesa e exaurida como

eu

estava. Ambos éramos meros atores substitutos no drama obsessivo do outro, Max. -

Breuer

sorriu. - Veja bem, algo ainda mais importante está acontecendo comigo: a mudança de

meus

sentimentos em relação a Mathilde. Senti-a um pouquinho durante o hipnotismo, mas

está

ganhando força agora. Durante todo o jantar, não parei de contemplá-la e de sentir esse

ardor em

relação a ela.

- Sim - Max sorriu -, vi-o olhando para ela. Foi engraçado ver Mathilde embaraçada. Foi

como ver aquelas brincadeiras entre vocês nos velhos tempos. Talvez seja bem simples:

você a

aprecia agora porque chegou bem perto de experimentar o que seria perdê-la.

- Sim, isso é parte da história, mas não é tudo. Saiba que, durante anos, senti-me

refreado por

Mathilde. Senti-me aprisionado e sonhei com minha liberdade... experimentar outras

mulheres,

viver outra vida totalmente diferente. Só que, quando segui o conselho de Müller, quando agarrei

minha liberdade, entrei em pânico e tentei me desfazer dela. Entreguei minha rédea

primeiro a

Bertha e depois a

Eva. Abri a boca e disse: "Por favor, me refreie. Enfie a rédea em minha boca. Não

quero ser

livre." A verdade é que fiquei aterrorizado com a liberdade. - Max assentiu gravemente

com a

cabeça. - Lembra-se do que lhe contei sobre minha visita a Veneza no transe... a

barbearia onde

descobri meu rosto envelhecido? A rua de lojas de roupas onde constatei que era a

pessoa mais

velha? Algo dito por Müller me ocorre neste momento: "Escolha o inimigo certo." Acho que esta é

a chave! Todos esses anos, venho combatendo o inimigo errado. O tempo todo, o

inimigo certo

não foi Mathilde, mas o destino. O inimigo real foi o envelhecimento, a morte e meu

próprio terror

da liberdade. Culpei Mathilde por não me deixar encarar o que na verdade eu não queria

encarar!

Pergunto-me quantos outros maridos fazem isso com suas esposas?

- Acho que sou um deles - confessou Max. - Saiba que muitas vezes devaneio sobre

nossa

infância juntos, sobre nossos dias na universidade. "Oh! Que perda!", digo para mim

mesmo.

"Como deixei esses anos escapulirem?" Então, secretamente, culpo Rachel, corno se

fosse sua

culpa a infância terminar, sua culpa estar envelhecendo!

- Sim, Müller disse que o inimigo real são as "mandíbulas devoradoras do tempo". Mas agora, de

alguma forma, já não me sinto tão impotente diante dessas mandíbulas. Hoje, talvez

pela primeira

vez, sinto como se quisesse minha vida. Aceito a vida que escolhi. Neste momento,

Max, não

desejo ter feito alguma coisa de forma diferente.

- Por mais sagaz que seja seu professor, Josef, parece-me que, ao projetar a experiência

do

transe, você o superou. Você descobriu um modo de experimentar uma decisão

irreversível sem

torná-la irreversível. Mas há um detalhe que ainda não compreendo. Durante o transe,

onde

estava a parte de você que projetou a experiência? Enquanto você estava em transe,

alguma

parte de você deve ter tido consciência do que realmente estava ocorrendo.

- Tem razão, Max. Onde estava a testemunha, o "eu" que estava enganando o resto de

"mim"?

Fico atordoado ao pensar nisso. Um dia, alguém bem mais brilhante do que eu surgirá

para

decifrar esse enigma. Mas não acho que tenha superado a sagacidade de Müller.

Na

verdade,

sinto algo bem diferente: sinto que o deixei na

mão. Recusei-me a seguir sua prescrição. Ou, quem sabe, simplesmente reconheci

minhas

limitações? Ele costuma dizer: "Cada pessoa tem que escolher quanta verdade consegue

suportar." Acho que escolhi. Além disso, Max, também o deixei na mão como médico.

Não dei

nada para ele. Na verdade, já nem penso mais em ajudá-lo.

- Não se critique, Josef. Você é rigoroso demais consigo próprio. Você é diferente dele.

Lembra-se do curso que freqüentamos juntos sobre pensadores religiosos... com o

professor

Jodl, não foi?... e do termo que aplicamos a eles: "visionários'3? Exatamente o que seu

professor Müller é: um visionário! Já nem sei mais quem é o médico e quem é o

paciente, mas

se você/ósseo médico dele e mesmo se você pudesse mudá-lo - só que não pode - ,

desejaria mudá-lo? Alguma vez ouviu falar de um visionário casado ou domesticado?

Não, isso

o arruinaria. Acho que o destino dele é ser um visionário solitário.

- Sabe o que penso? - Max abriu a caixa de peças de xadrez. - Penso que o tratamento

foi

suficiente. Talvez esteja no fim. Talvez um pouco mais desse tratamento viesse a matar

tanto o

paciente como o médico!

CAPITULO 22

>AX TINHA RAZÃO. Estava na hora de parar. Mesmo assim, Josef surpreendeu a si

mesmo

quando, na segunda-feira de manhã, adentrou o quarto 13 e se declarou plenamente

recuperado.

Nietzsche, sentado na cama penteando o bigode, pareceu ainda mais surpreso.

- Recuperado? - exclamou, deixando cair sobre a cama seu pente de casco de tartaruga. -

E verdade? Como é possível? Você parecia tão atormentado ao nos despedirmos no

sábado.

Preocupeime com você. Teria sido duro demais? Desafiador demais? Temi que você

interrompesse nosso projeto de tratamento. Pensei em muitas coisas, mas jamais esperei a

notícia de que você estivesse plenamente recuperado!

- Sim, Friedrich, eu também estou surpreso. Aconteceu de repente, um resultado direto

de

nossa sessão de ontem.

- Ontem? Mas ontem foi domingo. Não tivemos sessão.

- Tivemos uma sessão, Friedrich. Só que você não estava lá! É uma longa história.

- Conte-me essa história-pediu Nietzsche, ao se levantar da cama. - Conte-me cada

detalhe!

Quero aprender sobre a recuperação.

- Aqui, às nossas cadeiras de conversar - disse Breuer, tomando seu lugar habitual.

- Tenho tanto para contar... - começou, enquanto Nietzsche, ao seu lado, se inclinava

para a

frente curioso, literalmente na beira da cadeira.

QUANDO NIETZSCHE CHOROU

- Comece com a tarde de sábado - disse Nietzsche rapidamente _? após nosso passeio

no

Simmeringer Haide.

- Sim, aquele louco passeio ao vento! Aquele passeio foi maravilhoso. E terrível! Tem

razão:

quando voltamos ao fiacre, eu estava terrivelmente atormentado. Sentia-me como uma

bigorna:

suas palavras eram os golpes do martelo. Muito tempo depois, elas ainda reverberavam,

especialmente uma frase.

- Que foi...

- Que a única forma de salvar meu casamento seria, desistir dele. Um de seus

pronunciamentos

mais desconcertantes: quanto mais pensava nele, mais confuso ficava!

- Então eu deveria ter sido mais claro, Josef. Quis dizer apenas que a relação conjugal só

é ideal

quando não é necessária para a sobrevivência de cada parceiro. - Sem perceber qualquer

sinal

de esclarecimento no rosto de Breuer, Nietzsche acrescentou. - Quis dizer apenas que,

para se

relacionar plenamente com outro, você precisa primeiro relacionar-se consigo mesmo.

Se não

conseguimos abraçar nossa própria solidão, simplesmente usaremos o outro como um escudo

contra o isolamento. Somente quando consegue viver como a águia, sem absolutamente

qualquer

público, você consegue se voltar para outra pessoa com amor; somente então é capaz de

se

preocupar com o engrandecimento do outro ser humano. Ergo, se você é incapaz de

desistir do

casamento, então o casamento está condenado.

- Então você quer dizer, Friedrich, que a única forma de salvar o casamento é ser capaz

de

desistir dele? Está mais claro. - Breuer refletiu por um momento. - Essa lei é

maravilhosamente

instrutiva para um solteiro, mas apresenta um tremendo dilema para o homem casado.

Qual sua

utilidade para mim? É como tentar reconstruir um navio em alto-mar. Durante bastante

tempo, no

sábado, fiquei perplexo com o paradoxo de ter que desistir irrevogavelmente de meu

casamento a

fim de salvá-lo. Então, subitamente, tive uma inspiração. - Nietzsche, ardendo de

curiosidade,

retirou os óculos e inclinou-se perigosamente para a frente. Outro centímetro ou dois -

Breuer

pensou -, e ele cairá da cadeira. - O que você conhece da hipnose?

- Magnetismo animal? Mesmerismo? Muito pouco - respondeu Nietzsche-. Sei que o

próprio

Mesmer foi um salafrário, mas

pouco tempo atrás li que diversos médicos franceses afamados estão recorrendo ao

mesmerismo

para tratar das mais diferentes doenças. E, é claro, você o empregou em seu tratamento

de Bertha.

Entendo apenas que é um estado como do sono em que você se torna altamente

sugestionável.

- Mais do que isso, Friedrich. E um estado em que você é capaz de experimentar

fenómenos

alucinatórios de grande vivacidade. Minha inspiração foi que, em um transe hipnótico,

conseguiria me aproximar da experiência de desistir do casamento, mas preservando-o

na vida

real.

Breuer contou então para Nietzsche tudo que lhe acontecera. Ou melhor, quase tudo: ia

descrever

sua observação de Bertha e do doutor Durkin no jardim do sanatório Bellevue, mas

subitamente

decidiu manter segredo. Em vez disso, descreveu apenas a viagem até Bellevue e sua partida

repentina.

Nietzsche escutava, assentindo com a cabeça em movimentos cada vez mais rápidos, os

olhos

arregalados de concentração. Terminada a narrativa de Breuer, ficou sentado em

silêncio, como

que desapontado.

- Friedrich, faltam-lhe as palavras? E a primeira vez. Eu também estou confuso,

mas sei

que me

sinto bem hoje. Vivo. Há muitos anos não me sinto tão bem! Sinto-me presente: aqui

com você, em

vez de^mg/rque estou aqui enquanto secretamente penso em Bertha.

Nietzsche continuava escutando atentamente, mas nada disse. Breuer continuou.

- Friedrich, sinto tristeza também. Detesto pensar que nossas conversas terminarão.

Você sabe

mais sobre mim do que qualquer outra pessoa no mundo e prezo o vínculo entre nós.

Além disso,

sinto outra coisa: vergonha! Apesar de minha recuperação, estou envergonhado. Sinto

que, ao

usar a hipnose, o enganei. Assumi um risco sem riscos! Você deve estar desapontado

comigo.

Nietzsche vigorosamente acenou que não com a cabeça.

- Não, nem um pouquinho.

- Conheço seus padrões - protestou Breuer. - Você deve sentir que estive aquém das

expectativas! Várias vezes, ouvi-o perguntar: "Quanta verdade consegue

suportar?" Sei que é

assim que você mede uma pessoa. Infelizmente, minha resposta é: "Não muita!"

NffiTZSCHE CHOROU

Mesmo no meu transe, estive aquém das expectativas. Imaginei-me tentando segui-lo

até a

Itália, para ir tão longe como você, tão longe como você quis que eu fosse... mas faltou-

me

coragem.

Ainda abanando a cabeça, Nietzsche inclinou-se para a frente, apoiou a mão no braço da

cadeira de Breuer e disse:

- Não, Josef, você foi longe... mais longe do que a maioria. _ Talvez tão longe quanto os

limites mais distantes de minha

capacidade limitada - respondeu Breuer. - Você sempre insistiu que preciso encontrar meu

próprio caminho, em vez de procurar o caminho ou seu caminho. Talvez o trabalho, a

comunidade, a família sejam meu caminho para uma vida significativa. Mesmo assim,

sinto que

estive aquém das expectativas, que me acomodei ao conforto, que sou incapaz de

contemplar o

sol da verdade como você.

- E eu, às vezes, gostaria de encontrar a sombra. - A voz de Nietzsche soou triste e

anelante.

Seu profundo suspiro lembrou Breuer de que o contrato de tratamento previa dois

pacientes,

mas apenas um fora ajudado. Talvez, pensou Breuer, ainda não seja tarde.

- Embora me considere curado, Friedrich, não quero parar de me encontrar com você.

Nietzsche, lenta e determinadamente, acenou que não com a cabeça.

- Não. Chegamos ao final. E hora de parar.

- Seria egoísta parar - protestou Breuer. - Extraí tanta coisa e dei tão pouco em troca.

Porém, sei que tive pouca oportunidade de ajudar; você não cooperou nem mesmo com

uma

enxaqueca.

" - A melhor dádiva seria ajudar-me a entender a recuperação.

- Acredito - respondeu Breuer - que o fator mais poderoso foi minha identificação do

inimigo certo. Tendo entendido que preciso combater o inimigo real - o tempo, o

envelhecimento, a morte - , vim a perceber que Mathilde não é adversária nem

salvadora, mas

simplesmente uma colega de jornada enfrentando o mesmo ciclo da vida. De algum

modo, esse

simples passo liberou todo meu amor aprisionado por ela. Hoje, Friedrich, amo a idéia

de

repetir minha vida eternamente. Finalmente, sinto-me capaz de dizer: "Sim, escolhi

minha vida.

E muito bem escolhida."

- Sim, sim - disse Nietzsche, apressando Breuer. - Vejo que você mudou. Mas quero

saber

o mecanismo, como isso aconteceu!

- Só sei dizer que, nos últimos dois anos, fiquei muito assustado com meu próprio

envelhecimento ou, conforme você disse, com o "apetite do tempo". Lutei contra ele,

mas

cegamente. Ataquei minha esposa em vez do inimigo real e, finalmente, em desespero, procurei

a salvação nos braços de alguém que não tinha como me salvar. - Breuer pausou,

coçando a

cabeça. - Não sei o que mais dizer, exceto que, graças a você, percebo que a chave para

viver

bem é pri- _ meiro desejar aquilo que é necessário e, depois, amar aquilo que é

desejado.

Dominando sua agitação, Nietzsche ficou impressionado com as palavras de Breuer.

- Amorfati, ama teu destino. É estranho, Breuer, como são parecidas nossas cabeças!

Planejei

fazer do Amorfatí minha próxima e última lição em sua instrução. Eu iria lhe ensinar a

superar o

desespero transformando o "assim se deu" em "assim o desejeT. Mas você se antecipou a mim.

Você se tornou forte, talvez até maduro, mas - fez uma pausa, subitamente agitado -

essa

Bertha que invadiu e possuiu sua mente, que não lhe dava paz... você não me contou

como a

baniu.

- Não é importante, Friedrich. É mais importante para mim parar de lastimar o passado

e...

- Você disse que gostaria de me dar algo, lembra-se? - Nietzsche suplicou, seu tom

desesperado alarmando Breuer. - Então, dême algo concreto. Conte-me como a

expulsou da

mente\ Nos mínimos detalhes!

Apenas duas semanas antes, Breuer recordou, eu era que implorava a Nietzsche passos

explícitos para seguir e ele insistia que não existe o caminho, que cada pessoa deve

encontrar

sua própria verdade. O sofrimento de Nietzsche deve ser realmente terrível para que

esteja

negando seu próprio ensinamento e esperando encontrar na minha cura o caminho

preciso para

a sua. Tal pedido, Breuer resolveu, não deve ser concedido.

- O que mais quero, Friedrich - disse Breuer -, é dar-lhe algo, mas tem que ser uma

dádiva

que tenha substância. Sinto um desespe-

•PPPImX> NffiTZSCHE CHOROU

"j em sua voz, mas você esconde seus desejos reais. Confie em mim ao maios

esta vez!

Diga-me

exatamente o que quer. Tenho o poder de concedê-lo, será seu.

Saltando de sua cadeira, Nietzsche andou de um lado para outro por alguns minutos; depois, foi

até a janela e ficou olhando para fora, virado de costas para Breuer.

Um homem profundo precisa de amigos - começou ele,

como se falasse mais para si do que para Breuer. - Se todo o resto falhar sobrarão seus

deuses.

Mas eu não tenho amigos nem deuses. Eu, como você, tenho desejos e meu maior

desejo é a

amizade perfeita, uma amizade interpares, entre iguais. Que palavras inebriantes, inter

pares,

palavras com tanto conforto e esperança para alguém como eu que sempre viveu só, que

sempre

procurou mas nunca encontrou sua outra metade. Às vezes, tenho me desabafado

através de cartas

para minha irmã, para amigos. Mas, quando encontro as pessoas face a face, sinto-me

envergonhado e dou as costas.

- Exatamente como está dando as costas para mim agora? - interrompeu Breuer.

- Sim - e Nietzsche quedou-se emudecido.

- Tem algo para desabafar agora, Friedrich?

Nietzsche, ainda espiando pela janela, acenou positivamente com a cabeça.

^ - Nas raras ocasiões em que não consegui agüentar a solidão e dei vazão a explosões

públicas

de lamentos, odiei-me uma hora depois e me senti um estranho em relação a mim

mesmo, como se

tivesse perdido minha própria companhia. Também nunca permiti aos outros se

desabafarem

comigo... eu não estava disposto a assumir a divida da reciprocidade. Evitei tudo isso...

até o dia,

é claro - voltou o rosto para Breuer - em que demos as mãos e concordamos com nosso

estranho contrato. Você é a primeira pessoa com quem sempre mantive o rumo. E

mesmo com

você, de início, esperei traição.

- E aí?

- No começo - respondeu Nietzsche -, fiquei constrangido com você: jamais escutara

revelações tão francas. Depois, fiquei impaciente, depois, crítico e observador. Mais

adiante,

outra mudança: passei a admirar sua coragem e honestidade. Numa outra mudança,

senti-me comovido por sua confiança em mim. Agora, hoje, o pensamento de deixá-lo me enche

de melancolia. Sonhei com você na última noite... um sonho triste.

- Como foi seu sonho, Friedrich?

Retornando da janela, Nietzsche sentou-se e encarou Breuer.

- No sonho, eu acordo aqui na clínica. Está escuro e frio. Todos já se foram. Quero

encontrá-lo.

Acendo um lampião e procuro em vão através de um quarto vazio após outro. Depois,

desço as

escadas até a sala de estar, onde vejo algo estranho: um fogo... não na lareira, mas uma

bonita

fogueira no centro da sala e, em volta do fogo, oito pedras altas aprumadas parecem

estar se

aquecendo. Nesse momento, acordei.

- Estranho sonho - comentou Breuer. - Alguma idéia sobre ele?

- Apenas um sentimento de profunda tristeza, uma profunda saudade. Jamais chorei

num sonho

antes. Você pode ajudar?

Breuer repetiu mentalmente a frase simples de Nietzsche: "Você pode ajudar?" Era pelo que tanto

ansiara. Três semanas atrás, poderia ter imaginado tais palavras da boca de Nietzsche?

Não

podia desperdiçar a oportunidade.

- Oito pedras aquecidas pelo fogo - respondeu. - Uma imagem curiosa. Deixe-me dizer

o que

me ocorre. Você lembra, é claro, sua terrível enxaqueca na hospedaria de Herr Schlegel.

Nietzsche anuiu com a cabeça.

- Parte dela. Durante alguns períodos, eu não estava presente.

- Há algo que não lhe contei - disse Breuer. - Quando você estava em coma, proferiu

algumas

frases tristes. Uma delas foi: "Nenhum nicho, nenhum nicho." - Nietzsche pareceu

estupefato.

- Nenhum nicho? O que estava querendo dizer?

- Creio que "nenhum nicho" significa que você não tinha lugar em nenhuma amizade ou

em

nenhuma comunidade. Eu penso, Friedrich, que você anseia por um lar mas teme seu

desejo! -

Breuer suavizou o tom de voz. - Você deve se sentir assaz solitário nesta época do ano.

Muitos

dos outros pacientes da clínica estão saindo para se reunirem às suas famílias durante os

feriados

de Natal. Talvez por isso os quartos estivessem vazios no seu sonho. Ao me procurar,

encontrou

um fogo aquecendo oito pedras. Acho que sei o significa-

--^____

do: em torno de minha lareira, são sete em minha família: meus cinco filhos, minha

esposa e eu.

Quem sabe você era a oitava pedra? Talvez o sonho exprima o desejo de minha amizade

e de

meu lar. Nesse caso, seja bem-vindo. - Breuer se inclinou para segurar o braço de

Nietzsche.

-Venha comigo para minha casa, Friedrich. Embora meu desespero tenha sido aliviado,

não

há necessidade de nos separarmos. Seja meu convidado durante as festas... ou melhor,

fique

durante o inverno todo. Seria um imenso prazer para mim.

Nietzsche repousou sua mão sobre a de Breuer por um momento, apenas um momento.

Depois, levantou-se e andou até a janela. A chuva, impelida pelo vento nordeste,

golpeava

violentamente a vidraça. Voltou-se para Breuer:

- Obrigado, amigo, pelo convite para ir à sua casa. Mas não posso aceitar.

-Por que não? Estou convencido de que lhe fará bem, Friedrich, bem como a mim.

Tenho um

quarto vazio mais ou menos do tamanho deste. E uma biblioteca onde você poderia

escrever.

Nietzsche recusou com um abano da cabeça suave mas firme.

- Alguns minutos atrás, ao dizer que atingiu os limites mais distantes de sua capacidade

limitada, você estava se referindo a enfrentar o isolamento. Eu também enfrento meus

limites:

os limites do relacionamento. Aqui, com você, mesmo agora ao conversarmos face a

face, alma

a alma, esbarro nesses limites.

- Limites podem ser estendidos, Friedrich. É só tentar! Nietzsche andou de um lado para

o

outro.

- No momento em que disser: "Não consigo mais suportar a solidão", cairei a profundezas

indizíveis em minha auto-estima, por abandonar o que há de mais elevado em mim.

Meu

caminho designado exige que arroste os perigos que porventura me atraiam para fora

dele.

- Mas Friedrich, juntar-se a outrem não é o mesmo que abandonar a si mesmo! Uma vez

você

disse que tinha muito a aprender comigo sobre relacionamentos. Pois deixe-me

ensinar-

lhe! Por

vezes, justificam-se a desconfiança e a vigilância, mas outras vezes é preciso ser capaz

de

relaxar a guarda e deixar que nos toquem. - Esticou o braço até Nietzsche. - Venha,

Friedrich, sente-se.

Passivamente, Nietzsche retornou à sua cadeira e, fechando os olhos, respirou

profundamente

várias vezes. Depois, abriu os olhos e confessou:

- O problema, Josef, não é que você possa me trair; é que eu venho traindo você. Tenho

sido

desonesto com você. Agora, quando você me convida para sua casa, ao nos tornarmos

mais

íntimos, meu engodo está me atormentando. Chegou a hora de mudar isto! Chega de

logro

entre nos! Permita que me desabafe. Ouça minha confissão, amigo.

Virando a cabeça para o outro lado, Nietzsche fixou o olhar em um pequeno arranjo

floral no

tapete persa e, com uma voz tremula, começou:

-Vários meses atrás, envolvi-me profundamente com uma notável jovem russa chamada

Lou

Salomé. Antes disso, jamais me permitira amar uma mulher. Talvez por ter sido

inundado de

mulheres no início da vida. Depois que meu pai faleceu, vi-me cercado de mulheres

frias e

distantes: minha mãe, minha irmã, minha avó e minhas tias. Algumas atitudes

profundamente

nocivas devem ter sido inoculadas em mim, pois desde então tenho encarado com horror

uma

ligação com uma mulher. A sensualidade, o corpo de uma mulher, me parece a pior das

distrações, uma barreira entre mim e minha missão de vida. Mas Lou Salomé era

diferente, ou

assim pensei. Embora fosse bonita, também parecia uma verdadeira alma gémea. Ela

me

compreendia, indicava-me novas direções... a alturas estonteantes que eu jamais tivera coragem

de explorar. Pensei que se tornaria minha aluna, minha protegida, meu discípulo. Mas

aí,

catástrofe! Minha lascívia emergiu. Ela a usou para me jogar contra Paul Rée, meu

amigo íntimo

que nos apresentara. Ela me fez acreditar ser eu o homem a quem estava destinada, mas

quando

me ofereci, ela me rejeitou. Fui traído por todos: por ela, por Rée e por minha irmã, que

tentou

destruir nosso relacionamento. Agora tudo são cinzas e vivo exilado de todos os que

outrora

estimei.

- Em nossa primeira conversa - interrompeu Breuer -, você aludiu a três traições.

- A primeira foi de Richard Wagner, que me traiu faz muito tempo. Essa ferida já

cicatrizou.

As outras foram de Lou Salomé e Paul Rée. Sim,ykrmenção a elas. Mas fingi que havia

resolvido a crise.

JANDO NIETZSCHE CHOROU

Esse foi meu logro. A verdade é que jamais, até apresente momento, a resolvi.

Essa

mulher, essa

Lou Salomé, invadiu minha mente e nela se

1 instalou. Não consigo desalojá-la. Não se passa nenhum dia, às vezes nenhjanmhora,

sem que eu

pense nela. Na maioria do tempo, odeioa. Penso em atacá-la, em publicamente humilhá-

la. Quero

vê-la rastejando aos meus pés, implorando-me que volte para ela! Às vezes, dáse o

contrário:

desejo-a, penso em segurar a mão dela, em nossos passeios de barco no Lago Orta, em

saudarmos

um nascer do sol no Adriático juntos...

- Ela é sua Bertha!

- Sim, ela é minha Bertha! Sempre que você descrevia sua obsessão, sempre que tentava

extirpá-

la da mente, sempre que tentava entender seu significado, estava falando por mim

também! Estava

realizando um trabalho dobrado: o meu tanto quanto o seu! Eu me escondi como

uma

mulher e,

depois que você partiu, saí de fininho, pisei nas suas pegadas e tentei seguir sua trilha.

Covardemente, agachei-me atrás de você e deixei-o enfrentar sozinho os perigos e as

humilhações do caminho.

Lágrimas desciam pela face de Nietzsche e ele as secava com um lenço. Foi então que ergueu a

cabeça e encarou Breuer diretamente.

- Essa é minha confissão e minha vergonha. Agora você entende meu intenso interesse

em sua

libertação. Sua libertação pode ser minha libertação. Agora você sabe por que é

importante para

mim saber exatamente como você eliminou Bertha de sua mente! Agora você vai me

dizer?

Breuer negou com a cabeça.

- Minha experiência do transe tornou-se agora nebulosa. Mas mesmo que eu

conseguisse evocar

detalhes precisos, que valor teriam para você, Friedrich? Você mesmo me ensinou que

não existe

o caminho, que a única grande verdade é aquela que descobrimos para nós mesmos.

Vergando a cabeça, Nietzsche sussurrou:

- Sim, sim, tem razão.

Breuer pigarreou e respirou profundamente.

- Não posso lhe contar o que deseja ouvir, Friedrich - pausou, o coração acelerado; era

sua

vez de confessar -, mas há algo que tenho que lhe contar. Tampouco eu tenho sido

honesto e

chegou mi-

nha hora de me confessar. - Teve uma súbita e terrível premonição de que, não

importava o que

dissesse ou fizesse, Nietzsche o encararia como a quarta grande traição de sua vida.

Contudo, era

tarde demais para voltar atrás. - Temo, Friedrich, que esta confissão venha a me custar

sua

amizade. Espero que isso não aconteça. Por favor, acredite que confesso por devoção,

pois não

suporto o pensamento de que você venha a saber por outro o que irei dizer, de que

venha a se

sentir traído novamente pela quarta vez.

O rosto de Nietzsche adquiriu a imobilidade de uma máscara mortuária. Ficou sem

respiração

quando Breuer começou.

- Em outubro, algumas semanas antes de nos conhecermos, tirei umas rápidas férias com

Mathilde em Veneza, onde um estranho bilhete me aguardava no hotel.

Breuer apanhou o bilhete de Lou Salomé no bolso da jaqueta e o entregou a Nietzsche.

Observou

os olhos de Nietzsche se arregalarem de descrença durante a leitura.

21 de outubro de 1882

Doutor Breuer,

Preciso vê-lo para um assunto da maior urgência. O futuro da filosofia alemã está em

jogo. Encontre-me amanhã cedo às nove

horas no Café Sorrento.

Lou Salomé

Segurando o bilhete na mão tremula, Nietzsche gaguejou:

- Não compreendo. Que... que...

- Sente-se, Friedrich, é uma longa história e tenho que contá-la desde o início.

Nos vinte minutos seguintes, Breuer relatou tudinho: os encontros com Lou Salomé,

como ela

soube do tratamento de Arma O. através do irmão Jenia, seu pedido de que Breuer

ajudasse

Nietzsche e a concordância de Breuer.

- Você deve estar se indagando, Friedrich, se alguma vez um médico já concordou com

uma

consulta tão bizarra. De fato, quando rememoro minha conversa com Lou Salomé,

custa-me

acreditar que tenha concordado com o pedido dela. Imagine só! Ela me pediu para

inventar um

tratamento para um problema não-médico a fim

deaplicá-lo sub-repticiamente a um paciente avesso. Mas de algum modo ela me

persuadiu. De

fato, ela se viu como total parceira nessa aventura e, em nossa última reunião, pediu um

relatório do progresso de "nosso" paciente.

O quê! - exclamou Nietzsche. - Viu-a recentemente?

- Ela apareceu sem avisar no meu consultório alguns dias atrás e insistiu que eu lhe

fornecesse

informações sobre o progresso do tratamento. Claro que nada informei e ela partiu contrariada.

- Breuer foi em frente revelando todas as suas percepções do desenrolar do trabalho

conjunto

deles: suas tentativas frustradas de ajudar Nietzsche, seu conhecimento de que

Nietzsche

ocultava o desespero da perda de Lou Salomé. Compartilhou até seu golpe de mestre:

fingir

procurar tratamento para seu próprio desespero de modo a manter Nietzsche em Viena.

Nietzsche quase teve uma convulsão ante essa revelação.

- Quer dizer que foi tudo fingimento?

- De início - reconheceu Breuer. - Meu plano era "manobrar" você, fazer o papel do

paciente cooperador enquanto gradualmente reverteria os papéis e faria vocêse. tornar o

paciente. Mas a ironia real ocorreu quando me tornei meu papel, quando meu

fingimento de ser

o paciente virou realidade.

Que mais haveria para contar? Perscrutando a mente em busca de outros detalhes,

Breuer não

encontrou nenhum. Havia confessado tudo.

De olhos cerrados, Nietzsche inclinou a cabeça para a frente e a segurou entre as mãos.

- Friedrich, você está bem? - perguntou Breuer preocupado.

- Minha cabeça... vejo luzes cintilantes... ambos os olhos! Minha aura visual...

Breuer imediatamente assumiu sua postura profissional.

- Uma enxaqueca está tentando se materializar. Nesse estágio, podemos detê-la. A

melhor

coisa é cafeína e ergotamina. Não se mexa. Volto já já.

Saiu correndo do quarto e se precipitou escadas abaixo até o balcão de enfermagem

central e,

depois, a cozinha. Retornou em poucos minutos carregando uma bandeja com uma

xícara, um

pote de café forte, água e alguns tabletes.

- Primeiro, engula estas pílulas: ergotina e alguns sais de magnésio para proteger seu

estômago do café. Depois, quero que beba todo este pote de café.

Depois que Nietzsche engoliu as pílulas, Breuer perguntou:

- Gostaria de se deitar?

- Não, não, tenho que descrever minha crise.

- Recline a cabeça na cadeira. Escurecerei o quarto. Quanto menos estímulo visual,

melhor. -

Breuer abaixou as venezianas das três janelas e, a seguir, preparou uma compressa fria e

a

aplicou sobre os olhos de Nietzsche. Por alguns minutos, ficaram sentados em silêncio

na

penumbra. Depois, Nietzsche falou com a voz abafada.

- Tão bizantino, Josef... tudo entre nós... tudo tão bizantino, tão desonesto, tão

duplamente

desonesto!

- Que mais poderia ter feito? - Breuer falou suave e lentamente para não agravar a

enxaqueca. - Talvez eu não devesse ter concordado logo no início. Deveria ter lhe

contado

antes? Você teria dado no pé e sumido para sempre!

Nenhuma resposta.

- Estou certo? - perguntou Breuer.

- Sim, eu teria pego o próximo trem que saísse de Viena. Mas você mentiu para mim.

Fez

promessas para mim...

- E honrei cada promessa, Friedrich. Prometi ocultar seu nome e cumpri esta promessa.

Quando Lou Salomé perguntou sobre você - exigiu informações seria mais exato -,

recusei-

me a falar sobre o assunto. Recusei-me até a revelar se estávamos nos encontrando.

Além

disso, cumpri outra promessa, Friedrich. Lembra-se de eu ter dito que, durante o coma,

você

proferiu algumas frases?

Nietzsche anuiu com a cabeça.

- A outra frase foi: "Ajude-me!" Você a repetiu várias vezes.

- "Ajude-me!" Eu disse isto?

- Várias e várias vezes! Continue a beber, Friedrich. Nietzsche tendo esvaziado a xícara,

Breuer a encheu novamente

com o café preto e abundante.

- Não me lembro de nada. Nem de "ajude-me", nem daquela outra frase: "Nenhum

nicho"...

não fui eu quem falou.

- Mas foi sua voz, Friedrich. Alguma parte de você falou comigo e prometi àquele

'Você" que

ajudaria. E jamais traí essa promessa.

i CHOROU

| mais ^é. Quatro xícaras cheias é minha prescrição. - EnquanI^Nietzsche bebia o café

amargo, Breuer ajeitou a compressa fria sobre a fronte dele. - Como está a cabeça? E as

luzes

cintilantes? Deseja parar de falar por um momento e repousar?

Estou melhor, muito melhor - disse Nietzsche com uma voz

fraca. Não, não desejo parar. Parar me agitaria mais do que falar.

Estou acostumado a trabalhar sentindo-me assim. Mas, primeiro, deixe-me tentar

relaxar os

músculos das têmporas e do couro cabeludo.

Durante três ou quatro minutos, respirou lenta e profundamente

enquanto contava suavemente. Depois disso, disse: - Pronto, melhorei. Costumo contar

minhas respirações e imaginar meus músculos se relaxando a cada número. As vezes,

mantenho-me centrado concentrando-me apenas na respiração. Já observou que o ar que

você

inspira é sempre mais frio do que o que expira?

Breuer observou e esperou. Graças a Deus veio a enxaqueca - pensou. Ela força

Nietzsche,

ainda que por um breve período, a ficar onde está. Sob a compressa fria, somente sua

boca

estava visível. O bigode tremia como se ele estivesse prestes a dizer algo e então,

aparentemente, mudasse de idéia. Finalmente, Nietzsche sorriu.

- Você pensou em me manipular e, ao mesmo tempo, eu achava que o estava

manipulando.

- Mas Friedrich, o que foi concebido na manipulação se transformou agora em

honestidade.

- Pensar que por detrás de tudo estava Lou Salomé em sua posição favorita, segurando

as

rédeas, chicote à mão, controlando nós dois. Você me contou muita coisa, Josef, mas

uma

omitiu.

Breuer abriu as mãos com as palmas para cima.

- Não tenho mais nada a esconder.

- Seus motivos! Tudo isso... essa trama, esse proceder tortuoso, o tempo consumido, a

energia. Você é um médico ocupado. Por que fez isso? Por que chegou a concordar em

se

envolver?

Eis uma pergunta que tenho muitas vezes formulado a mim mesmo - respondeu Breuer.

- A

única resposta que me acode é dizer que foi para agradar Lou Salomé. De algum modo,

ela me

encantou. Não consegui dizer não para ela.

No entanto, você disse não para ela na última vez em que apareceu em seu consultório.

QUANDO NIETZSCHE CHOROU * 347

- Sim, mas aí já tinha conhecido você, feito promessas para você. Acredite-me,

Friedrich, ela

não ficou nada satisfeita.

- Eu o parabenizo por contestá-la; você fez algo que nunca consegui. Mas diga-me, no

início

em Veneza, como ela o encantou?

- Não sei como responder. Só sei que, após meia hora com ela, sentia-me incapaz de

recusar-

lhe qualquer coisa.

- Sim, ela exerceu o mesmo efeito sobre mim.

- Você deveria ter visto a ousadia com que ela se aproximou de minha mesa no café.

- Conheço aquele andar. - comentou Nietzsche. - Sua marcha imperial romana. Ela nem

liga para possíveis obstáculos, como se nada ousasse bloquear o seu caminho.

- Sim, e aquele ar de confiança inconfundível! Há algo tão livre nela: as roupas, os

cabelos, o

vestido. Ela se libertou totalmente da convenção.

Nietzsche concordou com um gesto de cabeça.

- Sim, a liberdade dela é impressionante... e admirável! Nesse aspecto individual todos

temos

a aprender com ela. - Lentamente, virou a cabeça e pareceu satisfeito com a ausência da

dor.

- Às vezes, pensei em Lou Salomé como sendo uma mutação, especialmente quando se

considera que sua liberdade floresceu em meio a um denso matagal burguês. O pai dela

foi um

general russo, sabia? - Olhou firmemente para Breuer. - Imagino que ela logo o tratasse com

total informalidade. Não sugeriu que a chamasse pelo prenome?

- Exatamente. Fitou diretamente meus olhos e tocou minha mão enquanto

conversávamos.

- Puxa, como isso soa familiar! Quando nos conhecemos, Josef, ela me desarmou

completamente dando-me o braço quando eu ia embora e oferecendo-se para me levar

de volta

ao hotel.

- Ela fez exatamente o mesmo comigo! Nietzsche ficou tenso mas prosseguiu.

- Ela me disse que não queria me deixar tão rapidamente, que precisava de mais tempo

comigo.

- As mesmas palavras que disse para mim, Friedrich. Depois, ela se irritou quando dei a

entender que minha mulher poderia se incomodar vendo-me caminhando com uma

jovem.

eu uma risada.

Sej como ela teria reagido a isso. Ela não morre de amores

pelo casamento convencional; considera-o um eufemismo para a escravidão feminina.

- Exatamente as palavras dela para mim! Nietzsche afundou na cadeira.

- Ela desafia todas as convenções, exceto uma; quando se trata de homens e de sexo, é

tão casta

como uma carmelita!

Breuer anuiu com a cabeça.

- Sim, mas penso que talvez interpretemos erradamente as mensagens que ela envia. Ela

é uma

menina, uma criança sem noção do impacto de sua beleza sobre os homens.

- Nisso nos discordamos, Josef. Ela tem total consciência de sua beleza. Ela a usa para

dominar,

para exaurir os homens e, depois, passar para o próximo.

Breuer foi em frente.

- Outra coisa: ela desafia as convenções com tanto encanto, que não se consegue evitar

tornar-

se um cúmplice. Surpreendi a mim mesmo ao concordar em ler uma carta que Wagner

escreveu

para você, muito embora achasse que ela não tinha o direito de possuí-la.

- O quê! Uma carta de Wagner! Nunca dei pela falta de nenhuma. Deve tê-la surrupiado

durante

sua visita em Tautenberg. Nada é impossível para ela!

- Ela inclusive me mostrou algumas de suas cartas, Friedrich. Imediatamente senti-me

como se

fosse da máxima confiança dela. - Aqui Breuer sentiu que talvez estivesse correndo o

maior de

todos os riscos. Nietzsche sentou-se abruptamente. A compressa fria caiu-lhe dos olhos.

- Ela lhe mostrou minhas cartas? Aquela safada!

- Por favor, Friedrich, não vamos despertar a enxaqueca. Aqui, beba esta última xícara

e, depois,

deite-se novamente e deixe-me substituir a compressa.

Está bem, doutor, nessas questões sigo sua orientação. Mas acho que já não corro

perigo; os

clarões visuais desapareceram. Seu remédio deve estar fazendo efeito. - Nietzsche

bebeu o café

momo remanescente em um gole. - Pronto, agora chega, isto é mais café ao que bebo

em seis

meses! - Após virar a cabeça lentamente de

um lado para o outro, entregou a compressa para Breuer. - Já não preciso mais disto.

Meu ataque

parece que foi embora. Surpreendente! Sem sua ajuda, teria degenerado em vários dias

de

tormento. Que pena - arriscou olhar para Breuer - não poder levá-lo comigo! - Breuer

concordou com um abano de cabeça. - Mas como ela ousa mostrar-lhe minhas

cartas,

Josef! E

como você teve coragem de lê-las?

- Breuer abriu a boca, mas Nietzsche ergueu a mão para silenciá-lo.

- Não precisa responder. Entendo sua posição, mesmo a forma como se sentiu

lisonjeado por ter

sido escolhido como confidente dela. Tive uma reação idêntica quando ela me mostrou

cartas de

amor de Rée e de Gillot, um de seus professores na Rússia que também se apaixonou

por ela.

- Mesmo assim - Breuer disse -, deve ser doloroso para você, eu sei. Eu ficaria arrasado

se

soubesse que Bertha compartilhou nossos momentos mais íntimos com outro homem.

-É doloroso sim. Mas é um bom remédio. Diga-me todo o resto sobre seu encontro com Lou.

Não deixe nada de fora!

Agora Breuer compreendia por que não contara a Nietzsche sua visão no transe de

Bertha

caminhando com o doutor Durkin. Aquela experiência emocional poderosa o

libertara

dela. Era

precisamente o de que Nietzsche precisava: não uma descrição da experiência de

outrem, não

uma compreensão intelectual, mas sua própria experiência emocional, forte o bastante

para

extirpar os significados ilusórios que empilhara sobre essa russa de 21 anos.

Haveria experiência emocional mais poderosa do que Nietzsche "bisbilhotar" Lou

Salomé

envolvendo outro homem com os mesmos artifícios que outrora aplicara sobre ele?

Desse modo,

Breuer procurou em sua memória cada mínimo detalhe de seu encontro com Lou.

Começou

relatando a Nietzsche as palavras dela: o desejo de se tornar sua aluna e protegida, sua

adulação

e seu desejo de incluir Breuer em sua coleção de grandes mentes. Descreveu as ações

dela: o

coquetismo, o virar a cabeça primeiro para um lado, depois para o outro, o

sorriso, a

cabeça com

o coque, o olhar aberto e adorador, o movimento da língua ao umedecer os lábios, o

toque da

mão ao repousá-la sobre a de Breuer.

Escutando com sua grande cabeça reclinada para trás, os profundos olhos cerrados,

Nietzsche

parecia dominado pela emoção.

- Friedrich, o que estava sentindo enquanto falei?

- Tantas coisas, Josef.

- Descreva-as para mim.

- E coisa demais para que eu consiga dar sentido.

- Não tente. Apenas limpe chaminé.

Nietzsche abriu os olhos e olhou para Breuer, como que para se tranqüilizar de que não

haveria

mais duplicidade.

- Faça-o - exortou Breuer. - Considere-o uma ordem médica. Conheço bem uma pessoa igualmente atormentada que diz que isso ajudou.

Hesitantemente, Nietzsche começou.

- Enquanto você falava sobre Lou, lembrei minhas próprias experiências com ela,

minhas

próprias impressões... idênticas, espantosamente idênticas. Ela agiu com você da mesma

forma

que fez comigo; sinto-me despojado de todos aqueles momentos pungentes, daquelas

memórias

sagradas. - Abriu os olhos. - É difícil deixar os pensamentos falarem... constrangedor!

- Confie em mim, atesto pessoalmente que o constrangimento raramente é fatal! Vá em

frente!

Seja rijo sem perder a ternura!

- Confio em você. Sei que você fala da força. Sinto... - Nietzsche parou com o rosto

enrubescido. Breuer insistiu para que prosseguisse.

- Feche os olhos novamente. Talvez seja mais fácil falar sem olhar para mim. Ou deite-

se na

cama.

- Não, ficarei aqui. O que queria dizer é que alegra-me você ter conhecido Lou. Agora

você me

conhece.' Temos algo em comum. Mas ao mesmo tempo, sinto raiva, indignação. -

Nietzsche

abriu os olhos como que para se assegurar de que não ofendera Breuer e, depois,

continuou com

uma voz suave. - Sinto indignação por sua profanação. Você espezinhou meu amor,

transformou-

o em pó. Dói bem aqui. - Bateu de leve com o punho no peito.

- Conheço esse ponto, Friedrich. Também senti essa dor. Lembra-se de como eu me

contrariava

sempre que você chamava Bertha de aleijada? Lembra...

- Hoje sou a bigorna - interrompeu Nietzsche -, e suas palavras são as marteladas

esmigalhando a cidadela de meu amor.

- Vá em frente, Friedrich.

QUANDO NIETZSCHE CHOROU * 351

- São esses meus sentimentos... além da tristeza. E um sentimento de perda, de grande

perda.

- O que perdeu hoje?

- Todos aqueles doces momentos, aqueles preciosos momentos privados com Lou...

foram-se

para sempre. O amor que compartilhávamos... onde está agora? Perdeu-se! Tudo

desmoronado e

transformado em pó. Agora sei que a perdi para sempre!

- Mas Friedrich, a possessão deve preceder a perda.

- Perto do Lago de Orta - o tom de voz de Nietzsche tornouse ainda mais suave, dir-se-

ia para

evitar que suas palavras esmagassem seus pensamentos delicados -, ela e eu subimos

uma vez ao

topo do Sacro Monte para contemplarmos um pôr-do-sol dourado. Duas nuvens

luminosas

matizadas de coral que pareciam faces fundindo-se pairaram sobre nós. Tocamo-nos

suavemente.

Beijamonos. Compartilhamos um momento sagrado; o único momento sagrado que

jamais

conheci.

- Alguma vez você e ela falaram de novo sobre aquele momento?

- Ela se lembrava desse momento! Muitas vezes, escrevi-lhe cartões de longe referindo-

me aos

pores-do-sol de Orta, as brisas de Orta, às nuvens de Orta.

-Mas - persistiu Breuer - ela alguma vez falou de Orta? Também foi para ela um

momento

sagrado?

- Ela sabia o que era Orta!

- Lou Salomé acreditava que eu deveria saber tudo sobre o relacionamento dela com

você, de

modo que não mediu esforços para descrever nos mínimos detalhes cada encontro entre

vocês

dois. Ela não omitiu nada, ao que alegou. Falou minuciosamente sobre Lucerna,

Leipzig, Roma,

Tautenberg. Mas Orta - eu lhe juro! - ela mencionou apenas de passagem. Não exerceu

nenhuma impressão particular sobre ela. Há outra coisa, Friedrich. Ela tentou

rememorar, mas

disse que não se lembrava se alguma vez beijou você!

Nietzsche mantinha-se em silêncio. Seus olhos estavam inundados de lágrimas, sua

cabeça pendia

para baixo. Breuer sabia que estava sendo cruel. Mas sabia que não ser cruel

agora seria

ainda

mais cruel. Aquela era uma oportunidade singular, uma oportunidade que jamais

retornaria.

F NHTZSCHE CHOROU

Perdoe minhas palavras duras, Friedrich, mas sigo o conselho

de um grande professor. "Ofereça a um amigo em sofrimento um lugar de repouso", ele

disse, "mas

cuide para que seja uma cama dura ou um leito de campanha".

Você prestou atenção - respondeu Nietzsche. - E a cama é

dura. Deixe-me contar quão dura é. Conseguirei fazê-lo entender o quanto perdi? Por

quinze

anos, você compartilhou um leito com Mathilde. Você é a pessoa central na vida dela.

Ela cuida

de você, o toca, conhece seus pratos preferidos, preocupa-se quando você se atrasa.

Quando

expulso Lou Salomé de minha mente - e percebo que nada disso está acontecendo agora

-,

sabe o que me resta?

O olhar de Nietzsche voltava-se não para Breuer, mas para dentro, como se estivesse

lendo de

algum texto interno.

- Sabia que nenhuma outra mulher jamais me tocou? Não ser amado ou tocado... a vida

toda!

Viver uma vida totalmente anônima... sabe o que é isso? Às vezes, passo dias sem falar

uma

palavra com ninguém, exceto talvez um "Bom dia" ou "Boa noite" ao dono da

hospedaria. Sim,

Josef, você teve razão em sua interpretação de "nenhum nicho". Não pertenço a nenhum lugar.

Não tenho nenhum lar, nenhum círculo de amigos com quem conversar todos os dias,

nenhum

armário cheio de pertences, nenhuma família em torno da lareira. Sequer tenho uma

pátria, pois

abri mão de minha cidadania alemã e nunca permaneço em um lugar o tempo suficiente

para obter

um passaporte suíço.

Nietzsche olhou suplicantemente para Breuer, como se desejasse ser interrompido. Mas

Breuer

ficou calado.

- Oh! Tenho minhas desculpas, Josef, minhas formas secretas de tolerar a solidão,

mesmo de

glorificá-la. Alego que preciso estar separado dos outros para pensar meus próprios

pensamentos.

Alego que as grandes mentes do passado são minhas companheiras, que elas emergem de seus

esconderijos para a minha claridade. Zombo do medo da solidão. Professo que grandes

homens

precisam agüentar grandes dores, que avancei demais no futuro e que ninguém

consegue me

acompanhar. Brado que, se sou incompreendido ou temido ou rejeitado, tanto melhor...

significa

que estou na mira! Digo que minha coragem em encarar a solidão sem o rebanho, sem a

ilusão de

uma providência divina, é prova de minha grandeza.

QUANDO NIETZSCHE CHOROU * 353

- Todavia, repetidamente, sou acometido de um medo... - hesitou por um momento,

depois

prosseguiu. - A despeito de minha bravata de ser o filósofo póstumo, a despeito de

minha certeza

de que meu dia chegará, a despeito até de meu conhecimento do eterno retorno, sou

atormentado

pelo pensamento de morrer sozinho. Já pensou saber que, ao morrer, seu corpo poderá

não ser

descoberto durante dias ou semanas, até que seu cheiro avise algum estranho? Tento me

acalmar.

Amiúde, em meu isolamento mais profundo, falo comigo mesmo. Porém não muito

alto, pois temo

meu próprio eco oco. A pessoa, a única pessoa que preencheu esse vazio foi Lou

Salomé.

Breuer, sem encontrar expressão para seu pesar ou para sua gratidão por Nietzsche ter

escolhido

revelar tais grandes segredos para ele, escutava silente. Dentro dele, fortaleceu-se a

esperança de

que, depois de tudo, ainda teria sucesso como médico do desespero de Nietzsche.

- E agora, graças a você - rematou Nietzsche -, sei que Lou foi meramente ilusão. -

Abanou

a cabeça e olhou pela janela. - Que pílula amarga, doutor!

- Mas Friedrich, na busca da verdade, nós, cientistas, não temos que renunciar a todas as

ilusões?

- VERDADE com letras maiúsculas! - exclamou Nietzsche. - Eu esqueço, Josef, que os

cientistas ainda têm que aprender que também a VERDADE é uma ilusão, mas uma

ilusão sem a

qual não conseguimos sobreviver. Assim, renunciarei a Lou Salomé em troca de outra

ilusão ainda

desconhecida. E difícil engolir que ela se foi, que nada restou.

- Nada restou de Lou Salomé?

- Nada de bom - o rosto de Nietzsche estava opresso pelo desgosto.

- Pense nela - exortou Breuer. - Deixe as imagens aparecerem para você. O que você

vê?

- Uma ave de rapina, uma águia com garras sangrentas. Uma alcateia liderada por Lou,

por

minha irmã, por minha mãe.

- Garras sangrentas? No entanto, ela procurou ajuda para você. Todo aquele esforço,

Friedrich:

uma viagem a Veneza, outra a Viena.

- Não para minú - Nietzsche retorquiu. - Talvez em seu próprio benefício, para expiar a

sua

culpa.

!CHOROU

- Ela não me dá a impressão de estar oprimida pela culpa. ^^ - Então talvez em prol da

arte.

Ela valoriza a arte e valorizou

meu trabalho, trabalho já realizado e trabalho ainda por vir. Ela tem o olho atilado, esse

mérito

não posso negar. Estranho - ponderou Nietzsche -, conheci-a em abril, quase

exatamente

nove meses atrás e agora sinto uma grande obra se agitando. Meu filho Zaratustra está

querendo nascer. Talvez nove meses atrás ela tenha semeado a semente de Zaratustra

nos

sulcos de meu cérebro. Talvez seja esse seu destino: impregnar mentes férteis de

grandes

livros.

- Logo - arriscou Breuer -, ao apelar para mim a favor de você, Lou Salomé talvez não

seja o inimigo afinal.

-Não! - Nietzsche golpeou o braço da cadeira. - Foi você que disse isso, não eu. Você

está

errado! Nunca concordarei com o fato de que ela se preocupava comigo. Ela apelou a

você em

benefício próprio, para realizar o destino dela. Ela nunca me conheceu. Ela me usou. O

que

você me contou hoje confirma isso.

- Como? - perguntou Breuer, embora soubesse a resposta.

- Como? E óbvio. Você próprio me contou, Lou é como a sua Bertha: ela é um

autómato,

desempenhando seu papel, o mesmo papel comigo, com você, com um homem após o

outro. O

homem específico é um mero detalhe. Ela seduziu nós dois da mesma maneira, com a

mesma

malícia feminina, a mesma astúcia, os mesmos gestos, as mesmas promessas!

- No entanto, esse autómato o controla. Ela domina sua mente: você se preocupa com

sua

opinião, você suspira por seu toque.

- Não. Nada de suspiros. Não mais. O que sinto agora é raiva.

- De Lou Salomé?

- Não! Ela não é digna de minha raiva. Sinto ódio de mim mesmo, raiva do desejo que

me

forçou a precisar dessa mulher.

Seria essa amargura - Breuer se perguntou - melhor do que a obsessão ou a solidão?

Banir

Lou Salomé da mente de Nietzsche é apenas parte do procedimento. Preciso também

cauterizar

a ferida deixada em lugar dela.

- Por que tal raiva de si mesmo? - perguntou. - Lembro-me de que disse que todos temos

nossos cães selvagens ladrando no porão. Gostaria tanto que você conseguisse ser mais

gentil,

mais generoso com sua própria humanidade!

- Lembra-se de minha primeira sentença de granito... recitei-a para você várias vezes,

Josef:

'Torna-te quem tu és"? Significa não apenas aperfeiçoar a si mesmo, mas também não

cair

presa dos desígnios traçados por outrem para você. Mas mesmo ser vencido na batalha

pelo

poder de outrem é preferível a cair presa da mulher-autômato que jamais sequer o vê!

Isso é

imperdoável!

- E você, Friedrich, você alguma vez realmente viu Lou Salomé! Nietzsche sacudiu a

cabeça.

- O que você quer dizer? - perguntou.

- Ela pode ter desempenhado o papel dela, mas você, que papel você desempenhou?

Você e

eu fomos tão diferentes dela? Você viu a pessoa delai Ou, em vez disso, viu apenas uma

presa:

um discípulo, uma terra arada para plantar seus pensamentos, uma sucessora? Ou quiçá, como

eu, viu beleza, juventude, um travesseiro de cetim, um recipiente dentro do qual escoar

seu

desejo? Ela também não foi um espólio da vitória na competição surda com Paul Rée?

Você

viu realmente ela ou Paul Rée quando, após conhecê-la, pediu a ele que a solicitasse em

casamento em nome de você? Acho que não foi Lou Salomé que você queria, mas

alguém

como ela. - Nietzsche ficou em silêncio. Breuer continuou. - Jamais esquecerei nossa

caminhada em Simmeringer Haide. Aquele passeio mudou minha vida de tantas formas.

De

tudo que aprendi naquele dia, talvez a percepção mais poderosa tenha sido a de que eu

não me

relacionara com Bertba, e sim com todos os significados pessoais que atribuíra a ela,

significados que nada tinham a ver com ela. Você me fez perceber que nunca a vi como

ela

realmente era: que nenhum de nós realmente via o outro. Friedrich, isso não é verdade

também

para você! Talvez ninguém seja culpado. Talvez Lou Salomé tenha sido usada tanto

quanto

você. Talvez sejamos todos colegas de infortúnio incapazes de enxergar a verdade um

do

outro.

- Não pretendo entender o que as mulheres desejam - o tom de voz de Nietzsche era

ríspido

e irritadiço. - Meu desejo é evitálas. As mulheres corrompem e estragam. Talvez seja

simplesmente o caso de dizer que não me adapto a elas e deixar o barco correr. E, com o

tempo, essa poderá ser minha perda. De tempos em tempos, um homem necessita de

uma

mulher, assim como precisa de uma refeição caseira.

3o NIFTZSCHE CHOROU

jVresposta distorcida e implacável de Nietzsche mergulhouBreuer num devaneio.

Pensou no

prazer que extraía de Mathilde e de sua família, mesmo na satisfação que extraía de sua

nova

percepção de Bertha. Que tristeza pensar que tais experiências seriam negadas para

sempre a seu

amigo! Contudo, não lhe acorria nenhuma forma de alterar a visão distorcida de

Nietzsche das

mulheres. Talvez fosse coisa ~ demais para esperar. Talvez Nietzsche tivesse razão ao

dizer que

sua atitudes para com as mulheres haviam sido fixadas nos primeiros anos de sua vida.

Talvez

essas atitudes estivessem tão profundamente entranhadas que permaneceriam para

sempre além

do alcance de qualquer tratamento através da conversa. Com esse pensamento, percebeu que

esgotara suas idéias. Além do mais, restava pouco tempo. Nietzsche não se manteria

acessível por

muito mais tempo.

Subitamente, na cadeira ao seu lado, Nietzsche retirou os óculos, enterrou o rosto em

seu lenço e

teve uma crise de choro.

Breuer estava aturdido. Tinha que dizer algo.

- Chorei também quando soube que teria que desistir de Bertha. Tão duro abrir mão

daquela

visão, daquela magia. Você está chorando por Lou Salomé?

Nietzsche, o rosto ainda enterrado no lenço, assoou o nariz e negou com um aceno

vigoroso da

cabeça.

- Então, por sua solidão?

Novamente, Nietzsche fez que não com a cabeça.

- Sabe por que está chorando, Friedrich?

- Não tenho certeza - foi a resposta abafada. Uma idéia extravagante ocorreu a Breuer.

- Friedrich, por favor, tente uma experiência comigo. Consegue imaginar que suas

lágrimas

tenham voz?

Abaixando o lenço, Nietzsche o fitou com olhos vermelhos, intrigado.

- Apenas tente por um minuto ou dois - exortou Breuer gentilmente. - Dê às suas

lágrimas uma

voz. O que elas diriam?

- Sinto-me ridículo demais.

- Eu me senti ridículo também, tentando todas as experiências estranhas que você

sugeriu. Faça

o que eu peço. Tente.

Sem olhar para ele, Nietzsche começou:

- Se uma de minhas lágrimas tivesse consciência, diria... diria - aqui passou a falar em

um alto e

sibilante murmúrio -: "Livre enfim! Engarrafado todos esses anos! Este homem, este fechado e

seco homem, nunca me deixou fluir antes." E isso que você quer? - perguntou,

revertendo à sua

voz normal.

- Sim, bom, muito bem. Continue. O que mais?

- O que mais? As lágrimas diriam - novamente o murmúrio sibilante -: "Que bom estar

livre!

Quarenta anos em uma poça estagnada. Finalmente, finalmente o velho homem fez uma

faxina! Oh!

Quis tanto escapar antes! Mas não havia saída... até que este doutor vienense abrisse o

portão

enferrujado."-Nietzsche parou e enxugou os olhos com o lenço.

- Obrigado - agradeceu Breuer. - Um abridor de portões enferrujados: esplêndido

cumprimento. Agora, com sua própria voz, conte-me mais sobre a tristeza por detrás

destas

lágrimas.

- Não, neca de tristeza! Pelo contrário, quando falei com você alguns minutos atrás

sobre morrer

sozinho, senti uma poderosa onda de alívio. Não tanto pelo que eu disse, mas pelo fato

de dize-lo,

de finalmente compartilhar o que sentia.

- Conte-me mais sobre esse sentimento.

-Poderoso. Tocante. Um momento sagrado! Por isso eu chorei. Por isso continuo

chorando.

Nunca fi-lo antes. Olhe para mim! Não consigo deter as lágrimas.

- E bom, Friedrich. Lágrimas profundas purificam. Nietzsche, o rosto enterrado nas

mãos, anuiu

com a cabeça.

- É estranho, mas no exato momento em que, pela primeira vez na minha vida, revelo

minha

solidão em toda sua profundeza, em todo seu desespero..., nesse preciso momento a

solidão se

desvanece! O momento em que lhe contei que jamais fui tocado foi exatamente o

momento em que

me permiti pela primeira vez ser tocado. Um momento extraordinário, como se alguma

enorme

pedra de gelo interior subitamente rachasse e se despedaçasse.

- Um paradoxo - disse Breuer. - O isolamento só existe no isolamento. Uma vez

compartilhado, ele evapora.

Nietzsche levantou a cabeça e lentamente limpou as trilhas de lagrimas de seu rosto.

Passou o

pente por seu bigode cinco ou seis vezes

f NÍÊTZSCHE CHOROU

, novamente, pôs os óculos de lentes grossas. Após uma breve pausa,

disse:

- Ainda tenho outra confissão. Talvez - consultou seu relógio

- a última. Quando você entrou no meu quarto hoje e anunciou sua recuperação, Josef,

fiquei

devastado! Fiquei tão terrivelmente ensimesmado, tão desapontado por perder minha

razão de ser

junto a você que não consegui me rejubilar ante a boa nova. Essa espécie de egoísmo é

imperdoável.

Que imperdoável! - replicou Breuer. - Você mesmo me

ensinou que somos compostos de muitas partes, cada qual clamando por expressão.

Podemos ser

responsabilizados apenas pelo acordo final, não pelos impulsos caprichosos de cada

uma das

partes. O que você chamou de egoísmo é perdoável precisamente porque você se

preocupa

suficientemente comigo para compartilhá-lo comigo agora. Meu desejo de despedida,

caro

amigo, é que a palavra "imperdoável" seja banida de seu léxico.

Os olhos de Nietzsche novamente se encheram de lágrimas, e ele mais uma vez tirou o

lenço do

bolso.

- E estas lágrimas, Friedrich?

- A forma como você disse "caro amigo". Já usei muito a palavra "amigo" antes, mas pela

primeira vez neste momento a palavra foi inteiramente minha. Sempre sonhei com uma

amizade

em que duas pessoas se unissem para atingir um ideal mais elevado. E aqui, agora, ela

chegou!

Você e eu nos unimos exatamente com este fito! Participamos um da auto-superação do

outro. Sou

teu amigo. Es meu amigo. Somos amigos. Nós... nós... amigos. - Por um

instante,

Nietzsche

pareceu quase nas nuvens. - Amo o som destas palavras, Josef. Quero proferi-las muitas

e muitas

vezes.

- Então, Friedrich, aceite meu convite de ficar comigo. Lembrese do sonho: seu nicho

está no

meu lar.

Diante do convite de Breuer, Nietzsche esfriou. Sentou-se lentamente abanando a

cabeça antes

de responder.

- Aquele sonho tanto me incita como me atormenta. Sou como você. Quero me aquecer

à lareira

de uma família. Mas me assusta entregar-me ao conforto. Isso seria abandonar a mim e

a minha

missão. Para mim, seria um tipo de morte. Talvez isso explique o símbolo de

uma pedra inerte se aquecendo. - Nietzsche se levantou, andou por um ou dois

momentos e

parou atrás de sua cadeira. - Não, amigo, meu destino é procurar pela verdade na lonjura

da

solidão. Meu filho, meu Zaratustra será prenhe de sabedoria, mas sua única companhia

será uma

águia. Será o homem mais solitário do mundo. - Nietzsche consultou outra vez seu

relógio. - Já

conheço suficientemente sua programação, Josef, para saber que seus outros pacientes o

estão

esperando. Não posso retê-lo por muito mais tempo. Cada um de nós deve percorrer

nosso

próprio caminho.

Breuer assentiu com um movimento da cabeça.

- Dilacera-me que tenhamos de nos separar. E injusto! Você fez tanto por mim e

recebeu tão

pouco em troca. Talvez a imagem de Lou tenha perdido seu poder sobre você. Talvez

não. O

tempo dirá. Mas talvez pudéssemos fazer muito mais.

- Não subestime o que me concedeu, Josef. Não subestime o valor da amizade, de meu

saber de

que não sou uma aberração, de meu saber de que sou capaz de tocar e de ser tocado.

Antes,

abracei apenas pela metade meu conceito de Amorfati: eu havia me treinado - me

resignado

seria um termo melhor - a amar meu destino. Mas agora, graças a você, graças ao seu lar

hospitaleiro, percebo que tenho uma escolha. Sempre permanecerei sozinho, mas que

diferença,

que maravilhosa diferença, escolher o que faço. Amorfati: escolhe teu destino, ama teu destino.

Breuer ergueu-se e encarou Nietzsche, com a cadeira entre eles. Breuer circundou a

cadeira. Por

um momento, Nietzsche pareceu assustado, acuado. Mas, à aproximação de Breuer com

braços

abertos, ele também abriu os braços.

Ao meio-dia de 18 de dezembro de 1882, Josef Breuer retornou ao seu consultório, a

Frau Becker

e aos seus pacientes que o aguardavam. Mais tarde, almoçou com a esposa, os filhos, o

sogro e a

sogra, o jovem Freud e Max com a família. Após o jantar, tirou uma soneca e sonhou

com uma

partida de xadrez e um peão tornando-se rainha. Continuou exercendo a confortável

clínica

médica por mais trinta anos, mas nunca mais fez uso da terapia através da conversa.

l NIETZSCHE CHOROU

Naquela mesma tarde, o paciente do quarto 13 da Clínica Lauzon, Eckart Müller, pegou

um fiacre

até a estação ferroviária e, de lá, viajou para o sul, sozinho, para a Itália, para o calor do sol, o ar

calmo e um encontro, um honesto encontro, com um profeta persa chamado Zaratustra.

NOTA DO AUTOR

Friedrich Nietzsche e Josef Breuer nunca se conheceram. E, é claro, a psicoterapia não

foi inventada como resultado do

encontro deles. Não obstante, a situação da vida da maioria dos personagens

baseia-se

em fatos, e os componentes essenciais

deste romance - a angustia mental de Breuer, o desespero de Nietzsche, Arma O., Lou

Salomé, o relacionamento de Freud

com Breuer, que foi o embrião da psicoterapia - existiam historicamente em 1882.

Friedrich Nietzsche fora apresentado por Paul Rée à jovem Lou Salomé na primavera de

1828 e, nos meses seguintes, tivera

um breve, Intenso e casto caso amoroso com ela. Esta seguiria uma notável carreira

como brilhante literata e psicanalista; ela

também seria conhecida pela amizade última com Freud e por suas ligações românticas,

especialmente com o poeta alemão

Rainer Maria Rflke.

O relacionamento de Nietzsche com Lou Salomé, complicado pela presença de Paul

Rée e sabotado pela irmã de Nietzsche,

Elisabeth, terminou desastrosamente para ele; durante anos, o filósofo esteve angustiado

com seu amor perdido e com sua

crença de que fora traído. Durante os últimos meses de 1882 - aqueles em que se passa a história deste livro -, Nietzsche

estava profundamente deprimido, até com impulsos suicidas. Suas cartas desesperadoras

para Lou Salomé, partes das quais

estão citadas no decorrer deste livro, são autênticas, embora haja incerteza sobre quais

foram meramente rascunhos e quais

foram realmente remetidas. A carta de Wagner para Nietzsche citada no Capítulo l

também é autêntica.

O tratamento médico ministrado por Josef Breuer a Bertha Pappenheim, conhecida

como Anna O., ocupou grande parte da

atenção dele em 1882. Em novembro daquele ano, começou a discutir o caso com seu

jovem protegido e amigo, Sigmund

Freud, o qual, conforme descreve este romance, visitava com freqüência a casa de

Breuer. Uma década depois, o caso de Anna

O. seria o primeiro descrito em Estudos sobre a histeria de Freud e Breuer, o livro que

desencadeou a revolução psicanalítica.

Bertha Pappenheim foi, assim como Lou Salomé, uma mulher notável. Anos após seu

tratamento com Breuer, distinguiu-se

tanto numa carreira de assistente

l NBETZSCHE CHOROU

\fedal planeta, que foi postumamente homenageada em um selo comemorativo

da^Üemanha Ocidental de 1954. Sua Identidade

como Anna O. era desconhecida do púbHco até que Ernest Jones a revelou em sua

biografia de 1953 Vida e obra de Stgmund

Freud.

Teria o Josef Breuer histórico sido obcecado pelo desejo erótico por Bertha

Pappenheim? Pouco se sabe da vida íntima de

Breuer, mas os estudos pertinentes não eliminam essa possibilidade. Relatos históricos

conflitantes concordam apenas com o

fato de que o tratamento de Bertha Pappenheim com Breuer evocou sentimentos

complexos e poderosos em ambas as partes.

Breuer se preocupava tanto com sua jovem paciente e despendia tanto tempo visitando-

a, que sua esposa Mathilde ficou

ressentida e enciumada. Freud mencionou explicitamente ao seu biógrafo Ernest Jones o

envolvimento emocional excessivo de

Breue/com sua jovem paciente e, em uma carta escrita na época para sua noiva Martha

Bernays, tranqüilizou-a de que nada do

gênero jamais aconteceria com ele. O psicanalista George Pollock aventou que a forte

resposta de Breuer a Bertha pode ter

radicado no fato de ele ter perdido a mãe, também chamada Bertha, numa idade

prematura.

O relato da dramática gravidez ilusória de Anna O. e o pânico e a interrupção

precipitada da terapia por parte de Breuer há

muito tempo fazem parte do saber psicanalítico. Freud descreveu o incidente pela primeira vez em uma carta de 1932 ao

romancista austríaco Steían Zweig, e Ernest Jones o repetiu em sua biografia de Freud.

Apenas recentemente o relato foi

questionado e a biografia de Breuer por ADbrecht Hirschmuller em 1990 sugere que

todo o incidente foi um mito forjado por

Freud. O próprio Breuer jamais esclareceu esse ponto e, no histórico do caso publicado

em 1895, aumentou a confusão em

tomo do caso de Anna O. ao exagerar excessiva e inexplicavelmente a eficácia de seu

tratamento.

É notável, considerando-se a grande influência de Breuer no desenvolvimento da

psicoterapia, que ele tenha voltado a atenção

para a psicologia por apenas um breve segmento de sua carreira. A medicina

recorda

melhor Josef Breuer não apenas como um

importante pesquisador da fisiologia da respiração e do equilíbrio, mas também como

um brilhante diagnostícador que foi

médico de toda uma geração de grandes figuras da Viena do fin de siècle.

Nietzsche sofreu de problemas de saúde em grande parte de sua vida. Embora em 1890

sofresse um colapso e resvalasse

irrevogavelmente na grave demência de paralisia (uma forma de sífilis terciária, de que

morreu em 1900), o consenso é que, na

maior parte de sua vida anterior, sofrerá de outra doença. É provável que Nietzsche

(cujo quadro clínico retratei baseado no

vivido esboço biográfico de Stefan Zweig de 1939) sofresse de grave enxaqueca.

Devido a essa doença, Nietzsche consultou

muitos médicos por toda a Europa e poderia facilmente ter sido persuadido a se

consultar com o eminente Josef Breuer.

Não teria sido típico da personalidade de uma Lou Salomé preocupar-se em pedir a

Breuer para ajudar Nietzsche. Segundo

seus biógrafos, não era uma mulher significativamente oprimida pela culpa, e sabe-se

que terminou vários casos amorosos

aparentemente sem grande remorso. Geralmente, ela preservava sua privaci-

dade e, pelo que pude apurar, não mencionou publicamente seu relacionamento pessoal

com Nietzsche. Suas cartas para ele

não sobreviveram. Provavelmente foram destruídas por Elisabeth, a irmã de Nietzsche,

que lutou a vida toda contra Lou

Salomé. Esta tinha realmente um irmão, Jenia, que estudava medicina em Viena em

1882. Entretanto, é altamente improvável

que Breuer tivesse apresentado o caso de Anna O. em uma conferência para estudantes

naquele ano. A carta de Nietzsche (no

final do Capítulo 12) a Peter Gast, um amigo e editor, e a carta de Elisabeth Nietzsche

(no final do Capítulo 7) a Nietzsche são

fictícias, como o são a Clínica Lauzon e os personagens Fischmann e Max, este,

cunhado de Breuer. (Breuer era, entretanto,

um aficionado enxadrista.) Todos os sonhos relatados são fictícios, exceto dois de Nietzsche: os de seu pai levantando da

tumba e do estertor da morte do ancião.

Em 1882, a psicoterapia ainda não nascera e Nietzsche, é claro, jamais voltou

formalmente sua atenção em direção dela.

Contudo, em minhas leituras de Nietzsche, constato que ele estava profunda e

significativamente preocupado com a

autocompreensão e a mudança pessoal. Para manter a coerência cronológica, confinei

minhas citações às obras de Nietzsche

anteriores a 1882, sobretudo Humano, demasiado humano, Meditações inoportunas,

Aurora e A gaia ciência. No entanto,

presumi também que os grandes pensamentos de Assim falou Zaratustra, em grande

parte escritos poucos meses depois da

época do encerramento deste livro, já estavam percorrendo a mente de Nietzsche.

Agradeço a Van Harvey, professor de estudos religiosos da Universidade de Stanford,

por me permitir assistir ao seu magnífico

curso sobre Nietzsche, por muitas horas de discussão na universidade e pela leitura

critica de meu manuscrito. Agradeço aos

colegas do Departamento de Filosofia, especialmente Eckart Fôrster e Dagfinn

F011esdal, por me permitirem assistir a cursos

correlates de filosofia alemã e fenomenologia. Muitos deram sugestões para o

manuscrito: Morton Rose, Herbert Kotz, David

Spiegel, Gertrud e George Blau, Kurt Steiner, Isabel Davis, Ben Yalom, Joseph Frank,

membros do Stanford Biography

Seminar sob a orientação de Barbara Babcock e Diane Middlebrook - a todos, meus

agradecimentos. Betty Vadeboncoeur,

bibliotecária de história da medicina da Universidade de Stanford, foi inestimável em

minha pesquisa. Timothy K. Donahue-

Bombosch traduziu as cartas citadas de Nietzsche para Lou Salomé. Muitos ofereceram

instrução e auxílio editorial durante o

trabalho: Alan Rinzler, Sara Blackburn, Richard Ellman e Leslie Becker. A equipe da

Basic Books, especialmente Jo Ann

Miller, ofereceu inestimável ajuda; Phoebe Hoss, neste como em livros anteriores, foi

um editor eficiente. Minha esposa,

Marilyn, que sempre foi minha primeira, mais meticulosa e mais implacável critica,

superou a si mesma neste livro - não

apenas fornecendo críticas constantes da primeira à última prova, mas também

sugerindo o título do livro.

IRVIN D. YALOM, professor de psiquiatria da Escola de Medicina da Universidade de

Stanford,

é autor dos clássicos compêndios The theory andpractice ofgmup psychotherapy^

Existential

psychotherapy e Inpattent grouppsychotherapy e co-autor de Every daygets a little

closere

Encounter groups: First facts- todos publicados pela Basic Books. Seu livro mais

recente foi

Love's executioner and other tales of psychotherapy (Basic Books, 1990).

r ,_ -J.-(c) Õ -l" -S

A Ediouro tem em seu catálogo

mais de 3.000 títulos sobre

inúmeros assuntos:

Agricultura Agropecuária Animais de estimação íni

• Arte

• Artes plásticas

• Artesanato

Casa e jardim

Ciências

Ciências ocultas/Parapsicologia

• Comunicação^

• Construções e instalações

• Corte e costura

• Culinária

• Dança

• Desenho e pintura

• Dicionário

• Didático

• Direito

• Ecologia

• Economia e negócios

• Educação

• Educação física

• Esoterismo

• Esporte

• Ficçô" científica

• Filosojjil

• Folclore e mitologia

í História

• História em quadrinhos

• Humor

• Informática

• Inspiração

• Jogos e recreações

• Línguas estrangeiras

• Literatura brasikira

• Literatura estrangelfj}

• Literatura infantil'

• Literatura infanto-juvenil

• Literatura juvenil

• Literatura portuguesa

• Livro de referência

• Livro-jogo

• Medicina

• Medicina popular

• Música

• Pais e filhos

• Policia^

• Psicologia e psicanálise)

• Psicologia popular

• Religião . RPG

• Saúde e beleza

m Sexo _ ___ ica"

"Teatro^ Veículos Viagem

À venda nas boas livrarias ou pelo telefone (021) 260-6542.